



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

ESTAMOS CONSTRUINDO UMA CATEDRAL:
HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE TRÊS TRABALHADORAS DO SISTEMA
ÚNICO DE SAÚDE

JOÃO PESSOA, 2015

ERNANDE VALENTIN DO PRADO

ESTAMOS CONSTRUINDO UMA CATEDRAL:
HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE TRÊS TRABALHADORAS DO SISTEMA
ÚNICO DE SAÚDE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação Popular.

Orientador: Prof. Dr. Eymard mourão Vasconcelos

JOÃO PESSOA, 2015

Ficha catalográfica

P896e Prado, Ernande Valentin do.
Estamos construindo uma catedral: história oral de vida de
três trabalhadoras do Sistema Único de Saúde / Ernande
Valentin do Prado.- João Pessoa, 2015.
226f. : il.
Orientador: Eymard Mourão Vasconcelos
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE
1. Educação. 2. Educação popular. 3. Sistema Único de
Saúde. 4. Atenção Primária à Saúde. 5. Aprendizagem.

UFPB/BC

CDU: 37(043)

ERNANDE VALENTIN DO PRADO

ESTAMOS CONSTRUINDO UMA CATEDRAL:
HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE TRÊS TRABALHADORAS DO SISTEMA
ÚNICO DE SAÚDE

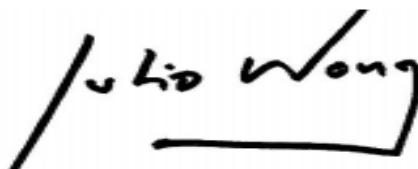
Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação da UFPB como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Mestre em Educação.

Aprovada em: 15/12 /2015

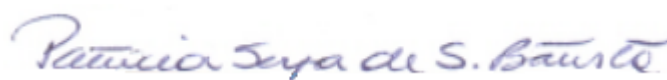
Banca Examinadora

Prof. Dr. Eymard Mourão Vasconcelos (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Severino Bezerra da Silva (Membro Interno)
Universidade Federal da Paraíba



Prof. Dr. Julio Alberto Wong Un (Membro externo)
Universidade Federal Fluminense



Prof. Dr. Patrícia Serpa de Souza Batista (Membro externo)

Universidade Federal da Paraíba

Dedico essa dissertação a todas as pessoas que lutam para continuar construindo a sua catedral em um mundo onde isso está cada vez mais difícil.

Também à minha família nuclear que sente minha falta quase sempre, mesmo quando estou dentro de casa e à minha família extensa, que sente inclusive falta de minha presença física.

AGRADECIMENTO

À Daniela Carneiro, Luciana Maria e Ingrid D'Ávila por realizar as entrevistas com dedicação e, sobretudo, paixão.

À Estela Scandola, Maria Amélia Mano, Seiko Nomyama, Altair Stein, pelas primeiras leituras do projeto, por problematizarem minhas certezas ainda na fase de escrita, pelos longos e instigantes diálogos.

Aos colegas de sala de aula pelas preciosas dúvidas levantadas e as indicações de leituras que muita luz jogou sobre meus caminhos.

Ao professor Mateus Zica pelo muito que acreditou no projeto e mostrou caminhos possíveis.

Aos longos diálogos com os colegas e amigos que convivem comigo.

Às pessoas que se dispuseram contar e discutir comigo suas vidas de uma forma muito generosa.

As valiosas críticas e sugestões da banca de qualificação (oficial e extra-oficial): Prof. Dr. Júlio Alberto Wong Un, Dr. Elisa Pereira Gonsalves, Prof. Dr. Patrícia Serpa de Souza Batista, Prof. Dr. Kátia Suely Ribeiro, Prof. Dr. Pedro José Carneiro Cruz e Prof. Dr. Gildeci Alves de Lira.

A Rafael Castro, pela leitura atenta e valiosas sugestões referentes à metodologia e análise dos dados.

As leituras e críticas pertinentes de Benedito Vasconcelos e Aldenildo Costeira.

As contribuições realizadas pelo grupo de pesquisa em Educação Popular em Saúde, especialmente: Vânia, Kamilla, Marísia, Mateus, Darlle.

À Cecília Mano, pela revisão ortográfica, leitura atenta e sempre discreta.

À minha esposa Larissa Mendonça Bernini, por ter me convencido a fazer esse mestrado, e pelo muito que me ajudou com sua fé inabalável em minha capacidade.

À confiança e paciência infinita de meu orientador, Eymard Mourão Vasconcelos, que me orientou a fazer o trabalho que eu queria e da forma como queria.

Em dia especialmente quente e ensolarado no verão francês, um viajante deparou-se com o imenso canteiro de obras da construção da Catedral de Notre-Dame. Naquele dia, o viajante comparou o que viu, a um formigueiro. Havia muitas pessoas trabalhando em diversas funções diferentes. Trabalhadores iam e vinham apressados, carregavam pedras, pesadas vigas de madeira, ferramentas variadas. Outros, esculpavam as famosas gárgulas da catedral, entalhavam placas de pedra, mulheres distribuíam água e alimentos para exaustos trabalhadores.

O viajante aproximou-se de dois trabalhadores e posicionou-se entre eles. O homem do seu lado direito, estava sentado, dobrado sobre o próprio corpo, aplicava golpes com a marreta na talhadeira, de modo a quebrar a pedra, ou melhor, a dar forma específica às pedras que seriam usadas para erguer a parede sul da Catedral de Notre-Dame. Ele tinha a testa suada, a pele queimada pelo sol, as mãos calejadas, braços e roupas cobertas por poeira das pedras que quebrava.

O viajante questionou o que o trabalhador do seu lado direito estava fazendo. Ele, com expressão bastante séria, dura, aparentando cansaço, desânimo diante da quantidade de tarefa que já havia realizado e, principalmente, das tarefas que ainda teria que fazer, respondeu sem dar grande importância ao viajante:

- Estou quebrando pedra.

O viajante, como fizera antes, voltou-se para o trabalhador da sua esquerda. Ele, tal qual o outro, estava dobrado sobre o próprio corpo, aplicando golpes semelhantes na talhadeira, de modo a quebrar e dar forma às pedras, que seriam usadas para erguer a mesma parede sul da catedral. Aparentemente, os dois trabalhadores executavam tarefas idênticas, com a mesma técnica e, sobretudo, com a mesma finalidade. O trabalhador, do lado esquerdo do viajante, também tinha suor na testa, mãos calejadas, os braços e a roupa cobertos de poeira.

O viajante o questionou com as mesmas palavras que já havia dito antes ao trabalhador de seu lado direito. Porém, voltando-se para o viajante, com expressão alegre, viva, sorriso no rosto, apesar de aparentar o mesmo cansaço, esse trabalhador respondeu-lhe:

- Estou construindo uma catedral.

Jean-Yves Ieloup

RESUMO

A presente dissertação foi escrita tomando como base as histórias orais de vida de três trabalhadoras do Sistema Único de Saúde. A metodologia utilizada foi a história oral temática: utilizou-se inicialmente questionário, para obtenção de informações suficientes para elaborar o roteiro de entrevista. Em seguida, com o questionário, foi realizada entrevista presencial. O objetivo geral foi compreender caminhos de aprendizados e de formação do compromisso com o cuidado, voltado para emancipação do outro e a construção de uma sociedade solidária. Para isso, foram estudadas as trajetórias educativas de três trabalhadoras, reconhecidas, prioritariamente por membros da Rede de Educação Popular e Saúde, como referência de dedicação e liderança, comprometimento com o cuidado emancipador, a construção de um mundo solidário. As análises foram realizadas tomando como base o referencial teórico da Educação Popular. Essa pesquisa permitiu desvendar e compreender parte das trajetórias educativas dessas três mulheres. É possível dizer que, não apenas a família desempenhou papel fundamental na trajetória de vida dessas mulheres, constituindo o que são hoje, com seu modo de pensar e agir, mas os grupos aos quais se vincularam, os movimentos sociais, o sistema de ensino formal. Todas as três mulheres valorizam as utopias, a esperança na construção de um sistema de saúde mais humano, solidário, eficiente e, a partir disso, de um mundo justo e solidário. Trata-se de uma esperança crítica, não uma esperança de cruzar os braços, como fala Freire. São elas as construtoras de catedral do título desse trabalho.

Palavras-chave: Educação Popular; Sistema Único de Saúde, Atenção Primária à Saúde, Aprendizagem.

ABSTRACT

This work has been written based on the life stories of three workers of SUS (Unique health system). The methodology used was the theme oral story: one has used initially questions, to obtain enough information to elaborate the interview route. Then, with questions a present interview was carried out. the general aim was to understand ways of learning and create a commitment with the care, towards to emancipation of the other and the construction of a helpful society. For doing so, the educational courses of three workers were studied, recognized, primarily by a members of health and popular education system, as a reference of dedication and leadership, commitment with the emancipator care, the construction of a helpful world. The analysis were done based on the theoretical reference of popular education, this research allowed us to figure out and understand part of the educational courses of these three women. It's possible to say that, not only the family played an important role in these women's life stories, making them become what they are today, with their way of thinking and acting, but also the groups to which they belong, the social movements, the formal teaching system. All of the three women valued the utopias, the hope on the construction of a health system which is more humane, helpful, efficient and from that on, a world which is fair and helpful. It's a critical hope, not the hope of keeping the arms crossed, as Freire says, they're the ones who have constructed the cathedral which gives the title of this work.

Key-words: Popular Education; Unique Health System; Primary Care to ealth; Learning

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEn - Associação Brasileira de Enfermagem
ABL - Aprendizagem Baseada em Problema
ACS - Agente Comunitário de Saúde
APS - Atenção Primária à Saúde
CAPS- Centro de Atenção Psicossocial
CNS - Conselho Nacional de Saúde
CNSDSD - Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde
CPT - Comissão Pastoral da Terra
CRAS - Centro de Referência em Assistência Social
CUT - Central Única dos Trabalhadores
ESF – Estratégia Saúde da Família
ESP- Escola de Saúde Pública
Fies - Fundo de Financiamento Estudantil
Funrural - Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural
HIV - Vírus da Imunodeficiência Adquirida (da sigla em Inglês)
IES - Instituição Particular de Ensino
Jornexu - Jornada Nacional de Extensão em Comunidades
LBA - Legião Brasileira de Assistência
MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
ONG- Organização Não Governamental
PEPASF - Projeto de Extensão Popular e Saúde da Família
PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PMMB - Programa Mais Médico para o Brasil
PROVAB - Programa de Valorização do Profissional da Atenção Básica
PT – Partido dos Trabalhadores
PUC - Pontifícia Universidade Católica
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná
RedePop - Rede de Educação Popular e Saúde
SUS – Sistema Único de Saúde
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UBS - Unidade Básica de Saúde

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UFPel - Universidade Federal de Pelotas

UNA-SUS - Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde

UTI - Unidade de Terapia Intensiva

LISTA DE FOTOGRAFIAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fotografia de Sebastião Salgado _____ 162

SUMÁRIO

TUAS IDEIAS NÃO CORRESPONDEM AOS FATOS _____	15
VEM COMIGO, NO CAMINHO EU TE EXPLICO _____	18
1 SERIA MAIS FÁCIL FAZER COMO TODO MUNDO FAZ, MAS NÓS VIBRAMOS EM OUTRA FREQUÊNCIA _____	23
1.1 O CAMINHO SÓ EXISTE QUANDO VOCÊ PASSA _____	36
1.2 SONS, PALAVRAS, SÃO NAVALHAS E EU NÃO POSSO CANTAR COMO CONVÉM, SEM QUERER FERIR NINGUÉM _____	37
1.2.1 Isso é somente uma canção, a vida, a vida realmente é diferente _____	41
1.2.2 Verdade _____	42
1.2.2.1 Achei vendo em você, e explicação nenhuma isso requer _____	45
1.2.3 E o que ela descobriu, eu aprendi também, eu sei _____	46
1.2.3.1 Dos versos que eu fiz, ainda espero resposta... _____	48
1.2.4 Assassinaram a lógica Ohh! Meteram poesia, na bagunça do dia-a-dia _____	50
1.2.2 Meus passos, uma somatória _____	54
1.3 TANTA HISTÓRIA PRA CONTAR NAS QUAIS SE CONTA O QUE SE SENTE _____	55
1.3.1 Mara _____	57
1.3.2 Mafalda _____	75
1.3.3 Dora _____	97
2 UM CEGO PROCURANDO LUZ NA IMENSIDÃO DO PARAÍSO _____	117
2.1 A VIDA É UM POUCO UMA TRANSMISSÃO, PRA QUEM CAPTAR OS SEUS SINAIS, PRA QUEM FOR MUITO PERSPICAZ _____	119
2.2 O DESAFIO AGORA É PERCEBER _____	127
2.2.1 Família, família, cachorro, gato, galinha _____	127
2.2.2 Excessos de razão é como opinião, se não ajuda, atrapalha _____	131
2.2.3 E aqui estou então, não estou sozinho não _____	138
2.3 FAÇA AMOLADA _____	144
2.3.1 Eu não preciso de muito dinheiro, graças a Deus _____	149
2.3.2 Carpinteiro do universo _____	156
2.4 FÉ CEGA _____	163
3 CADA VEZ QUE EU RIMO PONHO A MINHA ALMA EM TODAS AS PARTES DA LETRA _____	171
3.1 DE ONDE SE VEM, PRA AONDE SE VAI _____	171
3.2 EU NÃO SOU DA SUA RUA _____	176
3.3 HOMEM PRIMATA, CAPITALISMO SELVAGEM _____	180
3.4 CADA UM POR SI E DEUS CONTRA TODOS _____	186
3.5 QUEM LUTA PRA RESPIRAR SABE QUE ESSA BRIGA É SÉRIA _____	193
3.6 TÁ DOMINADO, TÁ TUDO DOMINDO _____	199
REFERÊNCIAS _____	207
APÊNDICE _____	214
APÊNDICE A - PLANILHA DE PESQUISA INICIAL GOOGLE DOCS. _____	214

Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido _____	214
Apêndice C - Formulário Preparatório da Entrevista _____	216
Apêndice D - Carta de Concordância e Cessão de Direitos Sobre a Transcrição de Entrevista em História Oral _____	222
ANEXOS _____	224
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP _____	224

TUAS IDEIAS NÃO CORRESPONDEM AOS FATOS

Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para

Cazuza/Arnaldo Brandão

A música, sobretudo o rock brasileiro dos anos 80, do século XX, foram conscientemente, mais do que qualquer outra forma de saber, minhas primeiras referências fora de minha cultura local. Depois vieram a literatura, o cinema, a filosofia e a ciência. Essa percepção só elaborei hoje, na época não fazia ideia que tinha ocorrido assim. Por conta desta elaboração, vou começar a apresentação falando sobre como quis fazê-la, em seguida sobre como cheguei ao tema e, por fim, como foi desenvolvida cada uma das de suas partes.

A primeira lembrança que tenho desse despertar através da música veio do impacto de ouvir, na Rádio FM Cultura de Apucarana, Paraná, a Plebe Rude¹ cantar: *“com tanta riqueza por aí, onde é que está, cadê sua fração”*. É um refrão forte que remete diretamente às injustiças sociofinanceiras vista e vivenciadas em meu cotidiano. A inquietação provocada pela música acompanhou-me nas conversas, nas discussões das aulas de estudos sociais e história, ajudou-me a entender, anos depois, quando vi na televisão o filme Deus e o Diabo na terra do sol, a fala de Corisco, personagem de Othon Bastos: *“mais fortes são os poderes do povo”*. Poderes para que? Para descobrir onde está sua fração dessa riqueza e tomar de volta, porque a terra não é de Deus nem do Diabo, é do homem que precisa dela para trabalhar e viver, conclui Corisco.

Ao ouvir falar em Karl Marx, Che Guevara, socialismo, luta política, revolução social, Paulo Freire e Educação Popular, já estava sensibilizado pela Plebe Rude, pela Legião Urbana, pelo Paralamas do Sucesso e por

¹ Banda de rock de Brasília.

Glauber Rocha, ou melhor, por Corisco, em especial, mas, também, por todo saber que as músicas e o cinema traduziam naquele momento especial de minha vida. No início dos anos de 80 do século XX, eu entrava na adolescência e o País procurava romper com quase três décadas de ditadura militar castrante do pensamento crítico. Tal qual Mano Brown, posso afirmar que contrariei as estatísticas: *“permaneço vivo, prossigo a mística, 27 anos contrariando a estatística.”* Não escapei da morte, como Mano Brown (no meu território a violência não era tão grande ou desse tipo), contrariei a estatística chegando à universidade. Da minha turma de segundo grau, dos mais de 40 alunos da sala, apenas três fizeram faculdade mais ou menos na mesma época que eu. O sonho da maioria deles era arrumar emprego em uma empresa grande e fazer carreira. Na minha família, tanto por parte de mãe quanto de pai, fui o segundo a fazer faculdade, nenhuma de minhas irmãs fez (e eram e são bem mais espertas do que eu jamais serei). Talvez seja o único da família a chegar ao mestrado (não tenho certeza). E a música, entre outras formas de conhecimento/saber, foi e ainda é um dos caminhos que me conectou e conecta com o “incômodo”, a inquietação e as reflexões que possibilitaram e ajudaram-me a buscar entender o mundo e dizer a minha palavra, na acepção de Paulo Freire. Swinwick (2013, p. 13-14), diz que “a música não é uma anomalia curiosa, separada do resto da vida; não é só um estremecimento emocional que funciona como atalho para qualquer processo de pensamento, mas uma parte integral de nosso processo cognitivo”. Vai além, ao dizer que as metáforas estão implícitas na música, assim como no humor e na poesia, e que as metáforas são um processo genérico fundamental de linguagem figurativa, que nos propicia relacionar coisas dissociadas e criar conceitos novos, ver e pensar coisas novas e originais.

A música possibilitou esses processos explicados por Swinwick e foi o saber que “fez minha cabeça”, possibilitou conexões para outros saberes. Por isso, mas não apenas, que o texto destoa na forma, mas também no uso de fontes de saberes, de outras dissertações. Essa opção marca um posicionamento, não apenas estético, mas ideológico e político. Espero estar demonstrando a coerência do discurso da Educação Popular em saúde ao usar de fato outras formas de conhecimento e saberes em minha

argumentação. Espero ajudar a validade esses saberes, não apenas no discurso, mas na prática argumentativa e contribuindo para romper com a cultura do silêncio, que é imposto pelas classes dominantes financeiramente, mas, principalmente culturalmente. Essa cultura do silêncio é alimentada pela imposição da suposta superioridade do saber científico e acadêmico sobre as outras formas de saberes e impede o outro de dizer sua palavra verdadeira a partir de suas referências. Para Paulo Freire (2005), a palavra verdadeira é uma práxis, é ação e reflexão. Não tem sentido a teoria separada da prática ou a prática desprovida de reflexão, situações muitas vezes presentes no discurso e na prática de educadores populares no mundo científico e acadêmico, mas também no mundo político e popular, sobretudo se contaminado pela proximidade com o saber acadêmico/científico.

A música, sem dissociar de suas letras, será utilizada como argumento, como título dos capítulos e subcapítulos, não de forma meramente ilustrativa, mas a partir do que disse Brandão (2014, p. 13): “as artes, as filosofias e as ciências se complementam e, mais do que nunca, deveriam interagir com uma intimidade quase erótica.” Não se trata, como já afirmado, apenas de opção estética, mas de valorizar outras formas de saber/entender/explicar o mundo. O saber que contem a música é democrático, que não implica compra de livros ou mesmo saber ler a palavra escrita. Raul Seixas, no filme: Raul – o início, o fim e o meio, diz que foi para o Rio de Janeiro, no início da carreira, após se formar em filosofia, defender uma tese, mas percebeu que “o povo não gostava de ler” e optou por defende-la através da música. Talvez o povo gostasse de ler, se pudesse comprar livros ou se sua forma de vida o permitisse. No entanto, os saberes da música, seja de Raul Seixa ou de Luiz Gonzaga, são acessíveis a um número maior de pessoas do que os dos livros. O que eles produziram será um discurso menos valioso ou menos verdadeiro do que quem fez de outra forma, como a li técnica/científica/acadêmica?

A música nos possibilita entender e, principalmente, sentir, como na música Disparada, onde o personagem cantado e cantador descreve sua jornada interior e exterior, até descobrir que ser boiadeiro não é tudo, que não

se pode tanger gente, pois gente é diferente, gente quer ser mais, como diz Paulo Freire.

Pode-se ouvir e ler, principalmente entre pessoas da educação popular, que a ciência não tem todas as respostas e que precisamos considerar todas as formas de saberes: populares, cotidianos, científicos, artísticos, poesias, literatura, religiosos, processos espirituais e filosóficos, entre outros. No entanto, o que se percebe é que isso é um discurso que de fato não chega a ser uma prática muito difundida, não ao menos na hora de escrever, discutir uma pesquisa, elaborar uma monografia, tese ou um livro. Cazusa e Arnaldo Brandão, falam de situação semelhante: “tuas ideias não correspondem aos fatos”, e Paulo Freire (2006) diz que é preciso que nosso discurso seja cada vez mais parecido com nossa prática. O porquê disso acontecer não será alvo de discussão, quero apenas considerar que talvez não saibamos como fazer isso, como tornar esse discurso uma realidade palpável ou, talvez, legítima entre os pares da academia.

Maturana diz que o que define o humano é a junção do emocional e do racional e que não existe objetividade sem subjetividade, portanto, o pensar integral pressupõe o ser integral, razão e emoção. Com a música, mais do que com a letra, que é parte da música, temos condições ideais de refletir/aprender e partir para ação de forma integral, com emoção e razão. Se bem que dizer “com razão e emoção”, na acepção de Maturana, é redundância, pois não existiria razão sem emoção e nem emoção sem razão.

Esta dissertação foi escrita, apoiando-se na razão que não descola da emoção ou na emoção que não descola da razão, assim como é essa música de Geraldo Vandré/Jair Rodrigues.

VEM COMIGO, NO CAMINHO EU TE EXPLICO

Esta dissertação está dividida em três capítulos:

O **capítulo um** tem três subcapítulos e três partes. Neles Apresento como nasceu a ideia da pesquisa, a minha trajetória pessoal, os objetivos, a justificativa, o percurso metodológico. Está dividido no seguinte subcapítulos:

Seria mais fácil fazer como tudo mundo faz, mas nós vibramos em outra frequência – nele descrevo parte de minha história pessoal no serviço de saúde e na enfermagem, os motivos iniciais que me levaram a ficar incomodado com o tema, a ponto de torná-lo objeto de pesquisa.

O caminho só existe quando você passa – onde descrevo os objetivos, a justificativa e o percurso metodológico de forma detalhada, buscando justificar as escolhas do tema e sua importância para o SUS e a Educação Popular em Saúde.

Sons, palavras, são navalhas e eu não posso cantar como convém, sem querer ferir ninguém – nesse subcapítulo continuo discutindo o percurso metodológico, mas agora focado na história oral, procedimentos pormenorizados da elaboração do questionário e das entrevistas, a eleição dos sujeitos implicados. Como a história oral é um método que ainda causa polêmica, seja pelos procedimentos, seja pelo relativo pouco conhecimento na academia, optei por uma descrição pormenorizada, e talvez, até exageradamente detalhada. Finalizo falando da análise dos dados. O subcapítulo divide-se nas seguintes partes: **Isso é somente uma canção, a vida, a vida realmente é diferente; Achei, vendo em você, e explicação nenhuma isso requer; E o que ela descobriu, eu aprendi também, eu sei; Dos versos que eu fiz, ainda espero resposta...; Assassinar a lógica ohh! meteram poesia, na bagunça do dia a dia; Meus passos, uma somatória**. Cada uma destas subdivisões aborda um aspecto diferente e relevante da história oral. A intenção foi não deixar dúvidas sobre os procedimentos adotados e o porquê de cada um.

Tanta história pra contar nas quais se conta o que se sente – apresento as transcrições realizadas a partir das entrevistas e das transcrições. Detalho as razões de apresentar as histórias como um todo e não apenas trechos, como geralmente se faz em pesquisas qualitativas. Apresento as mulheres que foram entrevistadas, o roteiro de leitura das transcrições, com os códigos necessários para diferenciar falas do narrador e

das entrevistadas. Por último, apresento cada uma das transcrições na íntegra: **Mara, Mafalda e Dora**.

O **segundo capítulo** está dividido em **três subcapítulos** e **três partes**. Nele começo a apresentar a análise:

Um cego procurando luz na imensidão do paraíso – é o primeiro subcapítulo e nele detalho os procedimentos da análise. Em essência, os dados da pesquisa foram analisados em três movimentos reflexivos que englobam a quase totalidade dos temas levantados. Alguns temas, por estarem (quase) periféricos, não ter ligação explícita com as histórias, foram tratados no capítulo final. **A vida é um pouco uma transmissão, pra quem captar os seus sinais, pra quem for muito perspicaz** – é uma síntese das três histórias agrupando temas discutidos pelas três mulheres ao mesmo tempo, evidenciando semelhanças e diferenças nas trajetórias de vida.

O desafio agora é perceber – apresento as discussões relativas ao primeiro Movimento Reflexivo: a constituição de quem se é. Esse debate aborda temas que imagino terem sido fundamentais para formação das entrevistadas. Aborda os seguintes temas: família, identidade comunitária, ensino formal, movimentos sociais e populares, utopias² políticas. **Família, família, cachorro, gato, galinha** – nessa parte o foco é a família enquanto influência na constituição das entrevistadas. A análise é toda centrada nas falas, procurando refletir a partir da forma como cada uma fala sobre sua relação com a família. **Excesso de razão é como opinião, se não ajuda, atrapalha** – discuto a participação das entrevistas junto às comunidades, escolas e igrejas, de modo a tentar compreender a importância delas para formação destas mulheres. A abordagem é centrada nas histórias de vida de cada uma, de modo a refletir sobre a importância do que viveram. **E aqui estou então, não estou sozinho não** – abordo a importância dos movimentos sociais e populares e das utopias políticas na formação de cada uma das entrevistadas.

² Utopia, aparece em todos os movimentos reflexivos e no capítulo final. É um tema fundamental que está presente na formação das entrevistadas, no modo de fazer e ainda aparece ligado a espiritualidade e a construção de um mundo mais solidário.

Faca amolada – começo a discutir o segundo movimento reflexivo: todas as três mulheres são pessoas muito práticas, centradas no fazer, por isso pareceu-me apropriado um movimento reflexivo agrupando os temas que giram em torno do fazer. O trabalho tem uma dimensão central no modo como elas levam a vida e, por isso, dá para dizer que o trabalho é o resultado de quem elas são e vice versa. Como se trata de mulheres intensas, vivem a vida sem compartimentações, fazendo do trabalho ao mesmo tempo instrumento de sobrevivência, intervenção no mundo e parte de seus sonhos e utopias. Por isso, alguns temas, como utopia, participação social, aparecem de novo nesse movimento reflexivo. Há ainda duas subdivisões: **Eu não preciso de muito dinheiro, graças a Deus** – onde aprofundo melhor os aspectos relativos ao trabalho, ao trabalhar com amor. Essa parte oferece a oportunidade de extrapolar as histórias em si e inferir algumas observações em relação aos trabalhadores da saúde. Em **Carpinteiro do universo** – ofereço uma abordagem centrada nas dimensões subjetivas do cuidado³, diferenciando a execução de tarefas do ato de cuidado, o que parece muito apropriado ao falar do fazer dessas mulheres. A abordagem está centrada no fazer, mas extrapola este e busca aspectos mais profundos. Já introduz a dimensão espiritual no ato de fazer para explicar a forma como essas três mulheres fazem. O cuidado é uma terma que oportunizou uma inferência maior em relação à abordagem teórica sobre o tema.

Fé cega – constitui-se de parte única. É uma abordagem centrada nas dimensões espirituais do fazer/saber das entrevistadas. Envolve a questão religiosa, que pouco foi abordada em outras partes, mas, sobretudo, oferece novas abordagens para temas já discutido, como utopia, cuidado, movimentos sociais, trabalho, mas com uma abordagem diferenciada, ressignificada a partir da fé e de entrelaçamento teórico.

No **capítulo três** são seis subcapítulos. Em três, abordo questões centrais surgidas nas entrevistas, mas que não encaixavam bem no esquema

³ O cuidado aparece neste movimento reflexivo enquanto expressão do fazer, mas é retomado, no movimento reflexivo sobre espiritualidade, enquanto expressão da forma de ser de cada uma.

argumentativo da análise de movimentos reflexivos. Em **De onde se vem, pra onde se vai**, a abordagem é sobre o Sistema Único de Saúde, enquanto local de trabalho e de investimentos utópicos das entrevistadas. O SUS surge enquanto tema nas entrevistas, tem implicação para a vida das três mulheres enquanto trabalhadoras, mas a abordagem ancora-se principalmente na visão panorâmica do que é o SUS, real e utópico, para as entrevistadas, para os trabalhadores e trabalhadoras de um modo geral. Isso permite inferir certas situações ao conjunto dos trabalhadores e evitar repetir situações já tratadas antes nos movimentos reflexivos. **Eu não sou da sua rua**, continua o debate sobre o SUS, mas centrada nas equipes de trabalho e nas dificuldades de integração entre trabalhadores com aspirações a construtores de catedral e quebradores de pedra. As reflexões surgiram a partir da relação entre as histórias de cada uma, dos relatos das práticas e limitações enfrentadas no cotidiano (de cada uma), e a discussão teórica sobre grupos e a formação de identidade no trabalho. **Homem primata, capitalismo selvagem**, traz uma abordagem centrada na discussão de condicionantes sociais. A discussão foi motivada a partir da fala de uma das entrevistadas a respeito da importância das discussões socioeconômicas em sua vida. Observei que as outras duas entrevistadas tiveram trajetórias sociais muito semelhantes e elaborei uma discussão com mais referencial teórico do que em outras partes.

Nesta parte, **cada um por si e “deus” contra todos**, começo propriamente as considerações finais. É uma abordagem sobre as razões socioeconômicas e culturais para existência do quebrador de pedra no SUS e na sociedade. É um texto escrito a partir das constatações propiciadas pela pesquisa empírica, a análise e as leituras preparatórias para abordagem do tema. **Quem luta para respirar sabe que essa briga é séria**, nesse ponto continuo fazendo as considerações finais, porém o tema central são as razões do construtor de catedral. Finalizo as discussões com, **tá dominado, tá tudo dominado**, em que falo sobre a importância de cultivar a esperança de que um mundo melhor continua possível.

Finalizo a dissertação apresentando as referências, apêndices e anexo.

1 SERIA MAIS FÁCIL FAZER COMO TODO MUNDO FAZ, MAS NÓS VIBRAMOS EM OUTRA FREQUÊNCIA

Seria mais fácil fazer como todo mundo faz
o caminho mais curto, produto que rende mais
seria mais fácil fazer como todo mundo faz
um tiro certo, modelo que vende mais

Humberto Gessinger

Por acaso, numa conversa corriqueira com orientadores do curso de especialização em saúde da família da Universidade Federal de Pelotas⁴ (UFPel), fiquei sabendo que, no Pantanal, havia um enfermeiro que em determinada época do ano ficava ilhado em seu local de trabalho e que esse passava ser sua moradia. Todos os dias pela manhã, ele pegava um bote e saía para atender a população ribeirinha. Fiquei muito impressionado com essa história, que pode até não ser totalmente verdadeira. Mas sei que há profissionais que trabalham em condições até mais difíceis. Que motivação tem para trabalhar nessas condições? Será falta de opção ou, pelo contrário, opção dele atender a essa população e ser esse tipo de profissional?

Essas dúvidas me fizeram lembrar de minha história como enfermeiro.

Fui auxiliar de enfermagem durante sete anos e meio, período em que trabalhei em alguns hospitais em Curitiba. Fui convencido a fazer esse curso por um colega. O curso durou um ano e três meses e foi financiado pela prefeitura. Como aluno recebia uma bolsa de estudo no valor de um salário mínimo mensal (R\$ 100,00 na época) e mais vale-transporte. Inicialmente tive grande rejeição pela ideia (pensava em sangue, em curativo, em pessoas com diarreia, fralda suja, sofrimento sem fim, hospital com cheiro de remédio, gente morrendo), mas era uma época difícil: não tinha profissão específica e nem muito o que perder. Naqueles dias eu trabalhava como pedreiro com

⁴ O curso da Universidade Federal de Pelotas, modalidade de Ensino à Distância (EaD) é desenvolvido como parte da Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (UNA-SUS/UFPel)

esse amigo e nem eu nem ele conhecíamos verdadeiramente a arte do ofício que estávamos desempenhando. Morria de medo das paredes que erguíamos cair em cima de alguém e não queria voltar a ser metalúrgico. Por isso, achei que era melhor tentar o tal curso. Chegamos para fazer a inscrição duas horas depois de ter sido encerrada. Já estávamos agradecendo a atenção da recepcionista, quando ela, por algum motivo, decidiu que iria fazer nossa inscrição, mesmo fora do prazo. Acabamos ficando com as vagas, após o teste seletivo, que foi bastante concorrido. Acho que foi o destino.

O curso foi oferecido pela prefeitura para suprir a falta desses trabalhadores na região. Faltavam auxiliares e enfermeiros. Havia emprego em muitos hospitais, embora o salário não fosse bom. Nesse curso, por ser financiado pelo estado, pensava que deveria devolver o que recebia de alguma forma, e a única que achei possível naquele momento, era trabalhar onde julgava ser necessário e poder ajudar a população que havia financiado o curso. Por isso, desde antes de concluir a formação, coloquei na cabeça que iria trabalhar no Pronto Socorro Municipal, hospital dedicado as situações de politraumas e que ocupava grande parte do noticiário policial das rádios e tv. Imaginava que ali estaria devolvendo parte do que havia recebido. Ele era administrado pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), foi onde primeiro procurei emprego, assim que conclui o curso. Nessa instituição, faziam uma prova escrita, quem reprovasse não poderia voltar a fazê-la em menos de 60 dias. Achei que tinha ido muito, por isso solicitei que a prova fosse anulada, assim poderia fazê-la novamente na semana seguinte, mas ao chegar em casa, naquele mesmo dia, o hospital já havia ligado confirmando aprovação e agendando entrevista. Destino?

Quando iniciei neste emprego, conheci muitas pessoas com visões diferentes sobre o trabalho em saúde. Era um mundo completamente novo para mim: se antes fabricava peças para automóveis (três anos como metalúrgico na Cidade Industrial de Curitiba) ou construía casas, a partir de tijolos, areia e cimento, agora iria trabalhar com gente. “Mas com gente é diferente”, como diz Geraldo Vandré. Não acreditava em trabalho divino, missão ou em recompensa em outra vida, como alguns colegas. Mas

acreditava em compromisso social, em solidariedade, em compaixão, em responsabilidade e profissionalismo.

Um dos primeiros problemas que tive no serviço foi por causa do tempo que levava para concluir minhas tarefas. Segundo “minha chefe”, todos os meus colegas terminavam o trabalho às 10 horas e eu ia até depois do meio-dia.

Até então o sistema de trabalho era fracionado, uma forma de trabalhar chamada “cuidados funcionais”. Nessa forma de fazer, o trabalho ficava repetitivo, desintegrado e o trabalhador alienado sobre o que realmente acontecia. Na época não conseguia analisar a situação desta forma (apenas sentia os efeitos), que descobri depois já ser uma preocupação de pesquisadores como Pires (1998). No setor internava-se pessoas com problemas clínicos, cirúrgico e não havia faixa etária ou sexo específico. Era uma ala geral. Muitas pessoas com acesso venoso, sondas, curativos, banhos a serem feitos no leito, medicações à serem administradas por diferentes vias. Enfim, era muita coisa a fazer e me achava, algumas vezes, o pior dos auxiliares de enfermagem por ver quase todos sentados, lendo revistas e eu ali correndo de um lado para o outro. Porém, com o tempo, descobri que os acessos venosos, os curativos, as sondas que deveriam ser trocadas dentro de determinados prazos, não eram feitas. Como todos os dias mudava a pessoa a ser atendida, sempre havia muitas sondas, muitos acessos venosos para trocar. Geralmente e, é provavelmente que de propósito, quem cuidava do doente no dia anterior, não fazia as trocas, sempre ficando para o dia seguinte.

Chamei atenção da supervisora sobre isso, sobre como o trabalho era realizado, inclusive o dela. Reivindiquei o direito de cuidar todos os dias das mesmas pessoas, até que tivessem alta. O que propus era algo que, mais tarde, passou a ser considerado importante para uma maior integralidade da atenção, chama-se “cuidados integrais”. Nesse modelo assistencial, o profissional é o responsável, dentro de suas habilitações e competência, por prever e prover todos os cuidados necessário à pessoa durante seu turno. “Esse modelo possibilita uma adesão mais global das necessidades da pessoa, tornando o trabalho potencialmente mais criativo”, segundo Pires

(1998). Inclusive, possibilitando a criação de vínculo. A partir daquele dia, passei a cuidar das pessoas até que elas tivessem alta. Meu fazer diminuiu muito e meus amigos também, pelo menos por um tempo. Mas a minha dedicação, não.

Já nesta época, observava que algumas pessoas não estavam se comprometendo, que não estavam assumindo suas responsabilidades com o outro tanto quanto poderiam, fosse os auxiliares, com as famílias e com os doentes; fosse a supervisora com seus auxiliares. Esse descomprometimento, que pode ser observado não apenas no serviço de saúde, é um fenômeno que Bauman (2008) diz ser cada vez mais comum na sociedade. Falaremos mais sobre isso em: Cada um por si e deus contra todos, na página 187.

Mais ou menos seis meses depois de começar a trabalhar como auxiliar de enfermagem, fui fazer a graduação por “pirraça”, por desentendimento, de novo, com “minha chefe”, como ela gostava de me lembrar. Na época, mesmo sem ter noção do que era equidade, insisti, em uma reunião com toda a equipe presente, que cada pessoa deveria receber atenção segundo a sua necessidade e não com base em um cronômetro. A supervisora queria que cada pessoa tivesse tempo igual, deixou claro que quem mandava ali era ela e que se eu queria fazer do meu jeito, deveria fazer o curso de enfermagem. Fui.

O hospital, por ser administrado pela Universidade Católica (PUC) oferecia bolsa de estudo generosa (75% de desconto na mensalidade), acredito que para formar mão de obra para seus próprios hospitais e também por causa de renúncia fiscal. As instituições filantrópicas, ao menos na época, tinham uma cota de bolsas de estudo a preencher, assim justificava a isenção fiscal. No meio do curso, fui demitido e perdi a bolsa, mas o serviço de assistência social chamou-me, no fim do semestre. Disseram estar preocupados, pois acreditavam que eu não teria como pagar aquele curso, mas como tinha boas notas e não faltava, ofereceram-me uma bolsa de estudo de 50%. O diferencial, dessa bolsa que me foi ofertada, era o fato de que não teria que reembolsar depois de formado, como tradicionalmente acontecia na PUC. Isso foi bem antes de existir O Programa Universidade

para Todos - PROUNI⁵. Para fazer jus à bolsa, segundo a assistente social, eu deveria me comprometer a não faltar às aulas, continuar tendo boas notas e não contar para ninguém que essa bolsa existia. Não me pediram para devolver nada para a PUC, nem para sociedade. Por outro lado, sabia que não se tratava de bondade, mas de um olhar atento do serviço social (que agradeço todos os dias até hoje, sem eles, o tempo que passei na faculdade teria sido muito mais difícil). Mesmo sem ninguém pedir, prometi a mim mesmo que depois de formado iria trabalhar onde a população precisasse, fosse onde fosse. Sabia que, no final das contas, quem pagava para que eu pudesse estudar era a população. Sentia que tinha a obrigação de devolver um pouco do que recebia. Certo que poderia fazer isso em qualquer lugar, mas tinha em mim essa inquietação que impulsionava desbravar outros caminhos, ir aonde outros não iriam por vontade própria. Porém, o que comecei por um dever moral, continuei por uma questão de sobrevivência profissional e financeira.

Acredito que sou enfermeiro graças ao investimento do Estado, da população que pagou com impostos minha bolsa. Fiz minha parte, aproveitando o curso, levando a sério, investindo horas e recurso, sendo o primeiro a chegar à biblioteca para não ter que comprar fotocópias ou os livros, mas mesmo assim sempre tive o sentimento de que deveria fazer mais, ir aonde não quisessem ir, fazer tudo que estivesse ao meu alcance para que a população, que pagou por grande parte de meus estudos, recebesse algo em troca. Por conta desta consciência de dever, mas também por buscar viver fora dos grandes centros, entre outros motivos, abandonei alguns concursos públicos: Universidade Federal do Paraná (UFPR): Hospital de Clínicas de Curitiba – o melhor hospital onde já trabalhei; Secretaria Estadual de Saúde do Paraná (que não cheguei a assumir, pois seria lotado em um pronto socorro e minha vida estava direcionada à Estratégia Saúde da Família; Prefeitura Municipal de Curitiba (não cheguei assumir o concurso, pois não acreditava

⁵ O Programa Universidade para Todos (PROUNI) é administrado pelo Ministério da Educação, foi criado pelo Governo Federal em 2004 e concede bolsas de estudo integrais e parciais em instituições privadas de ensino superior.

no modelo de saúde que se praticava nessa época, em que enfermeiro ficava longe das pessoas e envolto em burocracias, e Campo Largo (onde não tive paciência para transformar aos poucos aquela realidade que me parecia insuportável). Com o diploma de enfermeiro na mão, trabalhei no Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Bahia, Sergipe. Fui de um trabalho ao outro, de um lugar ao outro, voltei, prometi não voltar mais e voltei novamente. Hoje estou trabalhando como Apoio Pedagógico na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no curso de Especialização em Saúde da Família em convênio com a Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS/UFPel).

O que vi e vivi em todos os lugares por onde passei, leva-me a crer que o enfermeiro que ficava ilhado no Pantanal, poderia estar fazendo isso por diversas crenças e sentimentos diferentes, como dever profissional, “missão divina”, solidariedade com o próximo, compromisso político, entre outros.

Essa dúvida deixou-me intrigado, mas não foi o suficiente para me motivar na investigação, na dissertação de mestrado, pois já tinha outro projeto pronto e, inclusive, o apresentado durante a fase de provas. Porém, no segundo semestre de 2013, conheci uma “equipe” de gestão, de uma cidade na região metropolitana da Bahia, composta pelo secretário de Saúde, assessores, gerentes e coordenadores, que destoavam do que se observa no comportamento de muitos gestores: em geral autoritários, vaidosos e arbitrários. Eram pessoas conhecedoras do Sistema Único de Saúde (SUS), da Atenção Básica, além de demonstrarem muito disposição para fazer. O que mais chamava atenção era o compromisso de cada um com o que estava fazendo, a consciência de grupo, da tarefa e do papel histórico que desempenhavam naquele espaço e tempo. Já vinham de outro município, onde o grupo todo fora dispensado no fim de gestão. Enquanto grupo e individualmente, o comportamento deles dava a dimensão do sacrifício pessoal e coletivo, com horas trabalhadas além do horário de contrato, a remuneração inferior aos outros profissionais contratados, o sacrifício pessoal com a própria saúde, a incompreensão dos outros servidores diante das mudanças no processo de trabalho do serviço de saúde e na própria forma de pensar o trabalho, entre outros. De novo, fiquei curioso com as suas razões, suas decisões, suas escolhas, dedicação, que já me intrigavam no caso do

enfermeiro que trabalhava no Pantanal. O que move esse grupo, o que lhe motiva para acordar cedo todos os dias, enfrentar as críticas de trabalhadores, da gestão, da população, e equilibrar-se numa corda bamba de desconfianças? Nesse caso em particular, eram todos filiados a um partido de esquerda ou muito próximos dessa ideologia. Será que essa opção política explicaria os compromissos observados no grupo? Se explica, por que não se observa em todos os filiados a esse mesmo partido?

Além das histórias profissionais, as histórias de vida poderiam informar sobre esse comportamento? Será que conseguem separar a dimensão profissional de suas vidas particulares ou são pessoas “inteiras” demais para isso?

Estas duas histórias (do enfermeiro que ficava ilhado e desse grupo de gestores) somadas a outras que já conhecia e fui lembrando, exemplificavam um determinado tipo de profissional/pessoa, que, na maior parte do tempo, passa despercebido no sistema e nos estereótipos criados sobre o trabalhador do serviço público, em especial, no SUS. Quais serão as suas motivações para fazer o que estão fazendo? Que tipo de recompensa buscam? Ou seria melhor perguntar, buscam alguma recompensa? Têm sua motivação em alguma ideologia política, compromisso moral, ético, religioso, espiritual?

Depois de matriculado, fazendo a disciplina de Saúde, Espiritualidade e Educação Popular, reli o livro de Eymard Vasconcelos, Espiritualidade no trabalho em saúde. De novo, a história contada por Jean-Yves Leloup e reproduzida por Eymard, sobre dois trabalhadores que trabalhavam na construção da catedral de Notre-Dame, causou-me sensações intensas que não pude ignorar ou definir. Senti que precisava investigar o porquê desses dois trabalhadores terem percepções distintas de seus trabalhos.

Recrio aqui esta história de modo estendido, pela importância de sua metáfora na minha pesquisa:

Em dia especialmente quente e ensolarado no verão francês, um viajante deparou-se com o imenso canteiro de obras da construção da Catedral de Notre-Dame. Naquele dia, o viajante comparou o que viu a um formigueiro. Havia muitas pessoas trabalhando em diversas funções

diferentes. Trabalhadores iam e vinham apressados, carregavam pedras, pesadas vigas de madeira, ferramentas variadas. Outros, esculpavam as famosas gárgulas da catedral, entalhavam placas de pedra, mulheres distribuíam água e alimentos para exaustos trabalhadores.

O viajante aproximou-se de dois trabalhadores e posicionou-se entre eles. O homem do seu lado direito, estava sentado, dobrado sobre o próprio corpo, aplicava golpes com a marreta na talhadeira, de modo a quebrar a pedra, ou melhor, a dar forma específica às pedras que seriam usadas para erguer a parede sul da Catedral de Notre-Dame. Ele tinha a testa suada, a pele queimada pelo sol, as mãos calejadas, braços e roupas cobertas por poeira das pedras que quebrava.

O viajante questionou o que o trabalhador do seu lado direito estava fazendo. Ele, com expressão bastante séria, dura, aparentando cansaço, desânimo diante da quantidade de tarefa que já havia realizado e, principalmente, das tarefas que ainda teria que fazer, respondeu sem dar grande importância ao viajante:

- Estou quebrando pedra.

O viajante, como fizera antes, voltou-se para o trabalhador da sua esquerda. Ele, tal qual o outro, estava dobrado sobre o próprio corpo, aplicando golpes semelhantes na talhadeira, de modo a quebrar e dar forma às pedras, que seriam usadas para erguer a mesma parede sul da catedral. Aparentemente, os dois trabalhadores executavam tarefas idênticas, com a mesma técnica e, sobretudo, com a mesma finalidade. O trabalhador, do lado esquerdo do viajante, também tinha suor na testa, mãos calejadas, os braços e a roupa cobertos de poeira.

O viajante o questionou com as mesmas palavras que já havia dito antes ao trabalhador de seu lado direito. Porém, voltando-se para o viajante, com expressão alegre, viva, sorriso no rosto, apesar de aparentar o mesmo cansaço, esse trabalhador respondeu-lhe:

- Estou construindo uma catedral.

Essa história me impressionou porque, tal qual o viajante de Paris, percebo essas duas perspectivas entre muitos trabalhadores com os quais

me deparei no SUS. Fiquei “matutando” sobre os porquês de esses dois trabalhadores terem perspectivas tão radicalmente distintas do mesmo fazer.

Essa imagem dos trabalhadores na construção de Notre-Dame parece ser uma analogia apropriada sobre o fazer/pensar o trabalho em Atenção Primária em Saúde hoje no SUS, mas também serve para pensar o fazer de muitos outros profissionais. No cotidiano de qualquer cidade, pode-se observar com facilidade que algumas pessoas trabalham como se estivessem construindo catedral, enquanto outras parecem estar quebrando pedra, sobretudo no serviço público. Será correto afirmar que a forma como o estado, a economia, os processos de trabalho, enfim, a sociedade são organizados, causam essa distorção que transforma os trabalhadores em quebradores de pedra?

Fazendo uma analogia entre a vocação humana por ser mais, assim como discutido por Freire (2005), e o construtor de catedral, poderia dizer que o quebrador de pedra, assim como a pessoa destituída de sua humanidade, seriam distorção desse desejo de ser mais, de ser construtor de catedral?

Não parece aceitável imaginar que dentro de cada um dos trabalhadores, seja qual for seu fazer, não exista um construtor de catedral, ao menos em potencial, talvez esperando para ser despertado, talvez esperando uma atividade com a qual se identifique e possa dar seu melhor.

Porém a intenção da pesquisa não é entender o que transforma a pessoa em quebrador de pedra. O que me intriga e mobiliza é entender porque nem todos os trabalhadores, submetidos às mesmas condições ou muito semelhantes de trabalho, não são todos quebradores de pedra? O que causa tão grande distinção de percepção entre profissionais com formação semelhante e com trabalhos praticamente idênticos? É possível, através da formação, ensino, pesquisa extensão ou de projetos de educação permanente, contribuir para que haja mais construtores de catedral e/ou resgatar quebradores de pedra dessa condição? Será que um dia, os que quebram pedras podem construir catedrais? E os que constroem catedrais um dia poderão se render diante do contexto e simplesmente passarem a quebrar pedras?

Vasconcelos (2010), diz que pequenos projetos inovadores, que existem no SUS, muitas vezes de forma anônima, podem provocar mudanças importantes no sistema. O que se explica porque o mundo não é uma coleção de objetos distintos e isolados, pelo contrário, ele parece uma teia que se relaciona com as diversas partes de um todo unificado, como diz Capra (1995). Essa teia, que de modo muito significativo, incluiu o observador humano, guardadas as devidas proporções, poderia ser pensada como o SUS. Pequenos projetos inovadores, que fala Vasconcelos, e os construtores de catedral envolvidos com eles, podem ser vistos como pontos desta teia que é o SUS. Cada parte da teia, segundo esse modo de ver a vida, é tão importante quanto outras, podendo influenciar e ser influenciadas. Portanto, poderia ajudar a explicar e a mudar o todo. Mas vale ressaltar que o SUS não pode ser entendido isoladamente, ele faz parte de uma teia maior que é o estado, a sociedade e as pessoas que a constrói.

Entendendo que pequenos projetos inovadores, dos quais fala Vasconcelos, seus defensores e construtores, e, igualmente certas burocracias e, em certo sentido, o formalismo exacerbado, a ineficiência e a morosidade de certos processos e setores do SUS e do serviço público e/ou privados, são parte de uma mesma teia, muitas vezes invisível.

Apesar do potencial de irradiação de um SUS mais dinâmico e eficiente, os projetos inovadores e seus construtores, estão longe de conhecer o reconhecimento público e mesmo dos colegas de trabalho. Muitas vezes, “ser” esse profissional representa uma carga de estresse e sofrimentos diários quase insuportáveis.

Algumas dessas histórias, envolvendo projetos inovadores e trabalhadores que lutam para construir sua catedral, conheço de vivê-las, outras, de ver acontecer, algumas me contaram. Como trabalhador e como usuário do sistema de saúde, já estive em diversos serviços: públicos, privados, lucrativos, filantrópicos, de prevenção e de tratamento e/ou reabilitação. Alguns desses, tinham estruturas invejáveis, com tudo no lugar: espaços, equipamentos, insumos e até decoração, mas o cuidado, aquele que não se confunde com mera assistência, não acontecia. Em outros, faltava quase tudo: cadeiras, insumos e até espaço, mas o cuidado, por mais que

pareça contraditório, acontecia. Percebi, nesses anos, que o que mais parecia fazer diferença não eram as “coisas”, mas como eram aproveitadas ou não em benefício do cuidar e, principalmente, a dedicação com que a equipe se dedicava ao fazer.

Não estou fazendo “elogio à precariedade ou ao jeitinho”, sei de experiência própria que uma estrutura física e materiais apropriada, bem utilizados e organizados são importantíssimos, até porque facilita e/ou racionaliza o fazer, diminuem o desgaste físico e emocional de trabalhadores e usuários dos serviços. Porém, não vou seguir caminho inverso e dizer que a soma de equipamento, insumos, prédios organizados, serviço informatizados e um melhor orçamento resolvem a situação. Também não se trata de cair no lugar comum de dizer que o SUS vai mal porque os profissionais são ruins ou por que ganham mal e trabalharam em condições desfavoráveis. A situação parece bem mais complexa e complicada do que isso. Há razões para que as coisas não funcionem como gostaríamos, algumas dessas razões não têm origem ou solução no próprio SUS, mas dizem respeito à maneira como se organiza a sociedade, ao valor que se dá aos seres humanos. São aqueles outros pontos da teia da vida, ou mesmo outras teias, que se interligam, como citado antes.

Mesmo aceitando que as condições sociofinanceiras são poderosos condicionantes, é importante não perder de vista que por trás do que chamam de “sistema”, sempre há gente tomando decisões. Mesmo considerando que o sistema foi montado de forma que as decisões pareçam ser tomadas pelo funcionamento das “engrenagens” ou das normas, ainda é possível argumentar que normas podem ser mudadas, engrenagens podem ser quebradas e essa mudança começa ao comprometer-se com ela. Não se pode perder de vista que, embora não sejamos totalmente livres, pois somos seres condicionados, embora alguns problemas sejam grandes demais para resolvermos sozinhos ou a partir de nosso lugar, há, inegavelmente, coisas que estão ao nosso alcance. São projetos pequenos, como fala Vasconcelos, são vontades, desejos, necessidades, coragens, fé cega, facas amoladas, enfim, essa vocação de ser mais que fala Freire. Cada uma dessas coisas, de

modo isolado, tem muito potencial de irradiação e de transformar o todo. Agora, imagina se tudo isso pudesse ser conjugado?

Freire (2006) diz que é necessário ser ético e comprometido com as mudanças sociais e, assim, tornar-se agente de mudança, fazer parte da história e não apenas nela estar. Cortella e Barros Filhos (2014), ao discutir ética enfatizam que algum grau de escolha todos temos, que o ser humano se diferencia dos animais pela capacidade de escolher sua conduta e que deve se responsabilizar por suas escolhas, certas ou erradas.

Esta pesquisa nasce da constatação da importância do ser humano, na condição de trabalhador, para construção do cuidado e de seu potencial irradiador de transformação do fazer no serviço de saúde. Nela, pretendo discutir um tipo específico de trabalhador, que por sua postura diferenciada, consegue modificar a forma de fazer/pensar o serviço em Atenção Básica, que vai além da dualidade estrutura x trabalhadores, usuários x trabalhadores, trabalhadores x gestão.

Pessoas comprometidas com o sistema de saúde ou com a saúde do outro, existem de forma difusa e diversa nos vários serviços de saúde. Porém, mesmo não ignorando essas pessoas, não pretendo falar de todas as formas de compromisso e nem de todos os tipos de trabalhadores comprometidos. Há trabalhadores altamente preparados, com conhecimentos técnicos e políticos exemplares, que são capazes de se doar mais do que as horas pelas quais são pagos, mas que operam de um modo autoritário e individualista, parecendo mais compromissados com suas ideias do que com as pessoas envolvidas. Há outros, que são exemplares do ponto de vista profissional: não chegam atrasados, não saem antes da hora, são assíduos e se interessam pelos problemas de saúde do indivíduo, mas restringem seu fazer exclusivamente às questões técnicas “biofisiopatológicas”, desconsiderando o território onde a saúde acontece. Parecem entender que não lhes cabe intervir na comunidade, na cidade, no país e no mundo, não compreendendo que o processo saúde/doença, assim como as pessoas, precisam ser vistos em sua inteireza.

Não é interesse desta pesquisa questionar ou desqualificar o compromisso ou os tipos de compromissos dos trabalhadores envolvidas com

o SUS. Reconheço que existem outras formas de compromisso social, além da que proponho estudar, inequivocamente todos os trabalhadores têm contribuição a dar para o funcionamento do SUS, porém o foco será nos que demonstram um “compromisso” com o cuidado voltado para emancipação do outro e a construção de uma sociedade solidária, doando-se de forma militante nessa causa. Não se trata de uma pesquisa imparcial. Tal qual fala Freire (2006), nunca pude e nem quero ser imparcial. Ele dizia que mais importante do que ser imparcial era deixar claro de qual lado estava nessa sociedade dividida por interesses e marcada por intensa desigualdade.

Na história do movimento sanitário brasileiro, que resultou na construção, ainda em andamento do SUS, existiram e ainda existem muitos trabalhadores que vivenciam seu fazer de modo diferenciado, enfrentam com coragem interesses políticos, econômicos e corporativos antagônicos. Alguns destes trabalhadores e trabalhadoras têm se destacado, servindo de referência, com grande força de difusão cultural, em seus locais de trabalho e até mesmo regional e nacionalmente. Demonstram no dia-a-dia um compromisso que vai além da questão profissional. Seus vínculos com as pessoas e grupos sociais, com os quais está envolvido, têm gerado práticas de cuidado criativas e inovadoras que buscam ir além do tratamento dos problemas imediatos de saúde/doença, resultando em uma consciência mais ampla e um maior protagonismo social na luta pela saúde. Geralmente, mas não exclusivamente, essas pessoas estão ligadas de alguma forma às ideias em torno da Educação Popular em Saúde, mesmo não tomando parte do Movimento de Educação Popular. Moreira (2008, p. 164), diz que o trabalho do educador popular deve “exercitar processos de emancipação individual e coletiva, estimulando e possibilitando a intervenção no mundo” e é esse exercício que se observa nestas pessoas.

A perspectiva desta pesquisa é, prioritariamente no movimento de Educação Popular em Saúde, conhecer mais profundamente alguns destacados e amplamente reconhecidos profissionais. E, utilizando-se do método de história oral de vida, melhor compreender os caminhos de aprendizado e de formação que lhes foram importantes. Nesta pesquisa, formação será entendida de forma ampla, proporcionada pela vida, pela

família, pelas relações sociais desenvolvidas ao longo da vida, não se limitando à noção formal do sistema de ensino/aprendizagem. O cuidado emancipador, aqui referido, é aquele que procura contribuir para a promoção do outro à consciência de seus direitos humanos.

1.1 O CAMINHO SÓ EXISTE QUANDO VOCÊ PASSA

Neste trecho vou descrever os **objetivos, a justificativa e o percurso metodológico** de forma mais detalhada. Espero deixar claro os objetivos e o processo de construção da pesquisa.

O objetivo principal desta dissertação é compreender caminhos de aprendizados e de formação do compromisso com o cuidado voltado para emancipação do outro e a construção de uma sociedade solidária. Para isso, serão estudadas a trajetória educativa de alguns trabalhadores e trabalhadoras reconhecidas como referência de dedicação e liderança pelos militantes do movimento de Educação Popular em Saúde. Embora reconheça que Educação Popular em Saúde possa ser desenvolvida em qualquer esfera do sistema, seja primária, secundária ou terciária, para evitar ampliação do foco, que poderia dificultar a realização da pesquisa no tempo estipulado, apenas serão investigados, trabalhadores e trabalhadoras da Atenção Primária à Saúde.

Os objetivos específicos são:

Conhecer o contexto em que se deu a aprendizagem e a formação destas trabalhadoras.

Identificar influências relevantes de instituições sociais e/ou pessoas em sua formação.

Compreender outras influências importantes em sua constituição, enquanto sujeito comprometidos.

Identificar quais os condicionantes sociais mais relevantes durante a formação.

Investigar outras preocupações que o mobiliza, além das profissionais.

Nas décadas de 1970 e 1980, houveram muitas experiências de trabalhadores espalhados por todo Brasil, que se institucionalizaram no SUS. São pequenos projetos, como cita Vasconcelos (2010). Atualmente, eles não deixaram de existir, podem ser encontrados nos mais diferentes e longínquos lugares do Brasil. São iniciativas fundamentais na constituição do sistema e demonstram, na prática, caminhos para o aprimoramento do cuidado no SUS. Essas experiências, muitas vezes extraordinárias, oferecem “resistência à massificação” do sistema, encontrando caminhos para o cuidado que nem sempre outros encontram. Mas ficam, quase sempre, submersas no cotidiano dos serviços, anônimas, assim com as pessoas que as desenvolvem.

Em alguns casos, essas pessoas são desestimuladas por gestores, colegas, pela burocracia do sistema e, não raro, sentem que seus esforços não são reconhecidos pela sociedade. Apesar disso, continuam fazendo diferente, insistindo em se importar com o outro que demanda cuidados. Conhecer algumas dessas pessoas, entender quem são, como fazem, os caminhos de aprendizagem que atravessaram para ser quem são e ter a postura que demonstram, justifica-se na medida em que estes caminhos possam desvendar sentidos e contribuir para repensar programas, estratégias de educação permanente nos serviços e/ou no currículo de alguns cursos da área de saúde.

Pensando nesses trabalhadores, são necessários novos estudos para entender os caminhos que os levam a vencer os condicionantes de massificação e desumanização tão presentes nos serviços. Não sei se é possível, mas seria bom entender porque esses trabalhadores e trabalhadoras não desistem de fazer como fazem, diante de tantas dificuldades que encontram no dia- a- dia.

1.2 SONS, PALAVRAS, SÃO NAVALHAS E EU NÃO POSSO CANTAR COMO CONVÉM, SEM QUERER FERIR NINGUÉM

Neste item, vou discutir o percurso metodológico realizado de modo que fique clara a opção pela história oral, a eleição dos sujeitos implicados,

os procedimentos pormenorizados da elaboração dos questionários e das entrevistas. Vou finalizar com a descrição do percurso da análise dos dados.

Desde o início, a história oral foi eleita o método capaz de chegar próxima à “verdade” vivida pelos entrevistados, entendendo que não existe uma verdade objetiva em história oral e nem em ciência de um modo geral, mas aproximações, como fala Minayo (2010) e Capra (1996).

A intenção é compreender como algumas pessoas vivenciam seu trabalho de forma diferenciada da maioria. Uma questão como essa, diz respeito a como se vive, relaciona-se com as pessoas e as coisas à sua volta, a como desenvolveu as relações sociais e aprendizados ao longo da vida. Não parece ser possível formular uma resposta simples e objetiva, pode inclusive não ter uma resposta que satisfaça inteiramente. Por isso, a história oral parece ser o método mais apropriado, pois possibilita apreender o contexto de vida de cada sujeito e desvendar os caminhos de sua aprendizagem. Esquinsani (2012, p. 220), diz que a história oral é uma metodologia comprometida com o resgate da informação e também com a própria constituição do sujeito em seu lugar social. Minayo (2010), diz que a história oral é uma das principais formas de pesquisar o sentido da experiência humana, o que parecia apropriado para esta pesquisa.

A história oral tem uma longa tradição no Brasil e no mundo que remonta a primeira metade do século XX, embora não livre de controvérsias, até por isso esse trecho tomou o título emprestado da letra da música de Belchior, *Apenas um Rapaz Latino-Americano*: “sons, palavras, são navalhas e eu não posso cantar como convém, sem querer ferir ninguém”. A história oral dá voz às pessoas e grupos sociais, em geral marginalizados e lhes oferece a oportunidade de expressar seu ponto de vista, que pode inclusive ser contrário ao do pesquisador e de seu grupo social. Nesse sentido, tanto na história oral, quanto na música de Belchior, sons (que são a matéria prima básica da história oral) e as palavras (que são sua forma final quase sempre), cortam ou podem cortar como navalha e ferir. Palavras são neutras, mas a intenção com que as escolhe não. Essa escolha de palavras e forma de dizê-las têm o “poder de fazer ver e fazer crer”, como fala Bourdieu (2010). Araújo e Cardoso (2007), trocando em miúdos a fala de Bourdieu, dizem que quando

um determinado grupo social tem condições de fazer seu ponto de vista ser mais aceito, tem a chance de influenciar e ter suas demandas atendidas. Falar e ser ouvido, sobretudo de forma que expresse a “sua verdade” e a de seu grupo social, como discutido por Paulo Freire, tem um poder que nem sempre é percebido por todos, mas certamente é percebido pelas camadas sociais mais favorecidas.

Meihy e Holanda (2013, p. 15) consideram que história oral não se resume à entrevista, mas que se trata da “soma articulada, planejada, de algumas atitudes pensadas como um conjunto” e destacam três modalidades: história oral de vida, história oral temática e tradição oral. Embora a diferença entre cada uma dela seja sutil, são bastante significativas. Cada modalidade diz respeito a procedimentos diferentes, mas sobretudo às intencionalidades diferentes.

A história de vida é centrada no eu, na trajetória biográfica. Tem como um de seus objetivos, valorizar o indivíduo em detrimento do exclusivismo da estrutura social. Essa modalidade aplica-se tanto a pesquisas sobre o funcionamento das sociedades, diz Penaff, com à funções terapêuticas, como cita Legrand, citado por Meihy e Holanda (2013). Em se falando de método, a história de vida parte apenas de uma questão inicial, por exemplo: conte-me sua vida, e o entrevistado deve falar o que considera relevante dentro do tema. O entrevistador deve interferir o mínimo possível e apenas para pedir esclarecimentos sobre o que o entrevistado falou “espontaneamente”.

A história oral temática não difere substancialmente da história oral de vida, em termos de objetivos e intencionalidades, mas diferencia-se pela maior objetividade. Ela deve ser escolhida quando a pesquisa tem um assunto central definido. A principal diferença, no entanto, parece estar nos instrumentos e procedimentos. Deve-se partir de um questionário detalhado e, quanto mais informação tiver previamente do entrevistado, melhor. Nessa modalidade, é ressaltada a importância de escolher bem o “colaborador”, como é comumente chamado o entrevistado, pois o caráter testemunhal exige a qualificação de quem é entrevistado.

A tradição oral, segundo o autor, é a mais difícil, intrincada e bonita forma de expressão da história oral, “pois não se limita apenas à entrevista. A

tradição oral trabalha com o pressuposto do reconhecimento do outro em suas possibilidades mais dilatadas” (MEIHY e HOLANDA, 2013, p.40). Para melhor apreender as histórias e as situações, recomenda-se que a modalidade de tradição oral, uma minuciosa descrição do cotidiano, das noções de tempo e lógica da estrutura de parentesco, soluções alimentícias e ordenamento social, o que é mais bem realizado quando o autor passa a viver junto à comunidade por determinado período. Essa modalidade é mais indicada em situação de grupos fechados, como tribos ou clãs que resistem à modernização.

Inicialmente, esta pesquisa foi pensada para ser realizada na modalidade de história de vida. Porém, ainda no início, percebi que deixar as pessoas à vontade para responder apenas com uma questão inicial, como propõe a modalidade de história de vida, poderia não funcionar ou, no mínimo, representar risco muito grande de não conseguir dar conta dos objetivos. Já se previa que seria necessária uma entrevista longa e, dadas as dificuldades de tempo e distância, não ser possível refazer. Pensou-se, inclusive, em mudar a maneira de fazer as entrevistas, minimizando as dificuldades para o entrevistado e entrevistador, tais como: abordagem direta, com mais pessoas envolvidas, menos perguntas e até perguntas diretas e objetivas sobre o que se queria saber, mas, tomando este caminho, seria outra pesquisa, com outros objetivos. Como abordar de forma direta e objetiva a questão sobre como, ao longo da vida, as pessoas se tornaram quem são?

Não parece possível, ou melhor, não parece ter uma resposta possível, fora da trama que representa a vida. Ou, quem sabe, teria uma resposta superficial, formulada em alguns minutos, mas não seria a pesquisa pensada inicialmente. Segundo Gonçalves e Lisboa (2007, p.84), a história oral trabalha com “o universo de significados, representações, crenças, valores, atitudes, aprofundando um lado não perceptível das relações sociais e permitindo a compreensão da realidade humana vivida socialmente”. É nesse universo que se imaginava encontrar as respostas para as perguntas feitas por esta pesquisa. A intenção, segundo Esquinsani (2012), ao ouvir uma pessoa é contribuir para sua própria constituição enquanto sujeito, com seu lugar social e com as relações e reações diante do fato relatado. E a entrevista

longa, detalhada foi pensada também para envolver entrevistados e entrevistadores de modo que pudessem, mesmo que momentaneamente, criar um vínculo e promover diálogo de fato entre eles. Assim, poderiam refletir sobre perguntas e respostas, mais do que preencher um questionário. Desde o início foi pensado fazer o que Oliveira, Et al (2009), diz sobre pesquisa em práticas sociais, ou seja, tentar assumir o lugar, procurando olhar, identificar e compreender os processos educativos pelos quais passou as entrevistadas.

1.2.1 Isso é somente uma canção, a vida, a vida realmente é diferente

A eleição dos sujeitos implicados na pesquisa, teve como premissa básica, que não é possível ouvir e entender todos os caminhos de formação de todos os tipos de trabalhadores da APS, isso seria muita pretensão e inviável no tempo desta pesquisa. A eleição dos sujeitos, teve como critério ideal e principal, o indivíduo reconhecido como sendo em seu cotidiano “comprometido com o cuidado voltado para emancipação do outro e a construção de uma sociedade solidária”.

Os critérios escolhidos foram:

Ter sua experiência profissional centrada na Atenção Primária à Saúde.

Aceitar participar de todas as etapas da pesquisa, inclusive da revisão da transcrição e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido⁶ (TCLE).

Responder o formulário preparatório inicial⁷.

A pesquisa nasceu do pressuposto de que entre os militantes da Educação Popular em Saúde, existem sujeitos que demonstram essas

⁶ O TCLE encontrar em anexo ao texto.

⁷ Pré-entrevista realizada no formulário Google Doc. Esta ferramenta funciona online, não tem custo financeiro e possibilita coletar informações de forma rápida, ágil e é de fácil manuseio. A parte inicial do formulário, juntamente com o TCLE pode ser visualizado online acessando: <https://docs.google.com/forms/d/1n5LFDySkcGcBsCiqk2BKdfB_7d_zXu2kCRDyWa2waN8/viewform> encontra-se disponível no anexo A.

características no seu cotidiano, embora entendendo que não apenas entre estes. Aceito sem dificuldade que existem diversas forma de entender o cuidado, a construção da emancipação do outro e de pensar uma sociedade solidária, porém não se trata de ouvir pessoas “comprometidas” de forma aleatória, mas de indivíduos identificados politicamente e afetivamente com os pressupostos da Educação Popular.

A identificação de pessoas para pesquisa aconteceu de três formas:

1. Indicados pelos participantes da lista da Rede de Educação Popular e Saúde (REDEPOP⁸), da qual também faço parte.
2. Indicados por pessoas ouvidas (efeito cascata).
3. Indicadas pelo autor da pesquisa.

Importante destacar que esta pesquisa não considera as pessoas identificadas como comprometidas com o cuidado emancipador e a construção de um mundo solidário como sendo “iluminadas”, “superpoderosas” ou “sobre-humanas”, mas pessoas, que apesar de normais, demonstram um compromisso especial com seu fazer.

Não foi pré-definida a quantidade de entrevistas, entendendo que isso ocorreria pela saturação das respostas. Mesmo levando em conta que, para essa modalidade de pesquisa, a ideia da “bola de neve”, ou seja, a noção de que em determinado momento as respostas se tornariam repetitivas e determinariam o número ideal de entrevistas, nem sempre ocorre, como diz Debert (1986).

1.2.2 Verdade

A história oral tem algumas particularidades que precisam ser observadas à luz da ética. Meihy e Holanda (2013), dizem que fazer história

⁸ Lista de discussão da Rede de Educação Popular e Saúde: <<https://br.groups.yahoo.com/neo/groups/listadaredeedpopsaude/info>> Acessado em: 07 jul. 2015.

oral é aceitar que ela representa o aqui e agora, que se utilizam equipamentos eletrônicos para registrar, mas que evolve além da fala propriamente, entonação, gestos, expressões omitidas ou emitidas, lágrimas, risadas, silêncios e que considerar tudo isso é um desafio. Também é assumir a subjetividade das histórias e que não se trata exatamente da “verdade vivida”, mas de uma versão desta ou, no mínimo, como esse viver cristalizou seu significado na pessoa entrevistada. Porém, a questão ética envolvida precisa ser “verdade”. Por isso tomei emprestado para essa discussão o título de uma das músicas mais conhecidas de Zeca Pagodinho: verdade.

Como se trata de uma apreensão em tempo real, com personagens vivas, até a história tomar sua forma final, geralmente em texto, mas não necessariamente, ela pode mudar. Essa é uma consideração ética porque, considerando essas características, a história oral, para ser ética, exige procedimentos diferentes de uma entrevista tradicional, como por exemplo, a exigência de submeter o resultado da entrevista, em forma de texto, na íntegra ou em partes, a aprovação do entrevistado, oferecer oportunidades às correções, modificações, novas explicações ou mesmo retirada de falas e omissão de situações.

Mais do que pôr ou tirar partes de uma entrevista, tudo deve ser negociado. Muitas vezes, coisas ditas em momentos inesperados ou como parte de uma narrativa ganham relevos diferentes quando vertidos do oral para o escrito. Caso haja necessidade e seja definida a relevância do que foi falado, recomenda-se um ambiente de camaradagem para a negociação.

O importante, em se falando de história oral e, sobretudo de ética em história oral, é que apenas o que foi aceito pelo colaborador deve ser considerado para a pesquisa, mesmo que seja uma entrevista anônima, o que nem sempre é necessário e recomendado nessa modalidade de pesquisa.

As pessoas entrevistadas, geralmente são denominadas de colaboradores, devem assinar, ao final, uma carta de cessão com especificações sobre o uso pleno ou relativo das falas. Outras considerações que os diretores da pesquisa devem observar:

Especificar onde serão guardadas as entrevistas gravadas e se serão ou não divulgadas na íntegra ou em partes.

Definir previamente onde será realizada a entrevista e qual será o tempo de duração e quem a fará. Recomenda-se que o diretor da pesquisa seja o entrevistador, mas isso nem sempre é o apropriado e, em último caso, deve-se observar o que se pretende com a pesquisa e se o envolvimento entre o entrevistador e o entrevistado pode ou não favorecer os objetivos. O fundamental é que o entrevistador seja preparado previamente para realizar a entrevista.

Deve-se dizer se a entrevista será analisada ou não. A decisão sobre fazer a análise tem a ver com os objetivos, havendo quem considere necessário e quem considera irrelevante.

Deve-se esclarecer se a entrevista será aproveitada na íntegra ou em partes.

Ao final, o resultado deve ser repassado para os colaboradores e definido se haverá desdobramento e/ou se a entrevista será utilizada apenas em um projeto ou em outros.

Deixar claro que nada será divulgado previamente sem expressa autorização dos colaboradores.

Meihy e Holanda (2013), ressaltam como muito importante, que seja determinado, previamente, qual a forma final do documento que será produzido, se texto ou vídeo, se será utilizado transcrição fiel ou transcrição e quais as etapas de elaboração que serão submetidas aos colaboradores.

A transcrição e a transcrição são procedimentos delicados porque podem mudar radicalmente o que foi contado nas entrevistas. Por outro lado, é importante ter em conta que “a oralidade quando vertida para o escrito congela a realidade narrada mudando a dinâmica original”, Meihy e Holanda, (2013, p.26). Essa mudança de dinâmica é inevitável e, algumas vezes pode causar estranheza no colaborador. Ele pode não identificar o que disse na transcrição, o que exige disposição para o diálogo e esclarecimentos de ambas as partes.

1.2.2.1 Achei vendo em você, e explicação nenhuma isso requer⁹

O conceito de transcrição é bastante conhecido por se aplicar em diversas modalidades de pesquisa que se utiliza de entrevistas. Transcrever é basicamente passar do oral para a escrita, o que nem sempre configura problema, quando se utiliza trechos das falas na pesquisa. Mas, Kermode, citado por Meihy e Holanda (2013, p. 135), diz que mesmo na transcrição não existe “verdade honesta”, pois “no minuto que se começa a escrever, tenta-se fazê-lo bem e escrever bem é uma atividade que não tem relação com a verdade absoluta”.

Em história oral recomenda-se que a entrevista “seja tratada na íntegra”, o que abre um problema adicional. Pode-se dizer que quase sempre uma transcrição literal é incompreensível, isso por que a fala é muito diferente do texto e, o que se vivenciou no momento da entrevista, não tem como ser transcrito na íntegra, principalmente considerando que não é só a “boca” que fala, mas todo o corpo. Por isso, a transcrição é um fundamento-chave para a história oral.

Transcriar é basicamente transformar o que foi falado pelo entrevistado em um texto escrito de forma compreensível. O objetivo não é mudar o que foi falado, mas melhor comunicar o que pretendia dizer. Enfim, a fala, ao ser vertida para escrita, geralmente perde seu sentido original e precisa ser reelaborada. Essa reelaboração recebe o nome de transcrição e tem os objetivos de comunicar melhor o sentido e a intenção do que foi registrado. A metáfora da água que se transforma em vapor, parece apropriada para explicar a transcrição: o vapor tem outra forma e é vivenciada de modo bem distinto do líquido, mas não deixa de ser água.

Segundo Meihy e Holanda (2013), o senso estético encontra abrigo e aproximação entre literatura e história oral. Há quem sugira essa proximidade

⁹ Esse verso da música, Pra você guardei o amor, de Nado Reis, utilizada como título, parece perfeito para falar de transcrição. A ideia é que a transcrição possibilite encontrar no outra as explicações.

entre história oral e literatura para depreciar essa modalidade de pesquisa e há os que preferem ver nisso um elogio.

1.2.3 E o que ela descobriu, eu aprendi também, eu sei¹⁰

Para melhor desenvolver o questionário de entrevista com todas as especificações e rigor de detalhes citados por Meihy e Holanda (2013), foi elaborado um formulário para colher informações básicas sobre as entrevistadas: idade, profissão, tempo de formada, entre outras. Essas informações, embora não sendo as mais relevantes para a pesquisa, serviram de subsídios para melhor direcionar e personalizar a entrevista principal. Esse procedimento foi realizado na plataforma de formulário do Google Drive¹¹. Antes das primeiras entrevistas, este formulário foi testado e aprimorado. Participaram dos testes 10 pessoas. As respostas possibilitaram entender e realizar diversas alterações no formulário, antes de iniciar a pesquisa propriamente dita. Foi a partir desse formulário que elaborei os questionários detalhados das entrevistas.

O roteiro foi realizado com riqueza de detalhes. Trago aqui um trecho para ilustra a fala, uma vez que nenhum deles será publicado, nem mesmo em anexo, pois a riqueza de detalhes identificaria as entrevistadas:

Pergunta 21: você disse: “Também pensei em fazer Agronomia porque acompanhava meu pai em extensão rural, achava divertido”. Foi só por que achava divertido ou também porque era a profissão de seu pai?

¹⁰ E o que ela descobriu, eu aprendi também, eu sei: emprestado da música, Ainda é cedo, da Legião Urbana.

¹¹ **Google Drive** é um serviço de armazenamento e sincronização de arquivos. O Google Drive abriga agora o Google Docs., um leque de aplicações de produtividade, que oferece a edição de documentos, folhas de cálculo, apresentações, planilha e formulários online. O Google Drive baseia-se no conceito de computação em nuvem, pois o internauta poderá armazenar arquivos através deste serviço e acessá-los a partir de qualquer computador ou outros dispositivos compatíveis, o que facilita o trabalho colaborativa entre pessoas que não estão no mesmo ambiente.

Observação do roteiro: explore isso: ela vai oferecer oportunidades de falar sobre a relação com o pai, mas caso não, leve em conta que mexer com terra não é só a profissão do pai dela é a vida dele. Poderia questionar: agronomia era mais do que uma profissão para seu pai, não era? Será que esse interesse por agronomia tinha mais a ver com o interesse de seu pai, do que propriamente com os seus? Mas faça estas questões apenas se ela não falar espontaneamente.

Essa riqueza de detalhes, como menciona Meihy e Holanda, parece ter funcionado. Uma das entrevistadas disse, em certo momento da entrevista: “ele já sabia o que eu ia responder” e solta uma gargalhada longa seguida pela entrevistadora.

A entrevista foi realizada nas seguintes fases:

Primeira fase – contato com o sujeito e sua vivência profissional.

O primeiro contato com as entrevistadas, após as indicações, foi por e-mail, convidando-as a participar da pesquisa. Nessa fase, foram listadas 11 pessoas, sendo três a partir do meu conhecimento pessoal, mas respeitando os critérios estabelecidos e as outras nove, por indicações de pessoas da Rede de Educação Popular e Saúde e das próprias entrevistadas na fase inicial, ou seja, no preenchimento do TCLE e do formulário inicial de pesquisa no Google doc. A última questão deste formulário era: aceita contribuir com a pesquisa indicando e/ou entrevistando outra pessoa que considera compromissada com o cuidado emancipador e a construção de um mundo solidário?

Nem todas as pessoas fizeram indicações e outras fizeram mais de uma. Inicialmente, imaginei que haveria um grande número de indicações e que seria interessante a pessoa não apenas indicar, mas contribuir entrevistando a pessoa que indicou. Uma, das quatro entrevistadas, dispôs-se a fazer essa entrevista, mas acabou não acontecendo, principalmente porque o indicado não chegou a se posicionar em tempo sobre sua disponibilidade.

Das 11 pessoas indicadas inicialmente, apenas duas responderam o formulário. Diante da pequena resposta, outras mensagens foram enviadas. Utilizou-se e-mail, contato via redes sociais e pessoalmente, em um evento da Rede de Educação Popular e Saúde em João Pessoa, no final de 2014. Das nove pessoas que foram indicadas inicialmente, seis se comprometeram em preencher o formulário, quando tivessem tempo, mas não o fizeram a

tempo de entrar na pesquisa. Outras três não se manifestaram, mesmo sendo contatados, inclusive pelas pessoas que as indicaram. Ao final apenas quatro entrevistas foram realizadas.

O aceite em participar da pesquisa era confirmado a partir do preenchimento do formulário inicial, do qual já constava o TCLE, previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFPB.

Segunda fase – audição das gravações, visualização em vídeo, transcrição das entrevistas, sinalização de temas mencionado pelas entrevistadas. Essas três etapas foram realizadas de forma mais ou menos simultâneas, ou melhor, de forma interdependente uma da outra. As audições do arquivo em áudio e as visualizações do arquivo em vídeo, foram necessárias para melhor compreender o que diziam e, especialmente, o que queriam dizer. Todas as transcrições e transcriações foram realizadas por mim e apenas quando estava seguro sobre o que havia ouvido e visto, de modo que ao realizar as transcrições, os sentidos das falas já eram familiares, bem como os temas abordados. Nenhuma transcrição foi iniciada com menos de três audições completas e outras parciais, tendo uma delas sido ouvida cinco vezes. Esse cuidado foi tomado para minimizar interpretações superficiais do que as entrevistadas queriam dizer. Esse método facilita as transcrições e as posteriores transcriações.

1.2.3.1 Dos versos que eu fiz, ainda espero resposta...¹²

As entrevistas foram realizadas com auxílio de outras três entrevistadoras orientadas para essa função. Meihy e Holanda (2013), dizem que, a abordagem em história oral temática, deve basear-se em questionários,

¹² O que se espera quando se faz um questionário é a resposta. Também que se tenha feito as perguntas de modo acertado para obter as respostas apropriadas. Esse é o dilema da música cantada pelo Skank, Resposta. Por isso pareceu apropriada para o título desta discussão.

que os entrevistadores devem ser preparados com o máximo de informações possíveis, a respeito dos assuntos e dos entrevistados. Isso foi feito. As entrevistas foram realizadas a partir de questionários detalhados, porém deixando espaço para incluir improvisos/imprevistos a partir do que as entrevistadas manifestavam e da interação entre entrevistadoras e entrevistadas.

As entrevistadoras foram preparadas de forma individualizada, assim como cada um dos questionários. Todas as entrevistadoras tiveram orientações sobre os objetivos da pesquisa e a forma como deveriam proceder durante as entrevistas, inclusive sobre como proceder frente a possíveis respostas, situação orientada verbalmente, além de sinalizadas por escrito no roteiro de entrevista.

As entrevistas não foram realizadas pessoalmente por se tratar de uma pesquisa em âmbito nacional e realizada sem financiamento e, sobretudo pelo tempo necessário para alcançar todas as pessoas envolvidas. Duas entrevistas foram realizadas em João Pessoa, durante evento de Educação Popular em que ambos estiveram presentes, sendo que uma dela fiz pessoalmente. Das entrevistadas em João Pessoa, uma mora no Sul e outra no Centro-Oeste. As outras entrevistas foram realizadas nas cidades onde as entrevistadas moram, uma no Nordeste e a outra no Sudeste.

A preocupação inicial, quanto a trabalhar com outras entrevistadoras, era em relação ao envolvimento necessário entre entrevistadora e entrevistadas. Temia que elas pudessem apenas seguir os questionários sem interagir com as respostas, mas não houve esse problema. Ao assistir os vídeos foi possível perceber que houve interação. Acredito que isso foi possível, não apenas pelo fato de três das quatro entrevistadoras já conhecerem as entrevistadas, mas pela identificação entre elas. Todas as entrevistadas são militantes da Educação Popular em Saúde.

Todas as entrevistadas puderam escolher onde queriam ser ouvidas, qual a duração de cada sessão, como orientado pela metodologia da história oral. Duas entrevistadas preferiram falar em duas sessões e dias diferentes e duas finalizaram no mesmo dia.

Interessante observar que as entrevistas mais longas foram realizadas de uma vez, o que pode ter facilitado a interação entre entrevistada e entrevistadora, condição que Spindola e Santos (2003), consideram essencial para o bom resultado. As duas entrevistas feitas em única sessão, foram as realizadas em João Pessoa, aproveitando um evento de educação popular em saúde, ao qual compareceram. Portanto, havia grande dificuldade em fazer isso em duas sessões. Porém, não se verificou diferença na profundidade das respostas, nem mesmo na entrevista que fiz pessoalmente.

1.2.4 Assassinaram a lógica Ohh! Meteram poesia, na bagunça do dia-a-dia¹³

Apesar da pretensão inicial de ser fiel ao que as entrevistadas disseram, percebi que não existe fidelidade absoluta em transcrição e transcrição. Além disso, as lembranças, no caso das histórias narradas, não são exatamente o que viveram, mas a forma como lembram do que viveram, como diz Minayo (2010) e Meihy e Holanda (2013), entre outros, o que é bastante subjetivo. Para realizar a transcrição foi necessário acrescentar alguns elementos que não foram ditos, alguns termos para fazer ligação entre uma pergunta e outra e/ou entre uma época e outra. Foi necessário alterar palavras com o intuito de ser fiel ao sentido das falas e, ao mesmo tempo, evitar que as entrevistadas fossem identificadas.

Outra preocupação, ao fazer a transcrição, foi facilitar a leitura e compreensão das histórias, uma vez que há compreensão diferente ouvindo ou lendo algo.

¹³ Esse título foi retirado da música, Assassinaram a gramática, do Paralamas do Sucesso. Nela, falam dos arranjos poéticos ou da licença poética que permite inverter ou subverter a lógica e a gramática. O que é apropriado neste trecho que discute os arranjos necessários para dar sentido as transcrições.

Foram cortadas situações, nomes, lugares e descrições detalhadas e fiéis de algumas passagens para evitar que as entrevistadas fossem identificadas. Também foi mudada a cronologia da entrevista e assuntos foram agrupados para facilitar o entendimento do leitor. Não fiz uma transcrição literal das falas, mas rigorosa do ponto de vista do que disseram ou, no mínimo, do que interpretei do que queriam dizer. Para evitar equívocos, os textos foram submetidos às entrevistadas antes de iniciar a análise dos dados. Em alguns casos o texto foi revisado mais de uma vez, até que se reconhecem nele, o que já era previsto no TCLE. As entrevistadas puderam rever falas, corrigir equívocos, cortar passagem que não gostariam de ver publicadas, seja porque pudesse as identificar, ou por quaisquer outros motivos. Todas as alterações, mais do que estéticas, no sentido de construir uma narrativa interessante, teve a intenção de ser fiel ao que a entrevistadas queriam expressar, ou no mínimo, ao que interpretei do que queriam dizer.

Importante ressaltar, que esta pesquisa também pretende ser um reconhecimento e uma homenagem às pessoas entrevistadas. Gonçalves e Lisboa (2007, p. 84), dizem que “O método da história oral utiliza diferentes técnicas de entrevista para dar voz a sujeitos invisíveis e, por meio da singularidade de seus depoimentos, constrói e preserva a memória coletiva”. Minayo (2010), fala que a história oral possibilita acessar experiências não documentadas, explorar aspectos que raramente são registrados. As mulheres entrevistadas não podem ser descritas como invisíveis. Elas terem sido indicadas por seus colegas para a pesquisa demonstra isso. Mas, ainda persiste certa invisibilidade na APS como um todo e/ou fora do grupo da educação popular em saúde. Além disso, suas vivências são pouco documentadas.

As entrevistadas foram comunicadas de que a análise dos dados seria feita a partir da transcrição revisada por elas, que seria publicada tal qual lhes foram apresentadas e apenas depois de assinada a carta de aceite e cessão de direitos. Duas delas expressaram imediata satisfação com os textos e inclusive sentiram-se homenageadas por eles. Por e-mail disseram: “Oi amigo, ainda emocionada te envio minha revisão da entrevista. Destaquei

em azul as alterações e adições e em vermelhos os meus comentários. [...] Qualquer coisa estamos aí!!! Mais uma vez obrigada.

“Oi, amigo, obrigada pela delicadeza do texto. Está tudo muito bem feito e só fui fazendo os ‘pitacos’ de data”.

Outra entrevistada sentiu-se incomodada com a transcrição e pediu algumas alterações, que em princípios não ficaram claros os motivos, porém, após diálogo, dúvidas de ambas as partes foram resolvidas. No final deste processo, ela disse:

Ernande
 Agora, mais tranquila...rs
 Fiz poucas modificações e acho que agora, sim, é definitivo!
 Coloquei grifado o que gostaria que saísse por passar uma imagem que talvez não seja.
 Coloquei em negrito o que gostaria que entrasse por explicar melhor ou deixar mais claro.
 E é isso...
 Gostei mais do que li, agora. Acho que, na verdade, o incômodo é pela surpresa de nos vermos assim, tão relaxados falando de coisas tão fundamentais...
 Obrigada pelo respeito!
 Obrigada pela escolha!
 Obrigada pela atenção!
 Obrigada pelo carinho!
 Beijo

Essa fase foi importante, não apenas para que as entrevistadas pudessem verificar a autenticidade do que falaram, mas também para tirar dúvidas que apareceram após a transcrição e a transcrição. Um exemplo de dúvida que permaneceu após a transcrição e foi questionado na revisão das entrevistadas:

“Foi para [determinado país] fazer [estudar] porque não conseguia trabalhar ou já era plano? Posso dizer que saiu do Brasil por causa das portas fechadas pela ditadura?”

Junto com a transcrição foram apresentadas novas perguntas, desta vez por escrito, por exemplo: “Foi expulso por ser revolucionário? Poderia explicar isso um pouco melhor?”

Em pouquíssimos trechos a transcrição e a transcrição foram questionadas, porém, não exatamente por escrever errado o que havia sido falado, mas por causa da mudança da ordem em que foi narrada, mudança e/ou omissão de nomes originais de lugares, situações, instituições, cursos, que poderiam levar a identificação das entrevistadas.

Uma das entrevistadas voltou atrás em uma opinião dada na entrevista, pois era situação que estava vivenciando no momento e pediu para mudar a fala, o que é coerente com o método, pois se mudou o contexto em sua vida, muda-se a fala. Arrisco dizer que, dado o tamanho dos textos, entre 15 e 20 páginas, quase três horas de transcrição e transcrição, o número de correções e alterações solicitadas pelas entrevistadas, ficou abaixo do que esperava.

Três, das quatro entrevistadas, contribuíram com novas falas, novas interpretações, preencheram as lacunas apresentadas na primeira versão do texto transcrito e aprovaram o texto antes do início da análise. Esse processo foi realizado através de correspondência eletrônica. Uma das entrevistadas trabalhou no texto três vezes, antes da banca de qualificação, demonstrando generosidade e desprendimento de tempo, além de compromisso com o aprimoramento das informações.

Esse processo exaustivo e exigente foi um dos motivos de uma das quatro entrevistas não ter permanecido até o fim na pesquisa. A partir da revisão da transcrição e transcrição, ela manifestou preocupação com as exigências metodológicas e com a possibilidade de ser identificada. O diálogo aconteceu normalmente por correspondência eletrônica. A entrevistada do Sudeste, embora demonstrando evidente desconforto, ainda se dispôs a continuar o processo, porém achei que seria melhor excluí-la, porque além da dificuldade de tempo para revisão, que não tinha sido concluída em definitivo, haveria a banca de qualificação e, possivelmente o pós-banca. Outro motivo, foram as particularidades relevantes em sua história de vida, que mesmo omitindo nomes, lugares e épocas, poderiam identificá-la.

Embora a sua entrevista, tal qual às das outras três, tenham sido de uma riqueza única, excluí-la não prejudicou as conclusões, uma vez que o depoimento, embora trazendo novas nuances individuais para os problemas pesquisados, como por exemplo, situações vivenciadas em uma época diferente e em uma família de origem e religião diferente das outras três pessoas, efetivamente não divergia das informações já citadas.

Importante ressaltar, com relação às entrevistas, que a ideia da “bola de neve”, já prevista como problemática na modalidade de história oral,

realmente o foi. Embora as quatro entrevistadas praticamente confirmassem um a fala da outra, sem acrescentar informações “muito diferentes”, não foi possível perceber claramente a saturação proposta pela “bola de neve”, mas que era possível ir mais além, explorar e confrontar afirmações de modo a aprofundar compreensões e mesmo adicionar outras entrevistadas. O que não era viável, pelo tempo necessário, dificuldades em trabalhar com entrevistas longas, além de não ser fácil encontrar pessoas dispostas a participar de tão exigente e longo processo.

Importante ressaltar que todas as transcrições foram reformuladas após a banca de qualificação e revistas pelas três mulheres novamente.

1.2.2 Meus passos, uma somatória

No caso desta pesquisa, não se pode considerar que a análise é apenas o que foi feito a partir da seleção e definição dos temas a serem trabalhados à luz das discussões teóricas, mas um elemento a mais. Entendo que, por causa do tema, do método de coleta de dados, da forma como estes foram apresentados, a análise é tão somente uma somatória ao que foi bastante rico nas transcrições. Por isso, tomei emprestado os versos da música, *Nesse meu olhar*, do grupo *Inocentes*, como título.

A partir das audições, visualização em vídeo, elaboração da transcrição e da transcrição, todos os temas que pareceram relevantes foram agrupados em uma tabela. Passaram por decomposição detalhada, reagrupamento e/ou nova decomposição em novos temas, até constituírem unidades significativas do discurso das entrevistadas. Não se partiu de nenhum tema a priori, todos surgiam das entrevistas.

Como se trata de uma pesquisa em profundidade com longas entrevistas, não foi possível trabalhar da mesma forma todos os temas que emergiram, porém, optou-se por discutir o maior número possível, entendendo que em alguns casos, a discussão é apenas introdutória, necessitando aprofundar as reflexões.

Os temas destacados para serem analisados, foram submetidos a um debate no Grupo de Pesquisa em Educação Popular em Saúde, que contribuiu problematizando seus significados, oferecendo novas abordagens, novos temas e também com o método de análise. O último passo tratou-se de um movimento circular que foi do empírico ao teórico e vice-versa, buscando a riqueza do particular e do geral.

Todas essas etapas são partes importantes do esforço de entender as informações encontradas nas entrevistas e inferi-las a um contexto maior.

1.3 TANTA HISTÓRIA PRA CONTAR NAS QUAIS SE CONTA O QUE SE SENTE

Neste capítulo vou apresentar as transcrições realizadas a partir das entrevistas e das transcrições. Foram ouvidas quatro mulheres, de quatro regiões diferentes do Brasil: Sul, Sudeste, Centro Oeste e Nordeste, porém, apenas as histórias de três delas serão apresentadas, conforme já explicado no trecho relativo à coleta de dados.

Das três mulheres que ficaram, todas têm profissões diferentes, assistente social, médica e psicóloga. O fato de todas serem mulheres, de regiões e profissões diferentes, não foi planejado. Várias pessoas, de ambos os sexos e diferentes regiões e profissões, identificadas com os critérios eleito para a pesquisa, foram convidadas, mas apenas essas responderam o formulário preparatório, condição essencial para participar da pesquisa. Embora não fosse intencional, o fato de apenas mulheres responderem a pesquisa, deu um viés de gênero interessante, até porque na área de saúde, hoje, as mulheres são maioria em quase todas as profissões.

Estou apresentando as transcrições completas e não apenas fragmentos, por considerar que recortes em falas, frases, parágrafos, conforme procedimento comum em pesquisa, não daria a dimensão que se pretende nesta pesquisa. Além disso, Meihy e Holanda (2013) alertam que os resultados das entrevistas devem ser tratados na íntegra e apresentados,

quando não no corpo do trabalho, em anexo ou indicado onde podem ser lidos na íntegra. Schleiermarche (1999) diz que o sentido do particular é sempre resultante do todo, o que reforça a decisão de apresentar as transcrições completas antes de iniciar a análise dos achados. Konder (2008) diz que o ser humano precisa ter certa visão de conjunto e, a partir dela, avaliar a dimensão de cada elemento do quadro. Essa visão de conjunto é justamente o que se pretende ao apresentar as transcrições na íntegra. Além disso, era intenção apresentar as histórias dessas mulheres de forma tão completa quanto possível, no contexto da pesquisa.

Não tenho a pretensão de conseguir trazer nestas transcrições tudo o que foi relatado nas entrevistas, mas o máximo possível. As redundâncias, tão comuns da oralidade, foram cortadas, sempre que não interferiam no entendimento do que se pretendia comunicar. Foram, na medida do possível, agrupados temas dispersos, que é uma característica da oralidade, mas isso só aconteceu quando não mudavam o contexto da fala.

Não será possível analisar todos os temas e todas as possibilidades apresentadas. Reconheço que estou fazendo apenas meu possível neste momento, seja pelas minhas limitações como pesquisador, seja pelo tempo despendido para a realização da dissertação. Por isso, penso que apresentando as transcrições na íntegra, possibilito que, havendo desejo, outros pesquisadores possam oferecer outras possibilidades de análise.

As transcrições são os resultados do processo que começou com a elaboração do roteiro de entrevista, passou pela transcrição, apresentação dos resultados para as entrevistadas, correções, mudanças, supressão e acréscimos como resultado da “negociação” do texto final. Por fim, foram consideradas as sugestões realizadas pela banca de qualificação do mestrado. Por conta disso, é importante destacar que apenas as frases entre “aspas” são literais, pois foram escritas pelas próprias entrevistadas no formulário inicial e/ou nas revisões do texto que realizaram em correspondência eletrônica. Porém, nem todas as falas literais foram possíveis usar, isso por conta da opção narrativa.

As falas apenas com travessão (-), embora fiéis ao que disseram, são transcrições. Falas com travessão e aspas são literais. Frases entre aspas, mesmo em trechos do narrador, são literais.

Evitou-se ao máximo a realização de comentários nas transcrições, porém, foram realizados quando necessários para contextualizar o sentido das falas. Situações observáveis no áudio e vídeo, tais como: expressões faciais, entonação de voz, pausas significativas, movimentos, só foram descritos quando considerados importantes para entender o sentido do que se estava falando. Para não confundir as falas das entrevistadas com os comentários, esses foram feitos em *itálico*.

1.3.1 Mara

Quando trabalhei na Bahia, fiquei encantado com a postura da equipe da Secretaria de Saúde. Foi esse encanto que me levou a integrar a Gerência de Atenção à Saúde. Primeiro, conheci as pessoas com quem trabalharia diretamente, as que me convidaram e apresentaram ao grupo. Elas explicaram o que pretendiam na cidade, suas utopias, projetos, metas, sonhos de uma sociedade mais justa, que segundo elas, este grupo estava ajudando a construir. Por fim, frisaram que não estavam me oferecendo só um emprego, mas uma oportunidade para fazer parte disso. Acreditei!

Mara¹⁴ era parte desse grupo. Uma mulher de cara alegre que circulava com extrema agilidade por toda parte, parecia que se materializava do nada nos lugares. Estava em toda parte, em toda roda, não importava o assunto. Mas ela “não dava ousadia”, para usar uma expressão dela mesma, não se aproximava e nem deixava se aproximar fácil. Parecia estar sondando, investigando se valia a pena o encontro. Aos poucos, foi confiando...

¹⁴ Nome fictício escolhido de forma proposital para lembrar Maravilha.

Um dia, fiquei sabendo de uma situação complicada, com uma usuária do CAPS, ou melhor, de uma senhora que deveria ser atendida pelo CAPS, mas não era. Aliás, não era atendida pelo CAPS, a equipe de ESF não sabia que ela existia, o serviço social a ignorava, o conselho tutelar havia desistido do caso. Uma coordenadora de um desses serviços chegou a dizer: “a paciente não adere ao tratamento”.

Enfim, todo o complexo de assistência pública já havia lavado as mãos, menos uma vizinha que certo dia “bateu à porta da coordenação do serviço”.

- Mas, rapaz!

E aí começou esta história que ainda não acabou...

Conversamos! Mara convocou uma reunião com todos os órgãos de assistência que estavam falhando no cuidado desta mulher. Juntos, tentamos fazê-los entender que “a paciente” não tem que aderir ao tratamento, mas a equipe sim.

O problema exigia muito jogo de cintura, muita fé, muitas frentes de ação, vencer muito descaso, preconceitos, sensos comuns perigosos, e nesse processo, um pouco de sua história tão intensa foi se revelando. Algumas coisas estão nestas breves páginas, outras tantas podem ser adivinhadas ou imaginadas sem grandes dificuldades.

Importante destacar que essa descrição inicial, tão diferente das outras duas entrevistadas, deve-se ao fato de que essa pesquisa começou a nascer a partir de Mara, ou melhor, a partir deste grupo de gestores do qual Mara era parte nesta época.

Mara está solteira, não tem filhos. Tem 37 anos, é formada em Psicologia desde 2005, tem “Especialização em Saúde Pública com ênfase em Estratégia Saúde da Família (ESF)”, outra, em Saúde Mental e outra em Gestão em Saúde. Em janeiro de 2014 assumiu o concurso público para trabalhar 20 horas semanais:

- É a primeira vez que vou trabalhar como gente normal, brinca!

Desde o final de 2011, está prometendo à família que irá parar um pouco, que irá priorizar o cuidado com a saúde, mas sempre acontece alguma coisa que a impede, que vira prioridade. A preocupação da família se justifica porque aos 32 anos, em 2010, Mara teve um câncer de mama. Foi uma

surpresa, um baque inesperado, mas manteve-se firme, apesar de não compreender o que Deus queria dizer com aquilo. Ficou em pé, inclusive continuou trabalhando durante o tratamento. Nessa época, trabalhava em uma ilha na região metropolitana de Salvador. Às vezes, entre uma reunião e outra, parava, pegava a balsa, atravessava a baía que separava as duas cidades, fazia a radioterapia e voltava.

- “Se eu não trabalhasse seria o quê, só o câncer?”

Mas não pode manter o ritmo de antes da doença, precisou desacelerar um pouco, inclusive mudar de setor e de função. Na época, era coordenadora do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) desta ilha. Adorava o que fazia, porém, o contato com os doentes não era aconselhável em sua condição. Por causa disso passou a trabalhar na gestão, como assessora do recém empossado secretário de Saúde da cidade. Foi neste momento que conheceu o grupo com quem tem trabalhado desde então e dividido sonhos, utopias, objetivos, metas, militância em torno da ideia de construir uma sociedade mais justa.

Em certo sentido, o câncer foi libertador e melhorou Mara como pessoa, como profissional do SUS. Com ele passou a conhecer os dois lados, a teoria e a prática, a visão da gestora e da usuária do serviço. Antes, achava que se uma pessoa tinha câncer, bastava dar a Van para levá-la à quimioterapia, ser atento e humanizado, fornecer informações relevantes e precisas, porque é o “fim da picada” o usuário ficar andando de um lado para o outro, não ter boas orientações. Resolvendo isso, estava tudo certo, era o necessário e bastava. Porém, sentindo na própria pele o que é ter uma doença tão séria e debilitante, física, emocional e moralmente, percebeu que tudo que se faz, nos casos de câncer, mas não apenas neles, pode ainda ser pouco. Não é exatamente a estrutura que faz a diferença no tratar com as pessoas, não é o ser educado, dar as informações, o transporte, que apesar de tudo que se faz, que se dá, ainda é pouco. Que é possível ser barreira de acesso com muita educação.

- O que faz a diferença é a disponibilidade, é tomar cuidado com os buracos da estrada, ser mais compreensiva, solidária. Você sabe que a pessoa está fraca, e se em sua sala só tem uma cadeira, então levanta, cede seu lugar, mesmo que tenha que ficar em pé.

Agora chegou o momento, finalmente, de parar um pouco. Iria assumir o concurso na capital e trabalhar apenas 20 horas semanais. Não era o mais profundo desejo de seu coração, mas era o que precisava ser feito, o que vinha prometendo para si mesma, para a família, os amigos. Mas, no intervalo entre deixar um trabalho e iniciar outro, Mara recebeu convite para coordenar, no estado, um curso voltado à inserção da saúde mental na atenção básica. Curso ofertado pelo Ministério da Saúde aos Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Como recusar uma proposta que fazia parte de seus sonhos desde sempre para o SUS?

Além disso, a proposta financeira era quase irrecusável. Trabalharia 40 horas e receberia uma bolsa de pesquisa com o dobro do valor mensal que recebia anteriormente na gestão, e quase três vezes o valor do que receberia assumindo o concurso de 20 horas. Mais uma vez Mara adiou o cuidado que precisava ter consigo mesma.

Apesar desse projeto ter sido como pensava, de ter podido contribuir com algo que acredita profundamente, ou seja, que os problemas de saúde mental pudessem ser reconhecidos como do âmbito da ESF; mesmo Mara não tendo perdido a empolgação inicial e continuar vendo nele possibilidades de contribuir para a visibilização do indivíduo com problemas psiquiátricos na ESF, não pode permanecer por muito tempo. Ficou no projeto apenas oito meses.

A verdade é que Mara nem deveria ter começado essa empreitada! Mas como resistir a uma proposta que mobilizava todo seu ser, que despertava sua curiosidade, paixão pelo tema, que desafiava suas convicções e, ainda por cima, representava um ganho financeiro que nunca tivera antes?

No SUS tem gente que trabalha demais enquanto outros nem tanto. Mara era do grupo que trabalha demais, chegou durante muito tempo a trabalhar 60 e até 70 horas semanais.

- Não consigo separar quais são os meus sonhos profissionais dos sonhos pessoais. Sou uma pessoa só. Não tenho como separar o que sou no trabalho do que sou na vida pessoal.

Algumas vezes se questionou se valia a pena tanto sacrifício, ao mesmo tempo pensava:

- “Se a gente não fizer isso, a Dona Maria, sem dente, vai contar com quem?”

A família de Mara nem sempre aceita seus argumentos, porque não compreendem que essa luta não é só dela, que há um grupo e que Mara precisa ser fiel a ele.

- Se eu saio, alguém vai ter que fazer sozinho, diz Mara com convicção.

A solidariedade, o companheirismo, a amizade, a certeza de que não se trata de uma luta solitária, que não está sozinha neste caminho, aliados à certeza de que existe um SUS que dá certo e pode ser visto todo dia, não lhe deixam fraquejar, não deixam desistir. Além disso, sabe que essa luta não é de curto prazo e exige persistência e militância.

- O usuário fica grato com pouca coisa, o usuário da Saúde Mental, mais ainda. Basta que você apenas trabalhe, não precisa fazer nada além.

Há muita gente trabalhando, acreditando, dedicando-se às pessoas no SUS, mas esses trabalhadores não têm a devida valorização. Há também outros que estão acomodados, que não estão dando tudo que podem e deveriam e, muitas vezes, os bons e os não tão bons são tratados da mesma maneira. O trabalhador que se doa com paixão nem sempre é valorizado pela gestão, pelos colegas, pelos usuários, nem social e menos ainda financeiramente. Mas existe a satisfação pessoal de ser reconhecido por alguns: colegas, gestores diferenciados e, principalmente pela população que mais precisa.

Esse compromisso com seu grupo, com os colegas, com os usuários, esse respeito e responsabilidade com o que faz, Mara sempre teve.

- Aprendi na família que sempre devo fazer o melhor e levei isso para o SUS. Talvez essas pessoas que não fazem desta forma, talvez seja porque não tiveram as mesmas oportunidades que eu de aprender com a família, nem na graduação. Somente a graduação não ajuda na formação do compromisso. A gestão poderia fazer isso pelo trabalhador, mas também não faz.

Finalmente, depois de muita insistência, Mara ouviu sua família.

- Parei, tinha que parar!

Iria comprometer a saúde se continuasse, se ficasse pensando no quanto estava ganhando. Acabaria se comprometendo com o consumo, correndo o risco de se corromper.

- “Estou neste trabalho há pouco tempo, iniciei na função em janeiro de 2014”. Entre minhas funções estão a de ser referência para as áreas técnicas de planejamento, monitoramento e avaliação. Estou muito interessada e atualmente me encontro onde gostaria de estar. Posso, até que enfim, aproveitar as coisas simples da vida, como pagar as contas, cuidar da casa, ler, visitar os amigos, os sobrinhos, cuidar do corpo, fazer pilates, Yoga, drenagem linfática...

Quando Mara finalmente tomou a decisão de deixar seu grupo de trabalho, de amizade, de militância, hora que era inevitável chegar, foi muito difícil, haja vista todas as idas e vindas e o tempo que levou para concretizar. Neste momento precisou mais do que a autorização, precisou ser encorajada, “meio que ser expulsa” pelos colegas.

- Mas não me senti abandonando o barco, apenas dando um tempo.

Antes de continuar essa história, vamos dar um salto no tempo para melhor entender de onde vem esse modo de ser que Mara demonstra hoje. Depois voltamos.

Desde criança, Mara é estudiosa, mas nunca deixou de se misturar com todos. “Estudar era um valor familiar, estudar nunca foi um peso, mas uma diversão”. A avó materna era analfabeta e muito pobre, mas tinha consciência de que era a educação que mudaria socialmente a vida da família e efetivamente mudou. Da geração da mãe às seguintes, todos estudaram e passaram em frente a consciência de que precisavam fazer mais do que a avó fez, já que estavam em melhores condições. A mãe e as tias, e quase toda família são professoras. O pai fez seminário e frequentava as universidades durante o movimento estudantil para chamar os estudantes à luta. Ele não concluiu nenhum curso, embora por muito tempo Mara tenha acreditado que ele era formado: sociólogo, historiador ou filósofo, tamanho era o conhecimento que possuía.

- Meu pai participou da luta pela democracia no Brasil, mas não sei dizer se pegou de fato em armas, mas pelo que conheço dele, acho bem provável que sim.

O pai foi preso político por dois anos, entre os 19 e os 21 anos. Foi onde a mãe de Mara o conheceu, durante visita em que acompanhava uma amiga que fora ver o namorado.

- Muitos princípios políticos que tenho hoje, essa postura frente ao mundo, de me revoltar com injustiças, de ser solidária, vem de meu pai.

Mara cresceu ouvindo seu pai contar histórias sobre lutar contra as injustiças, de não se corromper, de lutar contra o sistema. Contava sobre sua luta contra a ditadura. As histórias que embalavam o sono de Mara e das irmãs, para ter uma ideia, era Pedro Pedreiro e Gení e o Zepelim¹⁵. Hoje ela diz que apenas dá continuidade a essa luta no SUS que aprendeu com seu pai. Acha, inclusive, que é bem mais fácil, por ser uma luta ideológica, enquanto a do pai foi também corporal.

- “Em momentos em que sentia o peso desta luta ideológica [no SUS] e pensava em desistir, lembrava de meu pai e de todos os que lutaram para que hoje eu pudesse usufruir de liberdade. Nesse momento, o que parecia pesado, árduo e difícil, ganhava leveza”.

Em casa, na relação com vizinhos, amigos, conhecidos, babás e empregadas, Mara lembra-se de ver os pais dando oportunidades às pessoas para estudar, crescer e mudar de vida. Isso apesar da vida financeira da família ser instável. O pai não tinha muito planejamento com dinheiro, não pensavam muito em longo prazo. Quando criança, Mara não conseguia entender o que acontecia. Durante sua infância e adolescência, viu o pai trabalhar em diversas coisas: com marmoraria (no tempo em que cacau era ouro na Bahia), mas depois quebrou. Por um tempo, trabalhou tocando obras em prefeituras do interior do estado e viajava muito, ficava fora de casa 10 a 15 dias. Só recebia quando acabava o serviço e gastava tudo de uma vez. Em um momento podíamos ter tudo: tomar iogurte, vestir as melhores roupas,

¹⁵ Música de peças de Chico Buarque. O pai de Mara, contava as histórias das letras da música como se fossem reais, depois concluía contando as músicas.

morar nos melhores bairros, ter os melhores carros e em poucos meses, não ter nada: ter que vender o carro, mudar de casa, de bairro. Acredita que essa instabilidade financeira, essa forma de levar a vida de seu pai, entre outras questões de relacionamento, acabou levando à separação dos pais em 1992. Por conta da separação, ela e as irmãs tiveram que “adultecer” antes da hora. Esse processo não foi fácil, como não é fácil para nenhuma família.

Quando precisou escolher o que estudar na faculdade, Mara ficou em dúvidas entre Psicologia e Música, mas optou por Psicologia porque poderia continuar com a música mesmo sendo psicóloga, como disse o pai.

Mara tinha uma relação próxima com um primo autista desde seu nascimento, “mesmo para os parâmetros de um autista”. À medida que foram crescendo, foi se interessando pelo trabalho da psicóloga dele, que nem chegou a conhecer, mas via os resultados do trabalho dela no primo. Essa foi sua primeira motivação na escolha do curso.

Fez vestibular no Rio de Janeiro em 1995. Era bolsista numa universidade privada e lá ficou por seis semestres, mas desistiu porque não conseguia se identificar com a linha do curso, que direcionava para psicanálise e atendimento em consultório. Não sabia exatamente o que queria, mas sabia que não era o que estava estudando. Mudou-se para Bahia e passou a morar com o pai, que se mudara para capital depois do divórcio.

- “Durante a graduação em Psicologia, passei por mais um momento de transição financeira na família, saindo de um bairro nobre de Salvador para morar num quarto alugado próximo à faculdade. O suporte da mãe, o apoio financeiro da família, principalmente de tias, foi fundamental nesse processo. Particpei de todos os estágios curriculares e extracurriculares possíveis e me sustentei psicologicamente através dos estudos”.

Apesar das dificuldades que enfrentou na Bahia, nesta nova faculdade, também particular graças ao financiamento estudantil, redescobriu a Psicologia. Pode estudar as várias linhas antes de optar por uma. Mesmo sem ter muita noção do que era Saúde Coletiva, já sabia que não era no consultório que queria ficar. Foi neste período que se identificou com a professora de Psicologia Comunitária pelo rigor e compromisso social que identificava nela.

Chamava atenção para os excluídos e os marginalizados e eu comecei a me identificar com suas ideias

Esse vocabulário, essa preocupação com os excluídos, os marginalizados, a preocupação com os problemas sociais não são de todos os estudantes, nem de todos os professores, porém não era coisa nova na vida de Mara, já vinha da adolescência, quando se achava “velha” e pensava que os colegas eram alienados. Parte dessas diferenças vinha da relação com o pai, de sua vivência religiosa, do convívio com um tio padre, uma tia freira. Sobre essa vivência religiosa, voltaremos a falar...

- Ser diferente é a história da minha vida, da minha avó, do meu pai, da minha mãe, dos amigos e das pessoas que eu descobri. Isso não é uma coisa minha. Onde minha irmã está, é diferente porque ela é diferente também.

A experiência religiosa, o trabalho social na igreja, as ações voluntárias com pessoas carentes, aula de reforço escolar em favelas, trabalho com crianças com HIV, isso era uma constante na vida de Mara mesmo antes de entrar na faculdade. Esse fazer voluntário foi na verdade onde mais aprendeu sobre mobilização social e liderança.

- Dá para aprender em toda parte, com tudo, com pessoas diferentes, de lugares diferentes, de classes sociais diferentes, mas precisa disponibilidade em olhar para o mundo sem preconceito e querer aprender. Isso descobri com minha família. Nada é realmente meu, sou apenas fruto deste meio.

“Na faculdade não ficou isolada em suas diferenças. Seu primeiro grupo foi formado pelos excluídos. Havia os homossexuais, os revoltados, os mais espertos, os impacientes, os deficientes, os pobres, os diferentes e, dentre estes, havia a veterana que chegou do Rio de Janeiro e não tinha saco com adolescentes”. Eles tinham dificuldade em comprar os livros, participar dos eventos, dos congressos. Conversaram e decidiram conscientemente encarar as diferenças, as dificuldades e serem amigos.

Concluiu a graduação em 2005. Na época não era muito fácil psicóloga conseguir emprego. Teve muita dificuldade. Em toda parte, pediam experiência. Por isso, decidiu fazer uma especialização. Não tinha muita opção, uma vez que em sua casa, sua mãe instituiu uma regra: quem não

trabalha, estuda. Foi fazer especialização em Saúde Pública com ênfase no Programa de Saúde da Família (PSF), como era chamado na época. Nesse curso, foi onde conheceu o SUS. Na Faculdade de Psicologia fazia trabalhos na Estratégia Saúde da Família, mas ainda não havia perspectiva de psicólogo na Atenção Básica, era apenas um complemento, quase um “favor da instituição” para com os alunos e não se dava muita atenção.

- O curso de especialização foi escolhido porque era o primeiro e mais rápido a começar, na época.

Praticamente todos os alunos do curso eram profissionais com experiência no SUS, o que criava um ambiente poliqueixoso em relação à realidade vivenciada na prática do serviço. Apenas Mara e uma amiga não tinham experiência. Mesmo assim, foi o suficiente para ela se encantar com os princípios do SUS e virar a piada da sala ao descobriu a existência do Agente Comunitário de Saúde (ACS).

- “Durante este curso, consegui associar os conhecimentos da matéria de Psicologia Comunitária com o trabalho no SUS e foi aí que me encontrei de verdade com a Psicologia e com o SUS.

Para arrumar emprego, distribuiu seu currículo entre os colegas da especialização e em cidades do interior, até que foi chamada para uma entrevista e finalmente foi contratada. Foi em 2006. Porém, antes de começar a trabalhar houve um incêndio na casa em que Mara cresceu. Toda família perdeu bens simbólicos, materiais e financeiros e perderam as suas memórias concretas.

- “Essa foi a perda mais difícil de lidar. Tinha medo de me esquecer de algumas coisas, não tinha nada velho, nada antigo”.

Para se reestabelecer a família contou com a ajuda de muitas pessoas: amigas e desconhecidas.

Não há saudosismo na fala e nem na voz de Mara ao contar essa situação. É apenas mais uma história. Não tem alegria, nem sorriso em sua expressão, mas não tem mágoa ou ressentimentos.

- “Quando você perde tudo, sabe exatamente o que precisa”

Na cidade onde Mara foi trabalhar, a prefeitura alugou uma casa e os profissionais vindos de outras localidades moravam juntos. Tinha muita gente

de movimentos sociais, os profissionais do CAPS, onde ela trabalhava, da ESF, do hospital, da gestão, da assistência farmacêutica, até o secretário de Agricultura morava na mesma casa. O ambiente era muito estimulante porque não era só trabalho, para algumas pessoas era a chance de fazer coisas diferentes em uma gestão democrática e popular do Partido dos Trabalhadores (PT). As discussões eram ricas e os trabalhos iam se misturando. O secretário de Agricultura desenvolveu uma horta com produtos orgânicos no CAPS, por exemplo.

- Tudo isso me deixava muito empolgada com o SUS e com as possibilidades de futuro.

A psicologia lhe ensinou a ser psicóloga de consultório, deu-lhe habilitação legal para exercer a profissão, mas aprendeu de verdade a ser profissional de saúde, a ser sanitarista com os usuários do SUS.

O vínculo de trabalho nessa cidade era precário, não tinha nem contrato, mas o aprendizado e as trocas com os colegas serviram de referências para as experiências futuras. Ao deixar esse primeiro emprego, por ter sido aprovada em um concurso público em outra cidade do interior, Mara passou a trabalhar no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) e no Conselho Tutelar. Neste emprego descobriu que fome provoca depressão, mas uma pessoa com fome não precisa somente de psicóloga, mas de comida. Freud dá conta de muita coisa, mas nenhum teórico dá conta da fome, entre outras coisas.

- Lembro até hoje de uma mãe que foi ao meu consultório pedir pelo amor de Deus, já que eu era “doutora de juízo”, para fazer um teste para descobrir se seu filho era lobisomem. O avô era o lobisomem da cidade e o marido dela não era, porque a “lobisomice” pula uma geração, então o filho deveria ser o próximo lobisomem. Era um sofrimento real, processo depressivo mesmo. O filho sofria bullying na escola, na rua. Estavam batendo nele, rejeitando, ninguém o queria por perto porque ia fazer sete anos, e é nesta idade que a “lobisomice” se manifesta. Era uma crença generalizada: os professores acreditavam nisso, a mãe acreditava e até a criança acreditava que ia virar lobisomem. Era um sofrimento psíquico real a ponto da mãe querer mudar da cidade.

Mara deparou-se com essa situação e não sabia como lidar com o caso, porque na faculdade não estudou nada nem parecido. Pediu socorro para professores, propôs um grupo de estudo de caso e disseram-lhe que teria que estudar “lobisomice” e lá foi ela entender o que era lobisomice, o que significava, qual o sentido disso para as pessoas, o que a mãe queria dizer, porque independente de ser verdade ou não, era um sofrimento muito real. Ela tratou disso como tratou de qualquer outro caso: relatórios psicossociais, tudo certinho conforme se aprende no curso de Psicologia.

- Aí, chamei a mãe e expliquei: eu fiz todos os testes de “lobisomice” que conheço, eu estudei e seu filho não é lobisomem, não se preocupe. E vi o alívio na cara dessa mulher. Ela disse: pelo amor de Deus, a senhora escreve isso pra mim? E eu escrevi: declaro para os devidos fins que o menor fulano de tal não é lobisomem.

Este documento teve uma força grande na vida dessa mãe e dessa criança. Ela pegou o documento da “doutora” de cabeça que fez faculdade e levou à escola para mostrar para todo mundo que o filho não era lobisomem.

- Eu não me esqueço disso porque foi uma situação que “pirou” minha cabeça. Essa é só uma das muitas histórias que a gente enfrenta no dia a dia e que nem Freud nem Jung dão conta e, aí, você tem que correr atrás, tem que aprender “na marra” como acontecem os processos na comunidade, como a influência da cultura afeta o psicológico, as atitudes individuais e coletivas.

Mesmo sendo concursada nessa cidade, depois de um tempo, Mara pediu exoneração e voltou a trabalhar no mesmo CAPS onde teve seu primeiro emprego, mas agora como coordenadora. Era onde mais e melhor se identificava. Mesmo depois de certo tempo, tendo superado o problema do vínculo empregatício, por ter sido aprovada no curso público da cidade, não ficou muito satisfeita: estava vivendo muito longe da família. Continuou estudando para novos concursos e, um ano depois, foi aprovada em um processo seletivo para trabalhar em uma ilha na Região Metropolitana de Salvador, onde poderia ficar bem próxima da família, que havia se mudado para Capital do estado.

A identificação, o vínculo ideológico, político, afetivo com o trabalho que se fazia nesta cidade, com as metas, os sonhos e as utopias dos novos colegas foi tão grande que durante os próximos três anos recusou-se a assumir novos concursos em outros lugares. Quando, após as eleições, o grupo todo precisou ir para outra cidade, na mesma região. Mesmo sendo concursada, demitiu-se e foi junto. Seguiu o conselho de sua mãe, que dizia:

- “É na juventude que se pode errar, é quando podemos escolher o trabalho em função do prazer e satisfação que ele nos proporciona. Aproveite enquanto pode fazer este tipo de ‘loucura’ porque não é sempre que podemos trabalhar no que gostamos”.

Desde essa época, tem, como princípio, estar feliz e realizada no trabalho e por isso sempre se arriscou pelo que acredita.

- “Senti-me impelida a seguir os meus iguais”.

Neste novo município ficou até mudar-se para Salvador em virtude da aprovação em outro concurso público, este com carga horária de 20 horas, do começo dessa história.

Ao longo da vida, Mara sempre teve muitos exemplos a seguir, a ponto de dizer que nada do que é hoje é realmente seu, que tudo que faz foi dar continuidade ao que outros já faziam. Sobre o SUS, que se tornou uma grande paixão em sua vida, começou a aprender com a professora que admirava na Psicologia Social, depois aprendeu mais no curso de especialização, com os colegas e finalmente com os usuários. O SUS não é só um trabalho, é um embate ideológico, mas não está sozinha e nem nunca esteve. Sempre encontrou outras pessoas que já estavam fazendo algo e se juntou a elas. Esses exemplos vêm de muitos lugares, de muitas pessoas, mas parece ter começado em casa.

- Com minha mãe, aprendi o senso de responsabilidade, de planejamento, de retidão com as coisas e pessoas, o compromisso com o trabalho.

Mara não ignora o uso político da instituição, a diferença entre o SUS real e o ideal. Já viu muita coisa, como por exemplo, unidades de saúde serem instaladas em locais onde não seria o mais adequado, isso para beneficiar vereadores, coordenadores escolhidos sem capacidade técnica para

acomodar cabos eleitorais, aliados da gestão. Por conta disso e de outras coisas a que o gestor fica exposto, já se viu em situações em que estavam tentando lhe cooptar, mas nestas horas tem os amigos, a família, suas convicções e Deus para não a deixar “cair em tentação”.

- Nunca me senti impedida de nada por causa do meu desapego material. Nunca deixei de falar nada que deveria para preservar o emprego, nunca me castrei por que não tinha medo de perder o emprego, mas meu medo era me corromper para mantê-lo.

Mara nunca chegou a ter chefes grosseiros, ruins, todos foram pacientes, respeitosos e a ouviam. Os usuários, os colegas, os chefes sempre a respeitaram e estimularam, mas já houve muitos constrangimentos, porque ao fazer, expõe-se quem não faz, quem não quer fazer. No SUS, quem faz direito, quem cumpre com sua parte, algumas vezes é injustiçado.

- Quando eu, como gestora, não cobro de quem não cumpre, quando não corto o ponto de quem saiu mais cedo ou não foi trabalhar, estou punindo quem faz direito. Eu não aceito isso, a gente não pode aceitar que o justo pague pelo injusto. Os justos existem no SUS, sempre os encontramos, eles estão acudados ou cansados do processo de trabalho, mas não desistiram. Basta uma pessoa balançar a cabeça concordando comigo em uma reunião para eu me empolgar, acreditar que é possível, continuar.

Por outro lado, na vida mais pessoal, não é tão simples se aproximar de Mara, ganhar sua atenção, como contei na introdução. Só se relaciona com as pessoas com quem tem afinidade ideológica. Com os demais mantém apenas relação profissional.

- Eu sou classe média baixa, mas já fui classe alta, já fui classe muito baixa, já perdi tudo. Hoje posso comer três vezes ao dia, enquanto muita gente não pode fazer isso, posso pagar minhas contas, fazer Yoga, Pilates, por isso me acho muito rica. “Os ricos é que me acham pobre”.

Pausa para uma estridente risada debochada, como quem dá de ombros para essas comparações. Logo em seguida continua, agora séria, como se esse fosse um problema que ainda não conseguiu resolver:

- No mundo, ainda tem muita gente que não sabe o que é se alimentar três vezes ao dia. Isso é muito grave. Com fome as pessoas não conseguem

entender o que é autonomia. Os meus iguais são as pessoas que se incomodam com isso.

Mais uma pausa breve, como quem para e reflete sobre algo sério, que não havia pensando antes:

- O meu medo é perder a capacidade de me chocar com as coisas...

Não é possível predizer o que irá acontecer no futuro, não ao menos para maioria das pessoas, mas parece que Mara não é o tipo de pessoa que irá parar de se chocar com as distorções do mundo.

Para ela, utopia não é coisa inatingível, mas bastante palpável, é um caminho a seguir, sem o qual se perde o rumo. Nela, Mara se vê como uma agricultora que semeia a terra e espera pacientemente a colheita, sabendo que pode ser que nem todas as sementes vinguem, que talvez não consiga colher tudo que plantou, que talvez outros colham esses frutos em outras épocas, mas sempre com a certeza de que algo vai colher e que será o suficiente naquele momento. Ela valoriza as pequenas colheitas, as pequenas transformações cotidianas, sabendo que ainda vamos chegar lá.

- Meu sonho é que um dia seja normal prestar bons serviços no SUS, que ele seja a primeira opção de todos.

Mara consegue se ver no perfil de cuidadora, preocupada com a emancipação, mas não acha que seja um dom, ou uma qualidade pessoal. Acredita nesse compromisso como dever e obrigação de todos aqueles que trabalham em função do outro. Acredita que tanto ela quanto seus companheiros estão contribuindo na construção cotidiana do SUS, que um dia poderá ser a primeira opção de cuidados em saúde para todos e não apenas para quem não tem opção.

A “conjuntura atual faz parecer que pessoas com este tipo de comprometimento são extraordinárias e se destacam”. Mas ainda acredita, e trabalha para que um dia esse perfil seja considerado habilidade necessária e imprescindível para trabalhar no SUS.

Ao mesmo tempo em que se sente valorizada, envaidecida em se ver e ser vista portadora desse sonho, desse compromisso, não se conforma com “o fato de um profissional comprometido com o cuidado emancipador merecer uma indicação para pesquisa”.

- Espero e creio que um dia teremos tantos profissionais com esse perfil que nos causará espanto aquele que não o é”.

Mara sabe que para ter esse SUS que orgulhe a todos, não basta apenas dedicação em nível local, não basta apenas mais e melhores serviços, mais, melhores e humanizados profissionais, mas uma transformação da sociedade, das pessoas. Por isso, não restringe seu fazer/pensar ao serviço. Sua militância vai além do espaço de trabalho profissional.

Nunca foi filiada a nenhum partido político, mas sempre teve postura de esquerda e sempre se identificou com o Partido dos Trabalhadores (PT). Não ignora as transformações pelas quais passou o PT, mas sempre achou nele pessoas boas, comprometidas e assumiu compromisso com essas. Ela relaciona os princípios do PT com suas convicções, considera referências no seu agir, no processo de fortalecimento do controle social, na democratização do SUS, na valorização dos processos de tomada de decisão democrática, na elaboração da autonomia do sujeito, da voz e a fala do outro, da igualdade de oportunidades.

- “Toda a minha vida eu trabalhei com pobre e eu vi a vida do pobre mudar”.

Interessante observar que neste trecho há certa comoção em falar destes princípios, como se estivesse não exatamente falando do partido, mas das pessoas que conhece e são identificadas com ele. A fala não é tão exuberante. O sorriso não fica tão evidente.

Sobre a construção da autonomia do sujeito, que valoriza nos princípios do PT, Mara considera coisa muito séria, com muitos lados, difícil de estimular, de conseguir. Acha que lidar com a autonomia do outro é complicado e que não interessa a todos. Vê, nos serviços, os trabalhadores do SUS dizerem que a população não quer participar do conselho local, que os usuários do SUS são passivos, que é preciso de indivíduos mais proativos, mas quando esses começam a questionar, a querer mudar o processo de trabalho, os mesmos trabalhadores que se queixam de falta de proatividade, começam a fechar as portas para a participação. Só aceitam autonomia até o limite que não interfere no fazer do profissional, tal qual este acredita que pode e deve fazer. Mas quando o sujeito não aceita restrição e leva isso para sua vida,

para casa, para educação, para as discussões sobre o saneamento básico, aí se percebe que ele não precisa mais de você.

Mara tem uma postura de humildade frente aos usuários que atende todos os dias. Não acha que sabe mais do que eles, que é mais do que eles, não aceita ser colocada em altar, que pensem que detém todo o saber sobre eles, sobre o que fazer.

- “Isso é uma ilusão, esse saber que eles acham que você tem é ele quem está lhe dando”, mas o profissional corre o risco de gostar deste altar, de se apegar a esse lugar, gostar do poder que o jaleco lhe dá.

Mara aprendeu isso no fazer diário, nas leituras de livros e de mundo. Depois parou de usar tudo que lhe diferencia dos usuários: não usa crachá, nem jaleco. Diz que deste modo evito me apegar e gostar do lugar do “sujeito suposto saber”.

- “O meu compromisso é com o usuário, com os amigos, com o SUS, com minha família e com Deus”.

Mara não consegue separar experiência religiosa de espiritualidade, nem os preceitos políticos dos religiosos, para ela Jesus era revolucionário:

- “Jesus hoje estaria no SUS, na educação e nos movimentos sociais”.

Ela é católica e tem muita fé, participa de grupos de oração até pelo WhatsApp¹⁶.

Nesta parte, em que Mara fala de religião, vai da eufórica e bem-humorada narração de sua vivência religiosa, às emoções mais triste dos momentos de tratamento do câncer, mas em nenhum instante parece expressar mágoa e ressentimentos. Os olhos brilham no vídeo e não foi difícil ver a emoção contida atrás do rosto sempre alegre e bem-humorado.

Apesar de Mara e parte da família serem católicos, os pais não eram praticantes, nem impuseram a religião. Estimulavam para que cada uma das filhas encontrasse a sua religião se assim desejasse. Ela tem um tio padre, uma tia freira, hoje a irmã é espírita. Houve um período na adolescência em

¹⁶ WhatsApp é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular. Como o WhatsApp as pessoas podem ficar conectadas umas com as outras, enviar e receber mensagens instantâneas. Além das mensagens básicas, os usuários do WhatsApp podem criar grupos de interesses específicos, como citou Mara sobre os grupos de oração.

que se achou com bons motivos para se perder: crises financeiras, separação dos pais e as drogas sempre se apresentavam bem próximas, mas os princípios religiosos a tocaram e a seguraram.

Mara, com convicção, diz que leva os princípios religiosos para seu trabalho. Por exemplo, gosta muito do acolhimento no SUS.

- Como é que posso passar por uma pessoa e não ser transformado de alguma forma por ela? Mesmo se for para dizer não, tenho que dizer de uma forma que acolha.

Gosta também da ideia de honrar pai e mãe. Muitas vezes, quando tem dúvidas, quando tem que tomar uma decisão difícil, pensa no que seus pais diriam, como reagiriam ao saber que foi decisão dela. Gosta da ideia de que “onde um ou mais estiver reunido em meu nome aí estarei”. Isso faz no SUS, em reunião com colegas ou com a comunidade. Basta um crer, para aumentar suas convicções.

Com o câncer, Mara se sentiu injustiçada e teve uma conversa muito séria com Deus.

- Na época, tinha muita coisa séria para fazer. Precisava entregar um relatório de gestão e pensava como ia me tratar da doença e cumprir com meus compromissos ao mesmo tempo?

Mas “combinou” com Ele que aguentaria, passaria por tudo isso, desde que não lhe fosse tirasse o bom humor, pois sem isso morreria. Tudo mais poderia tirar: braço, peito, tudo, mas o bom humor não. Com esse acordo, passou relativamente bem pelo câncer, apenas sentiu-se cansada fisicamente, mas psicologicamente foi tranquilo. As únicas vezes que chorou, foi por dores e ao saber que crianças com câncer passam pelo mesmo sofrimento.

- As orações dos amigos e do grupo da Igreja me fizeram muito bem durante o tratamento.

A religião desempenhou papel importante de conforto espiritual, mas também de cuidado físico e psicológico. O pessoal da igreja se revezavam para visitá-la. Chegavam aos poucos, passavam a noite, o fim de semana e vários dias em sua casa e tinham as desculpas mais sem sentido para isso, nunca admitiram que era por causa da doença. Isso era surpreendente,

porque Mara achava que era ela quem deveria cuidar dos outros, mas estava sendo cuidada, paparicada pelos amigos a tal ponto que todas as perguntas que fazia a Deus, as respostas vinham pela boca dos amigos.

- Uma amiga me disse que o que eu passei com o câncer não era para mim e essa era uma pergunta que fazia o tempo todo.

Durante o tratamento aproveitou para ajudar muita gente com o mesmo problema, pessoas que não estavam aceitando tão bem quanto ela a quimioterapia, a radio, as náuseas. Chamavam, e lá ia Mara conversar com elas, animar...

- “Deus é foda. Eu não gostaria de morrer, mas não ia me revoltar com Deus se tivesse morrido durante o tratamento do câncer”.

Para terminar uma sonora e larga gargalhada se espalha pelo ambiente.

1.3.2 Mafalda

Uma mulher orgulhosa de sua postura frente ao mundo caminha pela calçada no centro da capital de seu estado, onde mora desde que fez a faculdade. Está de cabeça baixa, com as bochechas vermelhas (porque “a vergonha fica nas bochechas”). Imagina que todos estão olhando, comentando sobre ela. Na banca de jornal, vê estampado em meia página a cara dos envolvidos no escândalo de desvio de recursos do governo, situação que ainda não era tão comum, ainda mais em sua vida. Entre eles, seu ex-marido, o homem com quem viveu 15 anos, teve dois filhos, nessa época com 10 e 11 anos.

Não sabe onde enfiar a cara, mas não pode deixar de sair de casa, mesmo parecendo que sua vida está desmoronando. Mas sair à rua ainda não é a pior parte, pior vai ser contar para as crianças. Até agora conseguiu esconder delas o que está acontecendo, mas o escândalo está cada vez maior, cada vez mais se fala no caso, e não tem como deixar de contar aos

filhos, explicar que apesar de tudo o que está acontecendo, é importante que se lembrem do quanto o pai foi presente e cuidadoso, até aquele momento.

Vamos chamar esta mulher de Mafalda¹⁷ em homenagem ao cartunista Quino e sua personagem intelectual e irônica.

Em casa, na hora do almoço, com apoio de uma amiga, Mafalda chama as crianças no quarto e conta que o pai deles se envolveu em uma situação que ela não sabe explicar, não sabe nem se é tudo verdade, que estão inclusive desconfiando de que ela também esteja envolvida. Chora, porque apesar de todos acreditarem o contrário, não é uma "aroeira¹⁸", também chora, se desespera, xinga, sente-se magoada, traída, sem saber o que fazer.

Juntos, ela e o ex-marido, construíram muitas coisas, inclusive uma ONG e estavam entre os primeiros militantes que fundaram o Partido dos Trabalhadores (PT) em seu estado. Na época o PT tinha perspectiva de chegar ao governo e os militantes deveriam se preparar para gestão pública. Mafalda foi uma das pessoas destacadas para isso e se preparou. Ao chegar ao governo do estado, o partido achou melhor que seu companheiro assumisse um cargo e não ela.

- Disseram que duas pessoas da mesma família era demais.

O problema é que o partido, e principalmente ele, embebedou-se com o ritual do poder. Eram festas sem parar, companhias questionáveis, falta de limites para manter o poder. E neste contexto, o pai de seus filhos envolveu-se em um escândalo de repercussão nacional, arrastou também o nome da ONG¹⁹ por conta de um contrato de prestação e serviços no valor de cinco mil reais. Por isso seu nome acabou envolvido indiretamente no escândalo.

¹⁷ Nome fictício escolhido em homenagem à personagem Mafalda. "Mafalda foi uma tira escrita e desenhada pelo cartunista argentino Quino. As histórias, apresentando uma menina (Mafalda) preocupada com a Humanidade e a paz mundial que se rebela com o estado atual do mundo, apareceram de 1964 a 1973.

¹⁸ Arvore que produz uma medira muito forte e dura.

¹⁹ Importante frisar que os cinco mil reais pelos quais teve seu nome envolvido no escândalo não diz respeito ao valor total das aulas de ética e cidadania, mas ao contrato como um todo da ONG com o programa primeiro emprego. Muitas outras aulas foram ministradas e com diversos professores e temas diferentes.

Mafalda já tinha mais de 20 anos de profissão, era uma pessoa conhecida pela postura radical em defesa das minorias, pela atuação junto aos movimentos sociais e populares e viu sua vida ser descrita nos jornais como suspeita de envolvimento em ações de corrupção. Isso aconteceu dez meses depois de ter se separado do marido. *Talvez, se fosse antes, estivesse com a reputação e a vida arruinadas para sempre.*

- Houve gente que nunca mais falou comigo porque acreditou que eu estava envolvida, gente que não falou mais por não saber o que dizer. Eu sou a única pessoa que sobrou, que ainda depõe no processo, que responde todas as perguntas.

Este foi um dos momentos de maior emoção durante a entrevista. Por vários minutos mostrou-se emocionada e abalada em falar neste assunto. Parou algumas vezes, chorou, mas insistiu em contar tudo. Disse inclusive que até pouco tempo não conseguia falar sobre esse assunto sem chorar, e parece que ainda não consegue. A impressão era de que ela queria, que precisava falar.

Hoje Mafalda está divorciada, é mãe de dois filhos de 27 e 26 anos.

- O divórcio me mudou muito, me amadureceu, [tive que tocar sozinha as coisas que construímos e fazíamos juntos], educar os filhos... educação dos filhos não é brincadeira não, essa é a parte mais difícil da vida.

Mafalda tem 52 anos, e formou-se em Serviço Social em 1983, há 31 anos por uma universidade católica, onde atualmente dá aula no mesmo curso. Tem Mestrado em Saúde Coletiva, trabalha com ensino, serviço e pesquisa, relacionados aos direitos humanos e ao combate do tráfico de pessoas, mas, sobretudo com gente, especialmente jovens e mulheres. Faz parte de lutas contra violência e da Rede Feminista e, a partir desses eixos, de todas as manifestações que tenham a ver com esses temas.

Mafalda é servidora pública estadual desde 2002 e desde 2007 está lotada em uma Escola de Saúde Pública (ESP), além de trabalhar 10 horas em uma Instituição Particular de Ensino (IES). Na ESP tem como área de pesquisa os direitos humanos: saúde indígena, saúde do trabalhador, HIV/AIDS, populações de rua, entre outras. Na IES, se envolve com os temas

que já lidava na ESP e agora está ligada também com os estudantes indígenas.

Mafalda é uma cidadã que não se omite, que está envolvida em diversas lutas pela emancipação do outro e pelo aprimoramento das políticas públicas. Ela é completamente comprometida com os movimentos de esquerda, porém, não de uma esquerda que se acomoda, mas que se pauta pela emancipação dos grupos. Essa maneira de ser, esse comportamento corajoso, comprometido e engajado vem de longa data. Seu envolvimento político começou mais ou menos aos 13 anos, com o grêmio estudantil e o grupo de jovens da Igreja Católica.

Desde os seis anos Mafalda sabia que a mãe tinha problema na válvula mitral. Ela sempre viajava para São Paulo para fazer tratamento. Era um caso sério e, na época, importante, tanto que foi objeto de pesquisa de um cardiologista famoso. A morte da mãe era esperada por todos, menos por ela, mas aos treze anos, Mafalda perdeu a mãe.

- Mamãe era muito exigente, me deixava brincar apenas depois de fazer as tarefas, mas para mim não era nenhum sacrifício, sempre gostei de estudar.

Os pais de Mafalda sabiam ler e escrever. Um tio tinha curso técnico, uma avó fez MOBREAL²⁰ e outro tio, que queria ser padre, fez curso universitário. Mesmo a escolaridade na família não sendo alta, o esforço para que ela estudasse foi grande e partia dos mais próximos: a mãe comprava cadernos, lápis de cor, folhas coloridas para encapar os cadernos. Era meio que um ritual, todo início de ano letivo a família se reunia: a mãe e a avó encapava os cadernos, o pai sentava no chão da sala e apontava os lápis. Mafalda lembra do pai chegando de viagem e apontando cada um de seus lápis.

- Lembro ainda o cheiro dos cadernos novos.

O pai tinha uma serraria em sociedade com um dos tios. Tinha um caminhão, um sítio. Era uma família grande, de fazer tudo junto. Faziam pães,

²⁰ Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), criado pela ditadura militar.

sabão e quase tudo que precisavam em casa. Não faltava dinheiro, nem sobrava. A vida era muito simples para todo mundo.

A família tinha empregados na serraria e Mafalda convivia com eles, eram os seus amigos, estudavam na mesma escola. Ainda hoje tem relação com pessoas de lá. Em todos os natais de sua infância, os empregados estavam juntos na mesma festa. Todos moravam em casa de madeira, perto uns dos outros. A família tinha acesso a mais alguns bens do que os empregados, mas não havia grande diferença como hoje em dia.

Mafalda estudou em escola pública e até o sétimo ano nunca tirou nota abaixo de nove. Depois da morte da mãe, Mafalda mudou, deixou de ser a melhor aluna da sala, passou a se interessar mais pelo grêmio estudantil, que passou a ser mais interessante do que as disciplinas. Sentia-se mais forte participando da organização estudantil, mas não relaciona isso com a perda da mãe, mas com o método transmissivo da escola, que passou a perceber.

- Mamãe deixou alicerces muito fortes em mim.

Mafalda fez dois vestibulares, um no interior, Direito, outro na capital, Serviço Social. Não sabia direito o que fazia uma assistente social. A primeira vez que soube dessa profissão foi por meio do psicólogo de sua escola. Também tinha a ideia de fazer Jornalismo, mas não havia esse curso em sua cidade. Depois soube que, como assistente social, iria trabalhar com "pessoas necessitadas" e gostou.

- "Mas só me encontrei na profissão de verdade quando ocorreram grandes câmbios no projeto profissional e, aí, o Serviço Social passou a me realizar porque trabalha a partir das pessoas, procurando as causas das desigualdades e atuando sobre elas".

Passou no vestibular na capital e reprovou no interior. O pai queria que ela fizesse Direito, que fosse doutora em alguma coisa e achou que tinha boicotado o vestibular. Por isso não ajudou quando de sua mudança para a capital. Ela foi sem dinheiro e sem apoio. Uma futura professora da universidade onde estudaria, arrumou-lhe emprego em um orfanato, onde ficou por dois anos trabalhando com crianças.

A formação universitária de Mafalda foi bastante despolitizada porque aconteceu em uma instituição católica tradicional durante o período de

ditadura. No curso de Serviço Social estava cercada de gente conservadora, só havia teoria e mais teoria, não tinha prática. Assistia à aula com transparência, uma após a outra. Aprendeu muita coisa sobre a parte instrumental: organização, fazer a carta certa, do jeito certo, no lugar certo, enviar para os lugares certos, na linguagem correta. Aprendeu a ler as leis, as políticas e a burocracia dos programas, mas isso era pouco, perto do que Mafalda queria aprender, por isso foi participar da Pastoral Universitária, estudar a teologia da libertação, a Conferência de Puebla, o que a ajudou a complementar melhor as aulas e o potencial do Serviço Social. Nas disciplinas instrumentais, fazia apenas notas para ser aprovada, mas foi muito ativa no diretório acadêmico dos estudantes, na organização de encontros, na realização de discussões e nas atividades de formação política. Com um professor marxista, o único do curso, conseguiu entender como o mundo e o capitalismo funcionavam, mas não a teoria do Serviço Social, que precisava de prática para ser compreendida.

A faculdade, sem dúvida ensinou-lhe a lidar com os instrumentos, mas traduzir tudo isso para uma linguagem acessível ao cidadão comum, de modo que lhes fossem úteis, aprendeu nos movimentos sociais e populares.

- O que determinou a profissional que eu sou foram os movimentos sociais, não foi a faculdade. Foi nos movimentos que tive acesso a pensadores que me desenvolveram o pensamento crítico. Li Paulo Freire em texto fotocopiados, que entravam contrabandeados no Brasil, mas Marx, não consegui ler nem assim.

Pouco antes de concluir a graduação, Mafalda denunciou desvio de dinheiro na instituição beneficente em que fazia estágio. Foi um escândalo e isso quase a impediu de receber seu diploma. Foi preciso à intervenção de sua supervisora.

Importante ressaltar que não foi na instituição onde trabalhava que descobriu desvio de dinheiro, mas em outra onde apenas fez estágio e que é bastante famosa e ainda existe em seu estado.

No final da graduação, em 1983, Mafalda ainda não sabia o que fazer. Na época, não era fácil assistente social conseguir emprego. Não havia as políticas sociais que tem hoje ou os serviços de proteção social, tudo ainda

estava sendo construído. Porém, ela pode escolher entre trabalhar na prefeitura da Capital ou na Pastoral do Menor. Na época, o estado e as instituições sociais preparavam-se para implantação da política de criança prioridade absoluta, e todas as pessoas que trabalhavam com crianças, foram chamadas para uma reunião e, logo após, a freira que coordenava a Pastoral da Criança, chamou-a e ofereceu emprego.

- Ela disse que tinha até vergonha de dizer o salário que poderia me pagar, mas eu aceitei.

Esse grupo e, entre eles Mafalda, tomou parte na fundação do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, que aconteceu em 1984 em um Encontro Latino Americano.

No projeto, trabalhavam em dois locais principais, com as crianças no lixão e com as prostitutas no rodoviária, mas também com crianças espalhadas em diversos lugares da cidade. Não tinha praticamente nenhum recurso, mas era formado só por gente engajada, que acreditava na proposta com toda força que podiam. Eram três educadores, um irmão salesiano, uma pedagoga e Mafalda, assistente social. A pedagoga, muito criativa e entusiasmada, pegava pedaços de maneira e improvisava desenhos com pirógrafo para diagnosticar quais das crianças guardadoras de carro do centro e das que trabalhavam no lixão, não sabiam ler. Era uma coisa maravilhosa, um exemplo de dedicação que Mafalda lembra-se de tê-la influenciado muito.

Eram outros tempos: a igreja estava nas ocupações de terras, não tinha MST ainda, mas tinha a Comissão Pastoral da Terra (CPT), da qual Mafalda participava escondida do pai. Para melhor compreender a sociedade e as coisas do mundo, fez um curso de Teologia em um instituto católico, o que a ajudou a complementar o envolvimento com a Teologia da Libertação, que iniciara na graduação. Foi nesse curso que aprendeu sobre emancipação, sobre socialismo, sobre dominação do homem pelo homem. Aprendeu a ser feminista, estudando mulheres da bíblia.

Durante muito tempo, no início dos anos 80, trabalhar da forma como Mafalda trabalhava nem era considerado coisa de assistente social, ainda mais que eram poucas profissionais no estado e, trabalhando desta forma, menos ainda.

- Tem gente que até hoje acha que eu não sou assistente social. Uma aluna me perguntou esses dias: “Isso que a senhora” tá” falando, a senhora já fez algum dia?”

Se hoje ainda tem que ouvir esse tipo de questionamento, imagina no início dos anos 80. Por outro lado, Mafalda teve a sorte de estar atuando no serviço social num momento de virada da profissão. Em 1984, começou-se a discutir o novo código de ética do Serviço Social e isso foi uma reviravolta na profissão, que antes era assistencialista e despolitizada. Aliás, militar nessa área foi apenas mais uma luta incorporada em seu currículo. Engajou-se no trabalho de organização da categoria e ajudou a construir a Associação de Assistentes Sociais. No movimento sindical, ajudou a fundar a Central Única dos Trabalhadores (CUT), e, através dela, ajudou a colher as assinaturas para criação do SUS na constituinte de 1988. Depois, dos Conselhos de Saúde, mesmo a CUT tendo posicionamento contrária a eles.

O SUS é um exemplo bom e grande, mas a verdade é que a partir de 1988 várias políticas públicas foram sendo organizadas, além da criação do SUS, organizou-se o SUAS²¹, a Segurança Pública, a Saúde da Mulher, o Estatuto da Criança e do Adolescente, os conselhos tutelares, mas as pessoas fazem concurso hoje sem conhecer nada da história. Passam no concurso não para assumir a luta pelos direitos, para assumir essa história, mas para ter um emprego. Por isso hoje é natural encontrar uma equipe inteira do CAPS²² que não sabe o que foi a luta antimanicomial, a luta pela reforma psiquiátrica. Tem assistente social que trabalha com a proteção da infância e não tem ideia do que foi a luta contra diminuir a maioria penal. Tem professor que vê hoje 97% das crianças na escola e não sabe nada do que foi a luta para garantir escola para todos.

Nem toda assistente social tem a mesma postura, nem todas são engajadas e tem identidade com a profissão. Muita gente não tem identidade com o curso, mas apenas com um futuro emprego. Foi o curso que teve

²¹ Sistema Único de Assistência Social

²² Centro de Atenção Psicossocial.

condições de fazer e escolheu por estar disponível, por ter mercado de trabalho e diversos outros motivos. Isso aconteceu, em certa época, com a enfermagem também.

- Hoje as assistentes sociais, depois de tudo que a gente passou, da luta por direitos, por políticas públicas, por nossa integração com o movimento sindical, está voltando a fazer assistencialismo. Mas eu sou do tempo em que se acreditava que se trabalhava com as pessoas não porque elas necessitam, mas por que esse é um direito da pessoa para enfrentar as desigualdades.

Certas oportunidades profissionais aconteceram na vida de Mafalda por causa de sua maneira contestadora. Certa época, trabalhou em uma instituição com crianças com deficiências intelectuais. Todo mês tinha que datilografar cinco vias de relatório de cada criança e enviar para Legião Brasileira de Assistência (LBA). Era um trabalho sem sentido, quase absurdo e tomou a iniciativa de ir à LBA debater a situação que a incomodava e impedia de ser mais proativa no fazer da instituição. Por conta disso, em outra época, logo após a morte do pai, precisou trocar de emprego e deparou-se, na LBA, com a mesma coordenadora com quem questionou os relatórios. Achou que não teria chance de conseguir o emprego, mas foi exatamente por conta do questionamento que conseguiu a vaga.

Isso foi em 1986. Trabalhou na LBA até 1990 e então foi demitida, na era Collor. Mafalda estava casada, já tinha os dois filhos e a perda do emprego representou uma grande perda financeira. Com o salário da LBA, que era muito bom, Mafalda mantinha a casa, dois filhos, a militância do ex-companheiro e até o aluguel da sede do PT. Era uma época de muita inflação, tinha os filhos para manter, teve que vender o carro, passou por outros apertos, mas como nunca teve problema de consumo, de querer muitas coisas, passou por isso relativamente bem.

Em 1992, Mafalda estava concursada e trabalhando em um Centro de Saúde Municipal na capital de seu estado. Na época só quem podia fazer educação em saúde era a enfermagem, mas ela insistiu em fazer os trabalhos educativos com os grupos de mulheres e com o Conselho local de saúde. Um dia estava fazendo reunião com o Conselho e o secretário adjunto de saúde chegou com um grupo de pessoas para fazer uma avaliação na UBS, algo

relacionado com um programa de qualidade total. Ela não sabia quem era o grupo, apenas que se tratava de “um povo da secretaria”. O Secretário começou a fazer muitas perguntas e ela disse:

- Se quiser a gente pode levar essas dúvidas para o Conselho Local de Saúde, que já está esperando para começar a reunião.

No dia seguinte, Mafalda foi convidada a assumir a Coordenação do Distrito Sanitário e ficou neste cargo até mudar a direção política da Secretaria de Saúde. Quando isso aconteceu, sofreu perseguição política e foi remanejada do distrito sanitário para o gabinete do prefeito, ficavam vigiando cada passo seu.

- Para ter uma ideia do nível de perseguição, tive o dia de trabalho cortado quando morreu minha avó.

Não conseguia dar continuidade aos trabalhos que iniciava. Era constantemente transferida de uma função para outra. Por conta disso, licenciou-se para ser secretária de Saúde de uma prefeitura do PT no interior, onde lhe deram 100% de carta branca para fazer as transformações que achava necessárias no serviço de saúde e atender como deveria a população, mas isso foi só até as coisas começarem a mudar. Ficou por apenas oito meses. Tempo suficiente para perceber que, mesmo no PT, partido que ajudou a construir, as mudanças necessárias não eram uma vontade unânime. Chegou a ser acusada, como secretária na gestão do PT, de prejudicar o partido.

Voltou à capital, mas resolveu não voltar para a prefeitura. Nessa época, na Secretaria de Saúde, as assistentes sociais começaram a assumir cargos de chefia e ter visibilidade, mas tinham que trabalhar oito horas diárias, o que a impedia de continuar militando. Por isso optou por deixar a prefeitura e trabalhar apenas em uma ONG, onde já trabalhava desde 1993 concomitantemente às outras funções.

Depois, Mafalda fez concurso para Secretaria Estadual de Saúde e tomou posse em 2002. A lotação foi muito traumática porque, desde 1984, quando saiu da faculdade e começou a militar no Sindicato e na Associação das Assistentes Sociais, na CUT, nos conselhos de saúde, e em diversas outras frentes de defesa de direitos dos trabalhadores e dos usuários, acabou

fazendo muitos adversários, mesmo dentro do PT, que estava na gestão naquele momento.

- Minha lotação foi muito complicada, ninguém me queria por perto. Todos os convocados foram lotados e eu fiquei o dia todo esperando e ninguém me queria. Foi um período horrível, me sentia rejeitada depois de tantas lutas. E isso foi só o começo.

- No dia seguinte à primeira convocatória, disseram que eu ia trabalhar no setor de planejamento.

Mafalda foi para o setor, começou a trabalhar e no dia seguinte foi remanejada para outro setor e foi muito mal recebida. No quarto dia foi chamada no setor de planejamento novamente e novamente remanejada, desta vez para Vigilância em Saúde, lá ficou no grupo encarregado de implantar o centro de referência à saúde do trabalhador e fazer algumas ações de vigilância sanitária.

Depois de três ações de vigilância, seus relatórios foram questionados e impedidos de divulgação. Chegaram a lhe pedir para mudar o texto, pois não era conveniente politicamente. Ela recusou-se. Neste momento o secretário de Saúde mudou, mudou a chefia da vigilância e mais uma vez Mafalda ficou sem função. Passava o dia lendo diário oficial. Foi quando recebeu convite para trabalhar em um projeto sobre tráfico de pessoas, trabalho escravo. O secretário de Saúde da época achou ótimo.

- Era uma maneira de se livrar de mim.

Ficou trabalhando neste grupo até 2007 e então pediu para ir para Escola de Saúde Pública (ESP), onde foi bem recebida, mas esperavam que ela coordenasse cursos e não era o que Mafalda queria fazer, nem se achava com perfil. Por isso, a colocaram para fazer capacitação de conselheiros de saúde, depois capacitação de capacitadores de conselheiros de saúde utilizando a metodologia da Educação Popular, mas isso também não interessava muito aos gestores.

- Hoje acho que sou valorizada na escola e em certos espaços, mas não porque concordam comigo, mas pelo destaque acadêmico do meu trabalho, pelas publicações, por estar no doutorado.

Mas destaque acadêmico não é o tipo de sucesso que Mafalda busca. É inegável que ser chamada para uma conferência, poder expor e discutir com os trabalhadores, discutir nos comitês e ver o efeito disso é bom, mas não massageia seu ego por muito tempo.

- Terminei um relatório de pesquisa e me disseram que dava para escrever oito artigos com ele. Será que vale a pena perder tanto tempo escrevendo oito artigos?

A finalidade da pesquisa é intervir de forma qualificada e mudar a realidade, mas isso é pouco valorizado, o que se valoriza é publicar tantos e tantos artigos em revista com *qualis A*, mas essa não é a vaidade de Mafalda. Ela pensa um dia poder terminar uma pesquisa, porque tudo que faz desdobra-se em um monte de outras coisas. Queria um dia poder trabalhar com pesquisas somente coletivas, envolver as pessoas, os portadores de HIV, os catadores de material reciclado, gente que não é da academia.

- Se eu pudesse criar um grupo de pesquisa com mulheres catadoras de recicláveis seria ótimo, seria vivo, seria diferente.

Isso a realizaria mais do que publicar oito artigos de um relatório de pesquisa.

Mafalda diz que depois de tudo que viveu, de todas as perdas que já teve, de todos os lugares de onde foi desligada e/ou se desligou, já pensou em fazer outra coisa fora do SUS, não exatamente desistir, mas fazer outra coisa.

Mafalda levanta-se, anda pela sala, toma um copo d'água e retoma a ideia como se tivesse se surpreendido com o que estava pensando, com o que estava falando:

- Sinto que se eu trabalhasse só no SUS, se não tivesse envolvimento com os movimentos sociais, outras frentes de luta, seria mais difícil ser feliz e poderia já ter desistido.

Faz pouco tempo que a ESP recebeu uma deliberação do Ministério da Saúde para que fosse desenvolvido um projeto com catadores de material recicláveis. Mafalda e outra assistente social começaram a elaboração e já estavam trabalhando com as pessoas. Tudo estava andando bem. Depois de seis meses, o secretário de Saúde, junto com o presidente do Conselho

Estadual de Saúde, decidiu que catador de papelão não é assunto do SUS, mas da política de assistência social e ordenou o fim dos trabalhos.

- A gente demora demais para dar passos significativos no SUS. O dia-a-dia a gente faz, mas passos significativos são difíceis, principalmente por conta de gente como esses dois.

Nessas horas parece que o SUS, ou a gente, chegou a um limite e não tem para onde ir.

- Eu estava pronta para ir à Secretaria e xingar todo mundo, levar pedras, mas olhei para os trabalhadores da limpeza da escola e, quando dei por mim, já estava trabalhando com eles.

Com os trabalhadores terceirizados da Escola de Saúde Pública, começou a juntar os recicláveis da escola, chamou uma cooperativa e começaram a fazer juntos, sem escrever o projeto para não chamar atenção. Desviar das metas que não vão para lugar nenhum. São desvios para vencer a burocracia, porque às vezes por dentro do sistema a coisa não anda, diz Mafalda.

- Nestas horas o meu envolvimento com o movimento social me dá gás para continuar.

Mafalda busca, neste momento de dificuldade mais intensa, sair de alguns ambientes para deixar de sofrer, ir a lugares para encontrar-se com seus iguais, pois acredita que, com eles, o sofrimento é menor.

Esse modo de ver o estado, de ver as instituições não é puro pessimismo, mas uma constatação vivência na própria carne. A experiência mostrou que a ideia de que estar no poder público é fazer coisas, não é bem verdade, pois o lugar do poder público é extremamente limitante. O Estado tem políticas bonitinhas, como na área de promoção de saúde, mas o dinheiro está em outro lugar por que o Estado tem a função de contenção, não é neutro e é organizado para atender aos interesses do grande capital. Por conta dessas características, não acredita que seja possível fazer educação popular por dentro do Estado, pois a ele não interessa população organizada, autônoma, caso isso comece a acontecer, os responsáveis serão chamados a se explicar e o trabalho será desmontado.

- Esses dias eu estava conversando com uma mulher da limpeza que teve LER [lesão por esforço repetitivo]. Queria saber o que ela pretendia fazer agora, se ia mudar de trabalho e aí apareceu a supervisora dela dizendo que não era hora de conversar. Entende? Ao Estado não interessa emancipação, não interessa conversar, interessa sala limpa.

Mafalda tem vivenciado várias histórias como esta que contou para ilustrar seus pontos de vista. Não se trata de meros exemplos, de historinhas ouvidas e que ficam agradáveis de contar como exemplos, mas vivências profundamente encarnadas e refletidas. A maneira como ela conta, pausando para refletir sobre o significado de cada coisa, como os músculos do rosto se contraem, a forma como a voz engasga, como que revivendo a emoção do vivido, diz uma verdade difícil de questionar.

- Tenho acompanhado uma menina que sofre assédio sexual do chefe e se eu não tomo cuidado ela é demitida.

O sentimento de indignação de Mafalda só não parece maior do que a responsabilidade com que trata cada uma dessas situações que lhe despertam ira. Em meio a essas situações, ainda reflete que pode ser pior para a moça assediada, para a senhora da limpeza, caso ela denunciasse a situação, como gostaria.

- Elas podem perder o emprego, serem transferidas para um lugar mais longe de casa do que já é, podem sofrer as consequências mais rápido do que eu, porque são trabalhadoras terceirizadas. “O terceirizado é aquele que entra na sala depois que já se cantou o parabéns”.

De perseguição Mafalda entende, já sofreu no serviço público e no privado. A única coisa que muda de um lugar para o outro é o tipo de ameaça que sofreu: no Estado, a ameaça é remanejamento e no privado, é demissão.

- Para ter uma postura como a minha, tenho que ter estratégia o tempo todo, pensar o que vai acontecer com as pessoas que estão comigo.

Hoje, Mafalda tem quatro alunos indígenas no curso de Serviço Social na IES e preocupa-se não apenas em não os perder por conta de sua postura, mas, também, que eles não a percam.

Essa postura radical de Mafalda também a deixa bastante solitária e às vezes sem ver soluções, acreditando que o espaço para fazer alguma coisa é

extremamente limitado. Porém não para porque, segundo ela, sempre se pode fazer o mínimo:

- Como diz Gramsci em uma das suas cartas, o que eu puder fazer vou fazer, mesmo sabendo que ali na frente vou pagar o preço.

A um jornalista, Mafalda contou que tem poucas pessoas com quem conversar e que “gostaria de ter mais gente junto para ter menos carga de trabalho”, mas que o trabalho que faz hoje é realmente o que gostaria de estar fazendo.

Talvez diga que gostaria de ter mais gente com quem dividir o trabalho, porque há um ano foi diagnosticada com estafa. Na época, trabalhava mais de 18 horas por dia, mas agora se organizou para trabalhar menos. Comprometeu-se consigo mesma a ler poesia, visitar os amigos, simplesmente não fazer nada, assistir a filmes, ver novelas mexicana, colombianas (coisa que faz para cultivar a língua espanhola, que adora, e ver a arquitetura das casas), mas que não tem cumprido à risca.

- Sou uma pessoa que não consegue compartimentalizar a vida, sou a mesma em casa, no trabalho e em toda parte. Isso é bom, pois sou mais inteira, por outro lado acabo fazendo tudo o tempo todo. Não tenho hora de trabalho e hora de vida pessoal, diz Mafalda.

Há alguns anos Mafalda dava aula em uma universidade particular no interior. Viajava quase o dia inteiro e ganhava uma mixaria. Um dia uma estudante perguntou:

- Quanto a senhora ganha?

Mafalda respondeu com a sinceridade que lhe é peculiar. A estudante disse:

- Não acredito que a senhora viaja tanto por esse salário.

Outra aluna disse:

- Ela não vem aqui pelo dinheiro, a intencionalidade dela está mais do que clara, ela quer que a gente mude o mundo.

Mafalda não nega que a estudante estava certa. Eduardo Galeano diz que a utopia está sempre na nossa frente. Sem ela, a gente não constrói os sonhos e Mafalda confessa com um sorriso contido de orgulho, mas também

doído, com a voz baixa, quase sussurrando, pausando para refletir sobre a extensão quase devastadora do que está por dizer:

- A utopia é a minha vida, não ocupa espaço nela, é a própria. Toda vez que deixei de sonhar adoeci. Ela é o que me faz caminhar. Sempre que tenho dificuldade de enxergar para onde as coisas estão indo eu preciso da utopia e a gente tem que saber por que faz o que faz.

Essa utopia que dá sentido à vida de Mafalda, ela vivencia em tudo que faz, seja em seu trabalho principal, na ESP, na militância nos movimentos sociais, na Educação Popular, na IES privada em que trabalha outro período. Trabalho que, financeiramente não é compensador, além de obrigá-la a se deslocar de um lado ao outro da cidade, de ter horários fixos, necessidade de se preparar para as aulas, mesmo sem remuneração para isso.

- Acho importante olhar cada estudante, considerar cada fala, dedicar-me a cada um, compreender e isso dá muito trabalho, exige muito emocionalmente.

Mafalda expressa no rosto de modo muito transparente o que está sentindo e ao falar de cada um dos assuntos parece que revive a angústia e/ou a felicidade. Nesse momento, ao falar da relação com os estudantes, com a gestão, os conflitos, seu rosto fica contraído, a fala compassada, como se ainda procurasse entender os acontecimentos que relata.

Um dia, Mafalda fez uma dança circular e os colegas da sala ao lado acharam aquilo fora de propósito e muito barulhento. Mas não é só a forma das aulas que incomoda, mas a insistência em ir além do conteúdo expressos, ir além de transmitir informações. A sala de aula é um microcosmo da sociedade e é importante discutir os preconceitos, inclusive os preconceitos dos próprios estudantes, não se limitar a apenas transmitir informações, mas parece que isso incomoda. Ela pensa que a escola tem dever de ser mais do que tem sido, de ser mais do que um lugar de transmitir conhecimento. A escola tem que ensinar a viver em sociedade, a valorizar as diferenças e não se consegue fazer isso depositando conhecimento, mas produzindo junto com os estudantes. Mas essas questões não parecem ser preocupação da maioria dos docente e nem da gestão das instituições.

- Há docente que acha que é assim mesmo, que não temos que abordar estas questões, mas eu não acho, é preciso discutir. Tenho problemas com quem acha que tem que manter as formas tradicionais de ensino.

Por essa maneira de pensar, de discutir, de abordar as questões, confrontar preconceitos e preconceituosos, Mafalda já foi denunciada na ouvidoria da IES. Foi denunciada por ser ateia em uma instituição católica, embora não seja. Diante das denúncias, com ou sem fundamento, não há discussão, a gestão não reflete sobre os acontecimentos, sobre a necessidade de a escola ser algo mais do que um lugar de transmitir conhecimento e dar diplomas. Fica no aparente e esperam que ela se enquadre, como a maioria. Tudo isso representa um desgaste emocional muito grande.

- Não desisto, não posso ver o mundo como querem que eu veja por que na família aprendi a não mentir. A gente pode mentir para os outros, mas como mentir para si mesmo? Eu não sei não ser verdadeira e todas as vezes que tentei fiquei doente.

Mafalda está se referindo, com essa fala, a um momento muito difícil em sua vida, quando começou a trabalhar na Secretaria de Saúde de seu estado, processo que trouxe uma tristeza profunda, pois sentia-se rejeitada.

Com os dois empregos atuais, Mafalda ganha aproximadamente R\$ cinco salários mínimos mensais. Acredita que as opções em trabalhar com as populações mais pobres, ou com aquelas que são estigmatizadas, lhe dá menos “importância” na escala de poder e menos dinheiro, mas não se arrepende delas. Prefere trabalhar em cargos nos quais possa exercer o serviço direto, que é onde pode ser verdadeira e isso a realiza como pessoa, como mulher.

- Eu gosto deste “cheiro” da luta, eu gosto de pensar que a gente pode fazer diferente. Eu preciso estar no chão, fazendo as coisas do dia a dia.

Por um minuto Mafalda para, como que pensando sobre o que acabou de dizer e conclui:

- O que me motiva a continuar fazendo esse trabalho mesmo, apesar de tudo que a gente enfrenta, é sempre aquela mulher que foi traficada e eu não consegui evitar, são aqueles caras do trabalho escravo que não tiveram

acesso às políticas públicas para não voltar a ser escravizados, são aquelas pessoas em quem não cheguei a tempo.

Mafalda já foi chamada para cargo de gestão em Brasília, já foi aprovada em concurso para viver em outros estados, mas recusou-se a deixar sua terra.

- Recusei, não me identifico com isso, apesar de que poderia ganhar muito bem.

Por conta das opções profissionais, Mafalda fez arranjos em sua vida para viver com menos dinheiro e isso tem excluído viajar de férias, frequentar atividades culturais pagas, ir a congressos caros, desfrutar de atividades de aprendizagens, lazer e cultura como gostaria.

- Por outro lado, tenho carro, casa própria, filhos na universidade, ar condicionado e micro-ondas...

Mafalda sorri irônica, dá de ombros, toma água, como quem diz que se por um lado tem menos do que algumas pessoas, por outro, está bem melhor do que a maioria da população com quem trabalha.

- Renda não tem a ver com a responsabilidade profissional, com competência, mas com as opções que se faz na vida ou que se consegue fazer. Hoje sou classe média pela minha inserção política, mas do ponto de vista financeiro sou classe proletária, principalmente pela militância, pelas minhas opções.

Os filhos de Mafalda têm um misto de admiração e críticas profundas ao seu modo de conduzir a vida. Um deles faz administração, que é um curso bastante pragmático e, às vezes, ela fica com medo de que os caminhos do filho os afaste, de não conseguirem compartilhar algumas coisas sobre visão de mundo.

Esse misto de admiração e perplexidade que Mafalda desperta não parece ser apenas nos filhos, mas também nas pessoas próximas e na família. Suas escolhas nunca foram muito bem vistas pela família a tal ponto de hoje haver certo distanciamento com tios, primos.

- O preço é muito alto. Perdi muita gente na minha vida, já deixei de ser convidada para festa de Natal da família, para festa de 15 anos, isso me incomoda muito. Não sou convidada para não atrapalhar a harmonia da festa,

porque não gosto de piadas preconceituosas, por exemplo, e lá vai estar aquele primo que diverte todo mundo contando piadas de negros e gay.

Muita gente importante na vida de Mafalda hoje não quer mais falar com ela, não vai à sua casa. Isso começou mais ou menos por volta de 1983, quando concluiu sua graduação e escolheu aquele emprego na Pastoral do Menor, para trabalhar com crianças e prostitutas, e não o emprego da prefeitura, que pagava cinco vezes mais.

- Mas um tio meu não concordou com minha escolha, me deu uma bronca, me perguntou o que eu estava pensando da vida.

Uma parte da família tinha esperança de que ela um dia colocaria a cabeça no lugar e mudaria seu jeito. O tempo inteiro perguntavam:

- Por que não para com isso?

Uma parte lhe achava exótica ou que não sabia o que estava fazendo.

Alguns diziam:

- Você é desse jeito por que ainda não casou.

Aí Mafalda casou e continuou sendo como sempre foi e disseram:

- Quando você tiver filhos vai parar.

Mas ela teve filhos e continuou. Então, disseram que ela se mantinha com “essas manias” por que o marido era parceiro e a apoiava, que pensava como ela. Mas Mafalda divorciou-se, cuidou dos filhos sozinha e não perdeu a postura engajada nas lutas pelas causas que acredita. Os familiares nunca entenderam e devem ter ficado muito confusos com tudo isso. Uma parte sempre achava que esse modo de ser era por causa da religião, que sempre foi uma marca muito forte na família. A mãe era do apostolado da oração, o pai era congregado mariano.

- Minha mãe era do tipo que movimentava a comunidade, as pessoas, falava com um com outro, agilizava os mutirões, era do coletivo. Se tinha uma festa na escola, minha mãe se antecipava, ia lá saber o que tinha que fazer para dar certo, se tinha uma reunião da igreja, um grupo de oração, mamãe preparava tudo para que desse certo.

A maneira como a mãe fazia as coisas, como cuidava para não fazer sozinha, de chamar as pessoas, de fazer pão e levar para quem não podia fazer, tocava muito Mafalda.

Importante dizer que Mafalda fala da mãe com muita intimidade, leveza, sem saudosismo, sem dor, apesar de tê-la perdido muito cedo. É como se a mãe fosse parte dela, portanto não há que sentir tanta falta.

- Isso da organização, olhar para as pessoas, juntar gente eu aprendi com ela, não foi na igreja, nem com a militância política. Isso eu aprendi com ela. Mamãe ouvia todo mundo, era costureira, mas se estava costurando e chegava alguém que precisava conversar, ela deixava a costura e ia atender ou, então, já envolvia a pessoa na costura. Eu costumo ser assim também, isso é influência dela. Tenho minhas obrigações, minhas coisas, mas se chegar alguém precisando conversar, eu paro tudo para atender ou então explico o que estou fazendo e já coloco pra fazer junto comigo.

Mafalda se acha igual a muita gente, mas diferente da maioria. Conhece muitas pessoas diferentes, não só em seu trabalho, mas em toda parte. Desde muito cedo na vida, teve em quem se espelhar: na família, na escola, no trabalho, na militância nos movimentos sociais. Acha que o que a segura nessa luta é o convívio com gente que faz o mesmo que ela.

Entre os exemplos que teve na vida, está a mãe, inequivocamente, mas teve a professora de Português no ensino médio. Ela promovia grandes debates na sala e foi uma influência muito grande. Não aceitava respostas óbvias. Teve a educadora de rua, com quem começou a trabalhar na pastoral do menor, aquela do pirógrafo. Em um estágio em São Paulo, conheceu uma assistente social muito famosa na época, que trabalhava com meninos na rua. Também, na Praça da Sé, conheceu o trabalho do Padre Júlio Lancelot com meninos infratores. Na pós-graduação conheceu uma professora de Psicologia Social na PUC que era de uma generosidade muito grande, orientava de uma maneira que instigava, que motivava ir além. Todas essas pessoas a influenciaram de muitas maneiras.

- Acho que o único jeito de ensinar as pessoas a gostarem da luta é juntá-las com outras pessoas que estão na mesma situação. Ter uma turma, ajuda.

O perfil de Mafalda foi forjado na luta, não é um projeto individual, mas coletivo. Em momento de crise, de dificuldades, sobretudo, ao enxergar em

que situação está, ela mentaliza as mulheres forte de sua vida e isso lhe dá mais gás para continuar.

Mafalda tem preocupação em ajudar as pessoas com quem trabalha, mas sempre com a noção de que não deve causar dependência. O que lhe dá essa noção de emancipação, é o olhar de iguais que comungam com o outro e a busca deliberada pelo vínculo verdadeiro.

- Essa preocupação com a emancipação sempre tive, aperfeiçoei com Paulo Freire, mas já era coisa minha antes, era coisa de minha mãe. Mesmo antes de 1984, quando a profissão do assistente social era meramente assistencialista, eu já não concebia fazer pelo outro, mas sempre com ele.

Mafalda nunca foi de chegar fazendo, mas de perguntar:

- O que vamos fazer e como vamos fazer?

Ela trabalhou durante algum tempo com prevenção às DST/AIDS entre prostitutas, mulheres e travestis, principalmente. Também com mulheres vivendo com HIV/AIDS. Era uma atividade muito difícil, essas pessoas são bastante resistentes, têm dificuldade em confiar nas pessoas e não se deixam envolver facilmente. Exige-se bastante tempo e paciência para começar a dialogar.

- Uma das grandes alegrias de minha vida foi o dia em que essas pessoas começaram a andar com as próprias pernas, quando criaram uma associação e eu virei parceira delas, não era mais uma pessoa que ia lá fazer, mas uma parceira. Esse é o grande “barato”.

Mafalda, ao logo da vida foi deixando para trás muitas coisas, muitas lutas, instituições, companheiros de vida, de família, de militância. Em alguns casos ela se desligava em outros era desligada.

- Minha última perda foi ser desligada de uma ONG que ajudei a fundar e investi mais de 20 anos, foi uma vida.

Esses processos dolorosos de “rejeição” aconteceram em diferentes lugares, com diferentes graus de dor. Aconteceu no Partido dos Trabalhadores, que ajudou a fundar, aconteceu na Secretaria Estadual de Saúde, quando ficou sendo jogada de um canto para o outro com a sensação de não servir para nada. Aconteceu com a função de secretária de Saúde no interior, depois de receber carta branca para fazer o que era necessário, o que

foi doído demais. A essas perdas soma-se o divórcio, a perda de contato com alguns membros da família, de amigos, companheiros de luta.

- Essa ideia de que você é descartável, que podem fazer de você o que quiser é muito sofrida.

Mesmo com tudo isso, Mafalda é o tipo de pessoa que sempre olha o lado bom e está disposta a começar tudo de novo.

- As perdas são imensas. Vivo o luto, choro, xingo, depois passa.

Pode parecer que, ao ser desligada de alguma coisa, de algum lugar, Mafalda está sendo prejudicada. Mas, na verdade, é ela quem não mais cabe naquele espaço. Sempre que saiu de algum lugar (ou foi saída), viveu coisas melhores e mais interessantes.

- Estou sempre disposta a começar tudo de novo. Fui educada na família para não me conformar com as coisas. Se eu parar de lutar vou fazer o quê? Uma boca cheia de dentes esperando a morte chegar?

As perdas e as injustiças que sofreu na vida não afetaram a espiritualidade de Mafalda. Ela busca entender o que se faz quando se aceita a espiritualidade, mas não se quer mais frequentar religião nenhuma.

- Minha espiritualidade não tem a ver com religião, descobri desde que fiz Teologia. Igreja tem um arcabouço doutrinário e a espiritualidade é o que nos liga com as forças da divindade, que reflete a capacidade de pensar para além da racionalidade objetiva e isso não está necessariamente ligado a uma religião.

Mafalda já frequentou muito a igreja, inclusive essa é uma característica dos pais e da família, mas quanto mais conhecimento foi acumulando sobre a história das igrejas, mais foi se interessando pela espiritualidade e menos pela igreja.

- Eu considero a celebração importante. É onde a gente exercita o encontro, mas não consigo mais frequentar igreja nenhuma.

Às vezes ainda vai a uma missa de sétimo dia, uma celebração especial, em missas rezadas por amigos, mas não no cotidiano. Considera que tem coisas maravilhosas no cristianismo, no candomblé, no islamismo, no budismo, mas que tem também a alienação das igrejas, os dogmas, a crença

exacerbada de que a sua é a melhor e verdadeira, que por conta disso, muitas vezes não dá para conversar com os mais crentes.

- Entendo a necessidade de religar com o outro, é a necessidade de se religar com algo que não é do palpável, do concreto, mas é encontro nos afetos, nas relações de amizade, um encontro que não é dessa ordem de concretude, disso não tenho dúvidas.

1.3.3 Dora

A Kombi da prefeitura, que atravessa a longínqua zona rural da cidade, é muito velha. A estrada é de terra, cheia de buracos e curvas. O motorista está quase sempre mal-humorado e resmungando. Ele odeia esse trabalho na zona rural; prefere dirigir na cidade. A médica, que é conduzida às colônias do interior do município, é recém-formada e muito jovem, acha tudo divertido e prefere ignorar as dificuldades, o mau humor do motorista. Ela enfia a cabeça pela janela e vê o poeirão que o carro levanta.

- “Ganho pouco”, não há segurança na contratação, mas estou onde queria estar, fazendo o que queria fazer. Estou feliz.

A essa mulher com jeito de menina vamos chamar de Dora, em homenagem à personagem de Fernanda Montenegro do filme Central do Brasil. No filme, Dora ouve histórias de gente humilde, não letradas e escreve cartas por um pagamento determinado; no entanto essas histórias são o que lhe alimentam a vida, bem mais do que o dinheiro que ganha ouvindo-as.

Virando à esquerda, a Kombi entra na colônia alemã. Se der, ainda hoje vou à colônia italiana, pensa Dora, mas se não der, irei amanhã. Antes de a semana terminar, ela ainda tem que ir à colônia polonesa e à aldeia indígena. Dora acha estranho que essas pessoas não se misturem; cada grupo tem seu espaço, seu próprio posto de saúde, sua cultura. Seria ótimo misturar toda essa gente, pensa por um segundo, mas seu pensamento é interrompido por um solavanco da Kombi entrando em mais um buraco.

Dora gosta muito de cidades do interior, área rural. Isso a faz lembrar o trabalho de seu pai, agrônomo e extensionista rural primoroso. Quando era criança, assistiu muitas vezes ao pai chegar à casa do produtor rural, como ele chamava, comer com a família, sentado no chão ou em uma rede e explicar com paciência como deveria fazer a curva de nível, qual a melhor hora para molhar as plantas, a quantidade correta de fertilizantes que deveria usar para cada solo e planta, como preencher a papelada para dar entrada no pedido de financiamento no banco. Ele se orgulhava de ser um agrônomo de campo, não era de escritório, dizia.

- Sobre cada planta em que punha os olhos, sabia explicar de que espécie era só pela tonalidade do verde e formato da folha. Ele tinha uma competência técnica muito grande...

Ao falar do pai o olhar de Dora vai longe, acompanhando as lembranças. A respiração fica mais lenta, o rosto suaviza-se e um sorriso maroto de criança que está fazendo travessura brota no canto da boca. A voz e o rosto suavizam-se, a fala, até então acelerada, diminui o compasso, perde a urgência por um momento, como que assumindo o ritmo do agrônomo de cotidiano mágico que vive sua rotina rica cada dia em um lugar diferente.

O encantamento de Dora com o interior, com a necessidade de atender cada dia em uma colônia rural diferente parecer ter a ver com a rotina que conheceu, vendo seu pai trabalhar, na infância. Mas atender no interior, nas colônias, não era só magia, não era só essa busca por repetir o fazer mágico de seu pai. Tinha seus próprios sonhos envolvidos, seus próprios desafios a enfrentar. Maldades que ainda nem sabia que existiam.

Dora, quando começou a trabalhar nessa cidade, tinha 27 anos, cara de menina, por isso, usava calça jeans e roupas escuras, esperava com isso aparentar ser mais velha e “melhorar” a credibilidade. Havia concluído a graduação em medicina há pouco tempo. Tinha muitos sonhos, inseguranças. Não sabia se havia aprendido o suficiente, se a faculdade havia lhe proporcionado acesso a tudo que imaginava ser necessário para desempenhar um bom trabalho. No caso de algumas disciplinas, tinha certeza

que foram insuficientes, como por exemplo, gestão²³, saneamento, primeiros socorros, educação popular.

Mesmo com algumas dúvidas, Dora sentia-se preparada para atender na Atenção Primária (APS), embora não negue que houve um choque cultural muito grande ao enfrentar as colônias, cada uma com suas características étnicas diferentes, seu modo de entender o corpo, situação para qual não foi preparada na universidade. A educação popular poderia ter ajudado, mas Dora só teve contato com ela na residência médica. As lacunas que identificou em seu aprendizado e, que em seu julgamento, lhe fariam falta, ela buscou corrigir em cursos complementares depois da graduação.

- A população e a gestão me receberam muito bem. Adorava eles e até hoje tenho boas relações. Mas havia dois médicos muito antigos na cidade e notava que eles se sentiam mais legítimos e queriam impor seu modo de fazer, como não conseguiam, tentavam diminuir minha credibilidade.

Certa vez, Dora tratou de uma criança com infecção urinária em casa. Como a melhora não foi imediata, como muitas vezes acontece em situações parecidas, aliás, não demorou, era o tempo do antibiótico, mas um destes colegas se aproveitou disso para desacreditá-la e internou a criança, como quem diz:

- “Como é que a médica não viu isso?”.

No hospital a criança melhorou, o que era quase óbvio, pois melhoraria de qualquer jeito, era uma questão de tempo para o antibiótico fazer efeito, mas parecia que era por causa da internação. Coisas como essa eram muito ruins.

É importante lembrar que nesta época no SUS os médicos ganhavam por internação, então além de ser uma atitude possivelmente pensada para “desacreditar uma colega que não seguia as regras do jogo”, tratava-se, de uma estratégia de ganho financeiro e, não se pode perder de vista que havia uma questão de gênero. Era uma médica recém-formada, com cara de

²³ O site, Significados, conceitua gestão como gerenciamento, administração, onde existe uma instituição, uma empresa, uma entidade social de pessoas, a ser gerida ou administrada. Neste caso, Dora, provavelmente está se referendo a disciplina de gestão de serviços de saúde.

menina querendo se colocar em um mundo até então dominado por homens. Era uma briga entre a mudança e a permanência de velhas práticas.

Mas com a população era diferente. Ela era bem aceita, a ponto de as senhoras italianas sentirem-se com liberdade para brincarem, batendo em seu “bumbum”, carinhosamente. Imagina se seus colegas iriam permitir tal liberdade com as pessoas da comunidade? No entanto, Dora se sentia uma privilegiada por uma relação assim. Se seu pai sentava no chão, comia com os moradores das fazendas, ela ouvia confidências das “pacientes” e se permitia algum carinho especial no final dos atendimentos.

- Eu brigava muito, criava confusão para poder fazer o que acreditava, para conseguir o que queria.

Dora não se limitava ao básico que era solicitado ao profissional médico, ou seja, questão clínica de diagnóstico e conduta. Ela conta do caso de uma mulher com câncer de mama, que a marcou muito. Quem fez o diagnóstico foi a enfermeira, mas Dora foi quem mobilizou a estrutura necessária para o tratamento em outra cidade, coisa com a qual geralmente o médico não se envolve, que é delegado aos demais profissionais ou à família do doente. Geralmente não se pede e nem se espera que o médico se envolva com essas questões.

- Não adiantou muito, a situação já era muito avançada, o câncer se espalhou pelo corpo. Eu não tratei dela, não dei medicação, não pedi exames, nem tinha como fazer nada, apenas agilizei contatos, falei com pessoas, acionei o secretário de saúde da cidade onde ela iria fazer o tratamento, arrumei albergue, hospital.

Por um instante, a expressão de seu rosto parece dizer que voltou no tempo ao recordar esse momento de sua vida. Novamente ela parece se deixar envolver por esse drama.

- Talvez, uma vez ou outra, eu me sinta injustificada por não ter, ou não ter tido, o reconhecimento dos meus pares, mas me sinto recompensada por quem me interessa de fato, que é a população. Essa mulher chamou por mim antes de morrer, demonstrando o quanto meus cuidados foram importantes para ela.

Importante destacar que a história contada por Dora, sobre a mulher com câncer, é simbólica de um tipo de conduta que mantém até hoje. Esse vínculo entre ela as pessoas que atende no cotidiano, não era coisa de principiante, de profissional empolgado, isso continua ainda nos dias atuais.

- Ainda ontem, antes de vir para cá, fui fazer visita em uma área vulnerável, que é onde acontecem os tiroteios, e encontrei duas adolescentes no caminho, duas meninas. Elas disseram que queriam ir falar comigo, que só eu as entendia. Isso me recompensa e ainda recebo um bom salário.

Apesar das dificuldades que enfrentou nessa cidade, Dora gostava de trabalhar lá. O secretário de Saúde era do Partido dos Trabalhadores (PT), agricultor do sindicato rural, um homem do mundo popular, queria inovar, fazer diferente, fazer para população. Mas havia as forças contrárias.

- Imagina o que é isso? Nunca fui filiada ao PT ou a qualquer outro partido, mas estava fazendo minha parte para concretização deste sonho de mudança.

Ir para o interior sozinha foi uma aposta arriscada. Aceitar esse emprego tinha a ver com o fato de precisar do dinheiro, que não era muito, mas era importante, na época. Com seu salário pode dar tudo que não havia conseguido dar para seus pais no último ano de faculdade, quando deixou de receber bolsa e não conseguia trabalhar. Sobretudo, essa opção pelo interior tinha a ver com seus sonhos. Estava talvez ajudando a dar sustentação a um projeto mais amplo de mudança política. Acreditava que a gestão, assim como ela, tinha compromisso com as mudanças, com um SUS mais integral, singular para todos, que apostava na desmedicalização, na desospitalização, na escuta.

Nesse sentido, não se decepcionou, porém, quando seu contrato chegou ao fim, ficou em dúvida sobre renová-lo ou fazer residência. Optou pela residência porque haveria eleições em poucos meses e não tinha segurança sobre a continuidade da equipe na gestão do município.

- Eu poderia ser demitida com a mudança. Fui a primeira médica da cidade, não intervinha sem necessidade, parei de fazer internações e havia os conflitos com os médicos “poderosos” da cidade que me boicotavam. Por isso, decidi não renovar o contrato e fui fazer a residência médica. Também porque senti necessidade de melhorar a minha formação.

Dora não deixou de acreditar nas utopias de um mundo solidário, de um SUS com integralidade, mas hoje sente que as coisas mudaram, que a corrupção ficou banalizada no PT, que a ética não é mais um valor partidário, que as utopias foram postas de lado em favor de um pragmatismo exacerbado. Tudo isso a levou a se distanciar do PT e não mais acreditar nessa via, mas confessa que tem postura de esquerda, mesmo sem saber se ainda existe isso de esquerda e direita.

Acredito que já ficou claro, mesmo estando ainda na introdução da história de Dora, que se trata de uma profissional diferenciada. Porém, na faculdade, aceitar que era uma pessoa diferente, que não tinha as mesmas preocupações de seus colegas, não foi simples. Tentou escondê-las. Não queria destacar-se pelas diferenças.

Escolheu estudar Medicina por influência da irmã mais nova, antes pensara em fazer Agronomia, porque adorava acompanhar seu pai fazendo extensão rural. Pensou em Arquitetura, porque queria fazer jardins tipo Burle Marx. Em cursar artes, porque gostava de desenhar. Em fazer faculdade de letras, porque gostava de escrever e ensinar. Em arquitetura não foi aprovada no teste de habilidades. Sua segunda opção era Engenharia Civil, mas não passou no vestibular. Ficou meio perdida. Foi neste momento de indecisão que a irmã, que já havia feito sua escolha, a influenciou. Na Medicina poderia fazer muitas coisas: conversar, escrever, ter contato com gente.

Os três primeiros anos de curso foram muito difíceis. Achava-se diferente dos colegas, mas não no que isso tem de positivo, como descobriu anos depois, mas de um jeito que lhe causava muita dificuldade de integração. Não se sentia melhor nem pior do que os colegas, apenas sentia-se “constantemente inadequada”. Com esse sentimento, não falava muito, não se envolvia em muitas discussões na classe.

Algumas disciplinas eram mais difíceis do que outras, por exemplo, anatomia, que achava horrível, histologia, que era absurda:

- Não consegui ver nenhum epitélio ciliado, até hoje “acho que isso é invenção, que não existe”.

Ao fazer a brincadeira com o epitélio ciliado, Dora esboça um sorriso que se pretendia discreto, mas mais parece uma risada franca e gostosa.

Apesar da brincadeira com o epitélio ciliado, essa situação inicial de não identificação com o curso foi um período difícil. Ela não se identificava com bases técnicas cirúrgicas e anestésicas. Nessa disciplina utilizavam cachorros como cobaias, que eram sacrificados em seguida. Situação que lhe dava pesadelos, principalmente porque adora cachorros. Achava saúde coletiva chata e odiava epidemiologia. Gostava de estudar bioquímica porque achava incrível como aquelas interações química aconteciam. Além disso, a professora da disciplina conseguia explicar a matemática existente por trás do ciclo de Krebs, coisa que a fascinava. Também gostava de parasitologia porque se identificava com a forma como o professor contextualizava a disciplina com as informações do território.

- Tive muita vontade de desistir por não me adaptar à realidade do curso.

Como acreditava que era inadequada, passou a acreditar que suas dificuldades eram problemas só seus. Evitava expressá-las. Algumas vezes esteve em enfermarias onde a “paciente” era despida na frente dos estudantes e do professor sem que ninguém considerasse o frio e o pudor da pessoa.

- Não sei exatamente por que, mas acho que a maioria percebia que ela estava com frio, mas se calavam por medo do professor que era ameaçador em sua conduta. Não era uma ameaça de nota ou pontos, era uma ameaça de jeito, de maneira de lidar com todos. Eu mesma me sentia assim.

Foi um tempo difícil: o pai havia perdido o emprego e precisaram se mudar, não exatamente por opção, mas porque era onde havia outros familiares que podiam ajudar nesse momento.

- Pensei em deixar o curso, só não desisti porque era um investimento muito grande da minha família: meu pai desempregado, minha mãe dando aulas particulares além de todo o esforço para passar no vestibular.

Durante a maior parte da faculdade, para evitar pesar tanto para seus pais, Dora trabalhou. Tinha sempre o apoio financeiro de algum programa, recebia bolsa de pesquisas, entre outros, o que só conseguiu por estudar em uma universidade pública. Também dava aulas particulares de matemática.

Foi monitora de genética durante quatro anos na graduação. Nela aprendeu a lidar e conversar com os pais de crianças com deficiências. Envolveu-se tanto com essa atividade que chegou a apresentar trabalhos sobre genética em congressos e encontros científicos, escreveu um capítulo de livro sobre o assunto, ainda estando na faculdade. Além disso, essa monitoria, entre outras, a ajudou a superar as dificuldades iniciais e manter alguns interesses no curso. Assim ela continuou acreditando que as coisas iriam melhorar, que a medicina não era só aquilo que estava vivenciando na maioria das disciplinas.

- "Tive algumas dificuldades, mas sempre tive até mais do que o básico, dentro do contexto, mas deixei de fazer muitas coisas por não ter condições. No curso de Medicina, a maioria das pessoas não têm esse tipo de problema”.

Apesar das dificuldades que teve para adaptar-se ao curso, Dora reconhece que ter feito universidade pública teve um peso muito grande em sua formação. No curso de Medicina, teve bons exemplos de professores maravilhosos, como de um pediatra, que tinha um jeito especial de falar com as crianças, que até hoje ela tenta aprender; um preceptor da residência, que tinha uma capacidade de escuta impressionante e conseguia se pôr no lugar do outro com muita facilidade.

- Levei muito tempo para entender o que ele fazia, pois não falava, não dava conselhos, achava que eu tinha de aprender por observação.

A partir da segunda metade do curso, deixou de centrar-se em disciplinas voltadas para o estudo da biologia corporal. Nesta fase, Dora acabou se encontrando com a medicina. Suas notas começaram a melhorar.

- Foi na clínica que me encontrei. Quando você está na frente do paciente é o momento mais livre, é o maior espaço de liberdade que se tem. Você pode fazer o que quiser inclusive coisas ruins, infelizmente. Tenho a impressão que foi isso que percebi ao fazer essa disciplina, que tinha liberdade neste momento para ser eu.

Essa foi uma etapa importante para Dora encontrar-se como futura médica, porém só se achou de fato quando fez a Universidade Solidária na Bahia²⁴.

- Ali achei minha turma. Na faculdade você convive só com médicos e na Universidade Solidária junta estudantes de vários lugares e profissões, convive com muita gente. Tinha veterinário, assistente social, odontólogo.

Na Bahia, visitou pequenas cidades do interior, comunidades rurais. Conversava com as pessoas, ouvia as histórias de cada um, contava as suas, fazia palestras. Essa experiência a fez lembrar o tempo em que viajava com seu pai fazendo extensão rural.

- Pensei: onde é que eu vou fazer isso? Quando voltei para faculdade, depois dessa experiência na Bahia, comecei a achar em mim a futura médica que seria.

No sexto ano, fez estágio acompanhou uma assistente social que ia aos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), Foram experiências marcantes que ajudaram Dora a descobrir qual seria seu caminho na medicina.

- Quando falei para meus colegas que iria fazer residência na área de medicina social²⁵, ninguém achou estranho, pelo contrário, acharam que era a minha cara.

Assim, depois da experiência como médica no município do interior, contada no início desta história, Dora passou dois anos fazendo Residência, no que viria a ser sua especialidade.

- Fazer o que eu faço hoje foi a escolha mais fácil que fiz, escolher Medicina foi mais difícil do que escolher o tipo de especialização.

O tipo de médica que Dora se tornou parece ter relação com a vida que levava na infância, com as cidades onde morou, com as pessoas com quem

²⁴ O Programa Universidade Solidária foi concebido pelo governo para engajar estudantes universitários em programas voltados para as comunidades carentes no País. Teve início em 1996.

²⁵ Mudei o nome original da residência para não identificar Dora. Porém, o nome não é tão relevante, importante é saber que a residência que ela fez equivaleria, atualmente, a Estratégia Saúde da Família.

convivia e com as quais se identificou. Até os 17 anos morou em cidades muito pobres no Nordeste, aonde o pai ia para trabalhar.

- Não éramos ricos no Nordeste, mas comparando com as pessoas das cidades onde a gente morava, vivíamos muito bem. Meu pai era funcionário público, então éramos da "parte rica".

Em ocasiões festivas, como o Natal, aniversários e Páscoa, a mãe de Dora dizia para as filhas não ostentarem, evitar mostrar todos os brinquedos de uma vez, isso para não "constrangerem" outras crianças.

Na escola estadual, Dora se juntava com outras meninas, passavam por um buraco no muro e iam comer na escola municipal, que era onde tinha merenda. Na verdade, não precisava fazer isso, não tinha dificuldades para comer em casa como as colegas, mas ia para ser solidária a quem precisava, por que era parte do grupo. Também participou de uma revolta organizada para não pagar a contribuição de matrícula. Era praticamente um valor simbólico exigido. Seus pais não teriam dificuldade em pagar, era uma quantia muita pequena para eles, mas muito grande para os pais das colegas de escola. Como parte do grupo, não poderia deixar de participar.

Dora acredita que essa convivência com pessoas muito humildes, que tinham menos do que sua família, pode ter influenciado a ser quem é hoje, mais do que as dificuldades financeiras pelas quais passou, principalmente depois que seu pai perdeu o emprego mudaram para o Sul.

- Não foi a minha classe social de origem que me constituiu. Acho que as pessoas são mais do que salário, emprego e mais valia. Essa é uma coisa importante, mas acho que tem outras coisas que definem mais as pessoas do que a sua classe social. Tem o gênero, a criação, a criatividade.

Por 25 anos o pai foi funcionário público, mas foi demitido e foram para o Sul do Brasil, onde morava a família da mãe. A adaptação foi muito difícil, principalmente para o pai. Ele adorava seu trabalho e com ele matinha a família. No Sul, teve que trabalhar em muitas coisas diferentes para manter a casa, para ser o provedor que sempre foi e não conseguia mais. Chegou a vender mel de porta em porta. A mãe começou a trabalhar de professora particular, fazia o que podia para não faltar nada em casa.

Desde que se formou, Dora já trabalhou em muitos lugares diferentes. De alguns gostou muito, de outros, menos e houve aqueles dos quais não gostou. Ela é fruto de coisas que escolheu e de coisas que não escolheu, mas conseguiu tirar boas lições em cada situação. As escolhas profissionais para ela nunca foram difíceis, mas doídas: trocar de trabalho, de cidade, deixar amigos, afetos, vínculos afetivos, essa era a parte difícil. Trocar de emprego e ganhar menos nunca foi problema, desde que pudesse fazer o que acreditava. Fez isso quando trocou seu primeiro emprego logo ao sair da faculdade pela residência, depois quando saiu de uma unidade de saúde onde adorava trabalhar para fazer o mestrado, mais tarde, quando deixou o emprego de preceptora em uma universidade particular.

- Na minha vida, só tenho trocado de emprego para ganhar menos. Tenho uma renda²⁶ com a qual “Consigo manter uma boa qualidade de vida, sem esbanjamentos e ainda auxiliar minha família”. Ainda hoje trocaria de emprego se fosse para fazer coisas mais desafiadoras.

Dora vive em um apartamento de 42 metros quadrados. Não tem carro, paga um plano de saúde para a mãe. Suas contas fixas mensais são baixas. Vive bem, sem luxo, mas tem mais do que a maioria das pessoas: pode ir ao cinema, tomar um café no fim da tarde, caminhar no parque do bairro onde mora, pode dizer não para as coisas que não acredita e não ser silenciada por isso. Sabe que, se comparado ao que tem e pode fazer a maioria de seus colegas médicos, isso que ela tem é pouco, porém relativiza isso.

- Imagino que eles estão presos a seus compromissos, estão melhores de vida financeiramente, materialmente, mas estão presos. Eu, não.

Em outros tempos, Dora chegou a trabalhar mais de 60 horas semanais e tinha muito medo de ficar desempregada, não conseguir pagar suas contas, mas hoje está segura que sempre vai ter mercado de trabalho em sua profissão.

²⁶ *Importante frisar que a renda de Dora é mais ou menos igual a de muitos médicos que optam por trabalhar com ela trabalhar, sem atropelos, sem fazer plantões, porém não lembra, nem de longe, os salários que se imagina ter um médico.*

Hoje Dora tem dois trabalhos, o principal é em atenção básica, onde é concursada em uma instituição federal, o outro é como supervisora do Programa de Valorização da Atenção Básica (PROVAB²⁷).

Sobre seu fazer no PROVAB, Dora tem uma opinião bastante crítica, embora também bastante esperançosa. Aliás, essa capacidade de ser crítica e ao mesmo tempo ver sempre um lado bom é característica dela. Muito importante dizer que no momento em que Dora deu essa entrevista estava passando por momentos difíceis nesse programa. Parte do que foi relatado na entrevista não será mencionado para não a identificar, mas apenas o essencial para entender o seu posicionamento.

- "Percebo que uma parte das pessoas que o fazem [está se referindo ao PROVAB] – os coordenadores e mesmo os gestores - não querem que seja um trabalho que ajude a mudar a realidade da APS²⁸". Parte dos profissionais não querem mais do que o relatório no final da supervisão. Há coisas boas acontecendo no PROVAB, mas acho que às vezes é muito pouco para o tanto de dinheiro que envolve. Além disso, é médico centrado, não se fala em equipe, não se fala em enfermeira, em ACS, acham que o médico vai resolver tudo sozinho.

Dora, durante esse tempo de supervisão no PROVAB, teve que denunciar uma cidade ao Ministério Público por não tomar providência para reformar uma Unidade de Saúde que corria risco de desabar. Era um prédio sujo, mofado, faltava medicamentos. Durante muito tempo, ela tentou negociar as mudanças necessárias com a administração, mas não havia diálogo. A Comissão Estadual orientou-a a fazer a denúncia e ela fez. Mas as coisas não acabaram bem. Ela foi responsabilizada como se tivesse tomado uma decisão unilateral, sem dialogar e de forma isolada, ainda alegaram que essa não era sua função como supervisora.

²⁷ O PROVAB prevê a atuação de profissionais de saúde recém-formado e que ainda não fizeram residência. Durante 12 meses ocupam postos de trabalho em diversas localidades, sobretudo, em cidades do interior do país e nas periferias das grandes capitais. Neste prazo fazem um curso de especializando em Saúde da Família, online e são acompanhados, no território, por um supervisor.

²⁸ Atenção Primária à Saúde.

- Penso que a APS não precisa ser chique, mas não pode ser mal cheirosa. É um lugar sagrado. Precisa ser respeitado e não apenas no discurso, mas na prática. Os gestores vão empurrando com a barriga e com a conivência de muita gente, de muitas instituições. Perceber isso vai desestimulando, vai fazendo a gente desacreditar. Pensam que qualquer coisa é melhor do que nada. Às vezes acho que qualquer coisa é até pior do que nada.

Dora avalia que o valor da bolsa paga pelo PROVAB aos médicos supervisores é muito bom. Por conta desse valor, talvez temendo perdas, muita gente que sabe que as condições dos serviços que acompanha são ruins, acaba se calando. Pode ser que não falem nada, também porque não acreditam que pode ser diferente.

- Ser médico é cuidar, é gostar de pessoas, mas como a carreira vem com status, dinheiro e poder, algumas pessoas que querem isso, escolhem a medicina, mas não se comprometem.

Mesmo com críticas, Dora percebe coisas boas no PROVAB. Vê até pequenos milagres. Nesse curto tempo de trabalho como supervisora, conheceu uma médica bem menina que se encantou com a possibilidade de trabalhar com população quilombola; fez amizades sinceras e até recebeu convites para casamentos. Além disso, viajando para o interior do estado, para fazer as supervisões, que nem sempre eram nas condições que julgava ideais, ficava alegre em poder fazer algo que lhe fazia parecer “extensionista rural”, coisa que a encanta desde a infância

No seu emprego principal, na atenção básica em uma grande capital, Dora diz que gosta muito de fazer visita domiciliar, pois lembra um pouco do cotidiano de seu pai, daquela vida que ela achava tão diferente, tão divertida e mágica. Mas, também, porque nas visitas pode ouvir histórias, entrar na vida das pessoas, mesmo que por breves momentos. Mesmo nas consultas médicas no consultório, muitas vezes com menos de 20 minutos, ela sente essa realização.

- Cada atendimento é como se fosse um curta- metragem.

O olhar vai ao céu, neste momento. Para, respira. Diz baixinho como que confessando uma travessura inconfessável:

- Quero ter histórias para contar e eu posso fazer isso.

Isso de ouvir os outros, aprendeu na residência e acha que segue aprendendo sempre. Em um estágio na Amazônia teve como preceptora uma enfermeira índia que não a deixava atender ninguém, mas apenas ouvir. Ficou um mês só ouvindo, só conhecendo e, a partir disso, em 2001, procurou a Educação Popular em Saúde (EPS).

- Acho que quando me “apequeno” no sentido de prestar atenção no micro para ouvir e entrar no mundo do outro, quando me esforço para entender suas dúvidas, suas dificuldades de se explicar, entro na vida delas. Acho que neste momento estou transcendendo, sendo grande, sendo mais.

Dora aprendeu, depois de muito tempo, a viver com as limitações que percebia na medicina. Já tem se arrependido várias vezes de ter escolhido essa profissão. Por exemplo, ao assinar o primeiro atestado de óbito, que para ela foi grande um baque e depois, quando se acidentou com material biológico no trabalho e precisou usar AZT²⁹. Nos momentos de frustração e conflito com gestores, quando se sentia injustiçada, com pouco reconhecimento.

- Nessas ocasiões, questionava: por que não fiz outra coisa na vida, por que não fiz fotografia?

Agora considera seu “atual trabalho, adequado, mas gostaria que não fosse tão ambulatorial ou consulta-centrado”. Queria mais espaço para a criação e para as ações de educação em saúde.

- A função do médico hoje na ESF é atender, prescrever e tratar a doença, mas penso que deveria ser maior. Não foi só para isso que estudei, não parei no tempo, aprendi a fazer outras coisas, superei as deficiências da formação, mas querem que o médico faça só isso.

O que Dora observa no seu dia-a-dia profissional é que há uma cobrança muito grande da equipe para que o médico atenda a demanda curativa. Pensam e agem como se o médico só precisasse atender, que outras pessoas devem ir às reuniões, fazer educação em saúde, participar de cursos.

²⁹ Droga usada para prevenir a infecção ao vírus da AIDS. Usa-se no tratamento da AIDS e nos casos de exposição acidental a material contaminado.

Por causa desta grande pressão institucional, da demanda centrada nas consultas médicas individuais, sente que não está fazendo tudo que pode.

- Se eu fosse enfermeira, hoje poderia fazer coisas mais interessantes, pena que muitas delas, que podem, não o fazem. Se eu pudesse fazer isso seria mais feliz.

Por outro lado, algumas vezes, acha que é disso que a população precisa, que há muita tuberculose na comunidade, muito HIV, muita demanda para diagnóstico e conduta.

- “A atenção básica é o lugar do atendimento para o médico, não é lugar da criação, da criatividade”. Muitas vezes sou chamada para discutir outras coisas nas universidades, em encontros científicos. Mas é contraditório que o lugar em que passo mais tempo, pouco consigo fazer essa discussão.

Ao falar de sua atual atividade profissional, ressalta que a população precisa dela para fazer o diagnóstico de doença, solicitar o exame, prescrever a medicação, mas que não pode ser só isso...

Neste momento, Dora não consegue esconder certa decepção, mas aos poucos o rosto vai se iluminando, o sorriso discreto vai brotando no canto da boca, como quem sabe que existe um outro caminho, e logo está empolgada, de cabeça erguida e quase se levantado para falar dos “diagnósticos diferenciados” que faz, das necessidades da comunidade, dos “planos terapêuticos” que tem pensado.

- Na última reunião de que participei na comunidade, as mulheres falaram muito de lazer. Elas precisam disso, precisam de lazer, de se divertir. Fiquei pensando que eu poderia levar as mulheres para dançar, para se divertir.

Dora sonha com um SUS que não se apoie tanto no macro, no geral, mas que tenha condições de tratar cada pessoa de forma singular, como ela merece simplesmente por ser gente, não porque está pagando. Nesse dia, será possível oferecer dança, poesia, música.

- O SUS não pode lidar com” bando” de gente, tem que lidar com cada pessoa... se eu não pensasse assim, não planejasse isso para o trabalho, não valeria a pena. Acho que faz parte do meu trabalho pensar coisas para que as pessoas possam ser mais felizes, e sendo mais felizes, têm mais saúde.

Dora vivencia juntos seus sonhos profissionais e pessoais: queria não ter que andar tanto para chegar ao trabalho, ter um cachorro, poder modificar as relações de trabalho quando não são boas, mas sabe que tudo que se faz hoje em APS leva muito tempo para se consolidar. É como plantar alguma coisa: coloca a semente na terra, rega todo dia, coloca adubo, fala com ela, espera crescer e dar frutos. Um cirurgião faz uma cirurgia e vê o resultado na hora, um arquiteto desenha e vê a casa; em saúde da família leva-se anos para ver os resultados. Como na vida nada é definitivo, ainda tem as recaídas: as pessoas perdem o emprego, voltam a beber, usar drogas, tem as brigas com os filhos, com o marido, ficam doentes, existem separações, dor e morte. Hoje estão bem, amanhã podem ficar ruins de novo e depois melhorar, em círculo contínuo de vida. ESF é a própria vida acontecendo.

Dora diz que não sonha grande, apesar de não parecer.

- Aos 20 anos eu acreditava em sonhos grandes, hoje acredito em coisas pequenas, no potencial das coisas pequenas. São os prazeres das coisas pequenas que a gente vive no dia a dia da ESF.

Nos atendimentos clínicos, nas conversas de corredores, nas visitas domiciliares ou simplesmente andando pelas ruas, indo ou vindo do trabalho, Dora coleciona histórias que são muito significativas no seu modo de entender seu fazer e o mundo que o cerca e, olhando o cotidiano assim, o reinventa.

- Mesmo atendendo cinco pessoas com infecção urinária no dia, penso: são cinco pessoas diferentes, são cinco histórias diferentes. Muitas vezes alguns colegas médicos não entendem essa situação, pensam que precisam resolver tudo o que aparece e lidam muito mal com a frustração de não resolver, de apenas ouvir. Não entendem que a maioria dos casos não têm solução e as pessoas nem solução esperam, mas serem ouvidas. Como resolver o problema da mãe que tem um filho que usa drogas? Como resolver a insônia da mulher que tem um filho preso e uma filha que usa crack? Você escuta, mas não resolve. Muitas vezes o não resolver gera frustração, impotência e os profissionais sentem-se imobilizados e não suportam.

Às vezes, andando pela cidade, Dora passa em frente ao supermercado e identifica a moça do caixa. No restaurante percebe que já atendeu a menina que repõe os alimentos nas panelas. Que o garotão

vaidoso, mas cheio de espinhas, trabalha na coleta de lixo, que para aliviar a sede, toma Coca-Cola fornecida pelos comerciantes.

- Então, vou conhecendo melhor as pessoas, como vivem e complementando as histórias que ouço no consultório.

Para ela, ouvir tem a ver com cuidado, tem a ver com o atendimento clínico e tem a ver com curiosidade. Gosta de ouvir estas histórias, conhecendo o mundo dos caminhões do lixo na madrugada e, assim, pode pensar em um tratamento mais apropriado, que considere que esse jovem passa a noite carregando lixo e tomando Coca-Cola, mas não deixa de ser um adolescente normal, vaidoso, que quer se divertir, namorar, se relacionar com a família.

- Se eu pensasse que é apenas acne, que não tem um ser humano em minha frente, ficaria muito chato e reducionista, superficial. Atender é a melhor coisa que tem, é divertido e algumas vezes, doloroso.

Mas há histórias pesadas, não são apenas coisas simples que ouve. Dora atende regularmente a uma mulher que teve o marido esquartejado por uma gang. A mulher sonha com essa situação o tempo todo e não consegue seguir com sua vida. Juntas, Dora e a mulher, estão pensando em fazer um ritual de adeus, um enterro simbólico para que ela possa desligar-se destes acontecimentos e seguir com sua vida. Tem outro caso, uma moça muito bonita que trabalha de gari, e sente-se assediada pelo chefe, que a coloca em lugares onde pode agir sem testemunhas. A moça já fez denúncia, mas não adiantou. Então vem em busca de atestados com as queixas mais diversas.

- Como entrei na vida dessa mulher, como conheço e entendo sua história, dou os atestados.

Além de dar o atestado, Dora se permite, autorizada pela “paciente”, a orientá-la sobre seus direitos e acredita que esse é seu papel como profissional que pretende promover saúde, cidadania e cuidado. No entanto, Dora diz que não submete as pessoas às suas opiniões, que aceita que talvez essa moça não esteja pronta para se emancipar, para buscar seus direitos. A mesma atitude tem com o usuário de crack que não quer largar a droga.

- O meu papel é estar ali à disposição. Ouvir sem julgar e saber que a pessoa confia que pode falar o que quiser, o que precisa.

Ela atende muitas mulheres com problemas de opressão, que são maltratadas pelo marido, mas só fala sobre isso se houver permissão, se isso for importante para entender e resolver o problema que elas trazem. Considera que o cuidado emancipador é esse que dá aos outras condições de escolher, mesmo que essa escolha não seja a que você aprovaria, mesmo que essa escolha implique em não buscar seus direitos ou continuar usando crack.

- “Não penso no quanto as relações de cuidado que estabeleço podem ser emancipadoras porque meu foco é no micro, no sofrimento, no que a pessoa me traz como sendo importante na vida. Escolho o que é mais relevante para esse outro e não sei se essa escolha, de fato, traz libertação e emancipação. Minha tentativa sempre é a de uma escuta profunda, sensível, tentando, na medida do possível, diminuir a dor e auxiliar na recuperação/promoção”.

Dora não separa religião de espiritualidade. Não tem religião, mas não tem problema em frequentar igrejas, ir a templo budista, candomblé, espiritismo, jogar búzios.

- Acho que todas têm coisas boas. “Não sei explicar muito, mas creio que [espiritualidade] tem relação com o esforço em compreender o outro, o olhar do outro, o mundo do outro. Esse esforço às vezes ‘pede emprestadas’ algumas crenças sobre o que existe para além do que vemos, algo que transcende”.

A espiritualidade reside em alguns sinais que não sabe definir, e nas energias das pessoas, que podem ser boas ou pesadas. Acredita nas orações, acha que isso faz bem, ajuda, mas também não tem necessidade de saber se Deus existe.

- A pessoas falam dos sonhos, das pessoas que já morreram e eu converso com elas, mas não sei se acredito. Para mim, o que dá mais noção de espiritualidade é a natureza, é o contato com o ser vivo, é estar no mato. Isso me deixa maravilhada. Fiquei entre dois cânions uma vez e senti uma presença muito forte, uma energia, a mesma coisa senti numa praia deserta, mas não sei se isso é Deus. Algumas vezes as pessoas me ligam para dar

respostas, para falar coisas que preciso ouvir naquele momento, isso é divino, mas não sei explicar, não sei se isso é Deus.

Na vida e na APS são muitos os desafios, como fica evidente nas histórias que Dora viveu e ouviu. Muitos profissionais na mesma situação poderiam dizer que assédio sexual, que violência doméstica, que angustiar-se com o marido esquartejado não são problemas médicos, ou simplesmente medicalizar o sintoma. Mas Dora sente-se desafiada e impelida a continuar aprendendo, a aprender junto, aprender fazendo com o outro.

- Ainda não sei tudo, tenho alguma dificuldade em atender a crianças, por exemplo, mas estou aprendendo a lidar com elas pela confiança das mães.

Ela aprende fazendo, acompanhando quem tem mais experiência e observando pessoas que considera exemplo: a mãe é uma dessas pessoas, com ela, que é extremamente cuidadosa, aprendeu a cuidar; com a avó paterna, que já conheceu com quase 80 anos, aprendeu a ouvir histórias. Na faculdade aprendeu com professores e preceptores; no trabalho, com os colegas com os pacientes. Ainda cita os livros e sua disposição e gosto pela leitura.

Dora gosta de ler poesia, de ler José de Souza Martins, Paulo Freire, apesar de achar muito difícil. Considera que as leituras conceituais da Saúde Coletiva dão muitas voltas, o que não lhe agrada, pois se acha mais objetiva. Gosta de tudo que fala de território, de Milton Santos, de tudo que fala de lugar. Quando criança, Dora ia muito à biblioteca, adorava ler livros didáticos, foi neles que conheceu Cecília Meireles, cita especialmente “Memórias de um Cabo de Vassoura” de Orígenes Lessa. Adora ilustração.

- Eu demorei muito a crescer, acho que ainda estou crescendo, até hoje sou meio adolescente, apesar dos 42 anos, mais animada também. Ainda hoje estou disposta a fazer coisas malucas, atirar-me em projetos que outros não fariam nessa idade.

Essa disposição em aprender, em ir sempre além das aparências tem a ver com sentir-se desafiada, de imaginar como dá conta de atravessar a floresta amazônica só de chinelo de dedo e com uma machadinha na mão.

- "Tem gente que se sente desafiada com isso e outras, extremamente incomodadas. Eu ainda sou a mesma médica que colocava a cabeça para fora da Kombi para sentir o ar nos cabelos".

2 UM CEGO PROCURANDO LUZ NA IMENSIDÃO DO PARAÍSO

Neste capítulo, começo a apresentar minhas reflexões sobre os “achados” na pesquisa. Para simbolizar o início desta discussão, tomei emprestado os versos da música de Zé Ramalho, Sinônimos, “um cego procurando a luz na imensidão do paraíso”, isso porque os dados de pesquisas qualitativas costumam dar margem para discussões ricas e profundas e ao mesmo tempo, possibilitam questionamentos diversos com base em outras tantas possibilidades que esse tipo de pesquisa oferece. Para cada interpretação realizada abre-se mão de outras que podem ser tão “verdadeiras” ou mais. Foi exatamente como o cego que procura luz que me senti, ao refletir sobre os assuntos tratados nas entrevistas.

As análises poderiam ser realizadas a partir de cada tema individualmente, conforme emergiram das leituras à primeira vista, como família, pertencimento e comunidade, participação política, movimentos sociais, entre outros, mas esses temas são recorrentes e vão aparecer em qualquer pesquisa que se propõe entender processos de aprendizagem. Todos eles saltaram aos olhos nas audições e nas transcrições das entrevistas e foram mantidos na transcrição, mas observando as histórias como um todo e como esses se encadeiam uns aos outros, pode-se concluir que a relação entre cada um deles com o todo evidencia temas maiores e mais importantes para reflexão. Vistos em suas interconexões e não apenas de modo isolados, esses ganham um contexto que lhes dão outros significados, sem perder o que já têm de modo isolado. E são nessas inter-relações que se encontram o significado mais profundo no processo de formação dessas mulheres.

Instrumentalmente, estes temas foram divididos em três movimentos reflexivos, mas apenas para facilitar as reflexões, pois não parecem ter divisões tão claras e distintas.

A constituição de quem se é

Neste movimento reflexivo, vou debater os temas que parecem importantes para constituir as mulheres que são hoje, Dora, Mafalda e Mara:

família, igreja, movimentos sociais, Identidade comunitária, participação política e, sobretudo os exemplos que vivenciaram ao longo da vida.

O fazer

Neste movimento reflexivo, vou debater a militância na Educação Popular e o fazer no SUS como resultado das influências, dos exemplos, do que viram e viveram, ou seja, da formação de um modo amplo. Nessas reflexões vão aparecer questões relacionadas ao fazer cotidiano, às dificuldades e alegrias de se trabalhar no SUS, criatividade, amor ao trabalho (ou ao fruto desse trabalho).

Crenças, sonho e utopias

Neste movimento reflexivo, vou debater as crenças, sonhos, utopias e os aspectos espirituais das três mulheres: religião e espiritualidade, sentimentos, utopias, sonhos, comportamento de cuidado, dedicação intensa ao trabalho e inteireza na vida.

Todos esses pontos são transversais e estão presentes nas diversas épocas e acontecimentos na vida das três mulheres. Talvez seja o movimento mais difícil de separar dos outros, pois só podem ser explicados e/ou entendido na relação com os outros movimentos reflexivos. As crenças, os sonhos e as utopias foram, e são ao mesmo tempo, constituídos e constituintes e têm reflexos na forma como fazem seu trabalho e, ao mesmo tempo, na formação de quem são Dora, Mafalda e Mara.

Tratar de cada um desses movimentos, tem uma dificuldade extra, porque não parece possível hierarquizar nenhum. Para entender a formação dessas mulheres, parece fundamental discutir seus sonhos e crenças, ao mesmo tempo, para entender esses sonhos, parece essencial falar do que fazem e principalmente de como fazem.

O referencial teórico, pensado na fase de elaboração do projeto, será apresentado conforme for se relacionando com os movimentos reflexivos e com os temas abordados.

Antes de iniciar a discussão de cada um dos temas, vou apresentar uma síntese do contexto em que estão inseridas essas três mulheres.

2.1 A VIDA É UM POUCO UMA TRANSMISSÃO, PRA QUEM CAPTAR OS SEUS SINAIS, PRA QUEM FOR MUITO PERSPICAZ

Ao fazer a discussão inicial sobre as entrevistas com Dora, Mafalda e Mara, pareceu apropriado usar um verso da música Reprise, do grupo Ludov, pelo óbvio do contexto vivido ou significado para cada pessoa.

Neste tópico, vou fazer uma síntese dos assuntos abordados nas entrevistas pelas três mulheres, de modo a apresentar algumas semelhanças e diferenças entre elas. De um modo geral, aparecerão vários temas que depois serão melhor aprofundados nos capítulos seguintes.

Duas dessas mulheres trabalham explicitamente com o referencial teórico/prático da Educação Popular e outra, embora não tenha essa vivência teórica expressa, demonstra na prática vivenciar seus princípios no fazer cotidiano.

Duas são solteiras e uma divorciada. A idade varia entre 37 e 52 anos. São de três profissões diferentes, assistente social, médica e psicóloga. São pós-graduadas em diferentes especializações ligadas ao serviço de Atenção Básica. Têm relevantes experiências no Sistema Único de Saúde e na Atenção Primária à Saúde no trabalho público e privado, em ensino, extensão, pesquisa, serviço. Atualmente, são servidoras públicas de carreira em diferentes níveis: municipal, estadual e federal. Todas citaram limitações nos serviços e no que lhes é exigido no trabalho. Os vencimentos variam entre pouco mais de três salários mínimos e 10 salários, aproximadamente, sendo que Mara atualmente trabalha 20 horas e Dora e Mafalda, mais de 40 horas em dois empregos. Ainda há que considerar que, para nenhuma delas, está contabilizado o tempo que dedicam à militância política relacionada aos seus sonhos e crenças.

Importante dizer que elas percebem vivenciar um contexto duro em seu dia a dia profissional, seja no embate com colegas que não têm a mesma visão do fazer, seja com chefias pouco dispostas a dialogar. Esse embate as obrigam a ser criativas, contornar situações que as incomodam. Por outro lado, é possível dizer que o contexto “duro” só é percebido por elas, por

insistirem em fazer diferente do que faz a maioria dos colegas. Ao se abrirem às outras dimensões do fazer em saúde, complexificam o seu próprio fazer/saber e criam demandas que o trabalhador alienado pode não perceber como sendo de sua responsabilidade. No entanto, esse dia a dia é transformado pela postura de cada uma que “insiste” em ter uma “visão poética” das situações. “O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”, diz Certeau (1998, p. 19)

Embora vivenciem as burocracias, as dores de atender ao público, tendo pouco respaldo e/ou estrutura, as dificuldades inerentes ao trabalho, sobretudo por causa da forma como fazem, também percebem as vidas que tocam, o lado gentil das pessoas, as histórias pitorescas, divertidas, engraçadas que esses encontros lhes propiciam. O que também se pode dizer é uma característica das três, ou seja, conseguem transformar o significado “das coisas”, ver de modo diferente do que outros trabalhadores veriam e fazer do cotidiano do serviço um pouco de arte. A palavra arte não está empregada no sentido de produto de um artista, mas no sentido que embelezam seu fazer junto aos outros. Se a arte pode ser entendida como atividade humana ligada às manifestações estética, feita por artistas a partir de percepção, emoções e ideias, com o objetivo de estimular a consciência em um ou mais espectadores, e cada obra de arte possui um significado único e diferente, como diz o site, o que é arte, então é possível dizer que essas mulheres fazem de seu fazer no cotidiano um pouco de arte³⁰.

As três mulheres apresentam a característica de ir além dos “estritos” limites do corporativismo ou do que se “acredita ser a função da profissão de cada uma”. Isso fica claro na conduta de Dora, na dedicação em ouvir as histórias das pessoas e intervir, quando lhe é permitido, não apenas nas “dores” biofisiológicas, mas nas angústias pessoais geradas pelos direitos negados, ou na discussão do fazer da equipe e do que pensa sobre as

³⁰ Não há fôlego para aprofundar a discussão sobre arte, neste momento. Porém, vale ressaltar que Certeau (1998), diz que nem o debate gerado a partir dos conceitos gregos, passando por Durkheim, Kant, conseguiu precisar o que é exatamente arte e maneira de fazer. Nesta pesquisa, arte está sendo tomada como “maneira de fazer”, embora, nem toda maneira de fazer possa ser definida como arte.

atribuições do médico na equipe de ESF. Na insistência de Mafalda em não aceitar que não cabe ao SUS trabalhar com pessoas que reciclam lixo; em não admitir que ao professor caiba simplesmente transmitir conhecimentos, sem problematizar situações complexas em sala de aula, como, por exemplo, os preconceitos dos estudantes uns em relação aos outros e com grupos minoritários da sociedade. Na condução de Mara em situações de confronto entre profissionais e usuários, entre profissionais universitários e de nível técnico, no hábito de pôr as pessoas sentadas frente a frente para se entenderem ou de não fugir de situações que não tenham respostas, como no caso do problema de “lobisomice”.

Essa característica, que deveria ser esperada para a maioria dos trabalhadores no SUS, tomando por base o conceito ampliado de saúde e todas as possibilidades que esse abre para a promoção de saúde, causam-lhes dificuldades e certo desconforto. Fico imaginando que uma imagem apropriada para descrever esse desconforto seria a de uma pessoa andando em sentido contrário ao fluxo, e é isso que elas parecem estar fazendo. Seja ouvindo as pessoas no consultório, nas visitas domiciliares, seja discutindo os preconceitos dos estudantes em sala de aula ou problematizando o modo de fazer nas equipes de trabalho.

Porém, Mara parece lidar, ou ao menos sofrer menos, com os embates do dia a dia. Ela não nega as dificuldades no trabalho, porém, parece que em sua vida e nas funções que ocupou, conseguiu uma relação menos complicada. Em relação à Dora e Mafalda, a explicação parece ser simples. Mara ocupou principalmente função de gestora, o que lhe dá certo poder para se fazer ouvir melhor. Ela parece ter conseguido “escolher” melhor onde e com quem trabalhar. Porém, essa não parece ser toda a explicação. O gestor comprometido, assim como qualquer pessoa comprometida com determinada forma de fazer, tem embates e parece sofrer com isso. No caso de Mara, parece que existe uma maneira pessoal diferenciada de lidar com as situações, o que talvez seja o humor, que ela cita como fundamental em sua vida.

Embora nenhuma delas possa ser classificada como pessoas com “problemas financeiros” não, ao menos crônicos, seja na infância seja na

atualidade, não são ricas. Estudaram em escolas públicas a maior parte da vida estudantil, vivenciaram dificuldades que podem ser consideradas “normais” na infância e adolescência.

Todas as três mulheres têm muitas coisas em comum, inclusive a forma como foram criadas, os ensinamentos, os valores éticos e morais herdados da família, dos grupos aos quais se filiaram em diferentes fases da vida. Todas tiveram na família ambiente estimulante para que pudessem exercitar sua curiosidade epistemológica e estudar. Mafalda diz que a mãe era muito exigente com os estudos e que só permitia brincar depois de concluídas as tarefas. Mara enfatiza que estudar era um valor familiar, nunca um peso, isso desde a geração de sua avó que, embora analfabeta e muito pobre, tinha consciência de que era a educação que mudaria socialmente a vida da família. Dora cita uma rica vivência escolar e o prazer de frequentar a biblioteca.

Mara e Mafalda estudaram em universidades particulares, mas com bolsa e trabalhando para manter o curso. Dora estudou em universidade pública, tendo a preocupação de não “ser um peso para os pais”, sempre se manteve com bolsa de estudo em diversos programas da universidade.

Outra característica, presente nas três, é reconhecer as boas influências. Todas citaram pessoas que as influenciaram: professores, colegas de trabalho, companheiros de militância nos movimentos sociais. Neste ponto, aparece de novo uma característica que pode ser observada nas três mulheres na atualidade, mas que já vem de muitos anos, ou seja, conseguem aproveitar o melhor das pessoas e dos lugares. Ao longo das histórias de cada uma, pode-se observar que fizeram várias críticas às instituições, ao ensino e a algumas pessoas, mas ao mesmo tempo, não deixaram de perceber e aprender com os bons exemplos que encontram ao longo da vida, nesses mesmos lugares.

Em todas as três histórias, pode-se observar que tiveram na família um “direcionamento” fundamental. Duas são de famílias mais libertárias, do ponto de vista ideológico. Sobre a terceira, não dá para afirmar esse posicionamento, porém, dá para dizer que não se tratava de relações familiares conservadoras, embora com alguns posicionamentos sociofinancieros alinhados com essa perspectiva, como, por exemplo, serem

filiado a partidos de centro-direita, serem contrários à reforma agrária e aos movimentos sociais populares. Todas tiveram bons exemplos a seguir na própria família e relação próxima com os pais. Por outro lado, é interessante observar que esse posicionamento ideológico, no caso do pai de Mafalda, não a influenciou, ou melhor, talvez tenha influenciado para que tivesse um posicionamento contrário. No entanto, essa não é uma afirmação que se possa fazer, não ao menos tomando as informações desta pesquisa.

Mafalda diz que hoje tem dificuldades nas relações pessoais com a família extensa, por conta das opções que fez e faz na vida, que inclusive não é convidada para as festas de família, o que, se por um lado evidencia as contradições dentro dessa instituição, por outro, confirma a capacidade que Mafalda vivenciou do lado positivo e do negativo da família, sabendo aproveitar o possível.

Todas as três, à sua maneira, olharam o mundo a partir da visão da família, dos exemplos dos pais, dos tios, mães e avós, que todas citam. Mas, também, cada uma à sua maneira, se envolveu, desde criança, com a comunidade: escolas, locais de moradia, igreja e acreditam que esse envolvimento foi fundamental para serem quem são hoje. Vivenciaram a vida simples que as pessoas viviam ao seu redor. Dora diz que até os 17 anos morou em cidades muito pobres no Nordeste e que essa convivência com pessoas muito humildes, que tinham muito menos do que ela, pode ter influenciado a ser quem é hoje. Mara fala que em sua casa “tudo foi sempre de todos”. Ajudavam os vizinhos, pessoas que trabalhavam de babá, empregada doméstica, mas não exatamente dando as coisas, porém ensinando, oportunizando estudo, crescimento. Isso tem a ver com as opções políticas de esquerda do pai (e da valorização do estudo da avó).

Mafalda não conta nada muito diferente nesse sentido. Na infância, conviveu com os filhos dos empregados de uma serraria que o pai tinha e, até hoje, mantém relações com algumas pessoas de lá.

Talvez essa proximidade com pessoas de classes populares durante longo período de tempo tenha promovido diálogos profundos e proporcionado a percepção de que somos mais semelhantes do que diferentes. Freire (2005) diz que sem amorosidade não há possibilidade de diálogo. O diálogo pode

promover o encontro entre os diferentes, a solidariedade de classes, fazer nascer o amor, o afeto, o compromisso com o outro. A ideia de compromisso significa prometer-se consigo e com o outro.

Todas as três mulheres se envolveram, não apenas com a comunidade, mas com os movimentos sociais e populares. Participaram dos movimentos estudantis, grêmios escolares, centro acadêmico, “revolta” de estudantes, como cita Dora, grupos de jovens da Igreja Católica. A influência dessa participação social incipiente é hoje percebida por elas como tendo sido fundamental para constituição de quem são. Mafalda chega a dizer que “o que determinou o profissional que eu sou foram os movimentos sociais, não foi a faculdade”.

A solidariedade é uma característica que aparece nas três histórias e todas com origem na família, ou melhor, na forma de ser da família e permanece manifesta no modo de ser das três, inclusive no fazer profissional. Mara diz, sobre o fazer no SUS: “se a gente não fizer isso, a Dona Maria sem dentes vai contar com quem?”

Mafalda observa que para ter uma postura como a dela, precisa pensar estrategicamente, pensar o que vai acontecer com as pessoas que estão a seu lado. Lembra que tem quatro alunos indígenas no curso de assistente social e não apenas ela pode perder o convívio com eles, mas se ela não tomar cuidado, podem ser privados de conviver com ela.

A solidariedade aparece em diversas falas e atitudes de Dora ao longo da entrevista, mas talvez as atitudes mais simbólicas sejam aquelas de quanto era criança e atravessava o muro da escola com as colegas para ir comer na escola ao lado, ou ao participar da revolta contra a contribuição financeira à matrícula. Ela fazia isso, também para estar com o grupo, mas não deixa de ser uma questão de solidariedade.

Interessante observar que todas as três mulheres se dizem muito simples, não precisam de muito na vida e cultivarem sonhos pequenos. Chama atenção o compromisso e a responsabilidade de cada uma com o que fazem. O comportamento delas não é o mesmo da maioria dos trabalhadores da saúde. E essa forma de pensar e fazer parece ser uma herança de família, do ambiente em que foram formadas.

Todas as três mulheres tiveram contato com as “promessas” de uma sociedade mais justa que “prometia a militância no Partido dos Trabalhadores” (PT). Dora diz que nunca foi filiada ao PT, mas que contribuiu para realização de suas promessas. Mafalda foi militante orgânica do partido e quadro importante em seu estado. Mara, embora nunca tenha sido filiada, teve talvez a melhor experiência com o partido. Nenhuma delas desistiu de seus “sonhos” quando as promessas desmoronaram. Essa utopia que buscaram realizar junto à militância política não foi algo que o partido “lhes deu”, mas parece que já estava nelas, talvez possa ter aprofundado, tomado formas mais nítidas ou encontrado nas ações organizadas do PT, canal de expressão, mas já existia ao menos desde as participações nos grupos de jovens e nos grêmios escolares. Por isso, acredito que não dá para dizer que a razão para fazer como fazem seja essa opção política apenas, sobretudo aliada a um partido ou outro.

A forma como essas mulheres vivem suas vidas parece ter sido aprendida ao longo da vida, testando, assumindo e descartando, conforme o caso. Tiveram exemplos fortes e firmes na própria família, que lhes garantiu base sólida para caminhar, mas essas bases foram sendo reforçadas pelas escolhas que fizeram ao longo da vida, pelo contato com pessoas com ideais semelhantes. Pode-se dizer que a família foi uma grande influência, mas não há como negar que aprofundar essas influências foi uma decisão delas.

Ser quem são, fazer as coisas do modo como fizeram no início da carreira e ainda fazem hoje, sem se render ao lugar comum do fazer mecanizado em saúde, fica ainda mais impressionante pelo fato de estarmos falando de mulheres desbravando lugares e situações ainda muito novas. Hoje, é relativamente comum conhecer a saúde a partir de seus determinantes sociais, como menciona a Constituição brasileira e todos os documentos do SUS. Porém, transformar esse conhecimento em uma prática coerente no fazer/saber em saúde ainda é difícil. Mas essas mulheres já faziam isso ao sair da faculdade, no caso de Mafalda desde antes da criação do SUS, nos anos de 80, de Dora e Mara desde os anos 90.

Vivemos em um mundo dominado por homens e para a mulher conseguir se impor, mesmo em uma área onde são maioria, exige-se esforço

maior do que para o homem. Segundo Wermelinger, et al (2010) no setor de saúde, a participação feminina chega a quase 70% do total, sendo 62% entre as categorias com diploma universitário e 74% nos setores profissionais de níveis médio e elementar. Ainda diz que a mulher está cada vez mais presente na medicina, odontologia e medicina veterinária. Segundo as autoras, a mulher está associada aos afazeres domésticos e sociais e mesmo quando seu fazer exige técnicas mais relacionadas com a tecnologia ou com o fazer masculino, dificilmente é reconhecida. Parece evidente que mesmo homens trabalhando como essas três mulheres trabalham, teriam dificuldades, mas neste caso, parece evidente que as dificuldades são ainda maiores para as mulheres.

Essa relação de gênero fica evidente, por exemplo, no trecho em que Dora fala de seu primeiro emprego e sobre as tentativas dos colegas em impor sua forma de fazer. Ela não era apenas recém-formada, era sobretudo recém-formada do sexo feminino e talvez, na cabeça dos colegas, não apenas deveria se curvar às vontades deles porque tinham mais experiência, mas porque eram homens.

Dora, Mafalda e Mara têm em comum a estrutura família e os ensinamentos, a influência da Igreja Católica, a relação com a escola e o ensino, o fato de terem vivido grande parte da vida no interior, de acreditarem em sonhos pequenos, em um mundo melhor e trabalharem para isso, cada uma a seu modo, mas com princípios muito semelhantes, se não idênticos. Todas têm no grupo o suporte social para conduzir suas escolhas e não guiar suas vidas por recompensas financeiras.

Para finalizar esta explanação sobre as primeiras impressões, é importante destacar, além do que já foi dito, que todas as três mulheres parecem movidas por um profundo amor pelo que fazem. Talvez não um amor exatamente pelo que fazem no sentido restrito da profissão, mas pelos resultados que conseguem perceber a partir disso.

2.2 O DESAFIO AGORA É PERCEBER

Agora passo a apresentar as discussões a respeito do Movimento Reflexivo 1: a constituição de quem se é. Serão abordados: família, identidade comunitária, ensino formal, movimentos sociais e populares, utopias políticas.

O título desta discussão vem da música “Intolerância”, de Marcelo Bonfá. Esse verso parece apropriado para ajudar a discutir as primeiras impressões sobre os caminhos de formação que percorreram Dora, Mafalda e Mara. É inegável que se trata de um desafio perceber quem ou o quê foram marcantes em suas vidas e contribuíram para torná-las quem são, com os compromissos e responsabilidade que demonstram diante de si mesmas e dos outros com quem compartilham o viver.

Inicialmente, vou falar de um tema muito forte na vida das três mulheres e que parece fundamental para entender como desenvolveram seu modo de ser, ou seja, a família. Entendo que todos os temas que parecem fundamentais para entender essas mulheres não podem ser separados, pois corre-se o risco de perder o sentido que o todo lhe dá, mas tentarei aqui preservar ao máximo o sentido original apreendido nas leituras.

2.2.1 Família, família, cachorro, gato, galinha

Posso dizer, com relativa segurança, que a família foi o “lugar” onde Dora, Mafalda e Mara encontraram bases sólidas para delinear e cristalizar o modo de ser/fazer com dedicação, amor, cuidado, solidariedade, comprometimento com o cuidado emancipador, com a construção de um mundo melhor. Essa constatação pode ser confirmada nas falas, nas expressões faciais, entonação das vozes enquanto descreviam situações emblemáticas, nos exemplos, no modo apaixonado como se referem às pessoas e às situações vivenciadas na família.

Os exemplos, ou melhor, os bons exemplos e a admiração por pessoas e situação exemplares seguiram ao longo da vida nos mais diferentes lugares e situações, mas começaram em casa: com as mães, avós, pais, tios, professores, colegas de trabalhos, lideranças religiosas e/ou de movimentos sociais, ou simplesmente de pessoas com quem conviveram e a que atenderam ao longo da vida no trabalho.

Na história das três mulheres, todos esses exemplos aparecem. Mafalda: “Eu tive muita gente em quem espelhar na vida, minha família, professores, colegas de trabalho, militantes dos movimentos sociais. Sempre tive pessoas muito queridas na vida. Os amigos e minha turma sempre eram da militância” [...]. Dora, em seu dia a dia, relata que gosta de ouvir as histórias das pessoas a quem atende e faz disso uma forma de cuidar, de considerar as pessoas, seus dramas e alegrias. Segundo ela, aprendeu isso com a avó, mas não apenas: “acho que aprendi isso de ouvir histórias lidando com minha avó, minha mãe e meus pacientes”. Mara relata que muitos princípios políticos que tem e sua postura de retidão, de compromisso frente ao mundo aprendeu com o pai, a mãe e a avó.

As maiores influências, ou ao menos as primeiras, de Dora, Mafalda e Mara, estarem na família, não constitui surpresa, uma vez que é o primeiro ambiente social em que vivem as pessoas, ao menos para maioria. Braghirolli (2002) diz que a influência da família não se restringe a oferecer modelos de comportamento, mas também moral, sistema de crença, valores, habilidades sociais. A família tem claramente um papel positivo na aprendizagem dos filhos, ou seja, eles aprendem com a família valores que podem perdurar por toda vida. Por outro lado, não aprendem só coisas que são consideradas positivas para o convívio social, podem aprender, por exemplo, que no mundo é cada um por si, que se deve usar as outras pessoas para seus próprios interesses, que compromissos não são relevantes, que pobres sempre existirão. Seja em uma situação ou em outra, ainda é importante lembrar as discussões de Helman (2003) sobre cultura: a cultura familiar não é única influência a constituir o que as pessoas são ou vão se tornar. Há que considerar as múltiplas culturas em que se vive em diferentes

fases e idades, gênero, personalidade, religião, ensino formal, redes de apoio social, possibilidade de contato com o mundo.

Nenhuma das mulheres “floreiam” a relação familiar, até por isso o título emprestado da música, Família, dos Titãs, pois enfatiza o lado positivo e negativo da família. As falas e as situações descritas dão conta de famílias reais, com problemas tão reais quanto qualquer outra. Isso fica claro nos trechos em que Dora fala sobre o momento em que o pai perdeu o emprego e a família muda-se do Nordeste para o Sul do Brasil. Quando Mafalda fala da segunda família do pai, da falta de apoio dele quando decidiu fazer uma faculdade que não aprovava. Mara citar a falta de planejamento financeiro do pai e a influência disso no divórcio dos pais.

Embora a família tenha tido peso muito grande na vida dessas mulheres, pois foi onde encontraram exemplos de vida que as “orientou” o caminho a seguir, não quer dizer que isso acontece na vida de todas as pessoas. Tão pouco quer dizer que uma pessoa com a família desestruturada, ou que não encontre nela exemplos de comprometimento, solidariedade com o próximo, resulte em pessoas sem compromisso com a comunidade e vice-versa. No entanto, o fato de encontrar essa situação positiva em todas as três entrevistadas, não deixa de ser significativo. Isso ressalta a importância dos bons exemplos para formação de pessoas comprometidas com o cuidado emancipador e a construção de um mundo mais solidário.

Outra dimensão interessante de observar, tem a ver com a importância do aprender, muito mais do que o ensinar. Pode-se dizer que Dora, Mafalda e Mara aprenderam muito na família; mas o que pareceu fundamental na aprendizagem delas não foi exatamente o que foi ensinado, mas o que foi aprendido de modo espontâneo no convívio, ou seja, pode-se dizer que o exemplo espontâneo observado, foi mais importante do que o discurso, reforçando o que diz Bandão (2002): aprende-se o tempo todo.

Essa aprendizagem na família é carregada de emoção, talvez por isso tão forte e presente nas coisas que fazem hoje. É inegável que o trabalho de Dora, como médica, por exemplo, é diferente do trabalho de seu pai, agrônomo. No entanto, ela diz que o cotidiano do pai era mágico, que ia com ele às fazendas onde prestava assistência técnica e o via sentar no chão,

comer com as pessoas, deitar em rede. Essa simplicidade (mágica) no contato com o outro, Dora busca ainda hoje ao fazer visita domiciliar, como médica. Parece que as duas atividades são mais diferentes para quem olha, para quem não vivenciou, como ela, essa aprendizagem. Dora vê vários pontos de semelhança entre o fazer do pai e o seu, e, ao ver e apresentar isso, conseguimos ver também. Parece ser a forma de olhar o mundo, como fala Mara.

Mafalda fala do modo como a mãe parava tudo para dar atenção a quem precisava, do sentido comunitário como juntava a vizinhança, a família para tratar da vida coletiva. E Mara destaca, entre outras coisas, o sentido de retidão e compromisso social do pai com as pessoas mais humildes.

Por mais importante que tenha sido a aprendizagem na família, todas as três mulheres prosseguiram aprendendo ao longo da vida e relatam outros exemplos importantes que tiveram com professores, colegas de trabalho e pessoas a quem atenderam no seu fazer profissional. Brandão (2002) diz que o aprender não deve ser pensado como algo que se acumula, que se contabiliza, não se aprende para ganhar mais competência ou racionalidade, mas se aprende para continuar produzindo saberes com o outro e tornar-se um ser humano melhor. Devemos nos ver como cidadãos responsáveis por produzir nosso próprio conhecimento e aptos a partilhar com o outro. Parece que Dora, Mafalda e Mara aprenderam e têm essa relação com o saber que fala Brandão. Esses aspectos ficam evidentes em relação à aprendizagem espontânea, ao ensino formal e, ainda hoje, em relação ao fazer profissional no cotidiano.

É bastante evidente a importância dos grupos sociais na vida dessas mulheres. São, sobretudo, grupos de amizade, mas também grupos da escola, grêmios escolares, da igreja e do trabalho. Aparecem em diversos momentos das histórias. Foi junto a esses grupos que foram cristalizando os ensinamentos que trouxeram da família e introduzindo novos valores e, sobretudo, comprometendo-se com esses valores e com essas pessoas. É nesse sentido que serão tratados a seguir.

2.2.2 Excessos de razão é como opinião, se não ajuda, atrapalha

Neste subcapítulo, vamos discutir identidade comunitária e ensino formal, uma discussão que transita entre a razão e a subjetividade. Por isso, o título foi formado pelos versos da música, Reprise, do Grupo Ludov.

A origem das preocupações sociais, da solidariedade, do fazer com amor, do comprometimento e do envolvimento político aparece nas falas de Dora, Mafalda e Mara como tendo nascido na família. Por exemplo, Mafalda e Mara falam que os pais participavam de movimentos políticos e/ou organizações políticas e dos movimentos sociais. Dora, embora não fale em envolvimento dos pais com organizações sociais, cita a dedicação do pai ao trabalho com a comunidade como uma grande influência em sua vida. Por isso, parece legítimo dizer que a família influenciou o envolvimento delas com a militância no fazer profissional e na conduta pessoal. Acredito que não seja complicado dizer que a base familiar influenciou, inclusive na seleção de pessoas e grupos com os quais desenvolveriam vínculos. Parece justo dizer que a família não seria suficiente para desenvolver todos os aspectos dessas mulheres ao longo da vida.

Nas entrevistas, um tema surgiu de forma recorrente e inequívoca: a importância do grupo, da turma, de seus iguais, como fala Mara. Penso que os grupos podem ser pensados como comunidades, conforme conceituação de Wanderley (2010): a comunidade tem o sentido de estar próximo, de pertencimento e de grande flexibilidade de interesses formais e informais e caracteriza pelas relações impregnadas de amizades. Já a identidade, que é muitas vezes dada pela comunidade ou reforçada por ela, propicia que o indivíduo resista às normas institucionais impostas. Nesse sentido, vou me referir à identidade comunitária para falar dos grupos a que Dora, Mafalda e Mara referem-se, quando falam de “seus iguais”.

Uma fala de Mara, sobre o grupo e a importância dos laços de amizade, parece fazer uma boa síntese do que disse:

“Os laços de amizade não me deixam sair”. A família às vezes critica os excessos, mas por que não compreende que não estou numa luta

só minha, tem um grupo, e tenho que ser fiel ao grupo. [...] não estou sozinha e nem nunca estive, sempre encontrei outras pessoas que fizeram algo antes de mim, só me junto aos meus iguais, sou parte de um grupo [...]

Uma das hipóteses pensadas ao iniciar esta pesquisa era de que a educação escolar desempenha papel muito relevante na formação das pessoas, mas essa contribuição não pareceu tão grande, quando se observa as histórias das mulheres entrevistadas. O que não quer dizer que a contribuição do ensino formal não seja relevante, apenas que parece menor do que se imaginava inicialmente.

Talvez, essa contribuição que imagino ser menor do que poderia, seja pelos problemas que a educação tradicional demonstra, situação que já é bastante discutida. Pode ser, ainda, porque nem sempre é fácil perceber a contribuição do ensino formal, pois desencadeiam processos que potencializam e/ou parecem ter ocorridos em outros ambientes e situações. Fernandes (1996) diz que “não há dúvidas de que a educação modela o homem, mas é este que determina, socialmente, a extensão das funções construtivas da educação em sua vida”.

Tomei esse exemplo apenas para relativizar o que estou querendo dizer como “pouca contribuição” da educação formal na formação dessas mulheres, pois parece evidente que letramento, seja ele com conscientização, tal qual discutido por Paulo Freire, ou mesmo apenas a leitura de “Ivo viu a uva”, contribui com a formação do sujeito. A questão talvez seja o quanto contribui, de que forma e o quanto poderia fazê-lo, caso não estivesse concentrado basicamente na transmissão de informações.

Dora diz que na escola participava de ações conjuntas com as colegas apenas por ser parte do grupo, para ser solidária e na graduação só foi se achar mesmo após participar da Universidade Solidária na Bahia: “ali achei minha turma”, diz ela. Mafalda participava do grêmio escolar. Neste sentido, a escola teve muita importância na formação de sentimento de pertencimento, de identidade comunitária, de solidariedade, da participação política. Ainda poderia acrescentar que na escola foi possível perceber as diferenças econômicas entre os colegas, como Dora cita, mas essas reflexões, embora propiciadas por estar na escola, o que é relevante, não dizem respeito

necessariamente ao conteúdo intencionalmente ensinado, que poderia ser mais bem refletido nas escolas. Essa aprendizagem também se dava no envolvimento com a igreja, com os grupos de jovens, nas ações voluntárias citadas por Mara, nas reuniões que sua mãe promovia na comunidade, na convivência com as pessoas dos bairros pobres, com as pessoas que faziam trabalhos domésticos, como cita Mara.

Se por um lado a escola foi, e é, esse espaço que possibilita vários encontros, desencadeia e/ou reforça identidades, por outro, limites bem estreitos podem causar confusão, alienação e sofrimento.

Dora, por exemplo, fala que durante os três primeiros anos de faculdade, não conseguia se identificar com o curso, mas achava que era um problema dela, não da escola. Mafalda afirma que até certa idade conseguia obedecer à professora, depois ficou difícil e passou a se interessar por outras coisas, situação que não melhorou na faculdade, onde diz que só tinha aula com transparência.

Paulo Freire não fala em Educação, mas em “educações”, diz Romão (2011) e distingue a educação bancária e a libertadora. A libertadora propicia a formação integral do sujeito possibilitando que consiga ler o mundo e a palavra da mesma forma. Por outro lado, a educação bancária quando muito possibilitaria ler a palavra. No entanto, a educação, como já frisado, não acontece apenas na escola, ou melhor, se dá mesmo sem que o “professor queira”, como na percepção das diferenças sociais entre os estudantes. Há sempre os efeitos secundários ou inesperados, a pesquisa mostrar isso. Nenhuma das entrevistadas teve uma educação declaradamente libertadora, mas todas conseguiram ir além do que a escola parecia pretender ensinar. Mara diz que a psicologia a ensinou a ser psicóloga de consultório e deu habilitação legal para exercer a profissão, mas, seguindo os passos de Mara, vê-se que ela se utilizou desse ponto de apoio para ir além do que inicialmente fora planejado pelo ensino, como fala Fernandes, Mara ressignificou essa aprendizagem. Não só Mara, mas a forma como Dora e Mafalda trabalham desde sempre em suas profissões mostra a mesma coisa: foram além do que as escolas pretenderam ensinar.

Mafalda diz outra coisa que parece ter muita relação com suas descobertas, com sua capacidade de vencer as limitações da escola, embora aparentemente pudesse ter passado despercebido na entrevista:

Minha mãe comprava cadernos, lápis de cor, folhas coloridas para encapar os cadernos. Ela juntava dinheiro o ano todo para fazer isso. Era um ritual encapar cadernos, reunia toda família, mãe, avós, meu pai apontava os lápis. Ele chegava de viagem e sentava no chão e apontava meus lápis. Mafalda

Essa delicadeza da família com “as coisas da escola”, talvez seja um aprendizado muito mais valioso do que se pensa, e reforça a ideia de que a família tem potencial para valorizar a escola, assim como a convivência familiar, em torno das coisas da escola, pode ser reforçada por políticas públicas de valorização do ensino.

Não se deve desprezar todas as outras possibilidades propiciadas pela escola e nem sempre percebida como sendo contribuição dela. Essas “outras coisas”, que gravitam no entorno da escola, parecem desempenhar um papel extremamente relevante para a formação, (ao menos parece ter sido), na vida dessas mulheres. Papel que também é desempenhado pela extensão, como bem descrito pelas experiências da UFPB, que ao longo de vários anos, tem contribuído para a formação da identidade comunitária de vários estudantes.

No entanto, esse envolvimento na extensão acontece muito tarde e, a depender da universidade em que se estuda, ou mesmo se não fizer curso universitário, se é privado dele. Talvez melhorar a escola e fazer dela um lugar que ajude os educandos a sedimentarem identidades comunitárias, que reforcem o compromisso com a vida em sociedade e, não apenas receberem depósito de conhecimentos, passe por fortalecer os grupos e ações que gravitam no entorno, e não necessariamente dentro da escola, que poderiam incluir grupos de jovens com preocupações ecológicas, sociais, culturais, entre outras. Talvez essas ações, ou essas práticas sociais pudessem ser a prática que precedesse a teoria.

Esse envolvimento com o outro, essa busca por pertencimento parece ser algo que vem ao menos desde a infância e perpassa a família, a vida comunitária e a escola de uma forma dialética, podendo ser desencadeada

e/ou reforçada, ora por uma ora por outra esfera da vida. Isso se constata a partir das histórias destas três mulheres entrevistadas.

Parece verdade que foi na família que essas mulheres deram início ao aprendizado de seus compromissos, mas igualmente parece verdade que foi nas comunidades que criaram para si ou às que se vincularam, que confirmaram esse caminho, que encontraram apoio para desenvolver, aprofundar o entendimento de mundo que têm hoje. Mafalda ressalta que sempre teve pessoas muito queridas na vida, e que sua turma sempre era da militância. Mara fala que sempre foi de se envolver com todos, principalmente com as pessoas mais estranhas da escola, e enfatiza a comunidade da igreja, os trabalhos voluntários na comunidade. Isso parece tão forte que Dora chega a dizer que não foi a situação financeira que a constituiu, mas esse convívio com as pessoas, sobretudo as mais humildes, a ponto de chegar a se identificar com elas. Oscar Jara (1994) diz que formação e o desenvolvimento da consciência de classe não se dá isolada das condições de vida, mas neste contexto.

Capitão e Heloani (2007, p.52) dizem que o grupo é responsável pela construção da identidade, é a célula-base por meio da qual o indivíduo adquire valores, introjeta normas, condutas, adquire necessidades. Isso parece confirmado pelas falas dessas mulheres.

Grupo ou comunidade, como utilizado aqui, como enfatizado por Walderley (2010) está relacionado com a amizade e esta também é fundamental na constituição dos coletivos de Educação Popular em Saúde. Falas nesse sentido aparecem ligadas a dois outros artigos da Educação popular: Prado; Wong-Un (2008) e Stotz, David; Wong-Un.

Parece evidente, ao menos na vida de Dora, Mafalda e Mara, que as amizades são importantes. Porém, elas poderiam, na escola, na igreja, nos grupos sociais, ter escolhido se vincular a outras pessoas que lhe influenciariam em outros sentidos, porém não fizeram. O que explica os cominhos que seguiram? Poderia dizer que a resposta à essa pergunta, mais uma vez, vem dos valores familiares?

Essa resposta parece estar associada à profundidade ou à firmeza das aprendizagens anteriores desempenhados pela família, pelos exemplos

vivenciados entre os parentes, pessoas das comunidades com as quais se identificavam, a escola, também pelo convívio com pessoas mais humildes do ponto de vista financeiro, que todas as três citam, mas não parece possível fechar a questão apenas nesses aspectos. Essa possibilidade é bastante coerente com o que diz Capitão e Heloani (2007), segundo eles, ao entrar em um grupo há uma mudança geral inclusive na disposição do psiquismo e assume-se a identidade do grupo. Se essa identidade está suficientemente sedimentada, como parece nos casos apresentados, à probabilidade de mudar de grupo parece pequena. Nesse sentido, talvez os primeiros grupos dessas mulheres, possam ser considerados a própria família.

Geertz (2008, p. 241) discutindo sobre cultura diz que um “obstáculo maior à integração da vida cultural é a dificuldade em fazer com que pessoas que vivem em mundos diferentes possam influenciar-se reciprocamente de uma forma genuína”. Nesse caso, parece que dá para dizer que uma vez feita a “opção” por determinado grupo, cada um vive em “ambientes diferentes”, embora muitas vezes no mesmo espaço geográfico e político. Até dentro de uma mesma sala de aula é possível pertencer a determinados grupos. Ao que parece, eles se reconhecem. Mara diz que só se envolve com quem tem afinidades ideológicas, o mesmo Mafalda, com os demais, apenas relações profissionais. Porém todas as três entrevistadas são bastante sociáveis, o que possibilita dizer que a convivência com os colegas, se não é totalmente confortável, não deve ser conflitiva, não o tempo todo.

Os grupos tiveram importância muito grande na formação da identidade, na aceitação de quem são. Dora, por exemplo, encontrou-se com sua futura profissão, não exatamente na escola, com os colegas mais próximos, mas nas Comunidades Solidárias. A partir daí, aprofundou em outras vivências, em outros encontros. Mafalda ressalta situação muito semelhante, quando diz que o grêmio escolar passou a ser mais interessante do que as aulas e isso se aprofundou na faculdade, nos cursos paralelos e nos movimentos sociais, como a CPT, a pastoral da criança, o movimento sindical. Mara percebeu que seu curso de psicologia não a completava, mas persistiu e, na especialização, começou a encontrar seu grupo, situação que

se aprofundou em seu primeiro emprego, quando conviveu com pessoas de várias regiões e profissões, inclusive dos movimentos sociais.

Tomando como relevantes os encontros e a formação dos grupos, como demonstra as histórias destas mulheres, não seria interessante promover espaços de encontros nos trabalhos, nas escolas e na comunidade? Será que esses espaços, que não seriam outra coisa senão lugares de diálogo, na acepção Freireana, não poderiam ser pensados de forma deliberada, através de políticas públicas e de programas educativos dos movimentos sociais e populares?

Parece evidente que para isso seria importante explicitar “esse tipo de pessoa comprometida com o outro e com o mundo”, como sendo o tipo de profissional necessário, desejável/admirável para trabalhar no SUS, por conta de suas qualidades que transcendem o aqui e agora. O que parece ser bastante complicado, quando se pensa que a sociedade está cada vez mais individualizada, que os meios de comunicação e de ensino, enfatizam que ter sucesso é ter coisas, que carreira de sucesso é demonstrada pelo volume de dinheiro na conta bancária, como discutido por Brandão (2007). Maturana (1998, p. 13) acrescenta, pensando nas universidades, que a diferença “entre preparar-se para devolver ao país o que se recebeu dele, trabalhando para acabar com a pobreza, e preparar-se para competir no mercado de trabalho é enorme”. Infelizmente, neste momento, o ensino está voltado para o desenvolvimento do mercado e do sucesso individualizado, mesmo nas universidades públicas, constata Brandão (2002).

Se no trabalho ou na escola parece muito difícil promover esses espaços, que são antes de tudo, de encontros, de diálogo, talvez seja mais fácil ou mais viável fazer isso através dos movimentos sociais e populares.

Cada uma dessas mulheres percorreu caminhos ligeiramente diferentes, embora semelhantes e com resultados quase idênticos, do ponto de vista da identidade social. Tomando essas possibilidades, dá para dizer que não existe apenas um caminho, portanto, não dá para fazer um mapa que leve as pessoas a serem comprometidas com o cuidado emancipador e a construção de uma sociedade solidária. Embora haja indicações importante de ações que podem contribuir, como discutido.

2.2.3 E aqui estou então, não estou sozinho não

Agora, serão discutidos movimentos sociais e populares e utopias políticas. Como título, emprestei os versos da música Gritos na multidão, do grupo Ira, que parecem perfeitos no contexto, principalmente pelas lembranças afetivas que trago da adolescência:

Estou desempregado, estou desgovernado,
A fome me faz mal, estou passando mal
Mas vou entrar na luta, eu vou sair na rua.

Essa música parecia na época, e ainda parece, chamar à luta pelas utopias políticas, pela nossa pequena possibilidade de romper as estruturas, o que necessariamente passava e passa pelos movimentos populares (também sociais).

Os movimentos sociais, em sentido amplo, foram muito importantes na formação de Dora, Mafalda e Mara. Mafalda chega a dizer que se não fosse os movimentos sociais, talvez não estivesse mais trabalhando no SUS. Porém, nesta discussão, não estou tomando nenhum conceito de movimento social em especial e nem fazendo diferenciação clara e acadêmica sobre as concepções de movimentos sociais e movimentos populares. Entendo que essa diferenciação acadêmica não é importante para esta discussão, até porque as entrevistadas não fazem essa distinção. Digamos que todos os movimentos são sociais, pois acontecem na sociedade, porém, nem todos podem ser considerados populares. Para essa diferenciação, parece interessante o conceito apresentado por Brandão (2002), que não entra em maiores polêmicas em torno dos debates sobre isso. Segundo ele, os movimentos populares são aqueles criados, conduzidos e destinados a sujeitos e grupos humanos populares. Devem ser autônomos, suprapartidários. O que é condizente com o conceito de educação popular que enfatiza o compromisso com as causas populares. Nesse sentido, o envolvimento político dessas mulheres, mesmo quando relacionado ao PT, será tomado como desdobramento da participação delas nos movimentos sociais e populares.

Mesmo reconhecendo a importância dos movimentos, as entrevistas dão conta de que a família foi preponderante até para que chegassem aos movimentos populares. Em seguida, vêm os grupos: grêmios escolares, grupo de jovens ligados à igreja e sobretudo as amizades. Porém, com base apenas na pesquisa, não é possível afirmar o que veio primeiro: as amizades ou o envolvimento com os movimentos. O que parece mais certo é que um grupo influenciou o outro. Para Dora e Mara, o que veio primeiro foram as pessoas, as amizades e estas levaram mais rápido aos movimentos sociais. No Caso de Mafalda, parece ter vindo primeiro os movimentos, embora ela se mostre bastante influenciada por pessoas em suas condutas.

Parece que o envolvimento com os movimentos sociais foi uma consequência natural do modo como conduziram suas vidas. A religião, na vida de Mafalda e Mara, parece ter sido o primeiro envolvimento, ou a porta de entrada para a participação nos movimentos populares, embora seja mais ou mesmo na mesma época em que se envolveram com os movimentos estudantis. Mafalda diz que em determinado momento de sua vida o grêmios escolares passou a ser mais importante do que ir às aulas. Para Mara, parece que a primeira aproximação com os movimentos foi a igreja: ela cita a experiência religiosa, o trabalho social na igreja, as ações voluntárias com pessoas carentes, aula de reforço escolar em favelas, trabalho com crianças com HIV. Para Dora, parece ter sido na escola. Porém, se o envolvimento inicial foi através da igreja ou da escola, não parece tão relevante quanto o fato, no caso dessas mulheres, que os movimentos sociais desempenharam papel muito importante em suas vidas. Mafalda chega a dizer que foram eles a melhor pós-graduação que poderia ter, uma vez que seu curso foi bastante despolitizado. Na vida de Dora, o envolvimento parece ter acontecido em função do ambiente em que vivia, do grupo, por sua solidariedade, mas foi, por assim dizer, o embrião para o envolvimento nos movimentos sociais mais organizados.

O participar, se juntar, ser parte, é uma característica que Dora, Mafalda e Mara mantêm até hoje e parece ter sido uma das primeiras manifestações políticas em sua vida. De um modo geral, essas experiências tiveram importância muito grande na formação delas. Parece lícito afirmar que

os movimentos de jovens, seja nos grêmios ou grupos religiosos ou de caráter assistencial, podem ser uma alternativa para formação cidadã dos jovens. A história de cada uma delas, mostra que não foram só esses primeiros movimentos e/ou participações suficientes para formar ou impulsionar suas futuras escolhas, por outro lado, parecem ter desempenhado um papel importante como “exercício” dos futuros compromissos que viriam a assumir no futuro, com pessoas, ideias, causas, instituições...

Acredito que o fortalecimento de espaços de convívio, que podem ser de movimentos sociais e populares, de iniciativa do estado, entre outras possibilidades, têm potencial de promover encontros entre a juventude, contribuir para formação dos futuros cidadãos e profissionais comprometidos com a sociedade. A trajetória das mulheres, ouvida na pesquisa, indica isso e, embora cada pessoa receba e processe os acontecimentos de forma diferente, parece verdade que essas experiências possam se repetir com outras pessoas, caso sejam estimuladas para isso. Ainda voltaremos a abordar esse assunto, mas é importante frisar que, talvez o efeito que se espera que a escola desempenhe na vida das pessoas, precise de reforços em outras áreas, ou seja, melhorar o ensino talvez passe por melhorar esses outros espaços de formação, que são comuns na vida de todos e todas, o que quer dizer, em outras palavras, admitir que a escola não basta para a formação e abri-la de fato para o universo extramuros. Freire (1989) diz que os movimentos populares são o fermento das novidades na América Latina e funcionam como uma escola onde as pessoas aprendem a resolver problemas. Somando-se a outras pessoas: se educam, aprendem e, ao mesmo tempo, exercitam o que aprenderam. Isso, mesmo passado quase 30 anos, ainda parece verdade, principalmente relacionando as histórias dessas mulheres.

As vivências nas escolas, no bairro, nos movimentos da igreja, na universidade, nos movimentos populares e corporativos, nas instituições profissionais parecem ter reforçado a tendência que já vinha da família em ser mais, em buscar mais, em não aceitar que não dava para fazer. Mas será que essa busca não poderia ter sido interrompida no contato com os colegas no SUS?

As dificuldades do dia a dia, a burocracia, as injustiças, as condições de trabalho quase sempre tão precárias, os vencimentos pequenos, não poderiam impactá-las tão profundamente quanto a outros trabalhos?

Não é incomum o recém-formado chegar muito entusiasmado ao trabalho e em pouco tempo perder essa disposição, diante do que encontra. Porém, isso não aconteceu com Dora, Mafalda e Mara, não ao menos ainda. Talvez o que explique, se é que é possível encontrar uma explicação completa, seja o fato de que elas não estavam envolvidas exatamente com a profissão, enquanto corporação ou carreira, mas com sonhos e utopias de um mundo mais solidário para todos. O fazer profissional talvez fosse visto de forma instrumental, como uma maneira para alcançar esses objetivos maiores, que transcendem o aqui e agora.

Evidências dessa observação parecem ser as escolhas de trabalhos que aceitaram ao longo da vida e, principalmente os critérios que utilizaram e, em certa medida, ainda utilizam para escolher onde e em que trabalhar. Dora, neste sentido, sintetiza opção semelhante de Mafalda e Mara. Sobre seu primeiro emprego, diz que era um tempo em que se acreditava que era possível mudar o Brasil pela participação na política partidária. E aceitar emprego no interior, tinha a ver com essa opção política pela mudança, pelos sonhos de um Brasil melhor, de um SUS integral e singular para todos, de uma aposta na desmedicalização, na desospitalização, na escuta.

Esse tipo de escolha, que as três fizeram de forma quase idêntica, parece fruto das opções políticas, mais do que da necessidade de “ganhar a vida”, embora também tenham levado isso em conta. Os trabalhos que assumiram Mara e Dora no interior, fazendo parte de gestões ligadas ao Partido dos Trabalhadores e Mafalda, ao optar pelo trabalho na Pastoral da Criança, testemunham esse compromisso militante por um mundo solidário, entre outras coisas. As escolhas que fizeram, imediatamente após se formarem, repetiram-se outras vezes e relatam estarem dispostas a fazer isso ainda hoje. As escolhas, mas, sobretudo, a forma como fazem nesses trabalhos, confunde-se com a militância, com o compromisso com o outro.

No início da carreira, de modo bastante semelhante, todas as três fizeram opções políticas que as aproximaram do Partido dos Trabalhadores,

embora apenas Mafalda tenha sido filiada, todas efetivamente trabalharam para ajudar a construir os projetos que o partido defendia. A participação política em prol da construção de uma sociedade mais justa, naquele momento de empolgação dos movimentos de esquerda, era um caminho natural de quase todas as pessoas envolvidas com os movimentos sociais e populares. Hoje, distanciando-se daquele momento, é possível dizer que tanto as opções políticas quanto o modo “diferenciado” com que exercem seu fazer, estão impregnados de espiritualidade, mas não parecia ser isso na época, quando a participação política, inclusive partidária, parecia ser o caminho para a construção dessa sociedade solidária que todas sonharam e sonham. Sobre a espiritualidade, a política e o fazer, especificamente, voltarei a falar em outro momento. Por agora, vamos nos focar na questão política enquanto um horizonte utópico.

Mara diz que na política sempre teve postura de esquerda e sempre se identificou com o Partido dos Trabalhadores (PT). Diz não ignorar as transformações pelas quais passou o PT, mas sempre ter achado pessoas boas, comprometidas e de ter assumido compromisso com elas. Mafalda diz que desde os 17 anos participa de organizações políticas, sejam elas de partido, sindicato ou movimento popular. Ela foi à única filiada ao PT e militante orgânica, até perceber “partido é parte e por isso limitante”. Hoje ela é bastante crítica aos rumos que o partido tomou, mas se diz completamente comprometida com os movimentos de esquerda que se pautam pela emancipação dos grupos.

Mesmo que “as promessas” de uma sociedade mais justa e solidária não tenha se realizado, ou talvez tenha se realizado numa proporção bem menor do que esperavam, que o partido não seja mais “porta voz” dessas aspirações, a esperança de um mundo melhor não morreu com ele, principalmente porque não nasceu com ele, já estava em cada uma dessas mulheres. O que talvez o PT tenha feito, tomando como base as entrevistas, foi juntar pessoas com aspirações semelhantes, possibilitando o encontro, a identificação e a criação de vínculos políticos e afetivos.

Mara aproveita do PT princípios que talvez não tenham mais lugar nele, como a valorização do processo de tomada de decisão democrática,

autonomia do sujeito, dar voz, vez e oportunidades para todos. É interessante observar que há certa comoção na fala de Mara ao se referir ao PT, talvez porque o partido ainda simbolize todos aqueles sonhos de um mundo melhor, porque ao falar do PT, não está apenas falando de uma instituição impessoal, mas de um grupo que abriga parte de amigos com quem trabalhou e dividiu muitos sonhos e utopias.

Mara parece ter tido experiências muito positivas em sua relação com o PT, seus militantes, gestões municipais e de serviço de saúde. Ao contrário, Dora e Mafalda parecem ter experimentado não apenas o lado positivo. Está claro que por acreditarem nos ideais do partido, por terem tentado colocar em prática, pagaram certo preço, tendo inclusive vários momentos de embates com gestões do próprio partido, simplesmente por estarem pondo em prática o que acreditavam. Porém, se hoje tivessem que fazer de novo, fariam. Reconhecem que essa vivência foi importante para formação de quem são. Isso parece confirmar que os princípios que encarnaram e pareciam do PT, na verdade eram delas, ou melhor, são princípios, em grande parte, universais dos seres humanos: a vocação por ser mais, que fala Paulo Freire.

Paulo Freire vê na política uma forma de expressão social. Na visão dele, política é uma forma de manifestação individual e coletiva, uma tomada de partido contra ou a favor de forma consciente. Demo (2006, p. 8) diz “que o ser humano não lida apenas com estruturas às quais se curva de modo geral, mas também com dinâmicas históricas, nas quais pode conquistar alguma margem de manobra, como regra através da habilidade de aprender e conhecer”. Dora, Mafalda e Mara, demonstram essas habilidades de aprender, que fala Demo, por isso continuam vivenciando a política como essa possibilidade de tomar partido, que fala Paulo Freire.

O processo de formação de identidades, participação social, dessas mulheres, embora não concluído, foi rico e complexo. Houve encontros, desencontros, entradas e saída de grupos, identificações, revisões de papéis. Nesse percurso, conheceram-se melhor, definiram-se, redefiniram-se e continuam buscando instrumentos que lhes possibilite viver as utopias de um mundo mais solidário.

Talvez os movimentos sociais e populares, o trabalho, a própria profissão, o fazer cotidiano, possam ser pensados como instrumento. Na relação com todas essas instituições, pode-se pensar que Dora, Mafalda e Mara buscavam viver seus sonhos e utopias. Mafalda tem uma fala que parece confirmar essa interpretação. Segundo ela, a utopia é sua vida, “não ocupa espaço nela, é a própria”. E que toda vez que deixou de sonhar, adoeceu. Mara diz que a utopia é seu norte e, nesse sentido, é bastante tangível. Dora falou pouco a palavra utopia em sua entrevista, mas isso não quer dizer que tenha uma visão diferente. Aliás, todas as três mulheres vivenciam a utopia da mesma forma, não como algo dado, mas em construção permanente. Nada diferente da esperança, citada por Freire (2005): movem-se na esperança enquanto lutam e se lutam com esperança, esperam.

2.3 FACA AMOLADA

Ao debruçar-se sobre o segundo movimento reflexivo, o fazer, é relevante começar pelo que Dora, Mafalda e Mara parecem fazer diferente do que faz a maioria dos profissionais de saúde no SUS. Por outro lado, devo advertir que talvez a diferença no fazer delas não esteja exatamente no que fazem, mas na intencionalidade e no modo como fazem. Serão enfocados, neste movimento reflexivo, o fazer profissional no SUS como resultado da formação anterior à profissionalização, conforme enfatizado no movimento reflexivo já debatido: a militância na Educação Popular, como opção política e a influência no modo de conduzir o fazer. Serão refletidas as aprendizagens que se deram no mundo do trabalho, nas relações desenvolvidas a partir desse lugar, como espaço de formação permanente, não exatamente no sentido instrumental, mas de preparação para a vida. Serão bastante relevantes neste movimento reflexivo, questões relacionadas ao fazer cotidiano, às dificuldades e alegrias de se trabalhar no SUS, à criatividade, amor ao trabalho (ou ao fruto deste trabalho).

Faca amolada, tomado da música de Milton Nascimento e Fernando Brant, “Fé Cega, faca amolada”, parece perfeita como título, pois remete ao fazer e, da forma como fazem essas mulheres, a necessidade de fé. O que certamente elas têm. Já, a faca amolada, remete aos instrumentos, às ferramentas apropriadas, ao manuseio e à habilidade precisa para dar concretude a essa fé.

O que parece de mais diferente, quando comparado ao fazer da maioria dos trabalhadores do SUS, com o de Dora, Mafalda e Mara, talvez seja o fato de elas não se limitarem às aparências, às superficialidades, mas integrarem dimensões objetivas e subjetivas das necessidades dos usuários. Além disso, há que destacar que deliberadamente buscam criar vínculos com as pessoas, enquanto a maioria dos profissionais parece evitá-los. Desse vínculo, que às vezes acontece, às vezes não, pode acontecer o cuidado, o compromisso com o outro.

Dora demonstra compreender as necessidades objetivas e subjetivas, compromisso com a integralidade do ser, cuidado emancipador, criatividade, por exemplo, ao falar das histórias que escuta no consultório, das pessoas que reconhece na rua, dos comentários que ouve e, sobretudo, dos encaminhamentos que pensa em realizar para contribuir com as soluções dos problemas, dos sofrimentos, das situações com as quais se depara no cotidiano. Entre as soluções que imagina produzir cuidado, está um ritual de despedida para uma mulher que não consegue desligar-se do marido que foi esquartejado, oferecer música, arte, poesia, possibilidades de levar os usuários para dançar, mas, sobretudo, a escuta como ato primordial de cuidado.

No caso de Mafalda, uma das principais características, quando se pensa no fazer, diz respeito à maneira como vê o trabalho da assistente social, a partir das pessoas, procurando as causas das desigualdades, atuando sobre essas, mas sem perder de vista que não pode causar maiores dependências, que precisa ser parceira das pessoas, estar com elas, mas sem as ver como inferiores, menos capazes. As histórias que contou na entrevista, dão conta de ações em que pessoas de vários seguimentos: catadores de material reciclados, trabalhadores da limpeza, sindicalista,

estudantes indígenas, pessoas vivendo com HIV/AIDS, prostitutas, travestis e gestores, são chamados a pensar o que fazer, como fazer, que caminhos seguir.

O fazer de Mara é diferente de como faz a maioria dos gestores, principalmente pela disposição em ouvir, em estar junto, disponível, não se colocar como detentora da última palavra. As histórias que contou falam de trabalhadores na mesma mesa que os usuários, que os gestores, juntos pensando, refletindo sobre problemas e as possíveis soluções. A trajetória relatada, como gestora, mas também como psicóloga na APS, mostra uma pessoa com conhecimentos técnicos e políticos, mas que não se restringe a estes na busca do ser mais. Seu fazer é encharcado de persistência, paciência, solidariedade, empatia, e também, bastante acentuada ironia, sarcasmo, decisões firmes, embora doce, bem humorada, de quem sabe o que está fazendo e aonde quer chegar.

Interessante observar que todas as três, de formas diferentes, são interessadas em artes. Dora: escreve, fotografa, desenha. Mafalda: lê poesias, interessa-se por música, literatura, arquitetura, eventos culturais. Mara: antes de ser psicóloga pensou inclusive em dedicar-se à música. Será que essa disposição artística, em maior ou menor grau, tem influência no fazer delas no SUS?

Não parece verdade, ao menos julgando apenas pelas entrevistas, que essas mulheres sejam artistas, no sentido tradicional de produção de arte, porém, há o respeito, o gosto e talvez alguma forma de produção artística. No entanto, penso que é possível especular que a criatividade, a persistência em encontrar soluções para problemas que a maioria dos profissionais simplesmente nem reconheceriam como sendo de preocupação de suas profissões, parece ter muito desse compromisso que o artista demonstra com seu público. Porém, é importante não confundir o fazer do artista, tradicionalmente falando, com a dimensão que parecem ter essas mulheres. A arte, como mencionada neste parágrafo, diz respeito ao jeito de fazer, como fala Certeau (1998), e Wong-Un (2015) chama de “sensibilidade de olhar e experimentar o mundo”. Segundo ele, a arte trabalha outras dimensões do ser, aproximando-se da espiritualidade, mas não se superpondo. Ela pode ser

reacionária ou muito transgressora, assim como o fazer dessas mulheres em muitos momentos.

É possível dizer que esse modo de fazer foi construído a partir dos vínculos afetivos que Dora, Mafalda e Mara, desenvolveram com as pessoas, com as ideias destas e dos movimentos sociais e populares, pelos sonhos e utopias compartilhados na militância política. Na faculdade, construíram, talvez até de modo instrumental, as possibilidades dessas diferenças, seja questionando o modo tradicional como lhes tentaram ensinar, seja reforçando sua resistência junto às comunidades às quais se vincularam.

Essas diferenças ficam claras inclusive na hora de escolher qual trabalho fazer. Todas as três mulheres ressaltaram a importância de fazer algo em que acreditam, em que possam se doar por inteiras, mais do que pelos resultados financeiros, o que parece ser bastante significativo para entender o fazer delas.

Antes de mais nada, é importante ressaltar que essas mulheres não parecem simplesmente comprometidas com o trabalho ou com o SUS, porém com algo mais profundo. O compromisso que demonstram parece ser com o outro, não um outro abstrato e sem rosto, mas um outro que, embora pareça extrapolar os limites de seu domínio social, como fala Maturana (1997), materializa-se constantemente diante delas no serviço (como usuários, como colegas de trabalho, como parte da raça humana); no andar pelo bairro (atendendo como caixa de supermercado, manicures em salão de beleza, trabalhando como catador de lixo); nas notícias da imprensa (escravizados, traficados, prostituídas, discriminadas, reprimidas); nos relatórios de gestão (de pessoas que não são atendidas pela ESF; pelas áreas com maior incidência de dengue, desnutrição, violência, desumanização). Essa capacidade de abstração e solidariedade com o outro, mesmo quando esse, às vezes é representado por uma ideia, é um grande diferencial entre essas mulheres e outros trabalhadores do SUS. Mais uma vez é importante reforçar que estou mencionando o SUS e os trabalhadores do SUS por mero recorte metodológico, porque parece claro que essas mulheres apresentariam o mesmo diferencial se estivessem trabalhando na educação, no setor de segurança ou em qualquer outra função, como cuidar de um jardim público.

Essa capacidade de “enxergar” o outro, mesmo quando esse outro não é tão óbvio, é importante, principalmente levando-se em conta que a ética, segundo Maturana (1997) limita-se às pessoas que pertencem ao espaço social em que se está inserido. Aceitando isso como verdade, talvez seja possível pensar que Dora, Mafalda e Mara, consigam “ver esses outros” por se identificar com eles pela condição social e humana. Poder-se-ia ir mais longe e dizer que a ética que demonstram no cuidado, consegue extrapolar os limites de seu bairro, de seu trabalho, de sua vida pessoal “porque não é a razão que justifica a preocupação pelo outro, mas é a emoção, e, voltando-se para um conceito caro à Educação Popular, diria que tem muito de amorosidade (sobre esse conceito voltaremos a falar depois). Se estou na emoção de aceitação do outro, o que lhe acontece tem importância e presença para mim”, Maturana (1997, p. 48). Sobre os aspectos emocionais discutiremos melhor no terceiro movimento reflexivo, mas era importante citar esses aspectos emocionais que parecem envolver essas mulheres com o trabalho que fazem.

Leloup (1997) diz, referindo-se ao trabalhador que constrói catedral, que é impossível reprimir o construtor de catedral dentro de nós. E isso parece se confirmar nas entrevistas realizadas. Parece evidente, ao menos na perspectiva desta pesquisa, que Dora, Mafalda e Mara, são construtoras de catedral: são trabalhadoras comprometidas com a perspectiva do cuidado emancipador, conforme parcialmente discutido até aqui. Quando digo que elas têm essas perspectivas, fica evidente que considero que outros não têm ou não demonstram, não ao menos na perspectiva desta investigação. Sendo assim, acredito que uma pergunta fundamental é: será possível promover o diálogo entre trabalhadores que demonstram esse compromisso e outros que, ao menos aparentemente e/ou na perspectiva desta pesquisa, não o demonstram?

Acredito realmente que essa busca por ser mais não pode ser reprimida, que a discussão das razões dessa busca poderia, de algum modo, beneficiar aquele trabalhador que não vive essa dimensão ainda e, sobretudo, às pessoas e a sociedade que precisam desses trabalhadores.

Freire (2005) diz: a desumanização não acontece apenas entre as pessoas que têm sua humanidade roubada, mas também entre os que roubam. Além disso, é possível dizer que pessoas que têm sua humanidade roubada, tendem a roubá-la de outros. E essa parece ser a explicação, se não completa, ao menos em parte, da desumanização que se verifica na relação entre trabalhadores do SUS e a população usuária dos serviços.

Em seguida, posso discutir alguns aspectos do trabalho e, em especial, dos trabalhadores em serviços de saúde. A intenção é visualizar algumas diferenças entre o trabalhador que constrói catedral e os demais.

2.3.1 Eu não preciso de muito dinheiro, graças a Deus

O trabalho para Dora, Mafalda e Mara, diferente do que parece ser para muitas trabalhadoras, não se resume apenas à fonte de recursos financeiros, embora isso não deva de modo nenhum ser considerado “trabalhar por amor”, que não é o caso de nenhum trabalhador que precisa dos vencimentos também para manter-se. Inegavelmente, muitos trabalham com amor, mas, como também precisam dos rendimentos financeiros, não dá para dizer que é apenas por amor. O que não diminui em nada o valor do que fazem. Nem mesmo parece possível dizer que restringem o trabalho a uma dimensão de suas vidas. Todas as três enfatizam, em diferentes graus, não conseguem separar vida profissional de vida pessoal e vivenciar “tudo ao mesmo tempo agora”, como na música do Titãs. Maturana e Varela, citados por Capra (1997) dizem que o ser e o fazer são inseparáveis, o que parece aplicar-se perfeitamente à forma como essas mulheres conduzem a vida.

O que parece perfeito, ao falar de trabalho e trabalhadores em saúde, referenciando-se em Dora, Mafalda e Mara, são os versos de Waly Solomão e Jards Macalé, na música Vapor barato, “eu não preciso de muito dinheiro, graças a Deus”, o que, para o tema, é bastante inusitado, mas coerente com as falas das três mulheres.

Lukács (1972), sobre o pensamento marxista, diz que o trabalho ocupa categoria central na vida das pessoas, é considerado uma condição de existência do ser³¹, uma mediação entre este e a natureza. O ser humano transforma o trabalho e é transformado por ele.

Trabalho parece realmente fundamental em nossas vidas, mas pode ser prazeroso ou terrivelmente torturante. Um parêntese: a relação de Dora, Mafalda e Mara com o trabalho parece, em diferentes momentos e níveis, ser de prazer e sofrimento. Isso, talvez seja inerente ao trabalho: para alguns é mais sofrimento do que prazer, para outro mais prazer, nem que seja pelos seus frutos, pela segurança e/ou pelo dinheiro, mas ainda assim, prazer de algum modo.

As pessoas podem trabalhar só pela necessidade dos vencimentos, para aparentar serem produtivas, para não serem identificadas socialmente como desocupadas, mas também porque é através dele, preferencialmente, que podem intervir no mundo e integrar-se socialmente. Talvez algumas pessoas trabalhem por todos esses motivos e talvez por nenhum deles em particular. De Masi (2000) diz que não sabemos viver sem o trabalho, apesar do tempo livre suplantar o tempo dedicado a ele. Nesse sentido, ele dá razão a Lukacs.

Nos casos de Dora, Mafalda e Mara, a situação parece estar mais próxima do que dizem Capitão e Heloani (2007, p.50), ou seja, que o trabalho pode “ser objeto de investimento amoroso, representante das forças que atuam em favor da continuidade da vida”. Talvez para um trabalhador ser construtor de catedral precise ter essa identificação de que falam as autoras, o que não parece possível para todos. Como, por exemplo, fazer um investimento amoroso em recolher lixo, abrir e fechar portas, dirigir ônibus, limpar banheiro?

Nesse sentido, parece que nem todos os trabalhadores podem ser construtores de catedral, o que não diminui a importância deles no processo

³¹ Originalmente Lukacs não se refere ao ser humano, mas usa “o homem” com esse sentido. Talvez não usasse homem apenas como sinônimo, pois a força de trabalho era de fato, majoritariamente masculina, mas hoje essa situação mudou bastante. Por isso a opção em referir-se ao ser humano e não ao homem, ao falar de trabalho.

de trabalho necessário para manter a funcionalidade da sociedade. O mundo do trabalho parece necessitar de quebradores de pedra e, parece que são até desejáveis. No entanto, isso não quer dizer que precisam ser quebradores de pedra em tempo integral. É desejável que tenham possibilidades de exercer outras funções nas quais possam se realizar. Como o pedreiro que também é pescador: para se manter financeiramente, ele é pedreiro, para, de algum modo transcender o fazer, ele pesca. Mesmo considerando a necessidade financeira de vender o peixe, ainda parece haver possibilidade de “um investimento amoroso”. Esse exemplo não exclui a possibilidade contrária, ou seja, do investimento amoroso ser no trabalho de pedreiro, ou melhor, no trabalho manual. Existem diversas histórias de pessoas, sobretudo no mercado financeiro, que em determinado momento da vida se tornam construtores, jardineiros ou agricultores.

Mas esses são exemplos radicais, imagino que não são aplicáveis a todos os trabalhadores, sobretudo aos profissionais de saúde, educação e assistência social. Será possível aceitar que uma médica, uma assistente social, uma psicóloga, para ficar apenas nas profissões das mulheres entrevistadas, possam a ser quebradoras de pedra ou que não possam ser construtoras de catedral em seus trabalhos no SUS?

Para complicar um pouco mais a situação, vamos tentar imaginar a complexidade da assistência em saúde, a fragilidade do sujeito no momento da doença, da necessidade de ajuda profissional para superar alguma dificuldade física, emocional, algum sofrimento, que pode ser momentâneo ou permanente. Vamos pensar que essas pessoas, em diferentes momentos, com diferentes necessidades e graus de dificuldades, poderão ter sua situação acolhida e/ou negligenciadas e até, o que não é raro, agravadas pelo contato com os profissionais de saúde. Será que, diante dessas possibilidades, é admissível aceitar como normal a existência de quebradores de pedra no serviço de saúde?

Falando das escolhas profissionais, que parecem entrelaçadas com o futuro do trabalhador, Mafalda faz uma interessante observação. Segundo ela, muitos profissionais não têm condições de realmente escolher a futura profissão, como gostariam, e acabam optando pelo que parece possível, pelo

que tem mercado de trabalho na época, pela proximidade da instituição formadora com o local de moradia, com a capacidade financeira de arcar com o custo da formação. Dora fala, em relação aos médicos, que muitos acabam identificando a profissão, não com o cuidado, mas com as possibilidades de ganhos financeiros, com o prestígio social, o poder, o estilo de vida que tudo isso propicia e vem junto com a profissão. E, para manter essas aparências, submetem-se a situações que podem ser consideradas degradantes, para si e para quem depende de seus cuidados.

Hoje, grande parte da humanidade só tem sua força de trabalho para vender, mais nada, e vende pelo preço que o comprador está disposto a pagar, mesmo que não se sinta identificado com o que terá que fazer. Dessa forma, mais do que sua força, seu tempo, dedicação, vende parte de sua humanidade. Leopardi (1998) diz que no mundo contemporâneo, viver em sociedade pode significar enquadrar-se às opções oferecidas pelo sistema de produção e consumo. Nessa perspectiva, talvez o quebrador de pedra seja um inconformado que tenta resistir a esse enquadramento, às escolhas limitadas que pode fazer.

Por diversas razões entre elas, a própria constituição das profissões e a organização e valorização do saber, o trabalho em saúde e conseqüentemente seus trabalhadores, foram vistos como tendo algo mais do que outros trabalhos e trabalhadores. Ainda hoje, vende-se a ideia de que o profissional de saúde, sobretudo o médico, é um herói. A propaganda de uma instituição de ensino em saúde, em João Pessoa, em 2014, vendia essa ‘ilusão’ para atrair ‘clientes’ para seu vestibular.

A imagem de herói, de altruísta, de pessoa que trabalha por amor, que em parte se mantém a respeito dos trabalhadores da saúde, talvez seja um peso grande demais para o indivíduo suportar e cada vez menos condizente com a realidade. Pode ser que alguns profissionais acreditem nisso e se vejam acima dos “reles mortais”, representados pelos usuários dos serviços e dos demais trabalhadores. Essa parece ser uma das razões para que se desprendam da condição humana, com suas obrigações e direitos, dores e alegrias.

Mara acha que o profissional de saúde corre o risco de gostar do altar em que é posto, de gostar deste lugar do “sujeito suposto saber”. Por isso, foge do “poder do jaleco branco”, diz que nem usa essa indumentária, crachá ou qualquer outra coisa que a diferencie do usuário. Não quer passar a ideia falsa de que sabe mais do que os usuários e os colegas. “Isso é uma ilusão, esse saber que ele acha que você tem, é ele quem está lhe dando”. Essa postura humilde, de se pôr no mesmo nível de importância com o outro, não é só de Mara, mas de Dora e Mafalda, o que é coerente com os pressupostos da Educação Popular. Freire (1996) enfatiza que ninguém é superior a ninguém. Freire (2005), acrescenta que não ter humildade, sentir-se superior ao outro, impossibilita o diálogo, o encontro entre as pessoas. Quando há o encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há pessoas que, em comunhão, buscam saber mais.

É inegável que o trabalhador em saúde cada vez mais se vê como parte do setor de serviços, assim como outros. Isso abre caminhos para que o profissional de saúde se identifique com os trabalhadores e suas lutas por melhores condições de exercer a profissão e viver. Por outro lado, abre-se a possibilidade de uma maior mercantilização do fazer em saúde e da própria saúde como produto e não como direito de cidadania, o que pode, inclusive agravar a situação.

Pires (1998) diz que o produto do trabalhador da saúde é indissociável do processo que o produz, isso quer dizer que vender seu produto (serviço), equivale a vender-se. Essa imagem não parece nem um pouco glamorosa: heróis não se vendem, eles são invejados, desejados, ao menos em público. Talvez, ver-se na mesma condição de outros profissionais, situação que não se divulga para vender vagas nos cursos, seja uma frustração muito grande para suportar depois, principalmente pelas inadequadas condições de trabalho e, quase sempre, pelos vencimentos incompatíveis com as aspirações e responsabilidades que esperam que tenham.

Apesar de Dora, Mafalda e Mara enfatizarem em diferentes falas e em diferentes momentos, necessidades materiais menores do que geralmente se imagina que outros profissionais, nas mesmas posições, tenham, isso não quer dizer que não se beneficiariam com melhores vencimentos, sobretudo

com melhores condições de trabalho. Fica claro na fala das três, que restringem o que gostariam de fazer e viver por causa disso. Pode-se considerar que não são apenas os vencimentos que frustram os profissionais e, no caso destas mulheres, certamente não é. Dora, por exemplo, diz que “a atenção básica é o lugar do atendimento para o médico, não é lugar da criação, da criatividade”. Mafalda, falando da profissão dela, é ainda mais crítica, enfatiza que o serviço social, apesar de todas as mudanças ocorridas nos anos 80, é bastante assistencialista. Agora, considere o que foi dito a respeito de cada uma delas, dos sonhos, utopias, esperança, da agilidade, sobre como trabalham, como têm um olhar diferenciado para as pessoas, seus problemas e as soluções possíveis, e perceberá que a frustração, caso houvesse na vida dessas três mulheres, não deveria ser pequena.

Pires (1998) ressalta que o fato do pensar e do agir do trabalhador, muitas vezes, estar dissociado no fazer em saúde, é um agravante para frustração e alienação no trabalho. Além disso, as características rígidas e a hierarquia, distanciam os profissionais da condição humana, por assim dizer. Talvez uma das razões de Dora e Mafalda, principalmente, mas também Mara, terem constatado (se é que isso aconteceu) que a imagem de suas profissões não corresponde à prática, e mesmo assim não terem se frustrado a ponto de desanimar, seja o fato de que a centralidade delas não parece estar exatamente no trabalho e na profissão, mas no que podem fazer a partir disso. O compromisso que demonstram, não parece ser com o fazer, mas com as pessoas que se beneficiam do que fazem. Aprenderam ao longo da vida, com seus pais, com os grupos sociais aos quais se uniram, com os colegas de trabalho, com as pessoas com as quais assumiram responsabilidade ética, e consigo mesmas, através de seus sonhos e utopias, que o ser humano é o mais importante. Assim, resistem, caem e levantam-se, reinventam-se constantemente e insistem em continuar. Essa fala de Mara parece fazer a síntese disso: “Acredito nesse compromisso como um dever e obrigação de todo aquele que trabalha em função do outro e que pode de alguma forma transformar a sua vida”.

Parece evidente a importância do profissional de saúde “descer do pedestal” e perceber-se como realmente é: um trabalhador como outros, com

direitos e deveres, defeitos e virtudes, com dúvidas e certezas. Isso será benéfico, não apenas para os usuários, para sociedade, mas para si mesmo. Por outro lado, parece que despirmos totalmente o trabalho e o trabalhador em saúde dessa “aura”, dessa condição e das características especiais no que diz respeito ao direito fundamental do ser humano, que é, ou ao menos deveria ser, essencialmente cuidado, no que esse tem de fundamental na preservação da vida, como afirma Collière in Oguisso (2007), não parece contribuir com a melhoria dos serviços de saúde, da assistência aos usuários e nem com a condição dos trabalhadores em saúde. Este não deveria se ver como especial, no que isso o afasta do outro, mas não deveria se sentir como se seu fazer fosse tão “comum” quanto qualquer serviço braçal ou intelectual. Por mais que todo trabalho seja importante e tenha sua função na manutenção da sociedade, parece verdade que cuidar ou prestar assistência à saúde exige certa doação, habilidades e disponibilidades, além de força para suportar a proximidade com a dor e o sofrimento do outro, que não são tão essenciais em outras profissões. Wong-Un (2015), em palestra no 11º Congresso de Saúde Coletiva, em Goiânia, diz que o profissional de saúde é totalmente abençoado, que tem acesso às outras dimensões do humano. O acesso a essas outras dimensões do humano também é ressaltado por Vasconcelos (2006): o profissional de saúde é quem está mais perto dos dramas e sofrimentos humanos, está no olho do furacão da vida humana.

Talvez o sentimento necessário ao profissional de saúde, seja aquele do “homem aranha”, como citado por Wong-Un (2014) no Seminário Nacional de Educação Popular na Formação em Saúde: com grandes poderes vêm grandes responsabilidades e esses grandes poderes são inerentes à condição do trabalhador em saúde, para alguns mais para outros menos, porém todos o têm. Esses “poderes especiais”, quem sabe, pudessem ser definidos, sem precisão, mas com intuição, como “comportamento de cuidado”. Segundo Waldow (2006), o cuidado é humano, embora exista o cuidado realizado pelos profissionais de saúde. Além de humano, o cuidado é humanizador. Cuidar parece ter/ser esse grande poder.

Será o comportamento de cuidado, no caso dessas mulheres, um componente importante para entendê-las?

2.3.2 Carpinteiro do universo

O comportamento de cuidado³² em atos, atitudes, falas, posturas que o promovem, inegavelmente, aparece nas entrevistas e pode ser relacionado ao fazer profissional, postura política, ética, de fé religiosa, das entrevistadas. O cuidado é mencionado especificamente, mas é, sobretudo, apreendido quando Dora, Mafalda e Mara falam da família, do trabalho, dos grupos, das pessoas com quem trabalham. Além do cuidado, especificamente, vamos abordar algumas dimensões da emancipação, assim pensando o cuidado, que não apenas ajuda as pessoas a vencer obstáculos e dificuldades, mas que contribui para promover a emancipação.

Quando falo em comportamento de cuidado, estou essencialmente pensando nos versos da música, carpinteiro o universo, de Raul Seixas, que dá título a esse subcapítulo:

Estou sempre
Pensando em aparar o cabelo de alguém
E sempre tentando mudar a direção do trem
À noite a luz do meu quarto eu não quero apagar
Pra que você não tropece na escada quando chegar

Para mim, essa é a tradução da postura de cuidado e, pode ser visualizada nas histórias das três mulheres. Mafalda, por exemplo, fala que para tudo que está fazendo, caso apareça alguém precisando falar. Atitude que demonstra disponibilidade em estar junto, solidariedade e responsabilidade. Dora relaciona o cuidado à escuta. Pode até parecer que o ato de escutar seja muito simples, mas ninguém escuta impunemente. Prado, Falleiros e Mano (2011) dizem que cuidado é escuta. Mara, além da escuta, cita o estar vigilante para não aceitar injustiças.

Escutar é conceito importante em Educação Popular, Freire (1996) menciona a escuta como sendo mais do que a capacidade auditiva, mais do que pura cordialidade. Ela é essencial para que o diálogo aconteça e,

³² O cuidado, embora aqui relacionado com o fazer, tem uma profunda relação com a espiritualidade. Até por isso, alguns exemplos serão também utilizados na abordagem sobre a espiritualidade.

particularmente, acredito ser essencial também para que o cuidado de fato esteja presente nas relações. Como cuidar sem escutar? Por isso, a capacidade de escuta, falada e demonstrada nas histórias, nas atitudes, dessas mulheres, é tão significativa.

O cuidado aparece, no sentido de escuta, mas também no de ação, como sendo parte essencial do que fazem, mas, sobretudo, do que são Dora, Mafalda e Mara. É ao mesmo tempo direito e dever, uma obrigação moral que não podem deixar de cumprir, mas ao mesmo tempo, não parecem querer deixar de fazer. Cuidado parecer ser mais do que o que elas fazem, é o que elas se tornaram. Isso aparece na forma terna, preocupada, comprometida como falam das pessoas que cuidam no seu fazer profissional, da maneira como cumprem suas obrigações com dedicação, mesmo aquelas que não gostariam de cumprir.

Boff (1999) fala que cuidado tem relação com a atitude de desvelo e preocupação com o outro, o que, em outras palavras, quer dizer também responsabilidade com seus destinos. Dora, em diversas falas, expressa preocupação em conhecer, entender e encontrar soluções para as queixas que as pessoas trazem no dia a dia. Importante dizer, que embora procure encontrar soluções para os problemas, em momento nenhuma essa busca excluir o outro. É sempre no sentido de encontrar as soluções, mas com as pessoas. Mafalda mostra essa preocupação quando fala da importância de estar com seus alunos indígenas, em não expor os trabalhadores terceirizados, para que não sejam demitidos, por exemplo. Na história de Mara, a preocupação fica evidente, entre outras situações, quando fala do compromisso com os grupos, com seus iguais, como diz, mas também quando destaca se cobrar para não ser injusta com o trabalhador e nem com o cidadão que demanda cuidado. A preocupação com o outro, nas histórias das três, fica evidente na maneira compromissada com que falam de seus trabalhos, das pessoas, que de um modo ou de outro, dependem delas.

Um destaque importante, por estarmos falando de profissionais de saúde, é necessário distinguir entre cuidar e prestar assistência. Batista (2012) diz que na realidade da assistência à saúde, existem profissionais que executam procedimentos técnicos de modo adequado, porém desvestidos de

sentimentos e esquecendo-se de que as pessoas precisam ser assistidas com atenção, respeito e tendo as várias dimensões de sua vida consideradas. A diferença se expressa na conduta, na técnica, na disponibilidade, na visão que consegue integrar ou não, técnica/ética/estética/ arte/ciência/compromisso.

Cuidar não é executar uma técnica, embora a técnica possa e deva ser feita com cuidado. Mara relaciona cuidar com estar disponível, o que parece pressupor vínculo afetivo, o que só acontece quando se conhece o outro, o que não quer dizer necessariamente conhecer de forma física. Por exemplo, o profissional da ESF pode não conhecer pessoalmente cada pessoa que está sobre sua responsabilidade sanitária, mas conhece sua área, a história desta, como as pessoas vivem, como são as casas, as ruas, os parques, as igrejas, as áreas de lazer, de opulência ou carências e, uma vez aceitando essa responsabilidade, não se pode dizer que desconheça as pessoas. Nesse caso, parece haver o vínculo, mesmo que profissional e indireto, com os destinos dos moradores do território. Portanto, o cuidado pode acontecer através de decisões que afetem a vida das pessoas dessa área, mesmo que através de outros membros da equipe. No filme *O Nome do cuidado*, um dos personagens diz “que não se cuida de quem não se conhece”, sentimento que Maturana (2001) também refere ao discutir ética. Porém, procedimentos podem ser executados em desconhecidos por mera obrigação, por dever e sem cuidado.

Além do cuidado com o outro, ainda é importante mencionar o cuidado com o planeta: há pessoas cuidando e outras (des)cuidando com o destino de nosso habitante comum, como fala Boff (1999). Diria inclusive, que para cuidar verdadeiramente do ser humano, é necessário ter uma visão integral da vida, o que envolve não apenas as pessoas, mas tudo à sua volta. “Quando a gente acaba a toailete pessoal pela manhã, começa a fazer com cuidado a toailete do planeta”, diz o *Pequeno Príncipe*. Daí a preocupação desta pesquisa em ouvir trabalhadores comprometidos com o cuidado emancipador, mas também com a construção de um mundo solidário, o que necessariamente significa melhor. Essa poderia ser uma visão política do cuidado, expressa, nessas três mulheres, através da militância nos movimentos sociais na defesa dos direitos humanos; do consumo consciente

pela preservação da biodiversidade; na denúncia de degradação ambiental, do extermínio de culturas locais; de condições insalubres de trabalho, na preocupação com a saúde, de um modo amplo e não apenas biofisiológico; no modo engajado com que fazem seu melhor no trabalho, não apenas limitando-se ao indivíduo, de modo isolado, mas estendendo sua preocupação, seu saber/fazer, ao território, as relações dos indivíduos com a comunidade, com a natureza, mesmo que nem sempre essa ligação apareça de modo direto.

O cuidado, como abordado aqui, é essa preocupação manifesta com o outro, com o destino da sociedade, do mundo. Dora, Mafalda e Mara, demonstram, além do cuidado, preocupação em cuidar de forma que não crie dependências, mas que ajude as pessoas a caminhar com suas próprias pernas. Ao falar de emancipação, é sempre importante pensar, além do que é, a quem se destina.

Carrillo (2013, p. 22) pergunta: quem são hoje os sujeitos da Educação Popular? Ele mesmo responde: são os sujeitos “subalternos: camponeses, dirigentes e integrantes de grupos de base, mulheres, indígenas, professores, adultos, jovens, e crianças de setores populares”. Ou seja, mesmo após todas as transformações que ocorreram desde o surgimento da Educação Popular Freireana na América Latina, os sujeitos que ainda não estão emancipados financeira, social e culturalmente, ainda são os mesmos, apesar da evolução econômica e da ascensão de parte das classes populares na última década. Essas também são as pessoas com quem e para quem, na maior parte do tempo, trabalham Dora, Mafalda e Mara. São pessoas que precisam ser cuidadas e que precisam ser promovidas para que consigam caminhar com as próprias pernas, sempre que possível, como enfatiza Dora.

Mas isso de emancipação é terreno pantanoso, será que o ser humano consegue ou deveria se emancipar de tudo?

Penso que a emancipação é em relação a algo ou a alguém, por assim dizer. O empregado quer se emancipar do emprego e do patrão. A mulher que apanha do marido pode se emancipar desse, mas não pode se emancipar dos filhos (talvez seja isso); uma pessoa que ganha na loteria ou que fica rica aplicando em ações, emancipa-se financeiramente, mas não pode se

emancipar de seu corpo, de seu planeta, da presença de outros seres humanos. Mano Brown, falando da condição do negro na sociedade, na música, Negro drama, diz: “você pode sair do gueto, mas o gueto nunca sai de dentro de você”, o que é só uma outra forma de dizer que não se pode emancipar de tudo.

Um sujeito que nunca pode falar e escolher, pensar por si mesmo, se emancipa ao tomar suas próprias decisões, mesmo que erradas ou com os limites existentes. Talvez seja um processo de ir sendo, ir construindo as possibilidades de tomar suas decisões próprias, considerando suas condições. Por isso, toda vez que olho para essa foto de Sebastião Salgado penso em emancipação. Para mim, essa mulher com seus filhos, está, ao menos no momento desta foto, tomando as rédeas de seu destino, ou seja, está se emancipando.



Figura 1: Fotografia de Sebastião Salgado³³

Pensando que todo ser humano precisa de cuidado, talvez seja ilusão e desnecessário pensar em uma emancipação plena, essa que leve a pensar na pessoa como totalmente autônoma do outro e do mundo, pois não parece real e nem necessário. Sennett (2008, p. 166) diz que “A ligação social nasce, de forma mais elementar, do senso de mútua dependência”. Sennett mostra, no livro, *A Corrosão do caráter*, uma visão interessante sobre a dependência. Segundo ele, hoje depender é coisa negativa, mas nem sempre foi assim e a compreensão da mútua dependência é benéfica para coesão social. Mara parece falar deste benefício que fala Sennett ao citar a importância do grupo: o fato de eles dependerem dela e ela, deles. Mafalda, ao citar os amigos, que lhe servem de suporte nas mais variadas situações, (dos estudantes indígenas, das mulheres da limpeza da escola), dá testemunha da mesma compreensão de dependência que fala Sennett. E Dora, ao referir-se à dependência de seus “pacientes” e da equipe para que faça os diagnósticos, as receitas e, por outro lado, sua gratidão com as pessoas com as quais aprendeu e aprende a ser cada dia uma pessoa melhor, dá o mesmo testemunho de que a dependência, portanto, uma emancipação relativa, pode ser muito benéfica para as pessoas e a vida em sociedade.

Dora, Mafalda e Mara têm a preocupação em não causar dependência nas pessoas, todas demonstraram preocupação em ver as pessoas como capazes, o que parece fundamental nesse processo de construção de autonomia, mas sem negar, em momento nenhum, que as pessoas precisam de ajuda em diversos momentos e situações e, que nesses, observado, mas principalmente quando solicitados, estão lá para ajudar. Mafalda fala explicitamente que busca contribuir para emancipação, que esta é uma preocupação central em seu fazer, que mede o sucesso de suas “intervenções” pela capacidade que as pessoas demonstram, ao longo do tempo, de andar com as próprias pernas e ela passar a ser apenas uma parceira. Dora, por outro lado, diz que a emancipação não é uma meta, que não trabalha para isso, mas que deseja, estimula busca. Porém não consegue

³³ Simulei uma moldura na imagem da fotografia de Sebastião Salgado, para ficar como a foto que tenho para parede de minha sala.

observar o quanto funciona no dia a dia. Sente que as pessoas podem estar bem em um dia, caminhar sozinhas, não precisar dela, mas que ESF é cuidado ao longo do tempo e que recaídas, novas necessidades e dependência são possíveis.

Será que se a pessoa é capaz de buscar ajuda, de reconhecer que em certos momentos não é capaz de se cuidar sozinha, não está bastante emancipada? Nas histórias que Dora conta, de sua relação com os usuários, isso parece acontecer bastante. Mara também cita a preocupação com a emancipação, mas essa atitude aparece melhor quando está falando sobre como, em momentos de conflito, de aparente falta de saída, coloca as pessoas em roda para conversar e, nestas horas, juntas, são “obrigadas” a encontrar soluções sem depender de determinações superiores. Parece bastante significativo e libertador, por mais paradoxal que seja, perceber que soluções podem ser encontradas em grupo, que não precisa depender de uma pessoa, de um “chefe”.

Pensando nesta dependência que promove a coesão social, que possibilita o encontro das pessoas, que percebe a importância umas das outras, é possível dizer que o sujeito não deveria emancipar-se totalmente. Parece verdade que o “emancipado” não depende e nem precisa de ninguém, e isso não parece melhorar a sociedade.

2.4 FÉ CEGA

Estudar a vida das pessoas procurando pistas de como se tornaram quem são, como resistiram ao longo da vida à coerção social, que, além de social, tem aspectos biológicos, é sem dúvida, uma pesquisa arriscada. As próprias pessoas entrevistadas podem discordar de que as reflexões suscitadas são realmente as mais apropriadas. Nenhuma interpretação corresponde totalmente ao que se houve/lê, no entanto, algumas me parecem mais difíceis de questionar do que outras, como por exemplo, o fato de essas

três mulheres parecerem demonstrar uma fé muito grande no que fazem, no caminho que escolheram para si.

O título da música de Milton Nascimento e Fernando Brant, Fé cega, faca amolada, traduz o que penso sobre esses aspectos tão fundamentais para entender o ser humano, suas atitudes, posturas frente ao mundo e o outro. Essa fé da qual fala a música e percebo nessas mulheres, é tão somente, (não que isso seja pouco), uma convicção de que é possível fazer com o outro e construir uma sociedade melhor. Fé, como diz Vasconcelos (2006), porque se trata de uma crença extrema, quase sem fundamentos comprovados empiricamente. Importante frisar esse “quase sem fundamento”, porque Dora, Mafalda e Mara, citam que colhem os frutos desse trabalho todos os dias, através de “pequenos milagres”, pequenos sonhos compartilhados e realizados no cotidiano.

Essa fé não foi apreendida apenas pelo que falaram nas entrevistas, embora tenham falado sobre o assunto abertamente, mas principalmente pela maneira como lidam com suas convicções políticas, ideológicas, sentimentos, persistência, solidariedade, relações sociais. Neste terceiro movimento reflexivo, vou discutir as crenças, sonhos, utopias e os aspectos espirituais de Dora, Mafalda e Mara. Nesse sentido, e por ser a espiritualidade onipresente em tudo que essas mulheres fazem, alguns exemplos, já utilizados antes, poderão ser novamente utilizados.

Particularmente penso que, como se tornaram quem são, não foi respondido por essa pesquisa e talvez nem seja possível responder por qualquer pesquisa. Por outro lado, parece que nos aspectos espirituais há algumas pistas importantes sobre esses caminhos e, sobretudo, sobre a permanência delas no caminho que escolheram ou foram levadas a escolher pelas circunstâncias da vida. Embora o fazer em saúde seja prazeroso, como Dora, Mafalda e Mara citam em alguns momentos e demonstrem em vários outros e, Wong-Un (2015) também cite em palestra no 11º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, é também de grandes sacrifícios pessoais e profissionais, como fica evidente em falas e situações ao longo das entrevistas.

Tudo que Dora, Mafalda e Mara contaram, demonstram essa fé que as tem conduzido. A fé cega, de que trata a música e serve de metáfora para as crenças dessas mulheres, diz respeito ao fato de elas continuarem sendo quem são e fazendo o que acreditam ser preciso fazer, mesmo contra todas as evidências, mesmo contra a opinião de muita gente em sua volta, mesmo pagando preços altos na vida profissional e pessoal, como já abordado na discussão relativa ao cuidado. A fé delas só não é maior do que as ferramentas que usam, ou seja, Dora, Mafalda e Mara, demonstram uma fé cega nos seus sonhos, em suas utopias, mas não deixam de “usar a faca bem amolada” para construir o inédito viável. Caem, machucam-se, mas levantam-se, abanam a poeira, amolam a faca novamente e continuam abrindo a picada que, além de possibilitar que avancem, marca o caminho, de modo que outros, se assim quiserem, possam ir em frente.

Abrir a picada, que não deixa de ser um desafio, parece estimular essas mulheres e talvez seja uma das maiores e mais importantes contribuições que podem dar para outros trabalhadores. Ao fazer isso, mostram um caminho possível. Não há desesperança, há fé nesse caminho, nessa utopia que se sonha e se constrói enquanto sonha e, generosamente, compartilham com outras tantas pessoas: no movimento de educação popular, no serviço com os colegas de trabalho e com os usuários do SUS. Criolo, na música Plano de voo, canta: “sonho que se sonha junto é o maior louvor”. Esse modo de fazer, que é característico das três, parece demonstrar e comprovar que os versos de Criolo estão certos. Ao fazer o que fazem, que não é nada de tão complicado, mas nem por isso simples (haja vista que nem todos fazem), testemunham e louvam as possibilidades de estar com o outro, de trilhar um caminho singular e ao mesmo tempo inclusivo.

Nem sempre podem louvar com um grupo tão grande de pessoas, nem sempre o sonho pode ser compartilhado com todos os colegas do local de trabalho (mas não é sonho solitário), os vivencia junto às colegas em outros espaços e, sobretudo, com a população. Trata-se de um trabalho coletivo, de longo prazo e que deixa frutos que são colhidos por anos a fio, como demonstram as histórias delas.

Talvez, não fosse a linda metáfora com a música de Milton Nascimento tão apropriada, essa fé pudesse ser traduzida como esperança “militante” em torno de um sonho, uma utopia que lhes são bastante palpáveis. Mafalda diz que a utopia é sua vida, “não ocupa espaço nela, é a própria”. Mara diz que a utopia é um norte, não é uma coisa inatingível. Dora diz que nunca deixou de cultivar a utopia de um mundo solidário. Ao conservar essa utopia, elas mantêm-se fiel às ideias que comungam desde a infância. Vasconcelos (2013) diz que o ser humano se mobiliza e dá sentido à sua vida por meio de aspirações pelo infinito, que se expressa em lutas por justiça e solidariedade com o outro e com o planeta. Isso é fé e parece explicar a postura utópica dessas mulheres, seus sonhos e compromissos com a construção do SUS e de um mundo justo, solidário, enfim, melhor para mais gente e não apenas para alguns.

Não vamos confundir essa fé, que demonstram, com a fé religiosa em “um Deus” bem definido pelas igrejas. Dora e Mafalda dizem separar espiritualidade de religião, embora a espiritualidade tenha sido um processo que começou ligado à religião para as três. Mara diz que é católica e que não separa espiritualidade de religião. Diz, em vários momentos, ter muita fé religiosa e participar de grupos de oração até pelo *Wathsapp*. Importante lembrar que Mara passou por uma experiência muito forte- o câncer de mama- porém, a crença em Deus e a religiosidade já existiam antes desse evento. Essa experiência do câncer não parece, ao menos julgando pelo que falou na entrevista, ter aumentado ou diminuído sua fé, mas apenas confirmado.

Não é possível dizer que essas mulheres se dedicam ao seu trabalho com tamanha responsabilidade por uma questão religiosa, como parentes acreditam que era o caso de Mafalda, por exemplo. Por outro lado, é importante considerar o que diz Vasconcelos (2006): a vivência religiosa é fundamental para estruturação do sentido e significado da prática dos profissionais de saúde e é fundamental na elaboração da motivação para o empenho no trabalho e na orientação ética das condutas.

Essa consideração parece bastante segura, principalmente levando em conta o histórico religioso delas. Todas as três têm formação católica, frequentaram a igreja em alguns momentos de sua vida, isso não é coisa que

se apague totalmente. Mara reconhece essas marcas, que fala Vasconcelos, ainda hoje no seu fazer profissional. Por exemplo, ela diz que leva os princípios da religião para o trabalho, que gosta muito do acolhimento no SUS. “Como é que posso passar por uma pessoa e não ser transformada de alguma forma?” Menciona, ainda, que antes de algumas decisões sempre se questiona sobre o que seus pais iriam pensar e que isso é honrar pai e mãe.

É muito difícil imaginar que essas mulheres passariam por tudo que passaram e passam, sem fé em um devir maior do que melhores vencimentos e melhores condições materiais, principalmente porque ficou demonstrado no texto que não se movem, prioritariamente, levando em conta a questão financeira e/ou de poder. O que apreendi das três histórias, dá conta de que são essas mulheres profundamente espiritualizadas em seu modo de ser e de conduzir a vida. Demonstram, em alguns momentos, conseguir superar a divisão mente/corpo que fala Vasconcelos (2006, p. 35), segundo ele “as divisões da mente em sentimentos, anseios e vontade contraditórias, são relativizadas e experimentam a si mesmo como uma unidade profunda”. Essa observação é perfeitamente possível de fazer na íntegra para todas as três mulheres. Outra observação, que pode ser creditada às três, sem nenhum retoque (ao menos segundo meus sentimentos em relação às entrevistas) é que Dora, Mafalda e Mara, demonstram um intenso dinamismo experimentado na vivência mística que vem de setores mais profundos e inconscientes da subjetividade, sobre os quais a vontade apenas pode dispor-se a acolher ou recusar-se a se envolver. (VASCONCELOS, 2006). Isso é muito presente e inequívoco ao tomar as histórias como um todo, o que poderia até passar despercebido, caso tomasse apenas trechos das entrevistas. Todas as três relataram as dores de fazer como fazem, mas afirmaram que fariam de novo e que não teriam como fazer diferente, apesar das dificuldades. O que só confirma a fala de Campbell (2002): algumas pessoas simplesmente não podem fazer diferente.

Todas elas demonstram uma força de superação dos problemas cotidianos, mostrando que mobilizam essas surpreendentes energias de transformação interior e de enfrentamento da realidade exterior que fala Vasconcelos (2006).

Embora todas as três tratem do assunto de forma direta, negando ou afirmando a divisão entre religião e espiritualidade, nas “entrelinhas” do discurso, essa objetividade não é tão evidente. Porém, todas as três dão à espiritualidade um sentido maior do que a religião, isso é evidente mesmo na fala de Mara, que diz não separar espiritualidade e religião, mas encontrar sentido e respeitar profundamente todas as crenças. Segundo Vasconcelos (2006), religião refere-se ao aspecto institucional e doutrinário de vivência religiosa e espiritualidade refere-se à experiência do numinoso, “do contato com estas dimensões que vão além das realidades consideradas normais na vida humana. Essa divisão conceitual que fala Vasconcelos, é citada por Mafalda, que fez curso de teologia. Ela ainda diz que entende perfeitamente a necessidade das pessoas em “religar-se” através da religião e buscar esse contato com algo maior. Ela tem essa sensação também, mas não busca mais através da religião. Dora diz vivenciar os aspectos ligados à “espiritualidade” no encontro com as forças da natureza e, sobretudo no esforço em compreender o outro, o olhar do outro, o mundo do outro.

Vasconcelos (2006) diz que o modo de levar a vida evoca nas pessoas sentimentos e pensamentos, que podem ser conscientes ou não, e esses orientam as práticas desenvolvidas. Embora a espiritualidade possa fazer parte desses sentimentos evocados, não é regra. No entanto, tomando apenas Dora, Mafalda e Mara, parece que os sentimentos (e também as emoções) que as mobilizam ou são mobilizados conscientemente por elas no cotidiano, têm forte relação com os aspectos espirituais.

Investigar os sentimentos e emoções envolvidos no dia a dia do fazer/saber de Dora, Mafalda e Mara não foi simples e, neste momento nem parece suficientemente investigados e aprofundados, mas tenho que assumir essa limitação por uma questão de tempo. Inicialmente a ideia era falar apenas sobre os sentimentos, porém estava implícita a confusão entre sentimentos e emoções. Aliás, uma busca rápida na internet mostra que essa confusão parece ser uma coisa comum. Maturana (1998) diz que as emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento, mas que são domínios de ação, do ponto de vista biológico. Sentimentos têm relação com sentir e emoções com reações instintivas. O que nos importa, nesta

discussão, é compreender como os sentimentos e as emoções são mobilizados ou potencializados pela espiritualidade que essas mulheres demonstram.

Maturana (1998) diz que no cotidiano as emoções são desvalorizadas e que a maioria das pessoas não vê o entrelaçamento entre razão e emoção, embora isso constitua o viver humano. Porém, Dora, Mafalda e Mara, parecem integrar bem razão e emoção, se não o tempo todo, ao menos em boa parte de seus afazeres profissionais. O conjunto das entrevistas autoriza a dizer que se emocionam e vivenciam seus sentimentos, mesmo os de raiva, indignação, desânimo, muito bem em seu fazer, o que fica evidente em muitas falas, como por exemplo, quando citam os problemas que enfrentem, as frustrações, mas sobretudo os “pequenos milagres” diários ou o processo de emancipação acontecendo. Nesse, e em outros trechos, dá para sentir e apreender o entrelaçamento de razão e emoções, que parecem motivados, ou ao menos potencializados pela fé que demonstram no outro e em si mesmas.

Ao contrário da emoção (e da fé) limitar a ação dessas mulheres, como se acreditava, e ainda se acredita, em algumas áreas do ensino dos profissionais de saúde, na verdade as impulsionam. Maturana diz que é a emoção que leva à ação e não a racionalidade. Vasconcelos (2006, p. 34) fala de uma experiência “fascinante e energizadora”. E isso talvez explique o fato dessas mulheres não apenas discursarem, mas fazerem acontecer (faca amolada).

Todas as três mulheres são pessoas que levam suas vidas de forma “inteira”, vivenciando sentimentos e emoções. Isso fica evidente na entrevista, pelo que contam, sem dúvida, mas principalmente pela maneira como contam. Isso fica evidente nas lágrimas de Mafalda, nas gargalhadas abertas de Mara ou na emoção que Dora provocou em sua entrevistadora: “Nessa interação, tivemos alguns momentos de emoção e pouco de choro juntas” (disse Luciana, entrevistadora de Dora).

Nas entrevistas, aparecem sentimentos fortes, tais como: admiração e gratidão pelos encontros que tiveram e continuam tendo na vida, seja com a família, com professores ou com pessoas que as inspiraram. Mafalda e Dora falam disso de forma que chega a ser comovente e Mara diz: nada é meu,

tudo aprendi com os outros, com meus iguais. Raiva e indignação: todas expressam diante de injustiças cometidas com o outro, mas também consigo mesmas e, nessas horas, vivenciam a tristeza, o luto e a recuperação, como fala Mafalda. Todas passaram por situações que poderiam derrubar qualquer pessoa: Mara perdeu parte de sua história em um incêndio, além disso, teve câncer aos 32 anos de idade. Mafalda já se sentiu excluída por parte dos colegas de trabalho e de militância. Hoje, sente isso em relação à parte da família. Dora mudou do Nordeste para o Sul, de emprego, de local de moradia, tomou atitudes coletivas em nome de grupos e se viu só com as consequências. Mas, nessas horas, todas as três podem ser definidas por uma frase de Mafalda: estou sempre disposta a começar de novo.

Os sentimentos envolvidos na história de vida de Dora, Mafalda e Mara, são mais profundos e mais amplos do que foi aqui apresentado, sem dúvida. Porém, esta abordagem sintética e pouco aprofundada, é a possível neste momento. No entanto, não é possível concluir essa abordagem, mesmo considerando ser apenas um indicativo da necessária, sem falar do amor. Elas parecem ser pessoas guiadas pelo amor ao seu trabalho, ao próximo, à família, ao mundo que as cercam. Buscando demonstrar esse amor, vou abordar a questão do vínculo afetivo que deliberadamente as três mulheres buscam com as pessoas, seja no ambiente de trabalho, seja na vida pessoal. Vasconcelos (2015) diz que muitos profissionais de saúde orientam seu fazer pelo vínculo afetivo e pelo compromisso fundado neste vínculo. Essa abordagem parece coerente tomando a fala de Maturana (2001): *amor é a emoção fundamental que constitui o social e este é uma dinâmica de relações humanas que se funda na aceitação mútua e na preocupação com o outro. Aceitação e preocupação parecem ser sentimentos muito presentes no fazer das três mulheres e se expressarem como cuidado, conforme já abordado.*

3 CADA VEZ QUE EU RIMO PONHO A MINHA ALMA EM TODAS AS PARTES DA LETRA³⁴

Neste capítulo final, quero, além de traçar as últimas considerações, discutir alguns temas que aparecem nas falas das entrevistadas de um modo mais periféricos e, por isso, parecem não se encaixar na lógica dos movimentos reflexivos tal qual pensados no capítulo dois. São temas como: Sistema Único de Saúde (SUS), quebradores de pedra, determinantes sociais.

Em seguida passo às considerações finais, discutindo as razões da existência do quebrador de pedra, do construtor de catedral e, por fim, das razões para acreditar que um mundo melhor é possível.

3.1 DE ONDE SE VEM, PRA AONDE SE VAI

O que importa é saber pra que
E pra quem

Leo Jaime

Utilizando uma metáfora comum à sociologia, vamos dizer que o Sistema Único de Saúde (SUS) e a Atenção Primária à Saúde (APS), é o palco preferencial onde atuam Dora, Mafalda e Mara. Todas elas, em diferentes momentos e intensidade, dividiram e dividem sonhos, esperanças, utopias em torno do que representam essas siglas. O SUS faz parte dos sonhos, paixões e do pensamento utópico de muitos trabalhadores e usuários dos serviços de saúde. Como não se pode negar, ele, embora com muitas qualidades, tem

³⁴ Penso que não seja necessário explicar esse título, emprestado da música, Guerra, de MC Marechal.

problemas e esses não dizem respeito apenas aos usuários, mas, como mostra as histórias dessas mulheres, também para quem nele trabalha e, sobretudo para quem o defende por suas possibilidades de um sistema de saúde com aspectos utópicos, apesar de tudo.

Dora faz uma fala a respeito da Atenção Primária que parece servir de síntese sobre os aspectos materiais no SUS. Ela diz “Penso que a APS não precisa ser chique, mas não pode ser mal cheirosa, é um lugar sagrado, precisa ser respeitado e não apenas no discurso, mas na prática”.

As três mulheres, até por ser o local de trabalho delas, conhecem o que o SUS e a APS tem de melhor e de pior, o que tem de promessa e de realidade. Se por um lado, o SUS lhes propiciou vivenciar diversas realidades: cuidar, contribuir com a promoção da saúde, modificar vidas, aprimorarem-se como pessoas, como profissionais; por outro lado, trabalhar no SUS, com suas regras, burocracias, gigantismo, com seus técnicos e gestores, muitas vezes “endurecidos”, mostra-se um desafio permanente, motivos de desgastes, sofrimentos. Enfim, dá para dizer que o SUS contribuiu com essas mulheres na mesma medida e proporção em que elas contribuíram e contribuem para que ele seja o que deveria. Sem elas, e muitas outras pessoas que também constroem sua catedral, o SUS não seria o que é, nos aspectos positivos, e nem chegará a cumprir a promessa de um serviço com equidade, integralidade e universalidade.

Importante destacar que parece possível fazer esta pesquisa em qualquer setor público, como educação, assistência social, segurança e até no serviço privado, tomando os devidos cuidados de adaptação. Porém, parece o SUS ser o campo ideal pelo que ele representa no imaginário de parte dos trabalhadores, gestores e da população usuária, sobretudo quando de militante dos movimentos sociais e/ou do controle social: conselhos locais de saúde, municipais, estaduais e nacional. Ele foi pensado para ser um sistema integral, equânime e solidário. Seus princípios de fundação não deixam dúvidas: universalidade, integralidade, equidade e participação popular. Parece, uma instituição com essas características, ser, não apenas um local de trabalho, mas também onde se pode vivenciar as esperanças e utopias de construção de um mundo mais solidário, mais harmônico, enfim,

onde o trabalhador pode, em tese, dedicar-se a construir sua catedral, apesar de todos os problemas.

É bastante significativo que um dos princípios do SUS seja a participação popular, seguramente é uma das políticas públicas de estado mais abrangente, criada a partir de participação popular efetiva. O Sistema Único de Saúde nasceu das lutas empreendidas pela população, por profissionais, estudantes, professores no que se constituiu a Reforma Sanitária Brasileira. Apesar das demandas pela criação ser bem palpáveis e localizadas historicamente, o SUS tal qual pensado, num momento de tão grande risco de perder a vida por reivindicar algo ao governo, mostra que, teve e ainda tem muito de sonho e de utopia. Essa origem talvez explique, ao menos em parte, a devoção que alguns profissionais têm. Outra explicação, para essa dedicação em construir cotidianamente o SUS, parece ser o fato de ele representar, se não para todos, para uma parte significativa, uma direção segura para suas esperanças de um mundo melhor. Ele não foi pensando, ao menos para maioria das pessoas que se engajaram em sua criação, para ser apenas um sistema a fornecer serviços de saúde de forma integral e humanizada, mas como uma das estratégias de uma reforma mais ampla da sociedade.

Apesar do destino do SUS não estar definido, o embate entre quem sonhou e quem de fato tomou suas rédeas, parece que irá determinar qual seu futuro. Mafalda chama a atenção para o fato de que algumas pessoas, ao prestar um concurso para trabalhar no SUS ou na Educação, não tenham noção das lutas empreendidas em sua criação, mas apenas vejam no horizonte um emprego estável.

O SUS não parece único, a não ser no nome. Ele tem muitas facetas e muitos horizontes, sendo que alguns deles foram abordados pelas entrevistadas. Nenhuma delas abordou o SUS que só existe em seu projeto e nas utopias, mesmo reconhecendo a importância disso, mas em sua inteireza, o que quer dizer em suas virtudes e defeitos.

Meu sonho para o SUS é que ele não se apoie tanto no macro. Tem que ter condições de tratar cada pessoa como cada pessoa merece. Tratamento diferenciado, singular. Tem que ser diferente por que a pessoa

merece, não por que está pagando. O SUS não pode lidar com um “bando” de gente, tem que lidar com cada pessoa, diz Dora.

Mara diz que o SUS ainda a deixa muito empolgada. Importante ressaltar que Mara não ignora o uso político da instituição, a diferença entre o SUS real e o ideal: as USB instaladas em locais inapropriados para beneficiar vereadores, coordenadores escolhidos sem capacidade técnica, mas para acomodar os aliados. Mas, ainda assim, consegue ver no SUS mais do que essas mazelas.

Mafalda chama atenção para o fato de que, por dentro do SUS, muitas vezes as coisas não andam, e, nesses momentos, é preciso usar criatividade para conduzir, desviar das autoridades, sair de alguns ambientes para deixar de sofrer.

Um parêntese: ao falar de SUS parece muito apropriado, uma vez que a construção dele faz parte do sonho e da utopia de um mundo melhor e solidário, voltar à questão da fé, como já abordado antes. Essa persistência de que o SUS, apesar de tudo que sabem Dora, Mafalda e Mara, pode dar certo, parece ter muito de fé em um projeto incerto, de um caminho que se constrói ao caminhar.

Outra coisa que se pode dizer do SUS é que ele deveria reinventar a forma de ver seus usuários, que deveriam deixar de ser simples doentes para encarnar pessoas com história, com sentimentos. Exagero esperar isso?

Talvez sim, quando se toma todo o horizonte de trabalhadores do SUS, mas não quando pensando no que contaram e deixaram perceber de seus trabalhos essas três mulheres. Mas não precisamos limitar essa percepção a apenas essas três. Sabemos que há muitos trabalhadores quebrando pedra no SUS, mas sabe-se que existem muitos outros construindo sua catedral, nos moldes aqui definidos, mas não apenas, há outros tipos de construtores de catedral, com visões diferentes e, embora os reconheça, não foram abordados nesta pesquisa. Vale lembrar que, apesar de contar a história de apenas três, por limitações metodológicas e de tempo, foram 11 os indicados para serem entrevistados. Além disso, arrisco dizer que há muitos outros trabalhadores que ainda podem virem a ser construtores de catedral, bastando, quem sabe, apenas certos estímulos ou exemplos para seguir.

Serão os sonhos que se metamorfoseia em pesadelo (às vezes) uma das razões da existência de tantos trabalhadores na condição de quebradores de pedra?

As respostas obtidas nas entrevistas indicam que o sonho e a utopia são partes essenciais da estrutura que sustenta as três mulheres que entrevistamos, mas valeria essa interpretação para um leque maior de trabalhadoras e trabalhadores?

Tomando como verdade que sonhos e utopias são importantes na constituição de melhores trabalhadores no SUS, talvez seja o caso de renovar esses sonhos coletivos de um mundo mais justo para todos, como foi o SUS em seu princípio. As deformações que parecem existir são fruto, também, mas não exclusivamente, do ensino empreendido pelas escolas públicas e privadas. Esse assunto já é bastante enfatizado em diversos estudos, mas vale frisar um aspecto que parece ser importante e pouco destacado. Enfim, as escolas são voltadas para o ensino de especialidades que têm muito pouca relação com as demandas das classes sociais que mais precisam do SUS. Por outro lado, apesar de já ser bastante difundido, o conceito ampliado de saúde que a Constituição Brasileira adotou, parece ainda causar bastante desconforto aos profissionais de saúde, que não parecem conseguir torná-lo uma prática palpável.

Prado, Santos e Cubas (2009) dizem que apesar do SUS ter sido pensado para institucionalizar um modelo assistencial que atendesse de forma integral às necessidades de saúde e cuidado da população, o que prevalece no SUS, ao menos na maior parte, é uma prática engessada, burocratizada e fragmentada nos moldes biomédicos clássicos, que pouco levam em conta que saúde e doença não são condições aleatórias, mas dizem respeito à posição social das pessoas na sociedade, segundo o que foi apresentado pela Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde - CNSDSD.

Dora entendeu a diferença entre praticar saúde, cuidar de pessoas e simplesmente tratar doenças e doentes. Ao sair da faculdade, Dora, praticou uma medicina mais humana, menos hospitalocêntrica. Não intervinha sem necessidade, parou de fazer internações e isso foi motivo de conflito com os

colegas de trabalho- mas sobre isso vamos falar depois. Ainda hoje, Dora trabalha nessa perspectiva, como já discutido em outros trechos. Mara, por sua vez, diz que em seu primeiro emprego descobriu que fome provoca depressão, mas uma pessoa com fome não precisa somente de psicóloga, mas de comida. Mafalda, ainda hoje, mais de trinta anos praticando essa visão ampla de saúde, ainda tem embates com gestores no SUS. Ela conta que recentemente foi impedida de trabalhar um projeto com catadores de material reciclado por determinação da Escola de Saúde Pública.

Por esses pequenos exemplos, acredito que é possível afirmar, com relativa chance de concordância entre os leitores, que essas trabalhadoras do Sistema Único de Saúde têm uma prática coerente com os princípios do SUS e, sobretudo, que têm uma visão ampla do que seja saúde doença e cuidado.

3.2 EU NÃO SOU DA SUA RUA

Eu não sou da sua rua,
Eu não sou o seu vizinho,
Eu moro muito longe, sozinho.

Arnaldo Antunes

A primeira vez em que ouvi os versos que abrem esse trecho: “eu não sou da sua rua, eu não sou o seu vizinho, eu moro muito longe, sozinho”, identifiquei-me de imediato. Marisa Monte canta com uma interpretação simulando um lamento, mas ao mesmo tempo muito firme, certa. Uma constatação de quem sabe qual seu lugar. Esse lugar no mundo, que a música pode evocar, não é fácil de encontrar e, Dora, Mafalda e Mara levaram tempo para identificar e, pode-se dizer que talvez nem tenham tanta certeza de o ter identificado plenamente, porém é possível afirmar que, ao menos, sabem onde não são seus lugares, quem não faz parte de sua turma.

Chiesa e Veríssimo (2001, p.1), dizem que o profissional educador em saúde (e essa parece ser uma faceta importante dessas três mulheres) deve se distanciar do sistema em vigência nos serviços brasileiros de saúde, pois é um modelo assistencial que privilegia as ações curativas centradas no

atendimento médico, tendo uma visão estritamente biológica do processo saúde-doença. Percebo que essa citação de 2001, utilizada ainda no meu trabalho de conclusão da graduação, ainda é válida.

Geralmente, o serviço já está organizado quando chega um profissional novo. Ele irá se inserir em um grupo novo, com cultura própria. Trará sua própria cultura construída ao longo da vida e a partir da cultura profissional construída na graduação. Turner (2014) fala em comunidade profissional e, nesse caso, espera-se que a inserção aconteça a partir do patamar que significa ser uma assistente social, uma médica, uma psicóloga. Mesmo o mais bem-intencionado dos profissionais de saúde (construtor de catedral), será inserido em uma realidade mais ou menos definida e, como no exemplo de Dora com os colegas médicos em seu primeiro emprego, resistir ou ir contra essa realidade não é tarefa simples. Turner (2014) fala de consciência de semelhança, junto com o fenômeno de que o semelhante atrai o semelhante e que isso levaria à conformidade comportamental. Mas não parece ser assim para todos, e nem o tempo todo, como são exemplos as histórias dessas três trabalhadoras. Se, por um lado, essa atração entre os semelhantes, como fala Turner, garante a coesão dos grupos e a própria existência da sociedade, por outro, pode e, em muitos casos, determinar uma “calmaria” ou conformidade perturbadora.

O profissional que se insere em uma equipe já formada representa o novo, sejam suas ideias novas ou não. Ele traz consigo novas percepções, opiniões e sentimentos em relação aos já postos. Se essas diferenças são aceites, a comunicação acontecerá e as pessoas poderão conversar. Se não há aceitação das novas ideias, há distorção do que se diz e evidentemente o diálogo não acontece de fato. (Rocha, 2003). Para superar essa barreira, precisa-se estabelecer melhores relações. A forma como isso se dará parece depender muito de suas convicções pessoais e grupais em torno do que sabe e deseja, mais do que para sua carreira profissional, para sua vida. Se tiver “fé” no que sabe/aprendeu em suas vivências até o momento, poderá resistir às tentativas de modelagem do novo grupo e, portanto, não “pertencerá ao grupo”. Parece verdade que todos buscamos aceitação social, por isso ousa

dizer que o que ajudará a determinar o tipo de profissional que se é, está no que esse estiver disposto a fazer para ser aceito por esse novo grupo.

O novo profissional inserido nessas equipes já formadas poderá se beneficiar da rotina de sua dinâmica para acomodar seu fazer, aprender e/ou aprimorar práticas. Por outro lado, se a equipe, na qual for integrado, for do tipo “acomodada”, poderá impor novos rumos ou acomodar-se a ela. Parece certo que se sentirá incomodado, mas de várias maneiras: poderá sentir que aquele grupo não é sua turma, ficar deslocado, poderá buscar pertencimento simplesmente ou tentar mudar o grupo. O que fará buscar pertencimento, tentar mudar o grupo ou distanciar-se da prática deles, é o que vai definir em pouco tempo sua prática e, conseqüentemente, quem ele será, ao menos em um nível profissional.

No caso das mulheres entrevistadas, esse incômodo começou na graduação, na relação com os professores e com o ensino e seguiu-se na vida profissional. Todas elas passaram por essas diferentes fases. Mafalda, por exemplo, menciona que no estágio curricular do curso de assistente social, denunciou uma instituição por perceber desvio de recursos, o que já sinalizava que tipo de profissional seria.

Ninguém, em nível consciente, imagino, deseja não pertencer à rua nenhuma. O ser humano é um animal social, portanto buscará pertencimento, desejará ser aceito no grupo e, para tanto, de forma consciente ou não, irá tentar ajustar-se ao que se espera dele. Alguns de imediato, outros ao longo do tempo. Parece que alguns não se ajustarão nunca e buscarão mudar-se para outra rua, isso parece ter relação com a vocação de ser mais, que segundo Freire, é ontológica. Mas é provável que todos, em um momento ou outro, se farão a mesma pergunta que o grupo Nenhum de nós se fizeram: “Será que eu vou ficar sozinho no mundo, será que eu não vou ter com quem conversar?”

Essa sensação de não pertencer a grupo nenhum é angustiante e doloroso. Porém, para ser “aceito”, muitas vezes o preço que se paga é alto demais, é uma agressão tão grande às convicções já estabelecidas que é menos doloroso isolar-se. Mafalda fala sobre isso: “*Tentei ser colega de todo mundo quando entrei na [Secretaria Estadual de Saúde] SES, mas isso me*

dava uma tristeza profunda, ia para casa vazia". Dora dá a entender que é difícil estabelecer alguns diálogos em seu trabalho: "Eu consigo fazer mais coisas fora do meu trabalho do que nele. Eu posso discutir controle social em outros lugares, posso discutir formação em encontros da universidade, mas no meu trabalho há pouca abertura para isso".

Muitas vezes, essa sensação de estar sozinho no mundo é muito real. Mafalda expressa isso ao falar sobre a dificuldade em encontrar com quem dividir situações de seu dia a dia. Essa sensação, embora não verbalizada, aparece também na entrevista de Dora ao falar sobre o trabalho de supervisão no interior e a dificuldade em lidar com os gestores e colegas de trabalho (que deve supervisionar). Esse isolamento no cotidiano dos serviços, que às vezes parece existir, sobretudo em relação à Dora e Mafalda, é minimizado frequentando espaços de seus "grupos" em eventos organizados pela Rede de Educação Popular e outras organizações. Mafalda diz, sobre esses momentos, que é como buscar ar, respirar um pouco e voltar. Mara tem outra estratégia, por assim dizer. Segundo ela, basta uma pessoa concordando para que se empolgue, por outro lado, ela ainda não vivenciou a solidão de algumas posições como Mafalda e Dora, pois, ao menos na maior parte do tempo, trabalhou com um grupo definido.

O ser humano é essencialmente um ser relacional que existe e torna-se pessoa à medida que se relaciona consigo e com os outros³⁵, isso fica evidente na pesquisa, na insistência com que as entrevistadas mencionam os grupos. No trabalho em saúde, especialmente em atenção primária, a interdependência dos companheiros de trabalho é grande, portanto o diálogo e as relações são de suma importância. O dilema pode ser o mesmo: como fazer o trabalho que precisa ser feito, não sendo parte do grupo, quando o grupo o rejeita por querer ir além da prática ordinária? Como fazer o trabalho que precisa ser feito, sendo parte de um grupo "acomodado" em suas práticas?

35 Essa discussão iniciou-se a partir de um debate em sala de aula e seguiu-se, teoricamente, a partir da leitura de base do texto: Breves considerações sobre sociometria.

Esses dilemas foram enfrentados pelas três mulheres em diferentes momentos da vida e, pode-se dizer que ainda são. Mafalda menciona essa dificuldade ao ser aprovada em um concurso e não ser aceita nos grupos estabelecidos na Secretaria de Saúde. Dora conta que no início da carreira não era aceita pelo grupo profissional, pois não seguia as orientações deles. Mara diz que já se viu em situação embaraçosa em que estavam tentando lhe cooptar. Estou mencionando esses três casos como exemplo, mas todas as três mulheres mencionam diversas outras situações semelhantes no cotidiano do serviço.

Se por um lado, buscar diferenciar-se dessas práticas, afastando-se dos “acomodados” (como estou chamando genericamente e propositadamente esse grupo, para evitar maiores discussões neste momento), é condição *Sinequa non* para desenvolver um trabalho mais engajado com as necessidades populares, por outro, não parece ser possível fazê-lo sozinho. Todas as três mulheres sabem disso e deliberadamente buscaram pertencimentos em outros espaços. Mara diz, por exemplo, referindo-se aos momentos em que se sentiu sendo cooptada, que os amigos, a família e Deus não a deixaram “cair em tentação”.

Talvez, pelas condições em que se encontram as relações nos serviços de saúde e no mercado de trabalho, tema que ainda será discutido, estejam bons profissionais sendo tragados para o lugar comum do quebrador de pedra.

3.3 HOMEM PRIMATA, CAPITALISMO SELVAGEM

Na tradição marxista o homem é considerado produto de seu meio. Os homens fazem sua própria história, mas a fazem de modo arbitrário, em circunstâncias que não foram por eles escolhidas, mas que encontram

imediatamente diante de si, determinadas por fatos e pela tradição³⁶. Neste sentido, qual terá sido o peso nas vidas de Dora, Mafalda e Mara, das condições financeiras de suas famílias?

Nenhumas das três mulheres eram ricas, mas viviam em situações de relativo conforto, sem opulência, sem carências, embora tenham enfrentado situação de dificuldades em diferentes períodos e por diferentes motivos. Dora fala da dificuldade que a família passou, que os levou a se mudar do Nordeste para o Sul do Brasil e o quanto isso foi difícil. Mafalda menciona a vida simples no interior e as dificuldades que teve para estudar ao se mudar para capital. Mara, fala das diversas crises financeiras da família. Mas, ao menos não parece, em nenhum momento, que esses problemas foram fundamentais a ponto de explicar, por si só ou prioritariamente, quem elas se tornaram. Por outro lado, as três mulheres mencionam convivência com pessoas das classes populares, pessoas em condições financeiras menos favoráveis que as delas. Esse fato parece ter sido importante na vida de todas, o que é bastante coerente com os estudos de Heman (2003). Segundo ele, a convivência entre os vários e distintos grupos na sociedade provoca algum grau de aculturação com o passar do tempo, o que quer dizer que é comum e, (e parece benéfico) para toda a sociedade. Vasconcelos (2013), por sua vez, fala que neste encontro com as camadas populares há o encantamento com sua dinâmica de vida, cria-se intensos vínculos afetivos e, nesta condição, algumas pessoas podem assumir lutas que não são suas, como se fossem.

Não é possível afirmar que essa situação de proximidade com as pessoas de classe social diferente foi o condicionante mais relevante na constituição do compromisso que ora demonstram com o outro. Por outro lado, não é possível dizer que não tenha tido uma importância fundamental. O que parece evidente é que essas situações foram condicionantes relevantes, mas que poderiam não ter tido o efeito de torná-las pessoas melhores. Porém, essa convivência, associada aos ensinamentos da família,

36 Citado por Lukács em: **Ontologia do ser social**.

a vivência religiosa, pode tê-las orientado e/ou as mantido nesse caminho ético, moral e solidário. No mínimo, essa proximidade pode ter criado vínculos afetivos, despertado sentimento de solidariedade, empatia, pertencimento e despertado as cuidadoras que existiam dentro delas.

A maneira como o homem vive é determinada pelas formas de produções econômicas, sociais e culturais a que estão submetidos. Superar totalmente essas condições não é possível, mas existe espaço para conscientizar-se de seu papel social. Porém, esses espaços parecem ir afunilando com o aprofundamento do capitalismo. Parece que vivemos cada vez mais “cada um por si e Deus contra todos”, como diz a canção do Titãs. Mas qual é esse “deus” que está contra todos? Será o “deus” do consumismo? Será que o construtor de catedral é menos crente neste “deus” do que outros trabalhadores?

Nem todos acreditam que o homem é condicionado, ou seja, que a sociedade tem responsabilidade pelas escolhas individuais. Basicamente há duas maneiras distintas de abordar essa questão³⁷. A primeira posição, associada ao liberalismo, defendido por, entre outros, Adam Smith, compreende que o indivíduo possui liberdade para escolher e atuar na sociedade, desde que o estado não lhe esteja coagindo e que uma série de condições estejam dadas. Essas condições proporcionariam ao indivíduo uma infinita possibilidade de fazer o que precisa ser feito ou o que gostaria de fazer. Para isso bastaria querer e esforçar-se, ou “querer é poder”.

A segunda posição, associada aos pensamentos de Karl Marx, compreende o indivíduo como um ser condicionado ao seu contexto social, com possibilidade de escolhas, com liberdade para agir, ainda que com grandes limitações econômicas, sociais, culturais e psicológicas. Portanto, não bastando apenas querer ou esforçar-se. Mas dependente das condições dadas, das oportunidades propiciadas pela sociedade.

37 Os argumentos aqui apresentados foram elaborados a partir do texto: Quanto de social há na dimensão particular? – breve análise acerca de duas formas de se compreender a responsabilidade e a justiça social, de Luiz Henrique Kohl Camargo.

O que nos interessa nestas abordagens é nos aproximarmos de uma explicação que possibilite compreender as responsabilidades individuais e/ou coletivas que abarquem o modo como conduzem suas vidas, Dora, Mafalda e Mara.

Os adeptos da primeira posição diriam que o trabalhador desmotivado, que aqui estamos chamando de quebrador de pedra, é unicamente responsável por suas escolhas. Ele não seria um profissional levado a desmotivação pelas condições, mas poderia ser considerado um indivíduo sem compromisso com o outro e com a sociedade, simplesmente. Nessa abordagem, seria simples encaixar os construtores de catedral, ou seja, são assim por que escolheram ser assim, ponto final.

Já os adeptos da segunda posição poderiam dizer que o profissional que quebra pedra está desmotivado pelas condições objetivas em que o trabalho é realizado, poderia ir mais além e dizer que não são apenas as condições de trabalho, mas da própria sociedade. Acreditam que o sujeito possui condições de quebrar pedra ou construir catedral, mas que essa escolha é sempre condicionada à sua história de vida e às condições econômicas e sociais em que vivem. Poderia acrescentar, em nosso caso particular, que o trabalhador está também condicionado pelo seu trabalho e/ou emprego. Como já enfatizado antes, nem todos os trabalhadores têm condições de construir catedral, não ao menos em determinadas funções.

Partindo do pressuposto dessa posição, como explicar comportamentos tão distintos no fazer em saúde? Será que se pode responsabilizar unicamente o indivíduo pelas suas escolhas, pelo modo de ser e estar? Se o quebrador de pedra não é totalmente responsável pela sua forma de se apresentar à sociedade, será o construtor de catedral?

Durkheim (2007, p.2), referindo-se ao comportamento dos indivíduos em relação aos grupos, diz: “esses tipos de conduta ou de pensamento não apenas são exteriores ao indivíduo, como também são dotados de uma força imperativa e coercitiva em virtude da qual se impõem a ele, quer ele queira, quer não”. A maior parte da conduta do indivíduo já vem pronta do exterior, de seu grupo, família, cultura, porém Durkheim (2007), Helman (2003), Geertz (2008), ainda advertem que mesmo assim é preciso considerar as

consciências individuais, pois segundo eles, nem toda coerção social é capaz de excluir a personalidade individual. Porém, advertem que muito do que julgamos consciência individual, nada mais é do que a coerção social se fazendo presente.

Essa ideia, parece coerente com muita coisa que falam as três mulheres. Mara, por exemplo, diz várias vezes que aprendeu tudo com a família, com os amigos, com seu grupo e que sempre encontrou em toda parte alguém fazendo antes dela e apenas o acompanhou. Mafalda e Dora enfatizam os bons exemplos que tiveram na vida, na família, nas escolas, nos movimentos sociais.

Essa ideia de que cada um pode conseguir tudo ou ser determinado em tudo tem suas limitações. Talvez se possa conseguir dentro de limites. É possível o retirante pobre se tornar presidente, mas nem todo retirante pobre conseguirá. Não se pode esperar que todos consigam ou usar isso como discurso de que basta trabalhar para conseguir. Talvez possa se esperar que todos (ou quase todos) aprendam a ler ou, em condições semelhantes, que todos os trabalhadores de saúde tenham um nível semelhante de dedicação, embora nem todos venham a demonstrar e fazer com amor, como alguns. Quem sabe dê para pedir e construir essa possibilidade?

Considerando que Durkheim possa estar certo, que muito do que julgamos ser vontade individual, é na verdade elaboração grupal, seria possível, dentro de determinadas circunstâncias, a vontade de um construtor de catedral, influenciar um quebrado de pedra, e vice versa. Isso parece especialmente possível ao considerar que o construtor de catedral não é um, embora possa muitas vezes parecer só, mas um grupo ou representar um grupo, mesmo que disperso no espaço, e grupos se influenciam mutuamente, como afirmam Durkheim (2007) e Geertz (2008).

É impressionante como, no caso das três entrevistadas, agem de modo muito parecido, mesmo não se conhecendo entre si e sendo de regiões diferentes do país. Como diz Geertz (2008), não dá para dizer que não exista uma cultura comum que perpassa os grupos e as famílias, mesmo em lugares distintos e/ou em gerações diferentes. Parece possível dizer que as condições de vida, a aprendizagem na família e o suporte dos grupos dos quais

escolheram (ou foram escolhidas) fazer parte, determinaram quem são e a conduta de cada uma.

No fim, parece verdade que “somos as escolhas que fazemos”, como disse o Cylon, que vivia entre os humanos sem saber de sua origem, na série de televisão, *Battlestar Galactica*. Na história, o Cylon é um ser sintético que sem consciência de sua origem, vive entre os humanos, e quando descobre sua condição é confrontado com seus próprios sentimentos em relação à sua espécie, mas, segundo ele, as nossas escolhas são o que nos constitui e é preciso aceitar e conviver com elas. O que parece verdade para a condição de nossas entrevistadas. Elas escolheram ser quem são, mesmo considerando que essas escolhas foram feitas, em grande parte, pela coerção social representada por suas famílias, pelos grupos e por todas as escolhas que fizeram a parti daí.

Por mais que o contexto em que o homem vive e trabalha o condicione a fazer como faz, há ainda os espaços de individualidade. Esses espaços, a força do querer, não podem ser simplesmente ignorados e, as histórias de vida dessas três mulheres parecem dar testemunho disso. Essa força do querer parece ser melhor exercitada por algumas pessoas do que por outras, mas definitivamente parece existir. E, em certa medida, ajuda a explicar por que algumas pessoas, submetidas, aparentemente aos mesmos condicionantes, apresentam condutas diferentes.

Lukács (1972, p.84) fala do homem singular e chama atenção para o fato de que esse processo de individualidade, do homem singular (em nosso caso, da mulher singular), também obedece a determinações sociais, mesmo quando não é percebido de modo consciente. O ato singular alternativo, do homem singular, embora obedeça às circunstâncias sociais de seu meio, produzem outras alternativas de estruturas análogas e fazem surgir outras séries causais.

Dora, Mafalda e Mara parecem ter consciência dessa condição singular e social de seu estar no mundo e/ou com o mundo. Elas reconhecem-se como sendo diferentes da maioria de seus colegas, mas iguais a outras pessoas em diferentes lugares e, sobretudo, não se acham melhores do que outros por essas diferenças. Não se veem como heroínas, como merecedoras de algo

mais, por fazer como fazem, mas reconhecem, mesmo que implicitamente, que com mais pessoas como elas, o serviço para a população e o próprio SUS seriam melhores. Ao mesmo tempo em que se reconhecem diferentes, não se definem em momento nenhum como prontas e perfeitas. Pelo contrário, em diferentes trechos das entrevistas, frisam a importância de continuar aprendendo e, sobretudo, sobre o quanto aprendem no cotidiano, nas relações com as pessoas. Dora, Mafalda e Mara parecem se reconhecerem como seres inacabados, como fala Freire (1996) e, portanto, em construção.

3.4 CADA UM POR SI E DEUS CONTRA TODOS

Apesar de não ser objeto desta pesquisa entender/explicar as razões que levam o trabalhador a se tornar um quebrado de pedra, é interessante fazer algumas observações. Parto do princípio de que existem quebradores de pedra, por todas as questões discutidas até aqui, mas existem, talvez na mesma proporção e em diferentes graduações, construtores de catedral. Além disso, há trabalhadores que hoje, aparentemente estão quebrando pedra, mas que podem vir a ser construtores de catedral. Ao menos, esses existem em uma proporção maior do que de construtores de catedral que possam tornar-se quebradores de pedra. Talvez isso se explique pela vocação de ser mais, que fala Paulo Freire, mais do que pelo condicionamento social.

Porém, parece que vivemos um tempo em que o construtor de catedral é desestimulado a expressar-se, enquanto o quebrador de pedra parece ser o resultado lógico do modo como o serviço e a sociedade são organizados e conduzidos. Até por isso, tomei a música dos Titãs como título aqui. Não que seja automático, mas dá para dizer que a transformação do trabalhador em quebrado de pedra é o que se pode esperar do sistema que aí está. Vasconcelos (2013) diz que vivemos atualmente a ameaça de devastações inimagináveis do planeta por causa deste modo de vida que coloca um ser humano contra o outro, que permite que a opressão, as perversidades sejam usadas (e diria estimuladas) como forma de construir a desigualdade que

distingue um grupo do outro, uma pessoa de seus semelhantes. O dinamismo do capitalismo parece consolidar uma cultura de competitividade e relações utilitaristas com a natureza e com o outro. Embora essa situação observada por Vasconcelos, por Boff (2009), seja uma descrição generalista de determinado comportamento, ela é observável no dia a dia das instituições públicas, privadas e nas relações pessoais entre os indivíduos.

Este trabalho tem como palco o Sistema Único de Saúde, mas nunca é demais frisar que me atenho em falar dos trabalhadores do SUS e/ou do serviço público, por mero recorte metodológico. Quase todos os argumentos que tenho utilizado são igualmente válidos para os profissionais do serviço privado, para os servidores públicos da maioria dos órgãos do governo e/ou qualquer outro trabalhador, guardadas as devidas proporções e possibilidade de cada ocupação, como já enfatizado.

O serviço público na área de saúde é hoje o grande mercado de trabalho para maioria dos formandos. Grande parte, ao concluir seus cursos, vai para o serviço público, tendo ou não disposição e conhecimentos específicos e suficientes para tanto. Existem diversas formas de contratação: concursos públicos diretos, processos seletivos, terceirização, cargos comissionados, contratos de trabalho temporários e outras modalidades de vínculos quase sempre precários. As entrevistadas, por exemplo, passaram por todas essas formas, desde que se formaram até hoje.

Diversas pesquisas indicam que a irregularidade do vínculo de trabalho chega a alcançar metade ou mais dos trabalhadores na esfera municipal e, sobretudo, na ESF (MACHADO, OLIVEIRA e MOYSÉS, 2010). De um modo geral, quase todas essas formas de contrato são preconizadas e transitórias. A mesma pesquisa mostra que dados do IBGE davam conta de que 4,3% da população do país está ocupada no setor saúde, gerando mais de 10% da massa salarial do setor formal e, em torno de 3,9 milhões de postos de trabalho, destes, 2,6 milhões são com vínculos formais, 690 mil, sem carteira assinada e 611 mil profissionais autônomos. Essa precarização pode parecer uma característica dos governos brasileiros, das oligarquias locais interessadas em fazer favores e controlar seu eleitorado e, pode se dizer que de fato é isso. Porém é mais grave, sem deixar de ser o jeitinho local de

empregar pessoas que poderão beneficiá-los em uma futura disputa eleitoral e/ou controlar o que se faz no serviço, é também uma característica do capitalismo avançado. Machado, Oliveira e Moysés (2010) dizem que no mundo todo o trabalho vem se tornando cada vez mais precário, inclusive no setor público.

A precariedade dos vínculos trabalhista e as consequências disso são discutidas por Sennett (2009) em um estudo perturbador. Ele diz, por exemplo, que a flexibilidade dos vínculos empregatícios mudou completamente o próprio significado de trabalho. As pessoas sabem que o que estão fazendo hoje é provisório, que “não tem amanhã” e isso diminui a identificação da pessoa com o seu fazer. Ele não está descrevendo o serviço público brasileiro, mas o operariado norte-americano e em parte o europeu, porém, a situação é a mesma, embora no serviço público as consequências pareçam iguais ou piores.

Albrecht; Krawulski (2011) fizeram pesquisa com concurseiros habituais e umas das questões dizia respeito à natureza da atividade do servidor público. Elas indagaram sobre o que significaria trabalhar nesse segmento e, entre 93 pessoas entrevistadas, apenas 13 citaram compromisso ético com a coletividade como algo relevante no serviço público. O que é coerente com as observações de Mafalda a respeito dos colegas de trabalho. Segundo ela, muitas pessoas que entram hoje no serviço público, mesmo que por concurso, não têm conhecimento da história que existe por trás da conquista de cada política pública. Elas não têm compromisso com as lutas, para elas é apenas um emprego e só. Ribeiro; Macebo (2013, p.201) dizem que o vínculo empregatício estável constitui o maior atrativo para o ingresso e a permanência no serviço público. É que “a figura de um trabalhador que abre mão de projetos profissionais associados à vocação e aos sonhos em troca de um porto seguro, mesmo que seja fora da sua área de formação e interesse, é cada vez mais frequente”.

Talvez esse: “abrir mão de projetos profissionais associados à vocação e aos sonhos em troca de um porto seguro” seja demais para um ser humano normal aguentar por toda vida. A convivência com pessoas que se submetem a isso parece ser um problema que vai minando a vontade e a disposição do

trabalhador que busca ser mais, enquanto outros simplesmente toleram seus deveres profissionais.

A precarização dos vínculos empregatícios no serviço municipal, sobretudo em ESF, como mostra a pesquisa de Machado, Oliveira e Moysés, (2010), evidencia uma situação bastante comum no interior do Brasil e em algumas capitais, ou seja, que o emprego depende, em grande parte, não da competência técnica e dos compromissos sociais do profissional, mas de que lado da disputa eleitoral ele está. Como há eleições a cada dois anos, os empregos são quase sempre provisórios, o que também determina certo modo de fazer.

A provisoriedade ou flexibilidade, segundo Sennett (2009. p. 10) corrói o caráter pessoal do trabalhador. “Caráter: é o valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e às nossas relações com os outros. Horácio escreve que o caráter de alguém depende de suas ligações com o mundo”. Caráter tem relação com a experiência emocional, desenvolve-se e mantém-se em longo prazo e tem relação direta com lealdade e “compromisso mútuo”. Se não existe o longo prazo, os princípios de confiança, lealdade e o compromisso mútuo são corroídos, o que impede a identificação com o seu fazer. Em geral, esses princípios são desenvolvidos a partir de experiências sociais mais profundas e levam tempo para se desenvolver e enraizar-se nas instituições. O capitalismo de curto prazo corrói o caráter, principalmente naquilo que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável: compromisso e lealdade, que seriam “freios” para adiar a satisfação pessoal em troca de um objetivo em longo prazo, mas se não existe o longo prazo, como evitar o “cada um por si e Deus contra todos, como fala o grupo Titãs?

Essa provisoriedade, esse aqui e agora “desorienta a ação em longo prazo, afrouxa os laços de confiança e compromisso e divorcia a vontade do comportamento”, segundo Sennett (2009, p.33). Nas condições descritas em que está trabalhando parte dos trabalhadores em saúde, será que eles têm condições de manter o caráter?

Bauman (2005) diz, falando sobre a instabilidade na sociedade contemporânea, que o trabalhador procura não criar vínculo com os colegas

nem com o fazer e não se responsabilizar. Não creio que ele esteja errado, mas na realidade brasileira, se por um lado há os profissionais precarizados, que não conhecem o que é segurança e estabilidade, por outro, há os concursados e uma estabilidade sem limites que se observa na prática do serviço público e que parece ter o mesmo efeito desagregador da instabilidade.

Em uma metalúrgica, por exemplo, o trabalhador é demitido quando deixa de ser interessante para produção, se faz peças fora das especificações, se abandona seu posto de trabalho ou tem como rotina chegar atrasado. Porém, no caso do serviço público, o que parece manter parte dos indivíduos no trabalho não é o desempenho, o serviço prestado para população, mas os “padrinhos políticos” e a indisposição das chefias em enfrentar a burocracia de um processo administrativo que pode se arrastar por anos e não ter resultados. Além disso, parece haver certo descaso com o outro que depende dos serviços públicos, como se o “servidor público concursado” estivesse completamente emancipado da população a quem deveria servir.

No caso do trabalhador terceirizado (precarizado) é possível também observar o contrário do que diz Sennet e Bauman, ou seja, que ele, com vínculo precário, sem “padrinho político” que lhe garanta, é, justamente, em alguns casos, o que procura fazer um trabalho profissionalmente mais aceitável, se não exatamente bom. Mesmo assim, isso não garante sua permanência no trabalho em uma eventual mudança de gestão.

Embora esteja evitando ao máximo fazer generalizações a partir das descobertas realizadas nesta pesquisa, é possível dizer que a maioria dos trabalhadores acaba tendo seu caráter corroído realmente, porém outros resistem, situação que Sennett também observa entre as pessoas que entrevistou. Segundo ele, todos estamos mergulhados em sentimentos confusos e procuramos salvar e manter alguns que sustentarão nossos caracteres: traços pessoais que damos valor em nós mesmos e que são os traços que caracterizam quem somos e pelos quais esperamos que os outros nos valorizem.

Talvez essa situação esteja tão naturalizada, talvez seja tão corriqueira que nem se percebe mais que não deveria ser assim. Talvez nem se perceba mais que se chegamos a essa situação, também podemos sair. Neste sentido, apontar que existe uma categoria de construtores de catedral, ao contrário de uma visão negativa sobre os demais ou sobre o sistema como um todo, pode ser o primeiro passo para resgatar o quebrador de pedra. Talvez certos trabalhadores jamais venham a se tornar construtores de catedral no SUS, mas certamente poderiam melhorar seu desempenho e contribuir mais para o fazer/pensar o sistema de saúde. Não estou aqui dizendo que isso depende apenas da vontade de cada um, mas também da vontade e da consciência desses.

Penso que passamos da fase de defesa cega do SUS e dos servidores públicos como se eles não apresentassem graves distorções. Temos que reconhecer os problemas, denunciar e anunciar que pode ser de outra forma. Hoje, como as coisas estão, sem deixar de ser vítima, uma parte considerável dos trabalhadores está oprimindo o sujeito que precisa de cuidados de saúde, o que é até natural de se esperar, pois essa relação opressor/oprimido ocorre mesmo entre oprimidos. Paulo Freire diz que uma educação que não é libertadora faz o oprimido desejar ser opressor e, definitivamente, as relações educativas no serviço de saúde, no ensino da área de saúde e em qualquer outro ensino, com raras exceções, não são libertadoras.

Será possível os trabalhadores do SUS viverem de formas distintas, como se o SUS fosse uma ilha? Vivenciarem o mundo competitivo que lhe diz que precisam ser bem sucedidos, ter mais do que outros, ostentar bens materiais, e no SUS, ser pessoas humanizadas, solidárias, comprometidas com o bem-estar do outro? Por isso, penso que humanizar as relações, ter melhores trabalhadores, mais construtores de catedral e menos quebradores de pedra, passa por melhorar a sociedade como um todo e não apenas o SUS. Evidente, até por toda a argumentação até agora, que não defendo que se não é possível mudar o mundo para mudar o SUS, não se deva fazer o possível. Acredito que há muito que se possa fazer para melhorar o SUS, melhorar as relações humanas, mesmo antes de mudar o mundo ou, quem

garante que não é através dessas pequenas mudanças cotidianas que se muda o todo?

Temos que admitir que há um problema no sistema de saúde que é maior do que o simples fato do financiamento ser insuficiente, de faltar programa de educação permanente, de insuficiência de infraestrutura e insumos, formação mais calcada na realidade, vínculos profissionais precários, clientelismo, baixos salários ou tudo isso junto. Esse problema diz respeito à condição humana e ao pouco valor que estamos dando uns aos outros e isso independe de ser no SUS, no serviço privado ou de qualquer serviço e profissão. Não falar disso não torna o mundo melhor ou o SUS menor pior. Falar sobre isso para mim não é paralisante. Reconhecer que há problemas e que esses precisam ser enfrentados, denunciados e anunciados que é possível fazer diferente, parece ser o que fazem os construtores de catedral, a julgar pelas mulheres entrevistadas nesta pesquisa.

Não se trata de negar os condicionantes e determinantes sociais, as influências individuais e coletivas que levam o sujeito para um lado ou outro, porém um dos objetivos explícitos deste trabalho é destacar que embora existam condicionantes que podem levar o trabalhador a ser um quebrador de pedra, como descrito por Sennett (2009) e Bauman (2008), entre outros, há “categoria” que resiste, que impõem barreira moral e ética, que sustenta essa construção e mostra que vale a pena insistir com seus sonhos, suas utopias em torno do SUS, dos princípios da Educação Popular em Saúde. Parece que submetidos aos mesmos condicionantes, as pessoas reagem de forma diferente. Talvez seja o sujeito singular que fala Lukács (1972).

Philip K. Dick, romancista norte-americano dedicado à literatura de ficção científica, nos anos 60, imaginou um mundo futurista em que androides orgânicos andariam entre os seres humanos. A única maneira de distinguir um androide de um ser humano, seria através de testes que mediriam a capacidade de empatia e sentimentos genuínos. Um possui essas capacidades e o outro apenas consegue simular. Às vezes, fico imaginando que esse dia já chegou e há alguns trabalhadores androides nos serviços.

Se por um lado, expor o trabalhador do SUS dessa maneira, pode ser bastante antipático e revelar certo pessimismo, por outro, mostra que é

possível avançar, que é possível ter mais e melhores trabalhadores no cotidiano. Para que isso seja possível acredito que é fundamental, como fala Cazusa na música Tudo é amor, cutucar a ferida.

Um homem nasce pra curar
E cutucar a ferida
Mesmo se for pra transformar
Num inferno um céu conformista
Mesmo se for pra guerrear
Escolha as armas mais bonitas

Talvez parte dos trabalhadores esteja precisando ser cutucado, e, quem sabe, possa se reconhecer e mudar os rumos de suas vidas ou ao menos de seu fazer profissional.

Pensando em tudo que foi discutido até agora, é importante estudar e compreender mais e melhor as pessoas, como Dora, Mafalda e Mara, que mesmo submetidas às mesmas condições que a maioria dos trabalhadores no SUS, mantém o caráter intacto e a esperança de que é possível um serviço de saúde de qualidade e um mundo mais justo, com mais humanidade e menos andróides.

3.5 QUEM LUTA PRA RESPIRAR SABE QUE ESSA BRIGA É SÉRIA

Morrer por uma causa é quase fácil, viver por ela é outra coisa, disse Antônio Callado pela boca do personagem Nando, em Quarup. Essa também pode ser uma das interpretações das vidas que esta pesquisa descreve. Sei bem que essa é uma das interpretações possíveis, como tudo na vida há outras possibilidades de analisar a forma como essas mulheres tocam suas vidas. Do meu ponto de vista, Dora, Mafalda e Mara estão vivendo por suas causas, que se misturam com suas vidas (ou são as suas vidas) e isso é difícil demais. Não que viver sem descobrir qual sua causa seja menos difícil, mas viver com “uma missão” realmente não é fácil. Estou dizendo isso, em princípio, pois é assim que me parece, porém é bastante plausível que não seja assim que elas se vejam.

Embora haja dor e sofrimento, que nenhuma nega, levar a vida como elas levam não parece ser exatamente uma escolha consciente e nem deixar de ser. O comportamento que demonstram parece ter sido aprendido ao longo da vida, desde criança e cada dia um pouquinho, como uma colcha de retalhos ou uma rede de renda que vai sendo tecida por várias pessoas ao mesmo tempo, inclusive pela própria rede. Inicialmente os pais, depois o convívio familiar, o convívio social, a igreja, a escola, os movimentos sociais e populares. Essa elaboração minuciosa se fundiu com o tempo e hoje não parece possível distinguir onde tudo começou ou qual foi o nó mais forte dessa amarra. Assim, não me é possível dizer o que foi aprendido, o que é disposição individual. Não parece ser apenas compromisso com alguém ou com uma causa específica, com uma ação ou uma entidade. Melhor, talvez seja tudo isso ao mesmo tempo sem se preocupar com definições claras e objetivas. É, antes de qualquer outra coisa, uma forma de ser, de levar a vida e isso, como afirma Vasconcelos (2006), essa luta pressupõe fé, coragem, firmeza e muita esperança em um projeto coletivo que é incerto.

A pesquisa partiu de uma percepção de pessoas que são singulares, exemplos até, mas não é uma premissa individualista nem nunca foi e as próprias entrevistadas se encarregaram de deixar isso evidente ao enfatizarem, em diversos momentos, que são parte de um grupo. É possível dizer que, embora não sendo nada matemático, o que existe de individualidade é resultado do pensar e fazer coletivo e o que existe de coletivo é resultado das individualidades.

No decorrer da pesquisa, de modo surpreendente, descobri que o quebrador de pedra também é importante na construção da catedral, que nem só de construtores se faz uma catedral, que o quebrador de pedra também contribui. Talvez não seja possível que todos os trabalhadores sejam construtores de catedral, como no exemplo do trabalhador que recolhe o lixo, do sujeito que passou em um concurso para uma área que não gosta, mas que ao menos possam deixar as pedras na forma adequada, que permita serem aproveitadas para dar uma forma bonita à construção. Isso parece bastante possível.

A aprendizagem de Dora, Mafalda e Mara se deu de forma paulatina como tudo na vida, sem dúvida, nas histórias há inúmeros exemplos de falas que demonstram isso, mas parece que essa “aprendizagem” se definiu e se manteve ao longo dos anos pela identificação do e com grupos específicos, no caso de Mafalda e Dora, com a Educação Popular em Saúde e Mara com o grupo de gestores militantes no SUS. O encontro com os iguais, como falamos, parece ter sido o amálgama definitivo que as manteve e mantém coerentes com a causa que abraçaram. Dessa forma, parece que não distinguem mais, não procuram distinguir quando fazem por si mesmas, pela “reputação” adquirida junto ao grupo ou por crer na causa de forma inabalável. Durkheim (2007), Bauman (2008) falam que as pessoas se “inventam” juntas e com seus grupos e uma vez consolidadas essa imagem, não conseguem mais se desvencilhar. O que parece verdade, tomando as entrevistadas, mas também parece verdade que não queiram se desvencilhar.

No filme *Donnie Brasco*, baseado na vida do policial Joe Pistone, que nos anos 70 se infiltrou na máfia e se envolveu com seus integrantes de forma pessoal, embora sabendo que não era um deles, há uma retratação comovente sobre os compromissos que se assume com o grupo e o vínculo afetivo que se forma a partir do convívio. Mesmo sabendo que estava naquele grupo para desmantelá-lo, que não era realmente um deles, que não comungava dos seus ideais, em determinado momento os compromissos e os vínculos estabelecidos foram tão grandes e fortes que não conseguiu se desvencilhar, sentia-se responsável pela vida dos parceiros. Bauman (2005) acredita que o princípio da responsabilidade é o primeiro ato de envolvimento na vida pública, o que talvez sirva de explicação para o que aconteceu com Joe Pistone e acontece com Dora, Mafalda, Mara e com tantos outros trabalhadores no SUS.

Responsabilidade com o outro parece ser um sentimento muito presente nas pessoas quando se criam vínculos. A partir disso, cuidam-se, “fazem o bem sem olhar a quem”, “Tu te tornas eternamente responsável por aquele que cativas”.

Talvez uma das chaves para construção de sujeitos comprometidos, ou ao menos para manter esse comprometimento, seja a promoção de espaços

de encontros que possibilitem a identificação das pessoas umas com as outras, a identificar seus iguais e formar grupos com vínculos genuínos, de modo que o trabalhador que constrói catedral sinta-se respaldado, sinta-se menos deslocado no seu modo de fazer e sentir o que faz. Gonsalves (2014) fala em criar vivências de aprendizagem, o que parece bastante coerente com os “espaços de encontros” que mencionei. A vivência de aprendizagem pode ser compreendida com uma experiência individual vivida com grande intensidade, que envolve a cinestesia, as funções viscerais e emocionais. Vasconcelos (2013) crê que em ambientes que possibilitam a comunicação de dimensões subjetivas sutis, por parte dos trabalhadores da saúde, esses sentimentos poderão aparecer e serem expressados. Na mesma lógica, Mafalda acredita que a único jeito de ensinar as pessoas a gostar da luta é juntá-las com outras pessoas que estão na luta, para vivenciar esse modo de fazer, esse saber e sentir diferente. Vasconcelos (2013) diz que quando esses encontros acontecem de fato, podem ser bastante intensos e fundar “uma ética em que o dever e a obrigação de ajudar e de militar é substituída pela paixão e o encantamento de ajudar e de militar”.

Essas vivências, centradas na experiência emocional de quem constrói o SUS (esse humano e integral defendido nesta pesquisa) ainda não foram experienciadas no ensino e nem na educação permanente, por exemplo. Não ao menos que saiba. Essas vivências poderiam representar um suporte inestimável ao fazer no cotidiano, principalmente porque nem todas as pessoas têm possibilidade de ter uma vida rica de experiências e vivências com a diversidade social e cultural que tiveram Dora, Mafalda e Mara.

Insisto nesse aspecto porque uma das constatações mais evidentes dessa pesquisa é que as vivências, expressas nas histórias de vida dessas mulheres, não um detalhe ou outro, não uma experiência, um contato, um curso em particular, mas o próprio viver e a integração das diversas experiências, são, na verdade, o que as tornaram quem são, com as características que demonstram. Elas se elaboraram nesse contato com as classes populares, que se deu na família, com as vivências religiosas, o posicionamento político, ideológico e profissional dos pais, o que parece ter facilitado o encontro e a identificação com as camadas populares na vida

profissional, que fala Vasconcelos. Todas as três mulheres confirmam esse encontro e ainda confirma o quanto esse encontro foi e é pedagógico e educativo.

As experiências de extensão da Universidade Federal da Paraíba parecem confirmar as possibilidades dos espaços de encontro na educação permanente, por exemplo. Os programas de extensão da UFPB criam espaços de encontro entre estudantes e as comunidades, sobretudo as mais carentes financeiramente. Esses espaços privilegiam o vínculo como mola propulsora do desenvolvimento integral dos estudantes, ou seja, a partir da demanda e do encontro, do vínculo que começa a ser formado, o estudante busca desenvolver os conhecimentos e as técnicas necessárias para enfrentar (e quem sabe) resolver os problemas que identifica. E, nesses espaços, os problemas não são restritamente profissionais, no sentido biofisiológico, mas envolvem todas as dimensões do ser humano. Segundo Batista (2012), a necessidade de cuidar, provocada pelo vínculo que se cria, motiva o estudante a procurar melhorar seus conhecimentos sobre o assunto e fazem isso pesquisando em livros, artigos, conversas com professores, colegas e amigos. Em sua pesquisa, Batista enfatiza a importância da extensão na formação do agir ético dos estudantes a partir do acesso à realidade, proporcionada pelo PEPASF e sua metodologia, que propicia a criação de vínculos afetivos e compromisso entre os estudantes, as pessoas das comunidades, suas lutas individuais e coletivas. A partir desses encontros, o estudante sendo “tocado”, tornar-se-á um estudante e, futuramente, profissional mais integrado, inteiro e comprometido com o cuidado. Mas nem todos são tocados, alguns simplesmente cumprem créditos obrigatórios e/ou aproveitam a aprendizagem para melhorar seus currículos e abandonam as famílias que acompanham e o projeto, sem aviso prévio ou sem se despedir das famílias que “deveriam” acompanhar.

Seria muito interessante questionar se os estudantes que melhor aproveitam seu tempo no PEPASF já não “vão de casa” ou de suas vidas, como Dora, Mafalda e Mara, sensibilizadas para “vivenciar” a realidade e ser transformados por ela?

Não há nenhuma dúvida que a extensão popular tem sido de extrema importância para “formação” de melhores profissionais de saúde, porém ela parece acontecer tarde para algumas pessoas. Por outro lado, parece que o maior mérito da extensão popular seja pôr o estudante em contato com a realidade concreta em que vive a maioria da população e questionar: “vai fazer alguma coisa ou ficar só olhando?” Brazão (2013), relatando experiência com a Jornada Nacional de Extensão em Comunidades (Jornexu) relata exatamente isso e ainda diz, como Dora, que foi onde encontrou sua turma, pois até então se sentia pedindo perdão na universidade por não se enquadrar.

A extensão oferece instrumento para observar a realidade e engajar-se em sua transformação. Coisas que aconteceram, quase como se fossem naturais, nas vidas de Dora, Mafalda e Mara, mas que não dá para esperar que aconteçam na vida de todas as pessoas que trabalham no SUS. Mas seria possível, de algum modo, propiciar esses encontros para os profissionais que estão hoje nos serviços sem essas vivências, como é propiciado para os extensionistas?

Penso que seria possível pensar a educação permanente dos trabalhadores em saúde a partir da Educação Popular e conseguir bons resultados. Para isso teriam que ser repensadas as estratégias de aprimoramento técnico no SUS, que parecem, ao menos a maioria, centradas em ensino frio, técnico e pautado meramente em aspectos cognitivos e quantitativos. Necessariamente não deveria ser um ensino entre quatro paredes, mas vivencial na realidade em que vivem as pessoas das comunidades. Pode parecer inacreditável, mas ainda é possível encontrar dezenas de trabalhadores da ESF que desconhecem completamente o território em que trabalham. O que parece essencial, para começar a mudar essa situação de distanciamento físico e emocional entre trabalhadores e usuários dos serviços, seria propiciar encontros transdisciplinares entre profissionais de diversas áreas correlatas, gestores, usuários, professores, movimentos sociais, conselheiros de saúde. Quem sabe com esse movimento amplo os trabalhadores pudessem se achar, ou, ao menos, deixar de se esconder.

Outra coisa que parece evidente é que não basta que esse ensino diferenciado aconteça apenas na educação permanente, na graduação ou na pós-graduação e, sobretudo nos projetos de extensão. Tudo isso é válido, diria que fundamental, mas precisa acontecer desde sempre nas comunidades. Nada disso garante que o construtor de catedral que existe dentro de cada um será despertado, por isso parece fundamental dar muitas oportunidades para que aconteça. Dora, Mafalda e Mara aprenderam muito nas oportunidades que tiveram na faculdade, em sala de aula, em cursos paralelos, pesquisa e extensão, mas a base que as possibilitou esse aproveitamento veio da família, dos grupos, do movimento estudantil, de iniciativas ligadas à igreja, aos movimentos sociais. Parece lícito afirmar que, talvez não baste investir apenas na escola, nos professores, para tornar os processos educativos e a formação mais eficiente em formar pessoas melhores para o convívio social, como fala Mafalda. As histórias contadas nesta pesquisa dão testemunho de que a comunidade e seus grupos são de extrema importância, seja um grêmio escolar ou um simples grupo de jovens da igreja que distribui alimentos para os necessitados ou faz mutirão para ensinar a ler em comunidades pobres, ou mesmo, um grupo de bandeirantes. Por fim, parece muito claro (para mim), que nada disso bastará, caso não recuperemos nossas utopias, nossa capacidade de sonhar, ter esperança e militar por um mundo melhor.

3.6 TÁ DOMINADO, TÁ TUDO DOMINDO

...

Para terminar, vamos começar com uma música de Zé Geraldo, Galho seco, porque se é para terminar vamos fazer isso com o que há de melhor e mais elegante no ser humano, ou seja, sua capacidade de fazer arte:

Quando um homem chega numa encruzilhada,
Quando a gente chega numa encruzilhada
Olha prum lado é nada
Olha pro outro é nada também

Aí o céu escurece, o céu desaba
 Tudo se acaba.
 Quando tudo ta perdido na vida
 Só quando tudo ta perdido na vida
 É que a gente descobre que na vida
 Nunca tudo ta perdido, meu irmão.

Eu andava acabrunhado e só,
 Perdido e sem lugar
 Feito um galho seco
 Arrastado pelo temporal.
 Pensei até
 Em enrolar minha bandeira
 E dar no pé.
 Eu pensei até em jogar fora a minha história,
 Os documentos e aquela fé

Fazia tempo que o sol não derramava
 Luz na minha vidraça.
 Depois que tudo passa
 O vento leva as nuvens negras
 Noutra direção.
 Também pudera: uma hora
 Era o fogo que rasgava o chão,
 Outra hora era a água que
 Descia e afogava toda plantação.

Ainda bem que me restou o seu sorriso
 Que me alumia a alma que me acalma
 Quando é preciso
 E como eu preciso.

Cada dia mais, parece que perdemos o controle de nossa vida, das vidas das pessoas à nossa volta, inclusive das mais íntimas. A sociedade, ao menos no ocidente, parece cada vez mais com um barco desgovernado rumo às pedras da correnteza que o destroçarão. Sennett (2008) e Bauman (2011), dão testemunho dessa sensação de falta de rumo da sociedade globalizada. É como se o ser humano tivesse colocado um sistema autônomo para funcionar, esperando que ele fosse regular a vida social, ordenar a convivência, distribuir bens em benefício de todos e todas (e em certo sentido, pode se dizer que funcionou). Em certa medida, tomando esse sistema como mais do que sua parte financeira, mas todo o estado, com suas políticas e ações, ainda funciona, ou melhor, pode-se dizer que sem ele a situação poderia estar pior.

A humanidade progrediu para além do inimaginável: venceu doenças, pragas, epidemias, fome, catástrofes naturais e está prestes a deixar o planeta terra rumo às estrelas. Verdade que pagou um preço alto por tudo

isso: extermínios em massa de espécies animais, vegetais, destruiu rios, mares, florestas; foi autora de genocídios de populações e etnias inteiras e passou por cima de culturas ancestrais. Matou e ressuscitou deuses. Neste caminho perdeu parte de sua humanidade, principalmente ao subjugar seus semelhantes, de tal forma que algumas poucas centenas de pessoas são hoje detentora de maior riqueza e formas de subsistência do que milhões de outras espalhadas pelo globo terrestre.

Bauman (2011, p. 149) diz, com base no relatório de 1998 do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, que os três homens mais ricos do planeta são donos de bens cujos valores superam o Produto Interno Bruto combinado dos 48 países mais pobres. A fortuna das 15 pessoas mais ricas é maior do que o total de toda a África subsaariana. O relatório mostra que “menos de 4% da riqueza pessoal das 225 pessoas mais ricas bastaria para oferecer acesso às facilidades médicas e educacionais elementares, além de nutrição adequada, para todos os pobres do mundo”. Essa pesquisa, realizada há 17 anos, já era assustadora, mas em 2015 a riqueza global dos 1% mais ricos da população global já era equivalente aos outros 99% restantes.

Isso parece roteiro de história de ficção científica descrevendo distopias futuristas. Tal qual um monstro ou uma inteligência artificial com ideias distorcidas, a sociedade hoje parece ter vida e vontade própria e decidir o que é melhor para todos e todas, sem que as opiniões sejam levadas em conta. Segundo Paulo Freire, ao oprimir, o ser humano perde sua humanidade e apenas o oprimido pode restituí-la, mas se o ser humano não tem mais vontade a não ser a que lhe é permitida ter, como por exemplo, consumir, o que podemos ainda fazer?

O homem procurou todo esse tempo segurança e liberdade e as encontrou em certa medida em algumas épocas. Em nome disso, começou a delegar a outros homens seu destino, segurança e liberdade. Debateu-se e ainda se debate entre ser solidário, parte de algo, e viver sua individualidade cada vez mais exacerbada, possuir cada vez mais, acumular em busca de poder e de segurança, o que necessariamente significa usar outros seres humanos como escada.

Em nome dessa sensação de liberdade e segurança, criou-se e delegou-se à sociedade poder para decidir e fazer por si mesma. E agora, não se pode mais parar o que aí está, pois não se tem bem claro quem é que decide o quê. Segundo Bauman, o poder de decisão hoje não está mais nas mãos dos estados, mas das corporações, porém, continua ele, mesmos os homens que comandam essas corporações não se sentem felizes. A política deixou de ser a arena de tomada de decisões.

O que há de mais irônico e trágico nisso é que ninguém em sã consciência se acha responsável pelo estado das coisas, pelas imensas hordas de seres humanos que vagam pelo mundo em busca só de não morrer, enquanto uma parte menor consome bens tecnológicos tão extraordinários que até parecem mágica. Hoje é feio, quase proibido falar em responsabilidade, em culpa. Tudo parece possível de ser explicado pela sociologia, economia e/ou pela psicologia. Homens e mulheres não são mais responsáveis por seus atos, como se apenas estivessem lendo um texto decorado e ensaiado como em uma peça de teatro, ou melhor, “como paisagens [que] passam por trás de atores em suas marcas, quando se roda um filme”. Mas será que é isso, será que o ser humano é apenas uma vítima das “forças” que criou?

Mara diz, referindo-se ao SUS, que a bagunça interessa a todos: gestores, profissionais, políticos, prestadores de serviços e até aos usuários. Alguém tem dúvida de que isso é verdade, tanto no SUS quanto no sistema financeiro que governa o mundo?

Há uma generalizada sensação de impotência, de que nada pode ser feito, que é isso mesmo, que temos que seguir em frente e que não adianta lutar contra: “ao vencedor, as batatas”, como no romance de Machado de Assis. Se ninguém é culpado, não há punição, não há consequências, nem carrascos nem vítimas e também (ao menos me parece assim) não há o que mudar, pois se ninguém fez isso assim como está, trata-se de uma construção natural.

Quem se beneficia, por mais que seja também vítima desse sistema, não é também responsável por sua continuidade, mesmo que por omissão ou “impotência”?

Quem se dá ao luxo de possuir um *iphone* que pode custar mais do que ganhará por um ano inteiro a pessoa que o fabricou, em muitas partes do mundo, parece ser apenas vítima? Será que alguém pode alegar em sua defesa desconhecer tal situação que degrada toda humanidade e não apenas os poucos (nem tão poucos assim) que se beneficiam dela? Em um mundo tão conectado, com tanta informação circulando, terá mesmo direitos, pessoas estudadas, diplomadas e consumidoras de bens e serviços, de dizer que não sabiam, que não têm responsabilidade no que aí está?

Essa sensação bastante real, que pode ser percebida olhando pela janela de casa, sentida e vista na TV, nas telas dos computadores, lida em jornais, revistas e nos livros de diferentes pensadores, é bastante desesperadora. Fica-se com a sensação de que tudo está dominado, como naquele *funk* carioca, que não há o que fazer. Talvez minha pesquisa possa parecer pessimista, no microcosmo do SUS, do serviço público, mas não é assim que vejo.

Freire (2006) diz que a ideologia dominante quer nos fazer crer que é isso mesmo, que não há nada que possamos fazer, que mudar não é possível. Por outro lado, afastando-se dessas sensações, dá para dizer, recorrendo a Zé Geraldo, que “Quando tudo “ta” perdido na vida. Só quando tudo “ta” perdido na vida, é que a gente descobre que na vida nunca tudo “ta” perdido”. Sempre há o que se possa fazer, mesmo que pareça improvável funcionar, mesmo que sem argumentos para justificar. Freire (2005) diz que a desumanização não é a vocação do homem, mas uma distorção, por isso que nunca tudo “tá” perdido, mas para enxergar isso, como demonstram enxergar Dora, Mafalda e Mara, é preciso fé e esperança no potencial humano. Por isso, creio que uma das tarefas primordiais de quem acredita que outro mundo é possível, é falar sobre seus sonhos, utopias, esperanças, não apenas falar, é claro.

O meu objetivo com esta pesquisa sempre foi entender porque algumas pessoas (o construtor de cathedral do título) não desistem diante de todas as razões muito claras e objetivas que têm para tanto. Por que não boiam na correnteza do rio e deixam a força arrebatadora do marasmo as consumir. A correnteza “pede” que não haja resistência, que se fique no meio e seja levado

pela força do rio, mas Dora, Mafalda e Mara, cada uma a seu modo, resistem, mais ainda, não apenas resistem, nadam contra a correnteza. Ao fazer isso, denunciam o marasmo, a conivência, a apatia e ao mesmo tempo anunciam que se deve resistir, que mesmo contra tão grandes forças, ainda é possível insistir, por que a vocação humana é por ser mais.

De fato só queria saber isso, nada mais. Porém nem só de desejos pessoais se constrói uma dissertação. Nenhuma das pessoas com quem debati minhas ideias ofereceu-me uma resposta para essa pergunta. Todas, de diferentes maneiras, foram colocando outras perguntas, outras dúvidas, talvez porque essa fosse uma resposta já conhecida (inconscientemente) ou talvez porque era uma dúvida demasiadamente pessoal e que não oferecia oportunidade para uma discussão acadêmica satisfatória. Dessas discussões, concluiu-se que era importante encontrar não apenas essa simples resposta, mas os caminhos de aprendizagem do sujeito que se pode considerar um construtor de catedral. Penso que, até aqui, esses caminhos já foram suficientemente debatidos, dentro do possível, e as respostas apresentadas (na medida do possível). Agora, nestas palavras finais, gostaria de voltar a minha questão pessoal. Por que algumas pessoas não se entregam?

Disse que a resposta é muito simples, mas não encontrei apenas uma simples resposta, se é que se pode dizer que os caminhos de aprendizagem de uma vida são coisas simples. No caso da existência do quebrador de pedra, todo um emaranhado de ações, omissões e consequências do mundo moderno se conjugam para explicá-lo, e, essa explicação faz a existência do construtor de catedral ser ainda mais extraordinária, uma vez que parece estar submetido às mesmas consequências. Acredito que o simples é, talvez, a coisa mais difícil de ser enxergada, entendida (ao menos neste caso), mas que também pode ser porque é uma resposta demasiadamente vaga para ser aceita. Enfim, parece que o construtor de catedral faz como faz porque não tem como fazer diferente, como fala Campbell (2002). Ele, num sentido amplo, mas em nosso caso, elas, são o que fazem. Como vivem e vivenciam o mundo, cada decisão que tomam, cada coisa que fazem constitui quem elas são, e, ao menos algumas pessoas, não podem deixar de ser quem são.

Como penso estar demonstrado em todas as outras partes desta dissertação, as construtoras de catedral se constituíram assim ao longo de sua formação, pelos cominhos que escolheram, pelas pessoas com quem decidiram criar vínculos, mas porque escolheram essa estrada e não outra ou ainda, porque não trocaram de estrada ao perceber que não lhes levariam para uma praia mansa e segura?

Talvez elas e todos os outros, que inegavelmente existem por este vasto mundo, sejam simplesmente pessoas que não entendem os sinais de nosso tempo. Talvez vivam fora de sua época, talvez sejam seres deslocados neste mundo de individualidades exacerbadas em que (quase) ninguém mais depende e nem se responsabiliza por (quase) ninguém, em que cada um é dono único e exclusivo de seu próprio nariz.

Também é possível dizer que o construtor de catedral tem “a virtude da ignorância”. Ele não sabe que está fora de moda, que não dá para fazer e que não vale a pena fazer como faz, que não tem sentido ser quem é, viver como vive. E talvez seja essa ignorância acentuada que mantém sua humanidade intacta, apesar de tudo.

Pensando na vocação de ser mais, essas mulheres podem apenas estar anunciando o futuro da humanidade, quando preocupar-se com o outro, ser solidário, será regra de conduta na sociedade. Talvez, como no caso do feirante Ítalo Cicero³⁸ que se atirou ao rio para salvar a vida de uma estranha que se afogava na enchente, sem se questionar se era ou não responsável pela vida dela (pois devia saber que a resposta seria sim, como afirma Bauman (2011), citando Emanuel Levinas, que a vida do outro é responsabilidade minha também, mesmo que não queira, mesmo que o outro não queira – “com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”). Parece que Ítalo Cícero, Dora, Mafalda e Mara, entre outros seres humanos, não têm condições morais e físicas de deixar de ser quem são, de deixar de fazer como fazem. Enfim, numa interpretação condizente com os pressupostos teóricos/práticos de minha profissão, poderia afirmar que são cuidadores. Waldow (2008) diz que

³⁸ Caso noticiado no Jornal Folha de São Paulo em 2009.

o cuidador nem sempre escolhe “cuidar”, mas que é escolhido e, quem poderá dizer que elas não foram escolhidas para cuidar? Talvez essa força moral que faz o construtor de catedral seguir em frente e continuar fazendo como faz seja porque ele é um cuidador e ao cuidador não há chance de deixar de cuidar. O cuidado tem (é, em algumas interpretações) essa força moral arrebatadora que impulsiona contra todos os argumentos racionais que dizem para não fazer. O que, dito de outra forma, é a força espiritual, a fé nesse projeto insensato e fundamental que mantém a humanidade do ser humano.

O construtor de catedral parece ser essa “instituição” que inspira e motiva ao anunciar que nada está perdido, que sempre se pode fazer alguma coisa, mesmo que pequena, para continuar tendo a esperança neste mundo, mas não uma esperança ingênua, que falseia a realidade ou deixa de ver como o mundo está, um otimismo falso e de esperança vã, como fala Paulo Freire, mas esperança crítica nas possibilidades de transformação social.

Zé Geraldo e eu agradecemos assim:

“Ainda bem que me restou o seu sorriso

Que me alumia a alma que me acalma

Quando é preciso

E como eu preciso”.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, Pricila Anny Tomachski; Krawulski, Edite. Concurseiros e a busca por um emprego estável: reflexões sobre os motivos de ingresso no serviço público. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 14, n. 2, p. 211-226, 2011.

ANTUNES, Arnaldo. **Eu não sou da sua rua**. (Música). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/arnaldo-antunes/eu-nao-sou-da-sua-rua.html>>. Acessado em 06 jun. 2014

ANTUNES, Arnaldo. **Homem Primata**. (Música). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/titas/homem-primata.html>> Acessado em 28 abr. 2014.

ARAÚJO, Inesita Soares; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e saúde**. 1ª. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2007.

ASSIS, Machado. **Quincas Borba**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

BATISTA, Patrícia Serpa. **Ética no cuidado em saúde e na formação universitária na perspectiva da educação popular (Tese)**. 2012. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2005.

REUBEN, Anthony. **1% da população global detém mesma riqueza dos 99% restantes, diz estudo**. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160118_riqueza_estudo_oxfam_fn> Acessado em: 06 fev. 2015

BELCHIOR. **Apenas um Rapaz Latino-Americano**. (Música). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/belchior/apenas-um-rapaz-latino-americano.html>> Acessado em: 22 jul. 2015.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

BONFÁ, Marcelo. **Intolerância**. (Música). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/marcelo-bonfa/intolerancia.html>> Acessado em: 14 jul. 2015.

BOUDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, P. (Org.). **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v.1, 2010. p.7-16.

BRAGHIROLI, Eliane Maria. **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Perguntas, pesquisas. Para quem? Para quê? In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; GONÇALVES JUNIOR, Luiz;

MONTRONE, Aida Victória Garcia; JOLY, Ilza Zenker Leme. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**. São Carlos-SP: EdUFSCar p.11-18.

BRANT, FERNANDO; NASCIMENTO, Milton. **Fé cega, faca amolada**. (Música) Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/milton-nascimento/fe-cega-faca-amolada.html>> Acessado em: 29 set. 2015.

BRASIL, **Constituição da república federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2010.

BRASIL, Itamaraty. **Programa Universidade Solidária**. Disponível em: <<http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista2-mat12.pdf>> Acessado em: 01 jul. 2015

CALLADO, Antônio. **Quarup**. São Paulo: Círculo do Livro, indeterminado.

CAMARGO, Luiz Henrique Kohl. **Quanto de social há na dimensão particular? – breve análise acerca de duas formas de se compreender a responsabilidade e a justiça social**. Disponível em: <<http://grupogedis.blogspot.com.br/2011/09/quanto-de-social-ha-na-dimensao.html>> Acessado em: 20 abr. 2014.

CAMPBELL, Joseph. **Isto es tu**. São Paulo: LANDY, 2002.

CAPITÃO, Claudio Garcia; HELOINI, José Roberto. A identidade como grupo, o grupo como identidade. **Aletheia**, n. 26, p. 50-61, jul./dez 2007.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

CAPRA, Fritjof. **Sabedoria incomum**. Conversas com pessoas notáveis. 10. ed. São Paulo: CULTRIX, 1995.

CARVALHO, Walter. **Raul – o início, o fim e o meio**. (Vídeo). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-BW3yhGwvFQ>> Acessado em 08 jun. 2014.

CAZUZA; BRANDÃO, Arnaldo. **O tempo não pára**. (Música) Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/cazuza/o-tempo-nao-para.html>> Acessado em 07 jun. 2014.

CAZUZA; VACCARI, Marcio; FINOCCHIARO, Laura. **Tudo é amor**. (Música). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/cazuza/tudo-e-amor.html>> Acessado em: 15 abr. 2015.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

CHIESA, Anna Maria; VERÍSSIMO, Maria De La Ó Ramallo. **Educação em Saúde na Prática do PSF**. Disponível em: www.saude.gov.br acesso em 06 de jan. de 2004.

COMISSÃO NACIONAL SOBRE DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE - CNSDSD. **As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2008.

CORTELLA, Mario Sergio; BARROS FILHO, CLÓVIS. **Ética e vergonha na cara**. Campinas-SP: Papirus 7 Mares, 2014.

COSTA, Daianny. Política. In: STRECK, Danilo R.; REIN, Euclides; Zitkosli, Jaime José. (Org.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CRIOLO. **Plano de voo**. (Música). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2DYkiM-14Ak>> Acessado em: 02 de set. 2015.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sexante, 2000.

DEBERT, Guit G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, R. (Org.). **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p.141-156.

DEMO, Pedro. **Pobreza Política**. São Paulo. São Paulo. Cortez, 1990.

DICK, Philip. Kindred. **Androides sonham com ovelhas elétricas?** São Paulo: Aleph, 2014.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ESCOLA EM REDE. **Sociometria**. Disponível em: <<http://escoladeredes.net/profiles/blogs/breves-considera-es-sobre-sociometria>> Acessado em 06 jun. 2014.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. Entre percursos, fontes e sujeitos: pesquisa em educação e uso da história oral. **Educação e Pesquisa**, v. 38, p. 217-228, 2012.

FENANDESS, Florestan. O dilema educacional brasileiro. In: PEREIRA, L. e FORACCHI, M. M. (Org.). **Educação e sociedade**. 2. Ed. São Paulo: Companhia editora nacional, 1996. p.414-441.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Feirante é levado pela enchente após salvar mulher**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1902201022.htm>> Acessado em: 23 fev. 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler; em três artigos que se complementam**. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 44. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática na educação popular**. Petropolis-RJ: Vozes, 1989.

FURACÃO 2000. **Tá dominado**. (Música). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/furacao-2000/ta-dominado.html>> Acessado em: 04 out. 2015.

GERALDO, Geraldo. **Disparada** (música). Interprete: Jair Rodrigues. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=82dRs2z6iQs>> Acessado em: 09 set. 2015.

GERALDO, Zé. **Galho Seco**. (Música). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/ze-geraldo/galho-seco.html#ixzz3a3rh4Njy>> Acessado em: 13 mai. 2015

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katál**, v. 10, n. esp., p. 83-92, 2007.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação e a curva pedagógica**. Campinas-SP: Alínea, 2014.

GOOGLE. **Informações sobre Google Drive**. Disponíveis em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Drive> Acessado em: 09 jul. 2015.

HELMAN, Cecil G. **Cultura, Saúde e Doença**. São Paulo: Artmed, 2003.

INOCENTES. **Nesse meu olhar**. (Música). Disponível em: Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/inocentes/nesse-meu-olhar.html>> Acessado em: 14 jul. 2015.

JARA, Oscar. El reto de teorizar sobre la práctica pra transformarla. In: GADOTTI, Moacir. e TORRES, Carlos. A. (Org.). **Educação popular: Utopia Latino Americana**. São Paulo: Cortez, 1994.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 25. ed. São Paulo: brasiliense, 2008.

LAMA, Leo. **O nome do cuidado**. (Vídeo). 2019.

LEGIÃO URBANA. **Ainda é cedo**. (Música). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/ainda-e-cedo.html>> Acessado em: 14 jul. 2015.

LELOUP, Jean-Yves; BOFF, Leonardo. **Terapeutas do deserto**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

LUKÁCS, György. **Ontologia do ser social**. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1972.

MACHADO Maria Helena; OLIVEIRA, Eliane dos Santos; MOYSÉS, Neuza Maria Nogueira. Tendências do mercado de trabalho em saúde no Brasil. In: PIERANTONI, Celia; POZ, Mario Roberto Dal, FRANÇA, Tania. (Org.). **O Trabalho em Saúde: abordagens quantitativas e qualitativas**. Rio de Janeiro: CEPESC/UERJ, 2011. p.103-116.

MANCEBO, Deise; RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos. O servidor público no mundo do trabalho do século XXI. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, p. 192-207, 2013.

MATURANA, Humberto R. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte-MG: Editora UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte-MG: UFMG, 1998.

MC MARECHAL. **Guerra**. (Música). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/mc-marechal/e-a-guerra-neguinho.html>> Acessado em 08 out. 2014

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 12ª. São Paulo: HUCITEC, 2010.

MOREIRA, Carlos. Eduardo. **Emancipação**. In STRECK, Danilo R.; REIN, Euclides; ZITKOSLI, Jaime José. (Org.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, v.1, 2008. p.163-164.

MOTOKI, Mauro. **Reprise**. Interprete: Ludov. (Música). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/ludov/reprise.html>> Acessado em: 14 jul. 2015.

NENHUM DE NÓS. **Homem caixa**. (Música). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/nenhum-de-nos/homens-caixa.html>> Acessado em 08 jun. 2014.

NEWELL, Mike. **Donnie Brasco** (Vídeo). Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Donnie_Brasco> Acessado em 19 fev. 2015

OGUISSO, Taka. (Org.) **Trajatória histórica e legal da enfermagem**. 2. Ed. Barueri-SP: Manole, 2007.

OLIVEIRA, Maria Waldenez; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; Gonçalves Junior, Luiz; MONTRONE, Aida Victória Garcia; JOLY, Ilza Zenker Leme. **Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais**. 32ª Reunião da ANPED 2009.

PARALAMAS DO SUCESSO. **Assassinaram a gramática.** (Música) Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/paralamas-do-sucesso/assaltaram-a-gramatica.html>> acessado em: 14 de jul. 2015

PIRES, D. E. P. D. A estrutura objetiva do trabalho em saúde. In: LEOPARDI, M. T.; KIRCHHOF, A. L., et al (Org.). **Processo de trabalho em saúde: organização e subjetividade.** Pelotas: UFPel, 1998. p.22-45.

PRADO Ernande Valentin; SANTOS; Adilson Lopes, CUBAS, Marcia Regina. **Educação em saúde utilizando rádio como estratégia.** Curitiba: CRV; 2009.

PRADO Ernande Valentin; Wong-UN, Julio Alberto. Uma estória, meia reflexão e múltiplas vozes: do inesperado das redes. **Revista de Atenção Primária à Saúde**, v. 11, n. 3, p. 341-343 p. 2008.

PRADO, Ernande Valentin. **Cuidado.** Disponível em: <<http://balsa10.blogspot.com.br/2014/08/o-cuidado.html>> acessado em: 06 set. 2015.

PRADO, Ernande Valentin; FALLEIRO, Leticia de Moraes; MANO. Maria Amélia Medeiros. Cuidado, promoção de saúde e educação popular – porque um não pode viver sem os outros. **Revista de Atenção Primária à Saúde**, v. 14, n. 4, p. 464-471, 2011.

RACIONAIS MC. **Capítulo 4, Versículos 3.** (Música). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/capitulo-4-versiculo-3.html>> Acessado em 07 jun. 2014.

RACIONAIS MC. **Negro drama** (Vídeo). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=foGobzjl63E>> Acessado em: 22 ago. 2015.

REIS, Nando. **Pra você guardei o amor.** (Música) Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/nando-reis/pra-voce-guardei-o-amor.html>> acessado em: 14 de jul. 2015

ROCHA, Francisco Eduardo de Castro; ZOBY, José Luiz Fernandes; GASTAL, Marcelo Leite; XAVIER, José Humberto Valadares. Mapeamento das relações interpessoais em três assentamentos de reforma agrária de Unaí, MG. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. n. 20, p. p. 305-323, 2003.

ROCHA, Glauber. **Deus e o Diabo na terra do sol.** (Vídeo) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OlGBrV-E0v0>> Acessado em 08 jun. 2014.

ROMÃO, José Eustáquio. Educação. In STRECK, Danilo R.; REIN, Euclides; Zitkosli, Jaime José. (Org.) **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2011. p.150-152.

ROSA, Samuel; REIS, Nando. **Resposta.** (Música). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/skank/resposta.html>> Acessado em: 14 jul. 2015.

RUFINO, Nelson; SANTANA, Carlinhos. Interprete: Zeca Pagodinho. **Verdade.** (Música). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/zeca-pagodinho/verdade-1.html>> Acessado em: 14 jul. 2015.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **Pequeno Príncipe.** São Paulo: Círculo do Livro, 1994.

SALGADO, Sebastião. **Fotografia de Sebastião Salgado.** Disponível em: <<http://www.olaserragaucha.com.br/noticias/cultura/27967/Terra-de-Sebastiao-Salgado-Chico-Buarque-e-Jose-Saramago.html>> Acessado em: 28 nov. 2014.

SALOMÃO, Waly; MACALÉ, Jards. **Vapor barato.** (Música) Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/o-rappa/vapor-barato.html>> Acessado em: 30 set. 2015

SCANDURRA, Edgard. **Gritos na multidão.** (Música) Disponível em: <<http://www.mundoira.com.br/ira/letras/gritos-na-multidao>> Acessado em: 30 set. 2015.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Hermenêutica – arte e técnica da interpretação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SEABRA, Philippe; X; André X, GUTJE. **Até quando esperar?** (Música). Disponível em: <http://www.pleberude.com.br/site/index.php?option=com_jukebox&view=category&id=9&Itemid=53> Acessado em 07 jun. 2014.

SEIXAS, Raul. **Carpinteiro do Universo.** (Música). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/raul-seixas/carpinteiro-do-universo.html>> Acessado em: 02 mai. 2015.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** 14. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SIGNIFICADOS. **Gestão.** Disponível em: <<http://www.significados.com.br/gestao/>> Acessado em: 13 set. 2015.

SIGNIFICADOS. **O que é Arte.** Disponível em: <<http://www.significados.com.br/arte/>> Acessado em: 08 ago. 2015.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?).** Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 37, p. 119-126, 2003.

STOTZ, Eduardo Navarro; HELENA, Helena Maria Scherlowski Leal; WONG-UN, Julio Alberto. Educação popular e saúde – trajetória, expressões e desafios de um movimento social. **Revista de Atenção Primária à Saúde**, v. 8, n. 1, p. 49-60, Jan./Jun. 2005.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente.** São Paulo: Moderna, 2013.

TITÃS. **Homem primata.** (Música). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/titas/homem-primata.html>> Acessado em 28 mai. 2015

TITÃS. **Uma coisa de cada vez.** (Música) Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/titas/discografia/tudo-ao-mesmo-tempo-agora.html>> Acessado em: 26ago. 2015

TURNER, Stephen. **Teoria social e neurociência.** Tempo Social, v. 26, p. 71-88, 2014.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. A espiritualidade no cuidado e na educação em saúde. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão (Org.). **A espiritualidade no trabalho em saúde.** 2. Ed. São Paulo: HUCITEC, 2006. p.13-157.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. As trincheiras na universidade de uma guerra em andamento: a luta para preservar e construir uma sociedade que permita a todos a realização dos anseios fundamentais do coração. In: CRUZ, Pedro José Carneiro; VASCONCELOS, Eymard Mourão. (Org.). **Educação popular na universidade.** São Paulo - João Pessoa: HUCITEC/Editora Universitária UFPB, 2013. p.17-20.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. **Conversão aos pobres, oprimidos e marginalizados.** Disponível em: <<http://balsa10.blogspot.com.br/2013/06/para-entender-o-esquisito-vinculo-e.html>> Acessado em: 08 set. 2015.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. **O amor no trabalho em saúde.** Disponível em: <<http://balsa10.blogspot.com.br/2013/09/o-amor-no-trabalho-em-saude-para-muitos.html?q=Eymard>> Acessado em: 06 set. 2015

WALDOW, Vera Regina. **Cuidar expressão humanizadora da enfermagem**. Petrópolis: Vozes, 2006.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educação Popular – metamorfose e veredas**. São Paulo: Cortez, 2010.

WERMELINGER, Mônica; MACHADO, Maria Helena; TAVARES, Maria de Fátima Lobato. OLIVEIRA, Eliane dos Santos de; MOYSÉS, Neuza Maria Nogueira. A Força de Trabalho do Setor de Saúde no Brasil: Focalizando a Feminização. **Divulgação em Saúde para Debate**, n. 45, p. 54-70, 2010.

WHATSAPP. **Como funciona**. Disponível em: <https://www.whatsapp.com/?l=pt_br> Acessado em: 10 set. 2015.

WIKIPEDIA. **Mafalda**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mafalda>> Acessado em: 16 fev. 2015.

WONG-UN, Julio Alberto. **Espiritualidade e Medicina de Família e Comunidade** (Painel). 13º Congresso Brasileiro de Medicina de Família e Comunidade. Natal, RG. 10 jul. 2015.

WONG-UN, Júlio Alberto. **Uma poética a várias mãos**. Disponível em: <<http://balsa10.blogspot.com.br/2014/12/uma-poetica-varias-maos-julio-wong-un.html>> Acessado em: 01 abr. 2015.

WONUN, Julio Alberto. **Dizer nada e a verdade da poesia**. (Palestra em vídeo). Disponível em: <<http://balsa10.blogspot.com.br/2015/08/dizer-nada-e-verdade-da-poesia-julio.html>> Acessado em: 02 set. 2015.

APÊNDICE

APÊNDICE A - PLANILHA DE PESQUISA INICIAL GOOGLE DOCS³⁹.

Tela 1:

Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A formação de trabalhadores compromissados com o cuidado voltado para emancipação do outro e a construção de uma sociedade solidária⁴⁰.

Em primeiro lugar, agradeço sua disponibilidade em participar de minha pesquisa de mestrado vinculada ao Centro de pós-graduação de educação (PPGE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O objetivo é compreender caminhos de aprendizados e de formação a partir de alguns trabalhadores e trabalhadoras da Atenção Primária à Saúde, reconhecidos pelos militantes do movimento de Educação Popular em Saúde como compromissados com o cuidado na perspectiva emancipatória da Educação Popular de cunho Freireano. Sua contribuição com as informações neste formulário será o ponto inicial e preparatório para entrevista a qual será convidada(o) a participar. Caso aceite, deve responder o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, em seguida, responder o questionário.

Ao concluir, deve enviar o formulário e este ato será interpretado como o "aceite" em participar da segunda fase da pesquisa, ou seja, da entrevista propriamente dita, que será agenda em seguida.

³⁹ Esta planilha contém o apêndice B e C, como parte integrante.

⁴⁰ Esse era o título do projeto no início da seleção dos sujeitos implicados na pesquisa. Mantive neste documento a forma original como as entrevistadas conheceram a pesquisa.

Quando finalizar, clique em enviar. Se você tiver alguma dúvida, por favor, entre em contato pelo e-mail: ernande.prado@gmail.com pelo telefone (83) 8633-2826.

Fui convidada a participar da pesquisa "A FORMAÇÃO DE TRABALHADORES COMPROMISSADOS COM O CUIDADO VOLTADO PARA EMANCIPAÇÃO DO OUTRO E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE SOLIDÁRIA", de Ernande Valentin do Prado, estudante matriculado no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) na linha de Educação Popular. Orientado por Eymard Mourão Vasconcelos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em 11/02/2015 com o número de parecer 969.523. Na pesquisa responderei um questionário em formato eletrônico, com questões abertas e fechadas relativas aos meus conhecimentos sobre as perguntas formuladas. Meu testemunho acontecerá de duas formas: no formulário eletrônico e em entrevista que será gravada em audiovisual. É do meu conhecimento que poderei recusar-me a responder qualquer pergunta, assim como interromper ou me retirar a qualquer momento da entrevista e do projeto sem que precise dar explicações e que por isso não irei sofrer qualquer tipo de dano ou prejuízo. Esta pesquisa não representa riscos diretos para minha saúde, bem estar e dignidade. Os benefícios serão a ampliação dos conhecimentos sobre como se constitui a formação e a educação ao longo da vida, de modo a poder beneficiar projetos de reorientação da educação nas instituições de ensino em saúde e/ou de educação permanente nos serviços. Caso queira tirar alguma outra dúvida ou solicitar algum esclarecimento poderei entrar em contato com o pesquisador e seu orientador ou mesmo com a PPGE/UFPB. Não terei custo ao participar deste estudo. Fui informada de que estão garantidos e assegurados o sigilo e o anonimato, que os dados serão gravados e usados apenas para fins do estudo, que a guarda deles é de responsabilidade do pesquisador, que o acesso aos dados será feito somente pelo pesquisador, e que a divulgação poderá ocorrer sob a forma de relatórios de pesquisa, artigos em publicações científicas, eventos científicos ou profissionais, dentre outros. Concordo em

participar voluntariamente neste estudo e declaro que todas as minhas dúvidas foram respondidas. Embora concordando em participar, não estou desistindo de nenhum direito futuro.

Contato com os pesquisadores:

e-mail ernande.prado@gmail.com Telefone (83) 8633-2826. Fone PPGE (83) 3216-7702 - Fax: (83) 3216-7140

João Pessoa, Paraíba.

Escreva seu nome completo *

O nome não será registrado junto à pesquisa. Consta aqui apenas para efeito do TCLE

Data de Nascimento *

RG *

O RG será utilizado apenas para identificar a disponibilidade em participar da pesquisa.

Data de preenchimento do formulário *

Aceita participar da pesquisa? *

Para continuar faça a opção

- sim
- Não

Tela 1:

Apêndice C - Formulário Preparatório da Entrevista

Questões iniciais

Profissão

- Assistente Social
- Enfermeira(o)
- Medica(o)
- Psicóloga(o)
- Nutricionista
- Fisioterapeuta
- Medica(o) Veterinária(o)
- Odontóloga(o)
- Fonoaudióloga(o)
- Terapeuta Ocupacional

Quanto tempo de formação *

Por favor, digite o ano em que se formou na graduação.

Este curso foi sua primeira profissão *

Responda sim ou não

- sim
- não

Por que escolheu este curso, quais eram seus objetivos?

Escreva o que julga ser interessante mencionar sobre sua formação.

Renda familiar

A pergunta é um tanto invasiva, mas é importante para verificar se existe relação entre renda financeira e compromisso social.

Tem mais de um trabalho? *

sim

não

Trabalho público *

Sim

Não

Considera sua renda atual compatível com o tamanho de sua responsabilidade profissional e seus esforços?

Escreva o que julgar interessante mencionar.

Tem pós-graduação? *

Caso tenha alguma pós-graduação, favor especificar.

Natureza do Trabalho *

Ensino

Serviço

Gestão

Outros

Se outro, especifique.

Quantas horas trabalha por semana *

Até 10 horas

20 horas

30 horas

40 horas

Mais de 40 horas

Seu atual trabalho é o que gostaria de estar realizando?

Escreva o que julgar interessante mencionar sobre seu atual trabalho e sobre a adequação ou não da formação para os desafios do cotidiano.

Tem religião ou se considera uma pessoa espiritualizada? *

- sim
- não

Sua espiritualidade reflete em seu fazer profissional de alguma maneira?

Se percebe esse reflexo, tem como explicar como acontece, por favor.

Estado civil *

- divorciada
- viúva
- Casada
- Solteira
- outro

Filhos? *

Se sim, diga quantos

- não
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- mais de 5

Pertence ou pertenceu a alguma organização política? *

- sim

não

Considerando suas opções políticas, diria que foram ou são relevante no tipo de profissional que é?

Escrever o que julgar interessante mencionar sobre suas crenças políticas e/ou participação em instituição política partidária presente ou passada e a relação com seu modo de ser/fazer..



Você foi indicada para participar desta pesquisa por ser considerada uma pessoas comprometida com o cuidado emancipador e a construção de um mundo solidaria. É assim que se vê também? *

Pode escrever livremente sobre como vê seu fazer e a relação com o cuidado emancipador e a relação com sua postura frente ao mundo.



Aceita contribuir com a pesquisa indicando e/ou entrevistando outra pessoa que considera compromissada com o cuidado emancipador e a construção de um mundo solidário? *

Sim

não

Tela 3:

Quem é a pessoa que indica?

Algumas informações sobre a pessoa indicada

Nome completo *



E-mail e telefone *



Por que indicou essa pessoa, o que ela faz no dia a dia que o leve a considerá-la uma pessoa comprometida com o cuidado emancipador e a construção de um mundo solidário? *

« Voltar

Enviar

Nunca envie senhas em Formulários Google.

Tela 4:

FORMULÁRIO PREPARATÓRIO DA ENTREVISTA

Muito obrigado por participar deste teste. Sua resposta foi registrada.

[Edite a sua resposta](#)

Apêndice D - Carta de Concordância e Cessão de Direitos Sobre a Transcrição de Entrevista em História Oral

Eu, _____ CPF: _____, fui voluntariamente colaboradora do projeto de mestrado, **Estamos construindo uma catedral: história oral de vida de três trabalhadoras do Sistema Único de Saúde**. Concordo que tive a oportunidade de ler a transcrição feita a partir de minha entrevista. Pude revisar e modificar as informações, tendo acrescentado novas questões, suprimido outra, quando necessário. Quando não me senti satisfeita com as informações e/ou com a forma como foram apresentadas, pude dialogar com o diretor da pesquisa e, juntos encontramos novas formas de apresentá-las e/ou foram suprimidas, como parecia mais conveniente com “a verdade” de minha história.

Estou ciente dos seguintes aspectos:

- A forma final de minha entrevista é um texto transcrito.
- A transcrição e transcrição de minha entrevista poderá ser utilizada em outros projetos de pesquisa e/ou publicação, porém, caso isso aconteça, serei comunicada e poderei, caso não queira, vetar o uso sem ter que me justificar e/ou ser prejudicada por essa decisão.
- As transcrições e transcrições foram analisadas através de reflexões e problematizações teórico/empíricas.
- Esta carta de concordância e cessão de direitos, foi assinada no final de minha participação no projeto. Ela não substitui o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que assinei ao iniciar o da pesquisa, mas o confirma.
- Tenho ciência que trechos de comunicação eletrônica, entre eu e o diretor da pesquisa, durante a fase de revisão da transcrição, foram utilizados no corpo da dissertação, porém mantendo o anonimato. Isso foi feito com objetivo de demonstrar no texto meu conhecimento e concordância com o resultado final da transcrição.

Trechos utilizados:

(Acrescentar aqui o trecho utilizado)

- Essa carta, o TCLE e as entrevistas em vídeo e em áudio, serão arquivadas na casa do diretor da pesquisa em HD externo, de sua propriedade, sem contato com a internet e não serão divulgados. Isso, em tese, garantirá o anonimato das entrevistas.

Confirmando que a transcrição apresentada na íntegra, no corpo da dissertação de mestrado, embora não corresponda fielmente às minhas palavras, nem a ordem em que os fatos foram narrados durante a entrevista, não falseia a história que contei, não tendo alterado fatos e nem mascarado a verdade por trás deles.

Colaboradora

...../11/2015

ANEXOS

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA - CENTRO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A FORMAÇÃO DE TRABALHADORES COMPROMISSADOS COM O CUIDADO VOLTADO PARA EMANCIPAÇÃO DO OUTRO E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE SOLIDÁRIA

Pesquisador: Ernande Valentin do Prado

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 38079714.9.0000.5188

Instituição Proponente: Programa de Pós-graduação em Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 969.523

Data da Relatoria: 11/02/2015

Apresentação do Projeto:

A apresentação do Projeto é clara e bem desenvolvida pelo pesquisador proponente. Trata-se de uma pesquisa que focaliza, segundo o pesquisador: "entender os caminhos de formação de alguns trabalhadores da saúde que mostram compromisso com o cuidado emancipador de caráter freireano. O objetivo principal da pesquisa é compreender caminhos de aprendizados e de formação do compromisso com o cuidado voltado para emancipação do outro e a construção de uma sociedade solidária na Atenção Primária à Saúde a partir a partir do estudo da trajetória educativa de alguns trabalhadores e trabalhadoras reconhecidos como referencia de dedicação e liderança pelos militantes do movimento de Educação Popular em Saúde". Com relação à coleta de dados o pesquisador afirma: "A entrevista partirá de um roteiro

Continuação do Parecer: 969.523

semiestruturado para direcionar os interesses da pesquisa. A entrevista será realizada com auxílio de outros dois entrevistadores. A entrevista será realizada em duas fases: 1. Preenchimento de formulário eletrônico no Google drive. 2. Entrevista propriamente dita que poderá acontecer em domicílio e ou aonde for mais conveniente para o sujeito implicado. Todas as entrevistas serão gravadas em áudio e vídeo e realizadas observações escritas sobre as respostas, gestos e outras situações que acontecer durante a entrevista. As observações dos entrevistadores serão incorporadas ao trabalho".

Objetivo da Pesquisa:

Compreender caminhos de aprendizados e de formação do compromisso com o cuidado voltado para emancipação do outro e a construção de uma sociedade solidária na Atenção Primária à Saúde a partir a partir do estudo da trajetória educativa de alguns trabalhadores e trabalhadoras reconhecidos como referência de dedicação e liderança pelos militantes do movimento de Educação Popular em Saúde.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os benefícios estão bem evidenciados e são claramente superiores aos possíveis riscos que essa pesquisa pode trazer, o que justifica sua realização.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é de qualidade e de relevância para nosso contexto atual.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todas as demandas exigidas no último parecer foram sanadas desta vez.

Recomendações:

Que o trabalho final seja depositado na Plataforma Brasil.

Continuação do Parecer: 969.523

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

JOAO PESSOA, 02 de Março de 2015

Assinado por:
Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador)

